



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

AGRADECIMENTOS

Esta é a história de uma lenda.

Os fatos prováveis acerca de Helena são poucos, em comparação com a riqueza das histórias relacionadas com o seu nome. Sabemos que foi a consorte de Constâncio e a honrada mãe de Constantino Magno, e que estava associada à cidade de Drepanum. Sabemos que possuía propriedades em Roma e que fez uma visita à Palestina. É tudo.

Mas, por onde quer que ela tenha passado, os mitos cresceram à sua volta. É venerada na Alemanha, em Israel e em Roma, onde lhe é prestado culto como santa nas igrejas que têm o seu nome. A hagiografia medieval faz dela a grande descobridora de relíquias,

tendo levado para Colônia as cabeças dos três Reis Magos, para Trier a Túnica que Jesus usou, e para Roma a Verdadeira Cruz.

Mas tem um lugar especial nas lendas de Britânia, onde se diz ter ela sido uma princesa britânica que se casou com um imperador. Pensa-se que viveu em Iorque e em Londres e que abriu estradas em Gales. Há quem a identifique com a deusa Nehalennia. Teriam nascido essas histórias por Constâncio e Constantino terem tido tão fortes relações com a Britânia, ou seria ela oriunda dessa ilha?

Assim sendo, talvez não seja excessivamente forçado ligá-la à mitologia de Avalon, e acrescentar mais essa lenda às restantes.

Marion Zimmer Bradley e eu iniciámos esta obra juntas, tal como já tínhamos trabalhado juntas antes, mas coube-me terminá-la. No final da sua vida, Marion frequentava uma igreja cristã, todavia foi ela a minha primeira suma sacerdotisa em antigos mistérios. Ao

contar a história de Helena, que também viveu entre os mundos cristão e pagão, tentei permanecer fiel aos ensinamentos de Marion.

Na criação deste livro, Marion foi a inspiração e a origem. A reconstituição histórica foi minha.

Entre as muitas fontes utilizadas, devo citar as seguintes: Roman Britain de Fry; o clássico de Gibbons, Decline and Fall of the Roman Empire, que inclui todos os mexericos; The Later Roman Empire, de A.H.M. Jones; o fascinante Pagans and Christians de Robin Lane Fox; e The Aquarian Guide to Legendary London, editado por John Matthews e Chesca Potter, particularmente o capítulo sobre as deusas de Londres, de Caroline Wise, da Atlantis Bookstore. Mais especificamente, consultei Constantine the Great de Michael Grant, e o clássico Helena Augusta de Jan Willem Drijvers; e, quanto à viagem de Helena e a reinvenção da Terra Santa, valeu-me Holy City, Holy Places? de P.W.L. Walker. O hino do capítulo treze foi escrito por Santo Ambrósio no século IV.

Gostaria de expressar a minha gratidão a Karen Anderson por ter elaborado as configurações astronómicas dos céus do século III, e a Charline Palmtag pela ajuda com a sua interpretação astrológica. Os meus agradecimentos também a Jennifer Tifft, por me ter permitido fazer uma viagem extra a Inglaterra para uma visita à capela de

Santa Helena em Iorque, a Bernhard Hennen, por me levar a Trier, e a Jack e Kira Gillespie por me mostrarem Cumae e Pozzuoli.

Diana L. Paxson

Dia de Santa Brígida, 2000¹

PERSONAGENS DA HISTÓRIA

* figura histórica

() falecido antes do início da história

* Aureliano (Lucius Domitius Aurelianus) - imperador, 270-275

Aelia - uma jovem sacerdotisa, instruída por Helena

* Alecto (Allectus) - ministro das Finanças de Caráusio, mais tarde imperador de Britânia, 293-296

Arganax - arqidruída, durante a juventude de Helena

* Asclepiódoto (Asclepiodotus) - perfeito pretoriano de Constâncio.

Ático (Atticus) - mestre grego de Constantino

* Caráusio (Marcus Aurelius Valerius Carausius) - imperador de Britânia, 287-293

* Caro (Marcus Aurelius Carus) - imperador, 282-283

* Carino (Marcus Aurelius Carinus) - filho mais velho de Carus, imperador, 283-284

Ceridachos - arquidruída quando Dierna se tomou suma sacerdotisa

Cigfolla - uma sacerdotisa de Avalon

* Cláudio II (Marcus Aurelius Claudius) - imperador, 268-270, tio-avô de Constâncio

Coríntio, o Jovem - professor de uma escola de Londinium

Coríntio, o Velho - mestre de Helena

* Constância I (Constantia) - filha de Constâncio e de Teodora,
casada com Licínio

* Constância II (Constantia) - filha de Constantino e de Fausta

Constante (Constans) - terceiro filho de Constantino e de Fausta

* Constantino (Flavius Valerius Constantinus) - filho de Helena, imperador, 306-337

* Constantino II (Constantinus) - filho mais velho de Constantino e de Fausta

* Constâncio Cloro (Flavius Constantius Chlorus) - consorte de Helena, César e mais tarde Augusto, 293-306

* Constâncio II (Constantius) - segundo filho de Constantino e de Fausta

* Crispo (Crispus) - filho ilegítimo de Constantino e de Minervina

Cunoarda - escrava albanesa de Helena

* Dalmácio (Dalmatius) - filho de Constâncio e de Teodora

Dierna - segunda prima de Helena, mais tarde Senhora de Avalon

* Diocleciano (Caius Aurelius Valenius Diocletianus) - Augusto Sênior, imperador, 284-305

Drusilla - cozinheira na casa de Helena e de Constâncio

* Bispo Eusébio de Cesareia - bispo metropolitano da Palestina, importante historiador da Igreja, e, mais tarde, biógrafo de Constantino

* Fausta - filha de Maximiliano, mulher de Constantino e mãe do seu filho legítimo

Filipe - servo de Constâncio

Flávio Pólio (Flavius Pollio) - parente de Constâncio

* Galério (Caius Galerius Valerius Maximianus) - César, 293-305, Augusto, 305-311

Galiano (Publius Licinius Gallienus) - imperador, 253-268

Ganeda - tia de Helena, Senhora de Avalon

Gwenna - uma donzela em iniciação em Avalon

Haggiaia - arquidruída quando Helena regressa a Avalon

* Júlia Célia Helena (Julia Coelia Helena), mais tarde, Flávia Helena Augusta - (Eilan) filha do príncipe Célio, consorte de Constâncio, mãe de Constantino e sacerdotisa de Avalon

* Helena, a Jovem ('Lena') - uma nobre de Tréveris, mulher de Crispo

Heron - uma donzela em iniciação em Avalon.

Hrodling - serva germana de Helena

* (José de Arimateia - fundador da comunidade cristã no Tor)

Júlio Célio (Julius Célio) - [rei Coel príncipe de Camulodunum, pai de Helena

* Júlio Constâncio (Julius Constantius) - segundo filho de Constâncio e de Teodora

Katiya - uma sacerdotisa de Bast em Roma

* Lactâncio (Lucius Caelis Fim-únianus Lactantius) - retórico e apologista cristão, mestre de Crispo

* Licínio (Caius Flavius Licinianus) - César nomeado por Galério para substituir Severo, mais tarde Augusto no Oriente, 313-324

* Lucius Viducius - mercador de cerâmicas, negociando entre a Gália e Eburacum

* Macário - bispo de Jerusalém

Mércia - parteira que assiste ao parto de Constantino

Marta - uma escrava síria, curada por Helena

* Maxêncio (Marcus Aurelius Valerius Maxentius) - filho de Maximiano, Augusto na Itália e no Norte de África, 306-312

* Maximiano (Marcus Aurelius Valerius Maximianus) - Augusto do Ocidente, 285-305

* Máximo Daia - César nomeado por Galério

* Minervina - concubina síria de Constantino, mãe de Crispo

* Numeriano (Numerianus) - filho mais novo de Caro, imperador, 283-284

* Póstumo (Marcus Cassianus Latimus Póstumo) - imperador rebelde do Ocidente, 259-268.

* Probo (Marcus Aurelius Probus) - imperador, 276-282

* Quintilo (Marcus Aurelius Claudius Quintillus) - irmão do imperador Cláudio II, tio-avô de Constâncio

(Rian - summa sacerdotisa de Avalon, mãe de Helena)

Roud - uma donzela em iniciação em Avalon

* Severo (Flavius Valerius Severus) - César nomeado por Galério, executado por Maximiano

Sian - filha de Ganeda, mãe de Dierna e de Becca

Suona - uma jovem sacerdotisa de Avalon

Teleri - mulher de Caráusio e depois de Alecto, mais tarde suma sacerdotisa de Avalon

* Tétrico e Mário - coimperadores rebeldes do Ocidente, 271

Túlia - uma donzela em iniciação em Avalon

* Victorina Augusta - mãe de Victorino e virtual governante

* Victorino (Victorinus)- imperador rebelde do Ocidente, 268-270

Vitélia (Vitellia) - uma matrona cristã residente em Londinium

Wren - uma donzela em iniciação em Avalon

Os cães de Helena: Eldri, Hylas, Favomus e Bóreas, Leviyah

LOCAIS

BRITÂNIA (GRÃ-BRETANHA)

Aquae Sulis - Bath

Avalon - Glastonbury

Callewa - Silchester

Camulodunum - Colchester

Cantium - Kent

Corinium - Cirencester

Eburacum - Iorque

Estuário de Sabrina - o Severn

Inis Witrin - Glastonbury

Isurium Brigantum - Aldborough, Yorkshire

Lindinis - Ilchester

Lindum - Lincoln

Londinium - Londres

País do Verão - Somerset

Terras de Trinovante - Essex

Tamesis - o Tamisa

Tanatus Insula - Ilha de Thanet, Kent

O IMPÉRIO DO OCIDENTE

Alpes - os Alpes

Aquitânica - Sul da França, Aquitânia

Arelate - Arles, França

Argentoratum - Estrasburgo, Alemanha, actualmente, França

Augusta Trevenorum (Tréveris) - Trier, Alemanha

Baiae - Baia, Itália

Belgica Prima - França oriental

Belgica Secunda - os Países Baixos

Borbetomagus - Worms, Alemanha

Colonia Agrippinensis - Colónia, Alemanha

Cumaea - Cumae, Itália

Gallia - França

Ganuenta - anteriormente uma ilha, onde o rio Escalda se junta ao Reno nos Países Baixos

Germania Prima - terras a ocidente do Reno, de Coblença a Basileia

Germania Secunda - terras a ocidente do Reno, do mar do Norte a Coblença

Gesoriacum - Boulogne, França

Lugdunum - Lyon

Mediolanum - Milão, Itália

Moenus fluvius - o rio Reno, Alemanha

Mosella fluvius - o rio Mosela, França, Alemanha

Nicer Fluvius - o rio Neckar, Alemanha

Noricum - Áustria a sul do Danúbio

Rhaetia - Alemanha do Sul e Suíça

Rhenus fluvius - o Reno

Rhodanus fluvius - o Ródano

Rothomagus - Ruão, França

Tréveris (Augusta Treverorum) - Trier, Alemanha

Ulpia Traiana - Xanten, Alemanha

Vindobona - Viena, Áustria

O IMPÉRIO DO ORIENTE

Aegeum - o Egeu

Aelia Capitolina - Jerusalém

Aquincum - Pest (Budapeste), Hungria

Ásia - Turquia Ocidental

Bitínia e Ponto - Turquia do Norte

Bizâncio (mais tarde Constantinopla) - Istambul

Cesarcia - cidade portuária a sul de Haifa, Israel

Montes Carpathus - os Cárpatos

Chalcedon - Kadikoy, Turquia

Cítia

Dácia - Roménia

Dalmácia - Albânia

Danu, Danuvius - o Danúbio

Drepanum (Helenopolis) - Hersek no Norte da Turquia

Galácia e Capadócia - Turquia Oriental

o Haemus - Balcãs

Heracleia Pontica - Eregli, Turquia

Hierosolyma - Jerusalém

Ilíria - Jugoslávia

Moesia - Bulgária

Montanhas de Rhipae

Naissus - Nis na Rornénia

Niceia - Iznik, Turquia

Nicomedia - Izmit, Turquia

Panónia - Hungria

Singidunum - Belgrado, Jugoslávia.

Sirmium - Mitrovica ou Sabac no Save, Sérvia.

Trácia - Bulgária do Sul.

PRÓLOGO

249 d.C.

Ao pôr do Sol, soprara um vento fresco do mar. Era a estação em que os lavradores queimam o restolho dos seus campos, mas o vento tinha varrido a névoa que velava os céus, e a Via Láctea traçava um caminho branco pelo firmamento. O Merlim de Britânia estava sentado na Pedra da Vigia no cimo do Tor, com os olhos fixos nas estrelas. Mas, apesar de a glória celeste dominar a sua visão, ela não retinha toda a sua atenção. Os seus ouvidos estavam atentos a qualquer som que pudesse provir da habitação da suma sacerdotisa, nas encostas abaixo.

Desde a madrugada que ela estava em trabalho de parto. Seria o quinto filho de Rian e as crianças anteriores tinham nascido facilmente. O parto não deveria estar a demorar tanto. As parteiras guardavam os seus mistérios, mas, ao pôr do Sol, quando se preparava para aquela vigília, tinha visto preocupação nos seus olhos. O rei Célio de Camulodunum, que tinha convocado Rian para o Grande Rito por causa dos seus campos inundados, era um homem grande, de cabelos louros e figura robusta, à maneira das tribos belgas que se tinham instalado nas terras orientais de Britânia, e Rian era uma pequena mulher morena, com o aspecto daquelas pessoas das terras encantadas que foram as primeiras a viver naquelas colinas.

Não seria surpresa que a criança gerada por Célio fosse excessivamente grande para sair facilmente daquele ventre. Quando Rian descobriu que ele a engravidara, algumas das sacerdotisas mais velhas tinham-na instigado a livrar-se da criança. Mas, fazê-lo seria negar a magia, e Rian disse-lhes que tinha servido a Deusa durante tempo suficiente para confiar nos seus desígnios.

Que desígnios haveria no nascimento daquela criança? Os velhos olhos do Merlim percorriam os céus, procurando compreender os segredos escritos nas estrelas. O Sol encontrava-se agora no signo de Virgem, e a velha Lua, passando por ele, estivera visível no céu nessa manhã. Agora ocultara o seu rosto, abandonando a noite à glória das estrelas.

O velho envolveu-se nas espessas pregas da sua capa cinzenta, sentindo nos ossos o frio da noite de Outono. Enquanto observava o curso da Ursa Menor pelo céu sem que chegassem notícias, percebeu que tremia não de frio, mas de medo.

Lentas como ovelhas pastando, as estrelas moviam-se pelos céus. Saturno brilhava a sudoeste, no signo de Balança. À medida que as horas se arrastavam, ia-se desgastando a coragem da parturiente. Agora, a intervalos, saía um gemido de dor da cabana. Mas só com o despontar da madrugada, quando as estrelas se apagavam, um novo som fez o Merlim pôr-se de pé, de coração sobressaltado - o agudo vagido de protesto de uma criança recém-nascida.

A oriente, o céu ia já empalidecendo com a chegada do dia, mas, lá no alto, as estrelas ainda brilhavam. O longo hábito fez o velho erguer o olhar para elas. Marte, Júpiter e Vénus brilhavam em conjunção. Treinado nas disciplinas dos Druidas desde a juventude, registrou na sua memória as posições das estrelas. Depois, com um esgar queixoso, devido à rigidez das articulações, pôs-se de pé e, apoiando-se pesadamente no seu bastão entalhado, começou a descer a colina.

A criança tinha parado de chorar, mas, quando o Merlim se aproximou da choupana do parto, sentiu como que um nó nas entranhas, porque se ouvia choro no interior. As mulheres afastaram-se quando ele correu o pesado cortinado que servia de porta.

pois era o único homem com direito a entrar ali.

Uma das sacerdotisas mais jovens. Ci-folla, estava sentada a um canto, cantarolando sobre a trouxa de roupas nos seus braços. O olhar do Merlim passou dela para a mulher que jazia na cama, e deteve-se, porque Rian, cuja beleza sempre proviera da sua graça em movimento, estava totalmente imóvel. Os seus cabelos negros espalhavam-se sobre a almofada; as suas feições angulosas começavam a adquirir o inconfundível vazio que faz a distinção entre a morte e o sono.

- Como... - fez um pequeno gesto desamparado, esforçando-se por conter as lágrimas. Não sabia se Rian seria ou não sua filha, do

seu próprio sangue, mas. para ele, ela tinha sido uma filha.

- Foi o coração disse Ganeda, cujas feições. naquele momento, se assemelhavam dolorosamente às da mulher jazente, embora, na maior parte das vezes, a doçura da expressão de Rian sempre se tornasse fácil distingui-la das suas irmãs. - O parto demorou demasiado tempo. O coração não aguentou o esforço final para expulsar a criança do ventre.

O Merlim aproximou-se da cabeceira da cama e olhou para o corpo de Rian e, um momento após, inclinou-se para traçar um sinal de bênção sobre a testa gelada.

"Já vivi tempo de mais". pensou entorpecidamente. "Era Rian que devia dizer os ritos por mim".

Ouviu Ganeda suspirar, atrás de si. - Diz-me, Druida, que destino preveem as estrelas para a criança-mulher que nasceu nesta hora?

O velho voltou-se. Ganeda estava diante dele, com os olhos brilhantes de raiva e de lágrimas contidas. "Assiste-lhe o direito de perguntar isto", pensou sombriamente. Ganeda foi preterida em favor da sua irmã mais nova quando a anterior suma sacerdotisa morreu. Supunha que a eleição recairia agora sobre ela.

Então, o espírito que o habitava respondeu ao desafio dela. Pigarreou.

- Assim falam as estrelas... - A voz tremia-lhe ligeiramente. A criança que nasceu na Volta do Outono, precisamente quando a noite dava lugar à madrugada, assistirá à Volta da Era, a porta entre dois mundos. O tempo do Carneiro passou, e governará o Peixe. A Lua oculta o seu rosto - esta donzela ocultará a lua que traz na fronte, e só em idade avançada alcançará o verdadeiro poder. Atrás dela fica a estrada que conduz às trevas e aos seus mistérios, diante dela brilha a luz crua do dia.

- Marte está no signo do Leão, mas a guerra não a vencerá, porque é governada pela estrela da realeza. Para esta criança, o amor acompanhará a soberania, porque Júpiter anseia por Vénus. Em conjunção, a sua radiação iluminará o mundo. Nesta noite, todos eles se movem em direcção à Virgem, que será a sua verdadeira rainha. Muitos se prosternarão diante dela, mas a sua verdadeira soberania estará oculta. Todos a louvarão, mas poucos conhecerão o seu verdadeiro nome. Saturno está agora em Balança - as suas lições mais duras consistirão em manter o equilíbrio entre a antiga e a nova sabedoria. Mas Mercúrio está escondido. Para esta criança, prevejo muitas viagens e muitos equívocos; no entanto, no final, todos os caminhos levam à alegria e à sua verdadeira casa.

À sua volta, as sacerdotisas murmuravam: - Ele profetiza grandeza, ela será a Dama do Lago, como a sua mãe antes de si!

O Merlim franziu a testa. As estrelas tinham-lhe mostrado uma vida de magia e poder, mas ele já lera as estrelas para sacerdotisas muitas vezes antes, e os padrões que previam as suas vidas não eram aqueles que agora via. Parecia-lhe que aquela criança estava destinada a percorrer um caminho diferente do que havia sido trilhado por qualquer sacerdotisa de Avalon até àquela altura.

- A criança é saudável e bem proporcionada?

- É perfeita, meu senhor. - Cigfolla ergueu-se, embalando a criança envolta em roupas junto do seu peito.

- Onde arranjam uma ama para ela? - Merlim sabia que nenhuma das mulheres de Avalon estava de momento a amamentar uma criança.

- Pode ir para a aldeia dos habitantes do Lago - respondeu Ganeda. - Lá, há sempre mulheres com recém-nascidos. Mas enviá-la-ei ao seu pai logo que esteja desmamada.

Cigfolla apertou o seu fardo contra o peito, num jeito protector, mas a aura de poder que rodeava a suma sacerdotisa já começava a descer sobre Ganeda, e, se a mais jovem das duas tinha objecções a fazer, não lhes deu voz.

- Tens a certeza de que isso é sensato? - Em virtude do seu cargo, o Merlim podia questioná-la. - A criança não precisará de ser preparada em Avalon para o seu destino?

- O que os deuses tiverem decidido, virá a acontecer, independentemente do que nós fizermos - respondeu Ganeda. - Mas levará muito tempo antes que eu consiga olhar para ela sem ver a minha irmã morta diante de mim.

Merlim franziu o sobrolho, pois sempre lhe parecera que entre Ganeda e Rian não havia grande amor. Mas talvez fizesse sentido - se Ganeda se sentisse culpada por ter invejado a irmã, a criança seria uma dolorosa recordação.

- Se a menina revelar talento, quando for mais velha, talvez possa voltar - prosseguiu Ganeda.

Caso fosse jovem, Merlim talvez tentasse demovê-la, mas tinha visto nas estrelas a hora da sua própria morte, sabendo que não estaria presente para proteger a menina, se Ganeda começasse a

detestá-la. Talvez fosse melhor ela ir viver com o pai enquanto pequena.

- Mostra-me a criança.

Cigfolla ergueu-se, afastando a dobra do cobertor. Merlim olhou para o rosto da menina, ainda fechado sobre si mesmo como um botão de rosa. Era uma criança grande para recém-nascida, de ossos largos como os do pai. Não era surpreendente que a mãe tivesse travado uma tão árdua batalha para a dar à luz.

- Quem és tu, pequenina? - murmurou. - Serás tu merecedora de tal castigo?

- Antes de morrer... a Senhora... disse que ela se chamaria Eilan - respondeu Cigfolla.

- Eilan... - fez ecoar o Merlim, e, como se tivesse compreendido, a criança abriu os olhos. Tinham o tom cinzento opaco dos bebés. mas a sua expressão, ampla e grave, era de muito mais velha. - Ah... esta não é a primeira vez para ti - disse ele então, saudando-a como um viajante que encontra um velho amigo na estrada e para para um momentâneo cumprimento antes de continuarem por caminhos separados. Foi tomado de uma aguda dor de desgosto por não poder estar vivo para ver crescer aquela criança.

- Bem-vinda de regresso, minha querida. Bem-vinda ao mundo.

Por momentos, as sobrancelhas da criança uniram-se. Depois, os minúsculos lábios formaram a curva de um sorriso.

Parte I - O CAMINHO PARA O AMOR

CAPÍTULO UM

259 d. C.

- Oh, vejo água cintilando ao sol! É o mar? - Enterrei os calcanhares nos flancos arredondados do pônei para fazê-lo colocar-se ao lado do grande cavalo de Coríntio. O animal irrompeu num trote agitado, e agarrei-me à sua crina.

- Ah. Helena, os teus olhos jovens são melhores do que os meus
- respondeu o velho que tinha sido mestre dos meus meios-Irmãos antes de lhe ser dada a tarefa de ensinar a filha que o príncipe Célio inadvertidamente fizera a uma sacerdotisa de Avalon. - Apenas vislumbro um clarão. Mas penso que o que se estende diante de nós devem ser as planícies do País do Verão, inundadas pelas chuvas da Primavera.

Sacudi para trás uma madeixa de cabelo e observei a paisagem. A vastidão das águas era interrompida por pequenas elevações do terreno, semelhantes a ilhas, e estava dividida por sinuosas fileiras de árvores. Para além delas, conseguia ver uma série de colinas onde Coríntio disse haver minas de chumbo, terminando numa névoa brilhante que deveria ser o estuário do Sabrina.

- Então estamos quase lá? - O pônei sacudiu a cabeça após lhe ter apertado os flancos e puxado a rédea para trás.

- Estamos, se as chuvas não tiverem arrastado as pedras da estrada, podendo então localizar a aldeia do povo do Lago que o meu amo me mandou procurar.

Ergui o olhar para ele, cheia de piedade, porque me parecia muito fatigado. Podia ver as rugas do seu rosto magro, por baixo do largo chapéu de palha, e como cavalgava curvado sobre a sela. O meu pai não devia ter obrigado o velho a fazer esta viagem. Mas, quando ela terminasse, Coríntio, um grego que se vendera como escravo, quando jovem, para conseguir um dote para as irmãs, teria a sua liberdade. Tinha feito um bom pé-de-meia ao longo dos anos. e tencionava montar uma escola em Londinium.

- Chegaremos à aldeia do Lago esta noite - disse o guia que se tinha juntado à minha escolta em Lindinis.

- Quando lá chegarmos, descansaremos - disse eu com vivacidade.

- Pensei que estivesses ansiosa por chegar a Tor - disse Coríntio gentilmente. "Talvez ele sentisse pena de me perder", pensei, sorrindo-lhe. Depois dos meus dois irmãos, a quem só a caça interessava, dissera-me que tinha apreciado ensinar alguém que queria realmente aprender.

- Terei o resto da minha vida para gozar Avalon - respondi-lhe. Posso esperar um dia mais para lá chegar!

- E recomeçares os teus estudos uma vez mais! - disse Coríntio, rindo. - Dizem que as sacerdotisas de Avalon preservaram a antiga sabedoria dos Druidas. Consola-me um pouco da tua perda saber que não passarás a tua vida a governar a casa de algum magistrado gordo e a dar-lhe filhos.

Sorri. A esposa do meu pai tinha tentado convencer-me de que uma vida dessas era o que uma mulher poderia esperar de melhor, mas eu sempre soubera que, mais tarde ou mais cedo, iria para Avalon. O facto de ser mais cedo devia-se à rebelião de um general chamado Póstumo, cuja guerra separara Britânia do império. Desprotegidas, as costas a sudeste ficavam vulneráveis aos assaltantes, e o príncipe Célio achava melhor enviar a sua filhinha para a segurança de Avalon, enquanto ele e os filhos se preparavam para defender Camulodunum.

Por momentos, o meu sorriso esmaeceu, porque eu tinha sido a menina dos olhos do meu pai, e não me agradava a ideia de que ele corresse perigo. Mas sabia perfeitamente que, enquanto ele estivesse longe de casa, a minha vida jamais seria feliz. Para os Romanos, eu era a filha natural do meu pai, sem parentes maternos, já que era proibido falar de Avalon. Na verdade, a minha família tinham sido Coríntio e a velha Huctia, que fora a minha ama, e esta última tinha morrido no Inverno anterior. Era tempo de eu regressar ao mundo da minha mãe.

A estrada era agora descendente, descrevendo curvas suaves, para trás e para diante, pela encosta da montanha. Quando emergimos do abrigo das árvores, protegi os olhos com a mão. Lá em baixo, as águas cobriam a terra como um lençol dourado.

- Se fosses um cavalo encantado - murmurei ao meu pônei poderíamos galopar por cima daquele caminho brilhante até Avalon.

Mas o pônei limitou-se a sacudir a cabeça, abocanhando uma porção de relva, e continuámos a avançar estrada abaixo, passo a passo, até chegarmos às pedras escorregadias da estrada. Agora podia ver os caules acinzentados das ervas do Verão passado agitando-se ao vento, e, para além deles, os canaviais que orlavam os canais e os charcos permanentes. A água mais profunda estava

escura, carregada de mistério. Que espíritos governariam aqueles pântanos, onde os elementos estavam de tal forma misturados e confundidos que era difícil dizer onde a terra acabava e a água principiava? Estremeci um pouco e voltei a contemplar o dia radioso.

À medida que a tarde foi passando e a noite se aproximou, da água, começou a elevar-se uma bruma. Movíamos-nos lentamente, agora, deixando as nossas montadas escolher os seus passos sobre as lajes escorregadias. Eu montava desde que aprendera a andar, mas, até então, as minhas viagens diárias tinham sido curtas, apropriadas para a resistência de uma criança. A viagem de hoje, a última fase do percurso, fora mais longa. Sentia uma dor permanente nas pernas e nas costas e sabia que iria sentir prazer em saltar da sela, quando o dia terminasse.

Ao sairmos do abrigo das árvores, o guia encurtou as rédeas, apontando. Para além do emaranhado de pântanos e bosques erguia-se um único monte pontiagudo. Eu tinha sido levada daquele local quando mal tinha um ano de idade e, no entanto, com uma certeza que ultrapassava a memória, soube que estava a olhar para o sagrado Tor. Tocado pela luz solar, parece dotado de um brilho interior.

- A Ilha de Vidro... - murmurou Coríntio, abrindo os olhos de admiração.

"Mas não Avalon"... pensei, recordando-me das histórias que ouvira. O aglomerado de cabanas, semelhantes a colmeias, no sopé do Tor, pertencia à pequena comunidade de cristãos que ali viviam. A Avalon dos Druidas ficava no meio das brumas entre este mundo e a Terra das Fadas.

- E lá está a aldeia do povo do Lago. .. - disse o nosso guia, indicando as espirais de fumo que se erguiam por trás dos salgueiros. Fustigou com as rédeas o pescoço do seu pônei, e todos os cavalos, pressentindo que a viagem chegava ao fim, começaram a trotar ansiosamente.

- Temos uma barca, mas para atravessar para Avalon é necessária uma sacerdotisa. Ela dirá se sois bem-vindos. É importante ir já? Quereis que eu chame? - As palavras do chefe eram respeitosas, mas havia pouca deferência na sua postura. Durante perto de trezentos anos, a sua gente tinha guardado os portões de Avalon.

- Esta noite, não - respondeu Coríntio. - A menina fez uma longa viagem. Deixemo-la ter uma boa noite de sono antes de conhecer todas essas novas pessoas na sua nova casa.

Apertei-lhe a mão, agradecida. Estava ansiosa por chegar a Avalon, mas agora que a nossa jornada terminara, sentia-me dolorosamente consciente de que não voltaria a ver Coríntio, e só agora me apercebia de quanto gostava daquele velho. Tinha chorado quando a minha ama morrera, e sabia que iria chorar igualmente por perder Coríntio.

O povo do Lago acolheu-nos numa das casas redondas de telhado de colmo, montadas sobre pilares acima do pântano. Havia um longo barco baixo atado ao lado dela, e uma ponte rangente ligava-a ao terreno mais elevado. Os aldeões eram gente pequena e magra, com cabelos e olhos escuros. Aos dez anos, eu já tinha a altura de uma mulher adulta, entre eles, apesar de ter o mesmo cabelo castanho escuro. Observei-os curiosamente, porque me tinham dito que a minha mãe era como eles, ou talvez ela e eles se assemelhassem todos ao povo do País das Fadas.

Os aldeões trouxeram-nos cerveja fraca, um estufado de peixe e milho, temperado com alho verde e bolos de aveia achatados cozidos num forno de pedra. Depois desta refeição simples, sentámo-nos junto da lareira, com os corpos demasiado fatigados para nos movermos, e as mentes ainda não prontas para o sono, vendo as chamas transformarem-se em brasas que brilhavam como o Sol desaparecido.

- Coríntio, quando tiveres a tua escola em Londinium, vais lembrar-te de mim?

- Como poderia eu esquecer a minha menina, brilhante como um dos raios solares de Apolo, quando estiver a esforçar-me por meter hexâmetros latinos nas cabeças duras de uma dúzia de rapazes? - Um sorriso percorreu as suas feições gastas.

- Deves referir-te ao sol Belenos - disse eu - nesta região do Norte.

- Referia-me a Apolo dos Hibernicos, minha filha, mas é tudo o mesmo. ..

- Acreditas verdadeiramente nisso?

Coríntio ergueu uma sobrancelha. - Um único sol brilha aqui e na terra onde eu nasci, apesar de lhe darem nomes diferentes. No reino de Ideia, os grandes princípios para lá das formas que vemos são os mesmos.

Franzi a testa, tentando entender as suas palavras. Ele tentara explicar-me os ensinamentos do filósofo Platão, mas eu achara-os difíceis de compreender. Cada lugar a que eu chegava tinha o seu espírito próprio, tão distinto como as almas humanas. Aquela terra a que chamavam o País do Verão, toda cheia de colinas e bosques e lagos escondidos, parecia um mundo diferente dos amplos campos rasos e dos pequenos bosques em volta de Camulodunum. Avalon, se as histórias que ouvira fossem verdadeiras. seria ainda mais estranha. Como poderiam os seus deuses ser os mesmos?

- Penso que serás tu, minha pequenina. com toda a vida diante de ti. que te esquecerás de mim - disse então o velho. - Que foi, filha? - acrescentou, inclinando-se para afastar a madeixa de cabelo que escondia os meus olhos. - Estás com medo?

-E se... e se eles não gostam de mim?

Por momentos, Coríntio afagou-me os cabelos, depois recostou-se, com um suspiro. - Devo dizer-te que, ao verdadeiro filósofo, isso não importa, pois uma pessoa virtuosa não precisa da aprovação dos outros. Mas de que forma poderá isso consolar uma criança? Não obstante, é verdade. Haverá pessoas que não gostam de ti, faças tu o que fizeres, e, quando isso suceder, apenas poderás tentar servir a Verdade tal como a vês. No entanto, se tu conquistaste o meu coração, decerto haverá outros que te amarão da mesma forma. Olha por aqueles que necessitam do teu amor, e eles retribuirão essa bênção.

O seu tom era encorajador. Engoli em seco e consegui sorrir. Eu era uma princesa e um dia seria também sacerdotisa. Não devia permitir que me vissem chorar.

Houve um movimento na porta. A aba de couro foi afastada e vi uma criança que segurava nos braços um cãozinho que se debatia. A mulher do chefe viu-o e disse qualquer coisa, em tom de reprovação, no dialecto do Lago. Percebi a palavra designando "cão" e percebi que lhe estavam a dizer que levasse dali o bichinho.

- Oh, não... eu gosto de cãesinhos! - exclamei. - Por favor, deixa-me vê-lo!

A mulher mostrou-se duvidosa, mas Coríntio acenou afirmativamente com a cabeça, e o rapaz veio ter comigo, sorridente, depositando o animal nas minhas mãos estendidas. Quando agarrei no montinho de pelos que se retorcia, também eu comecei a sorrir. Vi logo que não se tratava de um daqueles graciosos galgos que costumavam encontrar-se, com nobre dignidade, nos salões do meu pai. O cão era minúsculo. tendo já um pelo macio muito espesso, e uma cauda excessivamente encaracolada. Mas os seus olhos castanhos brilhavam vivamente, e a língua que se projectou por baixo do botão negro e húmido do nariz, para lambar a minhamão, era cor-de-rosa e quente.

- Pronto, pronto, és um bichinho amoroso. - Encostei o cachorro ao peito e ri-me de novo quando ele tentou lambe-me também a face.

- Uma criatura sem educação nem maneiras - disse Coríntio, que não gostava de animais. - E provavelmente cheia de pulgas...

- Não, meu senhor - respondeu o rapaz. - É um cão mágico.

Coríntio ergueu uma sobrancelha eloquente, e o rapazinho franziu a testa.

- Estou a falar verdade! - exclamou.- Já aconteceu antes. A mãe perde-se. dois, três dias. Tem só uma cria, branca como esta. O cão mágico vive muito tempo, se não for morto, quando fica velho, desaparece. O cão vê espíritos. e conhece o caminho para o Outro Mundo!

Sentindo o calor vivo do animal nos meus braços, ocultei o rosto na sua pele macia para esconder o meu sorriso, pois os restantes membros do povo do Lago estavam a acenar solenemente com as cabeças, e eu não queria ofendê-los.

- A cadelinha é um presente, para ti, servir-te-á de guarda... - disse então o rapaz.

Reprimi uma gargalhada à ideia de que aquela bola de pelo poderia proteger-me de alguma coisa, e endireitei-me para sorrir ao rapazito.

- Ela tem nome?

Ele encolheu os ombros.- - O povo da Terra das Fadas sabe. Talvez to digam algum dia.

- Vou chamar-lhe Eldri até que isso aconteça, porque é tão branca e delicada como a flor do sabugueiro. - Observei-a enquanto falava e depois voltei o olhar para o rapaz. - E tu... tens nome?

Um rubor invadiu a sua pele morena. - É "Lontra", na tua língua disse, e os outros riram-se.

Um nome de serviço, pensei. Aquando da sua iniciação, receberia outro que só seria usado no interior da tribo. E como deveria eu responder-lhe? No mundo do meu pai, tinha sido Júlia Helena, mas isso parecia-me irrelevante ali.

- Obrigada - disse então. - Podes chamar-me Eilan.

Acordei de um sonho com muitas águas, pestanejando com a luz da manhã. Tinha estado num longo barco plano que deslizava

silenciosamente por entre brumas espiraladas até estas se abrirem e revelarem uma bela ilha verde. Mas então, a cena tinha mudado, e vi-me numa galé que se aproximava de infindáveis pântanos planos e de um grande rio que se dividia em miríades de canais, ao entrar no mar. E a visão voltara a mudar, passando para uma terra de pedras e areias douradas à beira de um brilhante mar azul. Mas a ilha verde fora a visão mais bela. Tinha, algumas vezes na minha vida, sonhado com coisas que se tornavam realidade. Perguntei a mim mesma se aquela seria uma delas. Mas a recordação do sonho já estava a escapar-se. Suspirei, afastei para trás as peles em que me aninhara para dormir, com Eldri enroscada junto de mim, e esfreguei os olhos. Acocorado junto da fogueira do chefe e bebendo chá de uma caneca de barro estava alguém que eu ainda não tinha visto. Reparei em primeiro lugar na longa trança castanha e na capa azul, e depois, quando ela se voltou, na marca de sacerdotisa tatuada entre as sobrancelhas. O crescente azul estava ainda brilhante, e o seu rosto liso era o de uma rapariga. Não fora iniciada há muito tempo. Depois, como se tivesse sentido o meu olhar sobre ela, a sacerdotisa voltou-se, e baixei os olhos perante o seu olhar desprendido e sem idade.

- O nome dela é Suoria - disse Coríntio, dando-me uma palmadinha no ombro.

- Chegou ao alvorecer.

Perguntei a mim mesma como a chamara o chefe. Teria o povo mágico levado a mensagem ou haveria alguma fórmula secreta?

- É esta a jovem? - perguntou Suoria.

- A filha do príncipe Célio de Camulodunum - respondeu Coríntio. Mas a sua mãe era de Avalon.

- Parece já ter idade de mais para começar a sua iniciação aqui.

Coríntio abanou a cabeça. - Está muito crescida para a idade, mas só tem dez invernos. E Helena já tem alguma educação. Foi ensinada a usar a mente e a fazer o trabalho de uma mulher. Sabe ler e escrever em latim, conhece um pouco de grego, e também os números.

Suoria não parecia muito impressionada. Ergui o queixo e enfrentei o seu olhar. Por momentos, senti um estranho prurido na cabeça, como se alguém tivesse tocado a minha mente. Depois, a sacerdotisa acenou um pouco com a cabeça, e o prurido cessou. Pela primeira vez, falou directamente para mim.

- É teu desejo, ou desejo do teu pai, ires para Avalon?

Senti o coração aos pulos, mas fiquei calma quando as minhas palavras brotaram com firmeza.

- Quero ir para Avalon.

- Deixai a criança quebrar o jejum, e depois estaremos prontos - disse Coríntio, mas a sacerdotisa abanou a cabeça.

- Tu não, só a jovem. É proibido a um estranho conhecer Avalon, excepto quando os deuses o chamam.

Por momentos, o velho pareceu ficar abalado, mas depois curvou a cabeça.

- Coríntio! - senti que as lágrimas me faziam arder os olhos.

- Não te inquietes - deu-me uma pequena palmada no braço. - Para o filósofo, todos os afectos são transitórios. Tenho de me esforçar por ser mais desprendido, só isso.

- Mas não vais sentir a minha falta? - Tomei-lhe a mão.

Por momentos, ficou sentado, com os olhos fechados. Depois deixou escapar o ar num longo suspiro.

- Vou sentir a tua falta, filha do meu coração - respondeu suavemente. - Apesar de isso ser contra a minha filosofia. Mas encontrarás novos amigos e aprenderás novas coisas, não receies.

Senti Eldri mover-se no meu colo, e o momento de angústia começou a desvanecer-se.

- Não te esquecerei... - disse firmemente, e fui reconfortada pelo seu sorriso.

Os meus dedos apertaram a amurada quando os barqueiros mergulharam as suas varas e a barca começou a afastar-se da margem. Durante a noite, uma nova bruma tinha-se erguido da água, e o mundo para além da aldeia era mais pressentido do que visto. Eu só tinha viajado de barco uma vez, quando atravessámos o Tamesis em Londinium. Senti-me quase esmagada pelo tremendo e enérgico impulso do rio, ficando quase em lágrimas quando

chegámos à outra margem, porque não me tinha sido permitido acompanhá-lo até ao mar.

No Lago, o que senti mais fortemente foi a profundidade, que me pareceu estranha, visto que o fundo estava ao alcance das varas dos barqueiros e eu conseguia ver os caules ondulantes dos canaviais abaixo da linha de água.

Mas a evidência diante dos meus olhos parecia-me uma ilusão. Sentia águas que corriam por baixo do fundo do lago, e apercebi-me de que tinha começado a senti-las assim que começámos a cruzar os Níveis, mesmo quando já estávamos no que passava por terra seca. Ali, havia pouca distinção entre a terra e a água, porque era muito pequena a separação entre o mundo dos homens e o Outro Mundo.

Olhei com curiosidade para a mulher que se sentava à proa, com uma capa e um capuz azul. Para ser sacerdotisa, seria preciso ficar tão desligada dos sentimentos humanos? Coríntio pregava também o desinteresse, mas eu sabia que ele tinha um coração por baixo da sua túnica de filósofo. "Quando me tornar sacerdotisa, não esquecerei o que é o amor!", prometi então a mim mesma.

Teria gostado muito de que permitissem que o meu antigo mestre me acompanhasse neste último trecho da viagem. Ele ainda me acenava da margem e, embora se tivesse despedido de mim com a restrição de um verdadeiro estoico, pareceu-me haver um brilho nos seus olhos que poderia dever-se às lágrimas. Enxuguei os olhos e acenei-lhe com mais força e depois, quando o primeiro véu de bruma se instalou entre nós, deixei-me cair no meu assento.

Pelo menos, ainda tinha Eldri, aninhada em segurança na dobra onde a minha túnica descaía sobre o cinto. Sentia o calor da cadelinha contra o meu peito, e acariciei-a tranquilizadamente através do tecido. Até então, o animal não tinha ladrado nem se tinha movido, como se compreendesse a necessidade de permanecer em silêncio. Desde que a conservasse escondida, ninguém poderia proibir-me de a levar para Avalon.

Abri o decote solto da minha túnica e sorri para os dois olhos brilhantes que me fitavam, e depois voltei a embrulhar-me na capa.

A bruma ia-se tomando mais espessa, jazendo em densas camadas sobre a água, como se não só a terra mas também o ar estivessem a dissolver-se, regressando ao aquoso ventre primitivo.

Dos elementos pitagóricos de que Coríntio me falara, faltava apenas o fogo. Inspirei profundamente, a um tempo inquieta e estranhamente tranquilizada. como se algo dentro de mim reconhecesse essa proteica mistura e a acolhesse.

Já estávamos a meio do Lago, naquela altura, e os barqueiros remavam. À medida que a barca avançava, a aldeia sobre estacas desaparecia na bruma atrás de nós. O Tor também ia desaparecendo. Pela primeira vez, senti um estremecimento de medo.

Mas Eldri aquecia-me o coração, e, à proa, a jovem sacerdotisa seguia silenciosa, com o rosto sereno. Suoria era uma rapariga de aspecto vulgar, mas, pela primeira vez, compreendi o que a minha ama queria expressar quando me dizia que me sentasse como uma rainha.

Apesar de eu não ver sinal de terra, abruptamente os barqueiros ergueram os remos e pousaram-nos no colo. A barca flutuou silenciosamente. com os últimos círculos da sua passagem na água a alargar-se para ambos os lados. Senti uma pressão nos ouvidos e sacudi a cabeça para a aliviar.

Então, finalmente, a sacerdotisa moveu-se, atirando o capuz para trás ao pôr-se de pé. Com os pés bem firmados no fundo do barco, pareceu tornar-se mais alta quando ergueu os braços numa invocação. Inspirou profundamente e as suas feições vulgares adquiriram uma beleza radiosa. "Os deuses são assim ... ", pensei, enquanto Suoria dava voz a uma sequência de sílabas musicais numa língua que eu nunca ouvira antes.

Depois também isso ficou esquecido, porque as brumas começaram a mover-se. Os barqueiros tinham coberto os olhos, mas eu mantive os meus abertos, vendo as nuvens cinzentas começarem a cintilar com um arco-íris de cores. A luz girava em volta delas, na direcção do Sol, as cores misturavam-se, arrancando a realidade ao Tempo. Durante uma impossível eternidade, ficámos suspensos entre os mundos. Depois, com uma explosão final de radiação, as brumas transformaram-se numa névoa de luz.

A sacerdotisa deixou-se cair no seu assento, com a testa perlada de transpiração. Os barqueiros pegaram nos remos e começaram a remar em frente, como se aquilo não tivesse passado de uma pausa para o repouso dos braços. Soltei a respiração que retera sem de tal me dar conta. "Eles devem estar acostumados a este... fenómeno...", pensei, aturdida, e, em seguida, "Como pode alguém

acostumar-se a esta maravilha!" Durante alguns momentos, apesar de os remos mergulharem na água, não os ouvimos. Depois, a névoa brilhante dissipou-se subitamente e o Tor avançava para nós, e eu bati palmas, reconhecendo a bela ilha verde.

Mas havia muito mais do que eu vira no meu sonho. Tinha esperado ver o aglomerado de cabanas de madeira que avistara da aldeia do povo do Lago. mas isso era Inis Witrin, a ilha dos monges. Enquanto havia cabanas, na outra ilha, em Avalon havia edifícios de pedra. Eu já tinha visto edifícios romanos maiores, mas nenhuns simultaneamente tão maciços e tão graciosos, suportados por colunas lisas de pedra afunilada. Abençoados pelo sol da Primavera. pareciam brilhar a partir do interior.

Tivesse eu sido capaz de falar, e teria suplicado aos homens que detivessem o barco. que me dissessem o que era cada casa. agora que podia aperceber-me da sua harmonia. Mas a terra aproximava-se de nós com excessiva rapidez. Num ápice, o fundo do barco roçou na areia e ele deslizou pela praia.

Pela primeira vez, a jovem sacerdotisa sorriu. Pôs-se de pé e estendeu-me a mão.

- Sê bem-vinda a Avalon.

- Olha. é a filha de Rian... - murmurava-se. Ouvei claramente estes sussurros ao entrar no palácio.

- Não pode ser. É alta de mais, e Rian só morreu há dez anos.

- Deve ter saído às gentes do seu pai...

- Não será isso que a tornará estimada pela Senhora - foi a resposta, acompanhada de uma pequena risada.

Engoli em seco. Era difícil fingir que não tinha ouvido, mais difícil ainda caminhar com o porte altivo da filha de uma casa nobre, como a minha ama me ensinara, quando me apetecia olhar de boca aberta para o palácio das sacerdotisas, tal como uma camponesa que passasse pela primeira vez pelo grande portão de Camulodunum.

Não pude deixar de recolher algumas impressões do que me rodeava. O palácio era circular, como as casas que os Britânicos construíam antes da chegada dos Romanos, mas este era feito de pedra. A parede exterior tinha apenas a altura de um homem alto, mas um círculo de pilares de pedra suportava o tecto inclinado, trabalhado com espirais, nós triplos e escudos, e enfeitado com faixas de cores entrançadas. Os barrotes do tecto não chegavam a unir-se e, pelo círculo aberto no centro, entrava luz a jorros.

A galeria redonda ficava na sombra, mas as sacerdotisas que aí se encontravam pareciam irradiar luz. Quando Suoria pilotara a barca através das brumas, usava uma túnica de pele de corça. Ali, eu estava rodeada por um mar de túnicas azuis das sacerdotisas. Algumas delas usavam os cabelos numa trança que caía sobre as costas, como Suoria. mas outras prendiam-nos no cimo da cabeça ou tinham-nos soltos sobre os ombros. A luz solar cintilava nas suas cabeças nuas, louras e escuras, cor de prata e de bronze.

Parecia havê-las de todas as idades e estaturas, semelhantes apenas no crescente azul pintado entre as sobrancelhas - nisso, e em algo indefinível nos seus olhos. Reflectindo um pouco, concluí que era serenidade. e desejei possuí-la, porque o meu estômago andava às voltas com tanta ansiedade.

"Não lhes prestes atenção", disse a mim mesma, severamente. "Vais viver com estas pessoas pelo resto da tua vida. Olharás tantas vezes para este salão que deixarás de o ver. Não há necessidade de te pores a olhar agora, riem de teres medo".

"Especialmente agora", prosseguiu o meu pensamento, quando a mulher que seguia à minha frente deu um passo ao lado e vi a suma sacerdotisa à minha espera. Mas a sensação de insegurança regressou, quando senti a cadela mágica mover-se dentro da minha túnica. Percebi então que deveria ter deixado o animal na Casa das Donzelas, mas Eldri estava a dormir, e pareceu-me que, se acordasse num ambiente estranho, poderia assustar-se e fugir. Não tinha pensado no que poderia suceder se ela acordasse durante a minha recepção formal em Avalon.

Cruzei os braços, comprimindo o corpinho quente e peludo contra o peito, na esperança de a tranquilizar. Eldri era uma cadela mágica -

talvez pudesse ouvir a minha silenciosa súplica para que ficasse quieta.

O murmúrio das vozes femininas decresceu até ao silêncio, quando a suma sacerdotisa ergueu a mão. As mulheres iam-se dispondo num círculo, com a sacerdotisa mais velha junto da sua Senhora, e as jovens, abafando os risos, ao fundo. Pensei que eram cinco, mas não ousei olhar para elas durante o tempo suficiente para me certificar.

Todos os olhares estavam postos em mim. Forcei-me a continuar avançando.

Agora podia ver a Senhora claramente. Ganeda passara nessa altura já da meia-idade, e o seu corpo engrossara, devido aos partos. O seu cabelo, que outrora fora ruivo, estava salpicado de cinzento, tal como uma brasa a esmorecer. Detive-me diante dela, perguntando a mim mesma que tipo de vénia deveria fazer à Senhora de Avalon. A minha ama tinha-me ensinado os devidos sinais de obediência para todos os cargos até imperatriz, por mais improvável que parecesse que algum César alguma vez voltasse a Britânia.

"Não posso estar errada se lhe fizer a saudação devida a uma dama imperial", pensei então. "Porque, na verdade, ela é imperatriz no seu próprio círculo".

Quando me endireitei, captei o olhar da idosa senhora, e, por um momento, pareceu-me que o rosto sério de Gameda se iluminara com um clarão divertido, mas talvez o tivesse imaginado, porque, no momento seguinte, o rosto da suma sacerdotisa era novamente de pedra.

- Com que então... - disse Gameda por fim. - Vieste para Avalon. Porquê? - A pergunta tinha sido feita bruscamente, como uma lança projectada das trevas.

Fiquei a olhar para ela, subitamente privada da fala.

- Assustaste a pobre criança - disse uma das outras sacerdotisas, uma mulher de aspecto maternal, com uns cabelos louros que começavam a ficar grisalhos.

- Foi uma simples pergunta, Cigfolla - disse a suma sacerdotisa asperamente - que tenho de fazer a todas as que procuram a irmandade de Avalon.

- Ela quer saber - disse Cigfolla - se vieste para aqui de tua livre vontade e não por coacção de qualquer homem. Desejas ser preparada para sacerdotisa ou ter apenas um período de ensinamento até voltares para o mundo? - Sorriu-me encorajadoramente.

Franzi a testa, reconhecendo que se tratava de uma pergunta legítima.

- Foi por vontade de meu pai que eu viesse agora para aqui, por causa dos ataques dos Saxões - respondi lentamente, e vi algo

semelhante a satisfação perpassar nos olhos de Ganeda. - Mas foi sempre meu destino regressar a Avalon - prossegui.

Se ainda tivesse alguma dúvida, aquela viagem através das brumas tê-la-ia dissipado. Aquela era a magia no coração das coisas que eu sempre soubera existir ali. Naquele momento, tinha reconhecido a minha herança.

- Enveredar pelo caminho de sacerdotisa é o meu mais sincero desejo... Ganeda suspirou. - Toma cuidado com aquilo que desejas, para que não venhas a constatar que tenha sido coisa passageira... No entanto, disseste as palavras e, no final, será a Deusa a decidir se deves ser aceite, não eu. Portanto, dou-te as boas-vindas.

Houve um murmúrio de comentários das outras sacerdotisas. perante tal relutante aceitação. Fechei os olhos para conter as lágrimas, apercebendo-me de que a minha tia não me queria ali, e esperava, sem dúvida, que eu viesse a falhar.

"Mas não vou falhar! " prometi a mim mesma. "Vou estudar mais do que ninguém. e tornar-me uma grande sacerdotisa.. . tão famosa que o meu nome será recordado por mil anos"!

Ganeda suspirou. - Vem.

Com o coração batendo de tal forma no peito que receei acordar Eldri, avancei para ela. Ganeda abriu os braços. "Ela é pouco maior que eu"! pensei, surpreendida, enquanto caminhava ao encontro do abraço relutante da mulher. A suma sacerdotisa parecera-me tão alta e majestosa momentos antes.

Então Ganeda agarrou nos meus ombros e puxou-me com força contra o seu peito. Eldri, esmagada entre ambas. acordou com um sobressalto e um ganido de surpresa. A sacerdotisa soltou-me como se eu fosse um carvão em brasa, e senti um rubor atralçoante invadir-me o rosto quando a cadelinha espreitou através do decote aberto da minha túnica.

Alguém abafou uma gargalhada, mas o meu próprio impulso de começar a rir morreu diante dos sobrolhos franzidos de Ganeda.

- Que é isto? Pretendes troçar de nós? - Havia um tom subjacente na voz da sacerdotisa, que lembrava uma trovoadas distante.

- É uma cadela mágica! - exclamei, com os olhos cheios de lágrimas. - Foi o povo do Lago que ma deu!

- Um animal raro e maravilhoso - disse Cigfolla, antes que Ganeda pudesse falar de novo. - Tais ofertas não se fazem com ligeireza.

Das outras sacerdotisas veio um murmúrio de acordo. Por um momento ainda, aquela trovoadas mental perdurou no ar, depois, quando se tornou claro que a maior parte das sacerdotisas me olhava com simpatia, Ganeda engoliu a sua ira e forçou um sorriso tenso.

- Um belo presente, na verdade - disse em voz baixa - mas o Palácio das Sacerdotisas não é lugar para ela.

- Peço perdão, minha senhora - gaguejei. - Não sabia onde...

- Não tem importância - interrompeu Ganeda. - A comunidade está à espera. Vai saudar o resto das tuas irmãs.

Com a cadelinha ainda a espreitar da minha túnica, caí, aliviada, nos braços de Cigfolla, aspirando o odor a lavanda da sua túnica. A mulher que estava ao seu lado lembrava uma cópia mais pálida de Ganeda. Tinha nos braços uma filha pequena, cujos cabelos brilhavam como o fogo.

- Vi o teu rosto numa visão, irmã, e estou feliz por te dar as boas-vindas! Sou a tua prima Sian. e esta é Dierna - disse

suavemente. A menina sorriu-me, mostrando os dentes, tão bela e robusta quanto se poderia desejar numa criança. Junto dos seus cabelos flamejantes, a mãe parecia ainda mais pálida, como se tivesse transmitido toda a sua força ao seu rebento. Ou talvez, pensei, tivesse sido crescer à sombra de Ganeda que lhe roubara as forças.

- Olá, Dierna. - Apertei a pequena mão gorda.

- Eu sou duas! - proclamou a rapariguinha.

- Não duvido! - respondi após um momento de confusão. Aparentemente era a resposta certa, porque Sian também sorriu.

- És muito bem-vinda a Avalon - disse então, beijando-me na testa.

Pelo menos um membro da família da minha mãe sentia prazer em ver-me. pensei, voltando-me para a mulher seguinte.

Enquanto me movia em redor do círculo, algumas das mulheres faziam também uma festa à cadela e outras tinham uma palavra de apreço pela minha falecida mãe. As raparigas que estavam a ser iniciadas na ilha sagrada receberam-me com um respeito encantado, como se eu tivesse tentado pregar uma partida à suma sacerdotisa. Roud e Gwenna tinham os cabelos louros avermelhados da realeza celta, e Heron a estatura pequena e o tom moreno do povo do Lago. Aelia era quase tão alta como eu, embora os seus cabelos fossem de um castanho mais claro. Tuli, que as vigiava do alto da importância da sua iminente iniciação. e a sua irmã mais nova, Wren, tinham cabelos louros. cortados curtos como os das outras, e olhos cinzentos. Não era daquela forma que eu teria desejado impressioná-las, mas, para o bem e para o mal, a cadelinha parecia ser um poderoso talismã.

Ter-minada a formalidade das saudações. a fileira solene transformou-se numa multidão de mulheres faladoras. Mas, quando as raparigas me levaram para a segurança da Casa das Donzelas, vi Ganeda observar-me e apercebi-me de que, se a minha tia já não gostava de mim, passaria agora a odiar-me. Eu tinha sido criada na corte de um príncipe e sabia que governante algum pode permitir que trocem dele no seu próprio palácio.

CAPÍTULO DOIS

262-263 d. C.

- Mas para onde vão as pessoas quando visitam a Terra das Fadas? É só o espírito que viaja, como num sonho, ou o corpo desloca-se realmente entre os mundos?

Eu estava deitada de bruços, sentindo o sol inundar-me as costas, e as palavras de Wren pareciam realmente provir de um outro mundo. Uma parte da minha mente tinha consciência de estar na terra da ilha sagrada com as outras jovens, escutando os ensinamentos de Suoria, mas a minha essência flutuava num estranho estágio intermédio, a partir do qual seria muito fácil viajar para fora dali.

- Estás aqui, não estás? - perguntou Suoria asperamente.

- Não completamente... - sussurrou Aelia, rindo. Como habitualmente, tinha exigido um lugar ao meu lado.

- Passaste através das brumas para chegar a este lugar, caso contrário terias acabado por ir parar a Inis Witrin - prosseguiu a sacerdotisa. - É mais fácil viajar em espírito apenas, mas, na verdade, o corpo também pode ser transportado. por aqueles que estão exercitados na sabedoria antiga...

Fiz rolar o corpo e sentei-me. Era um dia de Primavera invulgarmente quente. e Suoria tinha levado as suas alunas para o pomar de macieiras. A luz passava, em raios cintilantes, por entre as folhas novas, salpicando de ouro as túnicas de linho cru das raparigas. Wren² estava a pensar na resposta, com a cabeça inclinada para um lado, como a ave de que recebera o nome.

Podia-se sempre esperar dela que declarasse o que era óbvio e, sendo a mais nova das raparigas em iniciação em Avalon, tornara-se alvo fácil de troça. Eu tinha visto o que sucedia quando um novo membro era apresentado a uma matilha de cães de caça, e esperara que se atirassem a mim.

Mas, apesar de Ganeda não me mostrar o seu favor, eu era parente da Senhora de Avalon. Ou talvez fosse por causa do meu tamanho, porque, aos treze anos, Ailia e eu éramos tão altas como muitas das sacerdotisas adultas, ou porque Wren era um alvo tão fácil, mas era sempre a rapariga mais nova que era escolhida, sendo eu quem fazia o possível por a proteger.

- Os cristãos falam de um profeta chamado Elias que subiu ao céu num carro de fogo - disse eu vivamente. Como parte da nossa educação, tínhamos sido levadas a um serviço religioso na outra ilha.
- Ele também seria um adepto?

Sooria pareceu ficar um pouco irritada, e as outras raparigas riram-se. Estavam habituadas a considerar os cristãos de Inis Witrin como velhos tolos, embora bondosos, que murmuravam orações e tinham esquecido a sabedoria antiga. No entanto, se aquilo que eu tinha ouvido contar acerca de São José³, que era o seu fundador, fosse verdade, eles também tinham conhecido algo acerca dos Mistérios, em tempos.

- Talvez - disse Suoria com relutância. - Suponho que as leis do Mundo do Espírito são como as leis do mundo da Natureza, e não actuam de forma muito diferente nas outras terras do que actuam aqui. Mas é em Avalon que os métodos antigos são praticados e a verdade recordada. Para a maior parte dos homens, este lugar é um sonho e um rumor de magia. Tendes muita sorte em viver aqui!

Os risos esmoreceram, e as raparigas, reconhecendo que a paciência da sua professora estava a esgotar-se, ajeitaram as saias com decoro à sua volta e voltaram a sentar-se com as costas direitas.

- Recordo-me do que senti quando passei através das brumas pela primeira vez - disse eu - pois só há três anos aqui cheguei. Foi como se a minha mente estivesse a ser voltada do avesso, e o mundo mudou.

Só três anos - e, no entanto, agora era o mundo exterior que me parecia um sonho. Mesmo o desgosto que sentira pelo meu pai, que havia sido morto a lutar contra os invasores saxões, tinha abrandado. A minha hostil tia~avó era agora a minha parente mais próxima, mas as outras sacerdotisas eram bondosas para mim e, entre as jovens, Aelia era a minha grande amiga.

Suoria sorriu. - Acho que é uma boa descrição. Mas não é essa a única forma de nos movermos de mundo para mundo. Viajar da vida das tribos para Londinium é, para o espírito, uma grande jornada, e alguns daqueles que a fazem, adoecem e definham como árvores transplantadas para um solo hostil, porque as suas mentes não conseguem suportar a mudança.

Acenei afirmativamente com a cabeça. Tinha ido a Londinium diversas vezes, na minha infância, e, apesar de o príncipe Júlio Célio ter sido romano de nome e ter ensinado os seus filhos a falar latim tão bem como a sua língua-mãe, ainda me recordava do choque que tínhamos sentido ao passar pelos portões da cidade, quando o ruído da capital se erguera à nossa volta, como se tivéssemos saltado para o mar.

- Mas os nossos corpos vão à Terra das Fadas? - disse Wren, que era capaz de se agarrar a um tópico como um terrier, quando este lhe despertava o interesse.

Vendo Suoria franzir a testa, resolvi intervir de novo. - Nós sabemos que os nossos corpos sólidos estão sentados aqui, no pomar. debaixo do Tor, mas, exceptuando o facto de o tempo atmosférico ser por vezes um pouco diferente, Avalon não difere muito do mundo exterior.

- Há outras diferenças - disse a sacerdotisa - que aprendereis quando estiverdes mais avançadas na vossa iniciação. Certos tipos de magia funcionam aqui mais facilmente, porque estamos num cruzamento das linhas de poder, e por causa da estrutura do Tor.. . Mas, na maior parte dos casos. o que dizes é verdade.

- Mas a Terra das Fadas não é a mesma coisa - interveio Tuli. O tempo lá corre mais devagar, e o seu povo é mágico.

- É verdade. e, no entanto, mesmo lá, poderá habitar um mortal que esteja disposto a pagar o preço.

- Qual é o preço? - perguntei.

- Perder as graduais e suaves mudanças das estações e todo o conhecimento adquirido acerca da mortalidade.

- Isso é assim tão mau? - perguntou Roud. com os cabelos vermelhos a brilhar quando a trança descaiu para a frente. - Se se for quando se é jovem?

- Gostarias de ter ficado para sempre com nove anos de idade? perguntou Sooria.

- Quando tinha nove anos, era uma criança! - disse Roud. do alto da importância dos seus catorze anos.

- Cada idade tem os seus encantos e os seus prazeres - prosseguiu a sacerdotisa - que se perderiam se fôssemos para um local onde o tempo não tem significado. para além dos círculos do mundo.

- É claro que eu quero crescer - murmurou Roud. - Mas quem quer ser velho?

Toda a gente, pensei eu, a acreditar em Sooria. No entanto, era difícil acreditar nisso, quando eram jovens os olhos que olhavam através das árvores para o ofuscante sol sobre a água, jovens os ouvidos que escutavam a canção da cotovia quando levantava voo para os céus e jovem o corpo que se retorcia de impaciência para ir correr com Eldri pelo prado, dançar. ficar livre.

- E é por isso que, na maior parte dos casos, fazemos as nossas viagens apenas em espírito - acrescentou Sooria. - E, neste momento, os VOSSOS estão aos saltos como cabritinhos no prado. Gostaria que me fizessem o favor de focar as vossas mentes por alguns momentos, porque temos de trabalhar.

Infelizmente, pensei, não se tratava de algo tão excitante como uma viagem à Terra das Fadas. O povo de Avalon, tanto as sacerdotisas como os sacerdotes, não passava todo o seu tempo em rituais. Era preciso fiar a lã e o linho, cuidar dos jardins, reparar edifícios. Mas, pelo menos, uma parte do trabalho envolvia tanto o coração como as mãos. Agora, quando os frutos estavam a formar-se, era altura de trabalhar com os espíritos das árvores.

- Fiquem imóveis, então, e pousem sobre a terra... - Quando a sacerdotisa falou, as raparigas instalaram-se obedientemente na posição de meditação, com as pernas cruzadas como o Cornudo quando abençoa os animais.

Fechei os olhos. e a minha respiração tomou automaticamente o ritmo lento e regular do transe.

- Vede o pomar com as vossas mentes - a casca dura e macia das macieiras. o brilho das folhas quando o vento as faz mover. De seguida, começai a ver com os outros sentidos. Estendei as mãos e tocai no espírito da árvore que está diante de vós. Senti o poder que irradia dele num clarão dourado.

À medida que a sua voz suave prosseguia, dei comigo a passar para aquele estado passivo em que se formavam imagens mal ouvia as palavras. Não sabia dizer se estava a sentir ou a imaginar, apenas sabia que estava a tocar o espírito da árvore.

- Deixai o vosso próprio poder fluir - agradecei à árvore os frutos que deu. e oferecei-lhe um pouco da vossa energia para a ajudar a produzir mais...

Expeli a respiração com um suspiro, sentindo-me mergulhar cada vez mais fundo. enquanto a árvore adquiria um brilho maior. E em

breve me apercebi de que aquilo que estava a ver não era a forma de uma árvore brilhante, mas a forma cintilante de uma mulher que me estendia os braços e sorria. Por momentos, pareceu-me ver outro país para além de mim, ofuscando-me com uma beleza que chegava a ultrapassar a de Avalon. Uma alegria pulsou através do meu ser, numa onda que levou consigo toda a consciência.

Quando voltei a mim, estava deitada de costas sobre a relva. Suoria inclinava-se sobre mim. Para além da sacerdotisa, podia ver Aelia, que me observava. com o rosto pálido e preocupação no olhar.

- Tu deverias usar uma parte da tua energia... - disse Suoria severamente, endireitando-se. Brilhavam gotas de transpiração na sua testa, e perguntei a mim mesma se teria sido assim tão difícil fazer regressar o meu espírito. - Uma sacerdotisa tem de aprender não só a dar, mas a controlar o seu poder!

- Sinto muito - sussurrei. Sentia-me mais transparente do que fraca, ou talvez fosse a substância do mundo que se tomara menos espessa, porque eu podia ver um brilho que passava através do tronco da macieira.

A Primavera transformou-se em Verão, mas Sian, a filha da Senhora, continuava a sofrer. Muitas vezes, durante esses longos dias, coube-me cuidar das suas duas filhas. Eu tinha-me tornado uma especialista em contar histórias, para as distrair. De vez em quando, um dos rapazes que os Druidas estavam a exercitar, como o pequeno Haggia, juntava-se a nós.

- Nos tempos antigos, antes da chegada dos Romanos, havia um rei nas terras ocidentais, cujo povo se queixava do facto de a sua rainha não lhe ter ainda dado um filho - disse eu.

- Ela tinha uma filha? - perguntou Dierna, com os cabelos a flamejar à luz da tarde que brilhava obliquamente por entre as árvores em volta do poço sagrado. Fazia fresco ali, no final do Verão, enquanto escutávamos a doce e infundável cantilena das frias águas que brotavam da fonte sagrada.

A sua pequena irmã Becca dormia sobre uma pilha de cobertores ali perto com Eldri enroscada ao seu lado. A cadelinha crescera de mais para eu a poder transportar debaixo da túnica, mas ainda não era maior do que um gato. Com excepção do nariz preto, parecia uma bola de lã branca, ali a dormir. Haggia estava estendido de

bruços, apoiado nos cotovelos, com os cabelos castanhos a brilhar ao sol.

- Que eu saiba. não - respondi.

- Então era por isso que eles se queixavam - disse Dierna com um ar decidido. - Estaria tudo bem se tivessem tido uma filha.

Naquela tarde, Sian estava a repousar. Não chegara realmente a recuperar as forças depois do nascimento de Becca no Inverno anterior, e nenhum dos remédios de ervas de Cigfolla parecia conseguir ajudá-la. Eu sabia que as sacerdotisas mais velhas estavam preocupadas, embora não o manifestassem, o que era notório na gratidão com que aceitavam as minhas ofertas para tomar conta das duas meninas. Mas, na verdade, eu não me importava, porque Becca era esperta e irrequieta como um cachorrinho, e Dierna parecia-me a irmã mais nova que sempre desejara ter.

- Queres saber o que sucedeu ou não? - perguntei-lhe, divertida apesar de tudo.

Haggia mostrou-se desagradado, mas não era de admirar que Dierna achasse uma filha mais importante, vivendo na ilha sagrada onde os Druidas estavam sujeitos à vontade da Senhora de Avalon. Se tivesse havido um Merlim, a autoridade estaria mais equilibrada, mas o último tinha morrido pouco depois do meu nascimento, e ninguém herdara os seus poderes.

- Que sucedeu, então ? - perguntou o rapaz.

- O rei amava muito a sua rainha e disse aos conselheiros que lhe concedessem mais um ano para ter um filho. E. de facto. antes que esse ano terminasse, tiveram uma menina...

Não era assim que o bardo da corte do meu pai contava a história, mas ele não era um druida para decorar a antiga canção com todo o preceito, e dissera muitas vezes que um bardo tinha de

adaptar o seu material ao gosto da sua audiência. Encorajada pelo sorriso radiante de Dierna, continuei a inventar.

- A rainha tinha mulheres para cuidarem dela, mas elas adormeceram, e enquanto dormiam, a pequena princesa desapareceu! Quando as mulheres acordaram, ficaram aterrorizadas com medo da ira do rei. Ora, nessa mesma noite, a cadela da rainha tinha tido cachorrinhos, de modo que as mulheres pegaram em dois deles, mataram-nos e espalharam o seu sangue na boca da rainha, colocando os ossos ao lado dela, e, quando o rei apareceu, juraram que a rainha tinha comido a própria filha!

Agora, não só as crianças franziam o sobrolho, como Eldri acordara do seu sono e olhava para mim com uns olhos castanhos reprovadores, como se compreendesse cada palavra.

- Também tenho de te agradar a ti? - murmurei, perguntando a mim mesma como havia de salvar a história. - Não chores, Dierna, vai acabar tudo bem. prometo!

- A rainha morreu? - sussurrou Haggia.

- Não, não morreu, porque o rei a amava e não acreditou nas acusações, apesar de não poder provar que eram falsas. Mas foi castigada.

- Eles teriam sabido que os ossos eram de cachorrinhos. se tivessem estado em Avalon - declarou Dierna. - Mas tenho pena da cadela que perdeu os filhos - acrescentou. olhando para Eldri. como que a desculpar-se.

- Não foi a única! - disse eu, inventando rapidamente, sem me importar com a forma tradicional do conto. - No mesmo país havia um lavrador, cuja cadela dava à luz um cachorrinho todos os anos, a qual desaparecia, tal como a filha da rainha. Por isso, o lavrador ficou a pé. certa noite, para ver o que se passava... - fiz uma pausa teatral.

- Havia um monstro? - perguntou Dierna. com os olhos muito abertos.

- Havia mesmo. e o lavrador pegou no seu machado e cortou-lhe a mandíbula que tinha o cachorrinho bem agarrado, e depois começou a perseguir o monstro que fugia. Não conseguiu apanhá-lo. mas. quando voltou ao celeiro, sabem o que encontrou?

- O resto dos cachorrinhos? - exclamou Haggia.

Eldri soltou um ladrido de aprovação e eu alterei mais uma vez a história. - Não só lá estavam os cachorrinhos, como também, ao lado deles, uma linda menina embrulhada num pano bordado, e que se parecia muito com a rainha!

- E levaram-na à sua mãe, não levaram. e todos ficaram muito felizes... - Dierna agitava-se de satisfação, ao relatar o seu próprio final para a história. - E os cachorrinhos também, e cresceram todos juntos. como tu e a Eldri!

Acenei afirmativamente com a cabeça, rindo, enquanto a cadelinha saltava para o colo de Dierna, lambendo-lhe o rosto entusiasticamente. A menina caiu para trás. e criança e cadela começaram a rolar pela relva. Com tal barulho, Becca começou a mexer-se e eu peguei nela ao colo.

- É assim que cumpres o que te foi confiado?

Erguei o olhar, alarmada, pestanejando para ver a figura escura que se erguia entre mim e o Sol. Pus-me de pé com dificuldade, sem largar a bebé, e apercebi-me de que se tratava de Gameda, cujas feições gastas se contorciam num esgar de reprovação. Mas aquilo não era novidade para mim. A suma sacerdotisa franzia sempre o sobrolho ao olhar para a filha da sua irmã.

- Olha para elas... que vergonha! Dierna! Larga já esse animal sujo!

Pestanejei ao ouvir tal coisa, porque o pelo encaracolado da Flor brilhava como um velo lavado ao sol. A cadela deteve-se primeiro, e só depois a criança, com o riso a morrer-lhe no rosto ao erguer o olhar para a avó.

- Põe-te de pé! Tu és a herdeira de Avalon! E tu, meu rapaz... volta para o Lado dos Homens. Não tens que fazer aqui!

Ergui uma sobrancelha. Dierna pertencia à família da sacerdotisa, claro. mas eu também. E as sumas sacerdotisas. como os imperadores romanos. eram escolhidas pelos seus seguidores na base do mérito, não do sangue. "Ela quer governar Avalon mesmo depois de ter morrido". pensei. "e se a filha morrer deporá o fardo sobre os ombros desta criança"...

- Sim, avó - disse Dierna, pondo-se de pé e sacudindo as folhas da túnica. Haggia já estava a afastar-se. esperando ter desaparecido antes que acontecesse o pior.

Por momentos, Eldri olhou, furiosa, para a suma sacerdotisa, depois trotou pela relva e, muito deliberadamente, urinou debaixo de uma árvore. Tive que morder o lábio para me impedir de rir. quando Ganeda olhou para ela.

- É hora de Sian amamentar a bebé. Eu levo as crianças agora.

Com dificuldade, separei os minúsculos dedos de Becca do decote da minha túnica e entreguei-a à velha. Ganeda começou a subir a colina. e Dierna, depois de lançar um olhar desgostoso por cima do ombro. seguiu atrás dela. Enquanto as via partir, senti um nariz frio contra a minha perna. Peguei na cadelinha e acariciei-a.

- Sinto muito que tenhas perdido a tua companheira de brincadeiras - disse suavemente, mas, na verdade, era de Dierna que sentia mais pena. e pela criança nada havia que eu pudesse fazer.

De quando em quando, chegavam peregrinos a Avalon que traziam notícias do mundo para além das brumas. O Imperium

Galliarum estabelecido por Póstumo no ano em que eu viera para Avalon incluía agora a Hispânia. bem como a Gália e a Britânia, e parecia não haver muito que o imperador Galieno, acossado por uma série de pretendentes nos outros sectores do seu império, pudesse fazer para reafirmar a sua autoridade. Tinha sido Póstumo, não Roma, a nomear Octávio Sabino para governar a Britânia Inferior. Corriam boatos de que ele estava a reconstruir algumas das fortalezas que tinham entrado em decadência quando as tropas que as defendiam foram enviadas para apoiar a força romana enfraquecida no Continente, mas não havia nisso grande urgência, porque o Norte estava tranquilo havia algum tempo.

Na verdade, embora parecesse que, em cada ano, a Gália sofria a incursão de uma nova raça de bárbaros, a Britânia parecia envolvida numa paz encantada, como se as brumas tivessem rolado para o exterior, separando-a do mundo. As colheitas eram boas, e as tribos do Norte permaneciam pacificamente do seu lado da Muralha. Se as regiões ocidentais do Império Romano tivessem de ficar para sempre separadas das restantes, na Britânia, pelo menos, ninguém parecia disposto a lamentá-lo.

Destes acontecimentos, apenas chegavam rumores a Avalon. Ali, a passagem do tempo era marcada pelos grandes festivais que honravam a chegada das estações, celebradas ano após ano com uma eterna e invariável simetria. Mas, a cada Inverno que passava, Gameda parecia ficar mais grisalha e curvada, e as raparigas que dormiam na Casa das Donzelas floresciam em cada Primavera, prestes a tornar-se mulheres.

Certa manhã, logo a seguir ao equinócio, fui acordada por uma dor surda no ventre. Quando me levantei e despi a túnica de dormir, descobri na saia a mancha viva da minha primeira menstruação.

A minha primeira reacção foi de grande alívio e satisfação, porque Heron e Roud já tinham feito a sua passagem, apesar de serem mais novas do que eu. Mas elas eram pequenas, lustrosas e de formas arredondadas, ao passo que o meu crescimento tinha ido para os meus longos membros. Cigfolla dissera-me que não me preocupasse, que as raparigas mais anafadas amadureciam primeiro e ganhavam ainda mais carne na meia-idade.

- Quando passares dos trinta anos e ainda tiveres a linha da cintura, sentir-te-ás grata por seres esguia - disse-me ela. - Verás.

Mas eu era agora a rapariga mais alta da Casa das Donzelas e, se os meus seios não tivessem começado a crescer, teria começado a pensar se não deveria ir viver com os rapazes que os Druidas estavam a exercitar no outro lado da colina, em vez de viver do lado

das sacerdotisas. Até mesmo Aelia, que tinha uma figura parecida com a minha, começara a ter períodos um ano antes.

Sabia o que devia fazer - Heron e as outras tinham-mo explicado pressurosamente. Sabia que estava coberta de rubor, mas consegui falar com naturalidade quando fui pedir a Ciela o musgo absorvente e os panos que tinham sido sucessivamente lavados até ficarem muito macios, com os quais poderia prendê-lo.

Suportei o melhor que pude as felicitações das outras mulheres, perguntando a mim mesma quanto tempo iria Ganeda fazer-me esperar pelo meu ritual. O amadurecimento do corpo era apenas uma marca exterior. A transformação interior de criança em mulher seria confirmada pelo meu rito de passagem.

Vieram buscar-me à hora tranquila após a meia-noite, quando apenas aquelas que faziam a vigília da Deusa estavam acordadas. Eu estava a sonhar com água a correr. Quando o capuz me cobriu a cabeça, o sonho tornou-se um pesadelo de afogamento. Durante uns momentos de pânico, lutei contra a mão que me cobria a boca, mas depois, recuperando a consciência, reconheci o odor da lavanda que as sacerdotisas guardavam com as suas túnicas, e percebi o que estava a suceder.

No ano anterior, tinha sido Aelia a faltar na sua cama quando a trompa nos acordara para saudar o Sol nascente, e depois Heron. Tinham-nos sido devolvidas, pálidas de fadiga e cheias de segredos, para a celebração dessa noite, e nem com ameaças nem com rogos haviam sido levadas a contar às não iniciadas o que tinha sucedido.

Mas, para além de reforçar um sentido de superioridade que já me parecia excessivo, o que lhes tinha acontecido não parecia ter-lhes causado dano. Forcei os meus membros a descontraírem-se. Escutei o princípio de um rosnido de Eldri, que dormia sempre na curva do meu braço, e empurrei a cadelinha para o interior da roupa da cama, acariciando o seu pelo macio até a tensão desaparecer.

"Gostaria que fosses comigo", pensei, "mas tenho de fazer isto sozinha"... Sentei-me na cama e permiti que as minhas raptoras invisíveis me ajudassem a sair, me embrulhassem numa capa quente e me levassem dali.

O cascalho rangia debaixo dos meus pés e percebi que tomávamos o caminho que levava ao Lago. Senti o odor húmido do pântano e ouvi o vento sussurrar nos canaviais, perguntando a mim mesma, por um momento, se tencionavam fazer-me atravessar a água até a uma das outras ilhas.

Por várias vezes, a minha escolta mudou de direcção, fazendo-me rodar até a minha cabeça girar, e apenas uma mão firme no meu ombro me impedir de cair. Instintivamente, ergui uma mão para o capuz, mas alguém me impediu de o erguer.

- Não tentes ver - disseram-me ao ouvido, num sussurro severo.

Os teus pés seguem o caminho de um futuro que não podes conhecer. Deves percorrer esse caminho sem olhar para trás para a tua infância, confiando na sabedoria daquelas que já o percorreram, para que te guiem. Compreendes?

Acenei afirmativamente com a cabeça, aceitando a necessidade do ritual, mas sempre tinha tido um excelente sentido de orientação

e, quando as vertigens passaram, senti o poder do Tor à minha direita, como um pilar de fogo.

Começámos então a subir, e a minha pele arrepiou-se ao contacto com o ar frio e húmido. Ouvei o gorgolejar musical da água, e a pequena procissão deteve-se quando alguém abriu um portão. Estava a ouvir a corrente que brotava da Fonte de Sangue no sopé do Tor, pensei então. Saber onde me encontrava fez com que me sentisse um pouco menos vulnerável. Tentei convencer-me de que era o frio que me fazia tremer.

Subitamente, através do tecido grosseiro do capuz, vislumbrei o clarão vermelho de tochas. O capuz foi-me arrancado e constatei que acertara, visto que nos encontrávamos diante do portão da cerca em volta do poço. Mas tudo parecia estranho. Estava rodeada por mulheres veladas, anónimas sob a luz tremeluzente. A mais pequena delas segurou-me no braço. Tiraram-me a capa e a fina túnica de dormir, deixando-me nua diante delas, tremendo sob o ar frio.

- Nua vieste ao mundo - disse a mesma voz áspera que falara antes. - Nua terás de fazer a passagem para a tua nova vida.

A que me segurava puxou-me para trás. Calculei que fosse Heron, pela sua estatura. Devia ser responsabilidade da iniciada mais recente guiar a seguinte. As outras mulheres formavam uma linha entre mim e o portão, umas atrás das outras, com as pernas afastadas.

- Por esta passagem vieste ao mundo. Passa pelo túnel do nascimento e renasce...

- Tens de rastejar por entre as pernas delas até ao portão - sussurrou Heron. fazendo-me baixar.

- Através desse túnel chegaste ao círculo das mulheres. Por essa passagem entrarás num novo mundo.

Mordendo os lábios ao sentir o cascalho enterrar-se nos meus joelhos, comecei a gatinhar. Senti o tecido áspero das capas de lã e a suavidade das túnicas de linho roçarem pelas minhas costas. Quando passei entre as coxas das sacerdotisas, uma pele macia roçou pela minha e senti o odor almiscarado da sua feminilidade, atordoador como incenso. Foi um choque emergir do calor daquele túnel de carne para o ar frio do jardim atrás delas.

O portão estava aberto. A minha gula fez-me passar por ele e as outras mulheres seguiram-nos, afastando-se para ambos os lados. A última a entrar fechou o portão atrás de mim. A luz dos archotes avermelhava as águas paradas do poço.

Uma figura alta destacou-se do grupo, tapando-me a visão das outras. A figura era a de Cigfolla, mas pareceu-me mais alta, e a sua voz tinha a ressonância sobrenatural dos rituais.

- Chegaste ao templo da Grande Deusa. Para que saibas. ela toma tantas formas quantas toma a feminilidade, e, no entanto. é singular e suprema. Ela é eterna e imutável, e, no entanto, apresenta-se-nos com uma forma diferente em cada estação. É Virgem, para sempre intocada e pura. É Mãe, a Fonte de Tudo. Ela é a antiga Sabedoria que perdura para além do túmulo. Eilan, filha de Rian, estás pronta a aceitá-la em todas as Suas formas?

Umedeci os lábios, subitamente secos, mas agradou-me escutar a minha voz firme e clara.

- Sim.. .

As sacerdotisas ergueram s braços em invocação.

- Senhora, estamos aqui para receber Eilan, filha de Rian, no nosso círculo e instruí-la nos mistérios da feminilidade. Ouve-nos, ó Única! Que as nossas palavras expressem a Tua vontade tal como os nossos corpos apresentam a forma da Tua divindade, pois comemos, bebemos, respiramos e amamos em Ti...

- Assim seja... - foi o murmúrio de assentimento de todo o círculo, e senti que começava a descontrair-me.

Heron envolveu-me de novo na capa e empurrou-me para diante. Tinham sido dispostas três cadeiras no outro lado do poço. As outras sacerdotisas tinham-se descoberto, mas as três entronizadas estavam ainda envoltas nas pregas de fino linho, uma de branco, outra de preto e a do meio de vermelho. Aelia estava sentada em frente do círculo; ao cruzar o olhar comigo, sorriu-me.

- Filha da Deusa, deixaste para trás a infância - disse Heron, com a entoação cuidadosa de quem repetia palavras recentemente aprendidas. Aprende agora como serão as estações da tua vida.

Ajoelhei-me diante da sacerdotisa que usava o véu branco. Por momentos. fez-se silêncio. Depois o fino tecido estremeceu quando aquela que o usava se riu. O som do seu riso era doce e cristalino como um repique de sinos prateados. e eu estremecei, sentindo que estava ali algo mais do que uma sacerdotisa humana.

- Eu sou a flor que desabrocha no ramo - disse a Donzela.

A sua voz era suave, cheia de doces promessas. tão familiar para mim como a minha própria voz, apesar de estar certa de nunca a ter ouvido. Escutá-la era como escutar a canção da minha alma, e sabia que aquela era realmente a Deusa.

Eu sou o crescente que coroa o céu. Eu sou a luz do Sol que cintila na onda e a brisa que arqueia as ervas novas. Homem algum jamais Me possuiu, e todavia sou o fim de todo o desejo. Eu sou a Caçadora e a Sabedoria Sagrada, Espírito da Inspiração e Senhora das Flores.

Olha para a água e nela verás o meu rosto espelhado, porque Me pertences...

Fechei os olhos, invadida pela imagem do Lago, semivelado por uma névoa prateada de chuva. Depois as nuvens afastaram-se. Na margem estava um jovem, cujo cabelo brilhava como os raios de sol e, perto dele, vi-me a mim mesma. com os cabelos longos, pelo que percebi que aquilo se passava no futuro. Dirigi-me para ele, mas,

quando estendi a mão para tocar na sua, a cena mudou. Agora estava a ver a luz duma fogueira de Beltane numa árvore coroada de flores. Homens e mulheres dançavam loucamente à sua volta, e, entre eles, vi o mesmo jovem, com os olhos a brilhar de exaltação, quando uma figura velada que eu sabia ser a minha era conduzida por sacerdotisas coroadas de flores. Depois ele arrebatou-me nos seus braços.

Agora estávamos no caramanchão sagrado. Ele retirou o véu da donzela e vi o meu rosto, a brilhar de alegria. Avistei o crescente da Lua por entre as folhas novas⁴, e depois a cena dissolveu-se numa chuva de estrelas, e eu era eu de novo. com os olhos erguidos para o Mistério oculto pelo véu branco.

- Eu escuto-te - sussurrei com voz trémula. - Eu sirvo-te.

- Juras entregar a tua virgindade apenas ao homem que eu escolher para ti, segundo os ritos sagrados de Avalon?

Olhei-a. perguntando a mim mesma se aquilo seria uma experiência, pois a Senhora acabara de me mostrar o homem que eu estava destinada a amar. Mas a voz perdera a sua doçura sobrenatural e pensei que talvez a Deusa tivesse partido de novo. No entanto, sabia que era exigido aquele voto a todas as que serviam como sacerdotisas de Avalon.

- Juro - disse com entusiasmo. porque, mesmo naquele relance da visão, a minha alma começara a ansiar pelo jovem que tinha visto.

- Está bem - disse a Donzela, mas há Outra que deverás ouvir... Voltei-me para a segunda figura. cujo véu vermelho brilhava sob a luz dos archotes.

- Eu sou o fruto que cresce nos ramos. Eu sou a Lua cheia que governa o céu... - Aquela voz era dourada, poderosa como o ronronar de um grande felino. doce como o mel e reconfortante como o pão acabado de cozer.

Eu sou o Sol em todo o seu esplendor e o vento quente que amadurece o grão. Entrego-me na altura e na estação própria, e produzo abundância.

Eu sou Amante e Mãe, dou à luz e devoro, Eu sou a amante e a amada, E um dia pertencer-Me-ás...

Ao escutar a sua voz, compreendi que era também a Deusa, e curvei a cabeça respeitosamente. E, nesse gesto de aceitação, a visão veio até mim uma vez mais.

Estava num barco mercante romano, navegando com todo o velame. Atrás de mim ficava o brilho prateado do mar, mas o barco dirigia-se para a foz de um poderoso rio que se tinha ramificado em muitos canais através da planície costeira. Ao meu lado estava o homem que me cortejara, com os olhos fixos no horizonte. A cena mudou: eu estava grávida e depois encostava o bebé ao meu peito, um rapaz robusto e saudável com cabelos louros. O choque da sensação de quando o bebé mordiscou o meu mamilo fez-me regressar ao meu corpo.

- Eu escuto-te - sussurrei - e, quando chegar a estação, servir-te-ei.

- Assim será - respondeu a Dama - mas há Outra que deves escutar...

Estremeci, quando se moveu o véu negro que ocultava a terceira figura.

- Eu sou a noz que pende do ramo sem folhas - disse num sussurro que parecia o roçar dos ramos nus ao vento de Inverno.

Eu sou o quarto minguante, cuja foice colhe as estrelas. Eu sou o Sol quando está no poente e o vento frio que prenuncia as trevas, Estou madura de anos e de sabedoria; vejo todos os segredos para além do Véu. Eu sou Bruxa e Rainha das Colheitas, Feiticeira e Sábia, e um dia tu hás-de pertencer-Me...

Aquele sussurro era como um vento que me fez sair de novo da minha consciência. Vi-me mais velha, com as roupas rasgadas e as faces molhadas de lágrimas, olhando uma pira funerária. Por momentos, as chamas abriram-se, e pude ver o homem dos cabelos louros. Ao sentir a dor daquele reconhecimento, a cena mudou para um salão feito de mármore e ouro onde eu me encontrava, usando um diadema e uma túnica de púrpura.

Mas, antes que eu pudesse imaginar o que fazia ali, a cena mudou uma vez mais e vi-me vestida de negro, a caminhar por uma costa arenosa junto ao mar. Desviei o olhar do implacável brilho do sol na água para uma paisagem de rochedos nus com a severa e sóbria beleza dum crânio. Encheu-me de medo, mas sabia que era para ali que devia ir.

E nessa altura acordou dentro de mim uma saudade das neblinas frias e das colinas verdes do meu país, e de novo voltei a mim mesma, sentada na relva ao lado do poço sagrado.

- Tu és a Deusa - sussurrei - e eu obedecer-Te-ei. Mas deixa-me terminar a minha vida aqui, em Avalon...

- Pedes compaixão? - perguntou a figura velada de negro.- Não tenho compaixão... só necessidade. Não podes fugir-me, porque eu sou o teu destino.

Deixei-me cair, tremendo, mas, misericordiosamente, a Mulher Sábia não voltou a falar.

Eu não tinha tomado consciência da passagem do tempo, mas o céu estava a empalidecer, e sentia-se no ar o frio húmido que prenuncia a alvorada.

- Estiveste perante a Deusa - disse Cigfolla - e Ela aceitou os teus votos. Purificada, farás a tua vigília, e, quando o dia chegar, regressarás à comunidade para seres honrada numa celebração. A tua nova vida começa com o nascer do Sol.

Heron ajudou-me a erguer-me, e todas as mulheres se dirigiram para o lago abaixo da fonte sagrada. Enquanto o céu clareava, cercaram-no num círculo protector. Heron arrancou-me a capa e, enquanto eu aguardava, tremendo de frio, começou a despir também a sua túnica. As outras donzelas e as sacerdotisas mais jovens faziam o mesmo, e senti um momento de satisfação ao constatar que não era eu a única com pele de galinha.

Apercebi-me então pela primeira vez de que as aves cantavam. num coro triunfante, a chamar o Sol, dos ramos das macieiras. A névoa corria rente ao chão e suspendia-se dos ramos, mas, mais acima, já rareava, e os archotes quase apagados ardiam palidamente no ar que clareava. Momento a momento, o mundo ia-se tornando mais visível, como se só agora decidisse manifestar-se. Lentamente, a suave encosta do Tor emergia da neblina invadida pela luz rosada.

Tudo começava a iluminar-se. Heron pegou-me no braço e levou-me para o lago. As outras jovens seguiram-nos, com conchas nas mãos. Arquejei, quando a água fria me tocou na pele, e de novo quando o globo ardente do Sol se ergueu subitamente no horizonte, refractando-se em cada gota de neblina e em cada círculo da água

com um clarão de luz rosada. Ergui os braços em adoração, e vi a minha carne pálida tornar-se radiosa.

Heron recolheu água nas mãos e derramou-a sobre mim, mas o fogo que havia no meu interior acolheu com prazer a sua chama gelada.

- Que a água que é o sangue da Senhora te purifique - ergueu-se um murmúrio de vozes, enquanto as outras jovens a imitavam. - Que a água arraste consigo todas as manchas. Que dissolva tudo o que oculta o teu verdadeiro eu. Mantém-te imóvel e deixa a água acariciar o teu corpo, porque da água que é o Ventre da Deusa estás a renascer.

Deixei-me cair dentro da água e as madeixas dos meus cabelos soltos flutuaram à superfície, brilhando como os raios do Sol. Uma parte da minha mente sabia que a água estava fria, mas todo o meu corpo estava dormente como se me banhasse em luz; podia sentir cada partícula da minha carne a transformar-se.

Durante um momento infinito flutuei na água. Depois senti-me erguida por umas mãos suaves e emergi para a luz do dia.

- Ergue-te agora, Eilan, purificada e brilhante, revelada em toda a tua beleza. Ergue-te e toma o teu lugar entre nós, Donzela de Avalon!

CAPÍTULO TRÊS

265 d. C.

Estávamos no fim do Verão e eu aparava a sebe de aveleiras quando algo me picou a barriga da perna. Voltei-me sobressaltada, procurando instintivamente atingir o que me atacava com o ramo que acabava de cortar.

- Ah. ah Dierna recuou, a dançar, agitando os ramos que acabava de retirar da pilha no chão. - Apanhei-te!

Os cabelos de Dierna, agora com oito anos. ardiam como um archote. A pequena Becca, de dois anos de idade. caminhava, hesitante, atrás dela. Estendi a mão para a amparar enquanto Dierna fugia uma vez mais. e depois corri atrás dela, brandindo o meu ramo ameaçadoramente, embora deva ter estragado o efeito com as minhas gargalhadas.

- Estás a tomar conta da Becca hoje? - perguntei quando as três nos deixámos cair, sem fôlego, sobre a relva.

- Penso que sim - respondeu a menina. - Ela segue-me por toda a parte...

Acenei afirmativamente com a cabeça. Tinha ouvido as conversas das sacerdotisas mais velhas e sabia que Sian ainda se fatigava facilmente. Era inevitável que recaísse sobre Dierna grande parte da responsabilidade pela sua irmãzinha.

Sian não parecia sentir dores, mas as suas forças desvaneciam-se, mês após mês. e nem sequer se recuperavam quando a Lua voltou a mostrar-se cheia. Ganeda nada dizia. mas havia novas rugas no seu rosto. Dei comigo a sentir pena dela. mas eu era a última pessoa de quem a minha tia aceitaria compaixão.

Muito antes de me sentir com forças para me erguer de novo, já Dierna se pusera de pé para correr atrás de Becca, cujas pernas robustas a levavam pelo caminho fora.

- Há patinhos nos canaviais! - exclamou Dierna. - Vem connosco vê-los!

- Quem me dera poder ir - respondi-lhe - mas prometi acabar esta sebe antes do jantar.

- Estás sempre a trabalhar! - queixou-se Dierna. Voltou-se, viu Becca a desaparecer numa esquina e correu atrás dela.

Por momentos fiquei a ver os cabelos vermelhos unirem-se aos castanhos e as duas dirigirem-se para o Lago, que cintilava à luz da tarde. Depois suspirei e regresssei ao trabalho.

Quando era pequena, sentia inveja dos exercícios guerreiros dos meus meios-Irmãos. Naqueles tempos, brandir um ramo partido para atacar um guarda sorridente tinha sido o meu jogo favorito. Eles contavam-me histórias de Boadiceia, cujos exércitos tinham outrora feito tremer os Romanos, e chamavam-me a sua princesa guerreira. Mas os meus irmãos sorriam com superioridade masculina e garantiam-me que os exercícios que faziam eram excessivamente difíceis para uma simples rapariga.

Por vezes, quando recordava esses dias, perguntava a mim mesma se os meus irmãos suportariam a educação que eu estava a receber. Nos três anos que se tinham passado desde a cerimónia

que me acolhera à idade adulta, os meus dias tinham sido regulados pela iniciação para sacerdotisa. Na verdade, ainda partilhava algum trabalho e aulas com as raparigas mais jovens e as donzelas que tinham sido enviadas para Avalon para aprender algo dos costumes antigos, antes de regressarem para se casar. Mas agora tinha também um outro treino, e deveres adicionais.

As raparigas destinadas a serem sacerdotisas juntavam-se aos rapazes que estavam a ser exercitados pelos Druidas, para decorar infinitas listas de nomes e dominar os complicados símbolos e correspondências pelos quais o significado podia ser enriquecido, ou disfarçado. Fazíamos corridas em volta da ilha sagrada, porque se defendia a ideia de que era necessário um corpo vigoroso para suportar uma mente sã. Erámos treinados no uso correcto da voz e ensaiávamos um coro para as cerimónias. E, com as sacerdotisas iniciadas, as donzelas faziam turnos para cuidar do fogo do altar que era o coração de Avalon.

Fazer vigílias no templo e alimentar a pequena fogueira não era um trabalho fisicamente exigente. Mas, embora se encorajasse a meditação durante a vigília, o sono estava proibido. Eu gostava de me sentar sozinha na cabana redonda de tecto de colmo na Ilha das Donzelas. a observar as chamas saltitantes, mas agora, ao calor preguiçoso da tarde, a minha necessidade de dormir começava a fazer-se sentir. Dei comigo a cabecear o a olhar estupidamente para o ramo de aveleira que tinha na mão.

"Mais vale parar, antes que corte os dedos!", pensei, pestanejando, e curvei-me para pousar a faca de podar no chão. A sebe era antiga e, diante de mim, os ramos retorcidos formavam um encosto natural. Enrosquei-me, encostada à sebe e os meus olhos fecharam-se de imediato.

Os meus lábios moveram-se sem som. "Abriga-me por um pouco, irmã aveleira, que já acabo de te aparar os cabelos ... "

Nunca cheguei a saber se tinha sido algum som vindo de baixo ou um sussurro da sebe que me acordou. Por momentos, ainda atordoada pelo sono, não consegui perceber por que motivo o meu coração batia tão alarmado.

As sombras tinham-se alongado um pouco, e a tarde estava quente e parada. Avistei os cabelos vermelhos de Dierna perto dos canaviais ao longo da margem - deviam estar ambas a observar os patinhos. E então, um movimento mais próximo atraiu o meu olhar.

Becca estava a gatinhar pelo tronco de um velho carvalho que se inclinara para a água durante a última tempestade.

Pus-me de pé de um salto. - Becca! Para!

Por momentos, pensei que a menina me tivesse ouvido, mas detivera-se apenas para agarrar qualquer coisa no Lago. Depois prosseguiu o seu caminho.

- Becca. para! Segura-te! - gritei, enquanto descia a encosta a galope. Dierna estava agora de pé, mas a linha da costa descrevia uma curva e ela estava muito distante. Poupei o resto do fôlego para correr. Vi a criança pôr-se de pé, estender uma mão para a água com um grito de alegria, e cair.

Senti um frémito de espanto por o tempo, que momentos antes parecia arrastar-se interminavelmente, estar agora a passar velozmente. Becca tinha desaparecido abaixo da superfície. Corri pela relva e pelos arbustos e dei comigo a esbracejar no meio dos

baixios, estendendo os braços para a criança que veio à superfície, agitando os braços. Tomei-a nos meus.

Becca teve um soluço, tossiu, expelindo água, e depois começou a berrar.

Num instante, segundo me pareceu, estávamos rodeadas por sacerdotisas. Entreguei a criança à pequena e escura mulher do Lago que tinha sido trazida para Avalon para a amamentar, e suspirei de alívio quando o som dos gritos de Becca esmoreceu. Mas, no momento seguinte, apercebi-me de que havia mais alguém a gritar.

Dierna estava acororada no chão, choramingando, enquanto Ganeda a repreendia com uma violência tanto mais chocante quanto o seu corpo estava rígido como pedra. Apenas os cabelos, escapando-se das tranças encaracoladas, se agitavam e tremiam. Fiquei a olhá-los, como se esperasse que irrompessem em chamas.

- Compreendes? A tua irmã podia ter-se afogado! E com a tua pobre mãe doente... queres matá-la também, destruindo-lhe a filha?

"Ela está preocupada com Sian", disse a mim mesma, mas até mesmo as outras sacerdotisas pareciam chocadas com a virulência do tom de voz de Ganeda.

Dierna abanava a cabeça, roçando a face pela terra numa agonia de negação. Por baixo das sardas, o seu rosto estava branco como um osso.

Tal como o medo me movera a salvar Becca, a compaixão forçou-me a agir de novo. Um rápido passo deixou-me ao lado de Dierna. Curvei-me, envolvendo a criança nos braços. como se o ataque de que pretendia protegê-la fosse físico.

- Ela não fez por mal! Estava a brincar... é responsabilidade de mais para uma criança tão pequena! - Ergui o olhar para a suma sacerdotisa, começando a tremer quando o seu olhar furioso se cravou em mim. Por vezes perguntava a mim mesma se a minha falecida mãe se pareceria com a irmã - esperava sinceramente que Rian nunca tivesse tido o olhar que Ganeda tinha naquela altura.

- Ela tem de aprender a ser disciplinada! Pertence à linha sagrada de Avalon! - exclamou Ganeda.

"Também eu. Tia... também eu!", pensei, mas sentia a boca seca, devido ao medo. "Em tempos tive esperanças de que viesses a amar-me, mas não me parece que saibas amar!"

- Afasta-te dela antes que eu me esqueça da gratidão por teres salvado a criança. Não podes colocar-te entre Dierna e o castigo que merece!

Dierna arquejou e agarrou-se à minha cintura. Apertei-a com mais força, olhando, desafiadoramente, para a velha.

- Ela só tem oito anos! Se a aterrorizas dessa maneira, como poderá compreender?

- E tu tens dezasseis anos! - silvou Ganeda. - Pensas que tens a sabedoria da Senhora de Avalon? Devias ter ficado com o teu pai em terras romanas!

Abanei a cabeça. Eu nascera ali! Mas Ganeda preferiu aceitar o meu gesto como submissão.

- Gwenlis, leva a criança!

Uma das sacerdotisas mais novas avançou, olhando com indecisão para a suma sacerdotisa. Por momentos resisti, mas depois ocorreu-me que, quanto mais depressa Dierna fosse afastada da ira da avó, melhor seria. Dei-lhe um rápido abraço e entreguei-a aos braços de Gwenlis.

- E fecha-a no armazém! - prosseguiu Ganeda.

- Não! - exclamei. pondo-me de pé de novo. - Ela vai sentir medo!

- Tu é que devias sentir medo! Não te oponhas à minha vontade. senão terei de te fechar também com ela!

Sorri. porque já tinha passado por momentos piores durante a minha iniciação.

Ganeda deu um passo na minha direcção, furiosa. - Não penses que não reparei que andas a estragar essa criança, interferindo com a minha disciplina, tentando roubar-me o seu afecto!

- Não preciso de fazer isso! Conseguirás sozinha que ela te odeie, tratando-a dessa forma!

- Não terás mais contactos com Dierna no futuro, estás a compreender? Nem com Becca sequer! - A ira de Ganeda tomara-se subitamente fria e, pela primeira vez, senti medo. - Ouvi-me todas, sede testemunhas...

A summa sacerdotisa voltou-se para as outras, com um olhar gelado. - É esta a vontade da Senhora de Avalon!

Mesmo antes de Ganeda ter acabado de falar, já eu tinha decidido desafiá-la. Mas uma ordem severa enviou-me de novo para a colina, a fim de acabar de aparar a sebe, e só quando chegara a hora da tranquilidade, depois de cair a noite, quando a gente de Avalon se reunia para a refeição da noite, pude abrir a porta do barracão de armazenagem sem ser observada.

Deslizei rapidamente para o seu interior e tomei nos braços a criança que tremia.

- Eilan? - A menina agarrou-se a mim, fungando. - Aqui está frio e escuro e acho que há ratos...

- Bom, então tens de falar com o Espírito do Rato e pedir-lhe que os afaste de ti - disse eu, encorajadoramente.

Dierna estremeceu e abanou a cabeça.

- Não sabes como é? Vamos fazê-lo juntas, então, e prometer-lhe comida para o seu clã...

- Ninguém me trouxe comida - sussurrou a menina. - Tenho fome.

Felizmente a escuridão ocultou a minha raiva. - Tens? Bom, talvez eu possa trazer-te uma parte do meu jantar e oferecê-lo também ao Espírito do Rato. Pomos a comida lá fora e pedimos-lhe que leve o seu povo para lá...

Com um suspiro de alívio. senti a criança começar a descontraír-se nos meus braços. e iniciei a litania familiar da respiração e descontraicção que nos poria em contacto com o Outro Mundo.

Tinha-me esquecido de que, depois do jantar, se contavam histórias. O pão e o queijo faziam um volume desajeitado por baixo do meu xalle. mas mesmo quando fui às privadas havia gente de mais à minha volta para me conseguir escapar. Decerto dariam pela minha falta se tentasse sair nessa altura, e a minha ausência atrairia precisamente o tipo de atenção a que pretendia furtar-me.

O longo corredor estava iluminado com archotes. e ardia fogo na lareira, pois logo no princípio do Outono as noites eram frias. Mas

não podia deixar de imaginar como Dierna se sentiria. sozinha na fria escuridão.

No primeiro dia da semana, as histórias contadas no salão de Avalon falavam dos deuses. Por aquela altura já tinha ouvido a maior parte delas, mas, quando me forcei a escutar o druida que estava a falar, apercebi-me de que ainda não conhecia aquela.

- A nossa antiquíssima sabedoria ensina-nos que "Todos os deuses são um só Deus e todas as deusas uma só Deusa. e que há um Iniciador". Mas que quer isso dizer? Os Romanos dizem que todos os deuses são o mesmo, só que os diferentes povos lhes chamam nomes diferentes. Assim, dizem que Cocidius e Belatucadros são o mesmo que o seu Marte, e dão a Brigantia e Sulis o nome da sua deusa Minerva.

É certo que essas deidades se ocupam mais ou menos das mesmas coisas. Mas nós ensinamos que elas são como pedaços de vidro romano colocados uns atrás dos outros. No lugar onde todos os deuses são Um só, todas as cores estão contidas na luz pura do céu. Mas quando essa luz branca passa através de um pedaço de vidro, mostra uma cor, e uma segunda quando embate noutra, e só quando o vidro se sobrepõe vemos um terceiro tom que partilha ambos.

É a mesma coisa com este mundo, onde os deuses mostram à humanidade uma multitude de rostos. Para o olhar não informado, essas coisas podem parecer todas iguais, mas a visão é, muitas vezes, matéria daquilo que aprendemos a ver...

Pestanejei, perguntando a mim mesma que mais poderia ser aplicado por aquela filosofia. Tinha tido que aprender a reconhecer a aura que rodeia cada coisa viva, e a ler os sinais das mudanças do tempo pelas nuvens. Ainda não era tão bom como ler nos rostos, embora o sobrolho carregado da minha tia exigisse pouca interpretação. Sub-repticiamente, certifiquei-me de que a comida embrulhada no meu xalle não tinha escorregado, desejando ter podido ensinar Dierna a ver através das trevas. No entanto, naquela noite a Lua estava quase cheia e as paredes de vime entrelaçado do barracão deveriam deixar passar a luz.

- E há alguns deuses para os quais os Romanos não têm qualquer analogia. Dizem que é Mercúrio das encruzilhadas que guia o viajante. Mas nós temos uma deusa que vigia os caminhos do mundo, e cremos que ela estava aqui ainda antes de os Britânicos virem para esta terra. Chamamos-lhe Elen dos Caminhos.

Endireitei-me, porque aquele nome estava muito próximo do nome pelo qual ali me chamavam - Ellan...

- De corpo, é alta e forte - prosseguiu o bardo-sacerdote - e diz-se que gosta dos bons cães e das árvores antigas. Todos os caminhos que os homens percorrem estão sob a sua protecção, tanto os caminhos de terra como os do mar. Os mercadores suplicam a sua protecção e, por onde ela passa, as colheitas crescem mais.

Talvez tivesse sido ela que ensinou aos nossos antepassados o caminho através do mar até esta ilha, e é decerto ela que nos ensina a atravessar em segurança os pântanos que rodeiam Avalon, porque acima de tudo ela ama os locais onde as águas se misturam com a terra. Também a invocamos quando procuramos viajar entre os mundos, porque ela é a Senhora dos Caminhos Ocultos. ..

Recordei-me de como a realidade desaparecera à minha volta quando passáramos através das brumas de Avalon. Decerto era esse um dos caminhos que Elen governava. Aturdida pela recordação,

quase pude compreender como isso fora feito. Depois, o momento passou, e apercebí-me de que o druida terminara. afinando a sua pequena harpa de colo porque ia cantar.

Oh Senhora do brilhante caminho do luar e dos caminhos do mar traçados pelos raios do Sol, os caminhos do dragão de montanha em montanha, e todos os sagrados caminhos ocultos, Oh Senhora Elen dos Caminhos...

Pestanejei quando a chama do archote diante de mim se dividiu subitamente e emitiu raios de luz separados. Por momentos, tive simultaneamente consciência da sua infinita potencialidade e do eterno equilíbrio do seu centro irradiante, e compreendi que havia um local onde todos os caminhos eram Um só. Mas o bardo continuava a cantar.

Da charneca à colina, ao pântano e ao brejo Os teus cães guiarão todos os nossos dias; Pelas veredas tortuosas abertos pelos homens Doce Senhora, mostra-nos todos os caminhos, Oh Senhora Elen dos Caminhos...

Pensei em Eldri e sorri à imagem da fofa cadelinha branca a tentar encaminhar uma pobre alma confusa que subia uma montanha. Mas sabia quantas vezes a inquestionável dedicação da cadelinha me tinha dado forças, quando a Senhora Ganeda jurava que eu nunca seria digna de vir a ser uma sacerdotisa de Avalon. Poderia esta nova deusa mostrar-me o caminho do meu destino ?

Quando a visão se apaga e a coragem falha
Que a tua luz nos ajude a sair do labirinto;
Quando já não há forças nem sensibilidade,
Que o teu amor ensine ao coração novos caminhos,
Oh Senhora Elen dos Caminhos...

As notas da harpa morreram numa doce ondulação de som. As pessoas começaram a sair do transe em que a música, ou o bom jantar, as tinham mergulhado. Agora, no meio da confusão, enquanto o grupo dispersava e se preparava para ir deitar-se, era a altura própria para levar comida a Dierna.

Cuidadosamente, fui dar a volta por trás dos lavatórios, puxando a outra ponta do meu xaile para esconder o meu rosto pálido sob o luar. A Lua ainda não estava alta no céu, e o barracão de arrumações ficava na sombra.

Soltei o xalle com um suspiro de alívio, mas, quando toquei na porta, senti de novo o estômago apertado, porque ela se abriu ao contacto da minha mão.

Eu tinha, de certeza, pensei desesperadamente, corrido o ferrolho ao sair dali! Entrei, chamando por ela em voz baixa. mas, para além de um vago esgravatar por trás dos cestos de nozes, não havia som algum, nem sinais de Dierna. para além do meu cingulo. "Dierna tinha razão", comunicou-me uma parte da minha mente. "Andam ratos por aqui ... " A outra parte estava a especular freneticamente. Talvez Ganeda tivesse sentido pena da criança e a tivesse libertado, ou uma das outras sacerdotisas lá tivesse ido buscá-la. Mas eu sabia que a suma sacerdotisa nunca alterava os seus julgamentos, e nenhuma das outras tinha coragem para a contradizer. "Quando crescer", pensei sombriamente, "vou ... " Desta vez, tive o cuidado de fechar bem a porta atrás de mim. Depois. forçando-me a não correr, procurei a confortável casinha onde dormiam as mais pequenas, perguntando, como pretexto, se estariam a brincar com Eldrii. Mas nem a cadelinha nem Dierna lá estavam, e as crianças mostravam-se invulgarmente silenciosas, como se a lembrança do seu castigo as oprimisse a todas.

Dei-lhes apressadamente as boas-noites e regressei à Casa das Donzelas. Deveria dar o alarme imediatamente, mas estremei à ideia do espancamento que Dierna sofreria por ter fugido. Eldri pôs-se de pé, a ganir, ao sentir a minha ansiedade. e acariciei-a para a acalmar. Depois senti-me mais tranquila. Eldri não era uma farejadora. mas já tinha demonstrado a sua inteligência. Talvez houvesse outra forma.

Esperar, enquanto as outras envergavam as suas camisas de dormir e escovavam os cabelos, faziam uma última visita aos lavatórios, sopravam as velas, davam voltas nas camas e tossiam, até o sono as invadir, foi uma agonia. Mas. ao fim de uma eternidade. tudo ficou silencioso. E continuei à espera. até sentir as minhas próprias pálpebras pesadas. Deslizei então para fora da cama. e. escondendo os sapatos por baixo do xaile, dirigi-me para a porta, nas pontas dos pés.

- O que há? - Abafei um arquejo ao ouvir a sonolenta pergunta de Aelia.

- Eldri tem que sair outra vez - sussurrei.. apontando a cadelinha. que. a menos que eu a mandasse parar, estava sempre meio passo atrás de mim. - Volta a dormir.

Mas. em vez disso, Aelia sentou-se na cama, esfregando os olhos e observando-me. - Porque levaste os sapatos? - sussurrou. - E o teu xaile mais grosso? Vais fazer alguma coisa que te meta em sarilhos?

Por momentos, não consegui falar. Depois ocorreu-me que talvez fosse melhor dizer a alguém onde ia, e sabia que podia confiar em Aelia, pois ela não me trairia.

- É Dierna que está em apuros... - Rapidamente, fiz-lhe um relato sussurrado do que tinha acontecido. - Penso que Eldri poderá encontrá-la - concluí. - Pelo menos. tenho de tentar!

- Oh, Ellan, toma cuidado! - sussurrou Aelia, arquejante, quando terminei. - Vou ficar preocupada até tu voltares! - Estendeu-me os braços e, curvando-me, dei-lhe um breve abraço. Depois ela suspirou e deixou-se cair de novo sobre a almofada, e, com o coração a bater com tanta força dentro do peito que me parecia ir acordar toda a gente, dirigiu-me para a porta e saiu.

Por essa altura, a Lua já estava alta no céu, delineando o átrio e os edifícios exteriores em nítidos claros e escuros. Teria que ser rápida, pois tinha pouco onde me esconder. Corri de sombra em sombra, com Eldri a trotar atrás de mim, até chegar uma vez mais ao barracão.

Respirando ruidosamente, peguei na faixa e coloquei-a sob o nariz de Eldri.

- Isto é da Dierna... Dierna... tu conhece-la! Procura Dierna, Eldri, vai!

Por momentos, a cadela ficou a cheirar a faixa. Depois ganiu e voltou-se para a porta. Abri-a e saí atrás dela, fechando-a enquanto Eldri começava a atravessar o pátio com um ar decidido.

A certeza da cadela animou-me. Quando passámos pelo último dos edifícios, soltei a respiração, que retinha sem disso me aperceber, e, quando respirei de novo, senti um vago formigueiro na pele como já tinha sentido antes, por vezes, quando as sacerdotisas usavam o poder. Hesitei, olhando em volta. Ainda não era tempo do ritual da Lua Cheia, nem estávamos num dos grandes festivais. Talvez os Druidas estivessem a trabalhar em alguma coisa; não conhecia as suas cerimónias. Mas estava decerto a passar-se alguma coisa, porque a noite estava cheia de magia. Com um pouco de sorte, talvez ninguém tivesse tempo para reparar que eu tinha saído.

Com o nariz encostado ao chão, Eldri circundou a base do Tor. Dierna devia ter-se dirigido para o terreno mais alto. a leste - naquela estação estava suficientemente seco para se poder atravessar para as pastagens. Mas, apesar de o céu por cima do Tor estar límpido, para além dele a névoa pesava sobre a terra e a água por igual. de modo que Avalon parecia elevar-se de um mar de nuvens.

Com a névoa rente ao chão, era fácil uma pessoa perder-se, e, mesmo que Dierna evitasse o Lago, havia grande abundância de charcos e buracos que podiam ser muito traiçoeiros. Se não tivesse a cadelinha para me guiar, nunca teria ousado fazer aquele caminho na escuridão, e, mesmo assim, seguia com cuidado, porque a cadela podia facilmente avançar sobre terrenos capazes de ceder sob o meu peso.

Agora formavam-se as primeiras espirais de bruma sobre o caminho. Seria possível ultrapassá-las, perguntei a mim mesma, sem o encantamento? E. se o fizesse. achar-me-ia para sempre banida do mundo exterior?

- Elen dos Caminhos - murmurei - mostra-me o caminho! - Dei mais um passo, e uma mudança de direcção do vento rodeou-me de bruma, captando a luz, de modo que fiquei envolta em luar.

Chamei a cadela, que nada via a não ser aquela luz nebulosa. e aguardei, tremendo, que a forma pálida de Eldri aparecesse, como se se tivesse precipitado da névoa. Atei uma ponta da faixa de Dierna à coleira da cadela, mas, naquele estranho estado, em que o ar e a água, a luz e as trevas se misturavam, tal como os Druidas diziam haverem estado todos os elementos juntos no princípio do mundo, não tinha a sensação de progredir. Havia apenas o formigueiro do poder na minha pele, que se tornava mais forte à medida que avançávamos.

A bruma continuou a clarear e, de súbito, diluiu-se. Detive-me, olhando em frente. Mais adiante, uma luz pálida que não provinha nem do Sol nem da Lua mostrava-me árvores cujas folhas tinham rebordos luminosos, e prados estrelados de flores. No sítio onde me encontrava, o caminho dividia-se em três. O da esquerda descrevia uma curva e desaparecia nas trevas. O caminho estreito da direita subia sinuosamente uma pequena colina, e tive a impressão, ao voltar a cabeça nessa direcção, de ouvir o doce repicar de um sino.

Mas o caminho do meio era amplo, brilhante e belo, e era por ele que Eldri tentava levar-me.

O medo foi substituído por um grande espanto. Diante de mim erguia-se um venerável carvalho. Erguendo o olhar para os seus poderosos troncos, apercebi-me de que tinha ultrapassado as fronteiras de Avalon, ou de qualquer terra habitada pelos homens, pois decerto os Druidas teriam construído uma cerca em volta de uma árvore como aquela e pendurado oferendas nos seus ramos. Toquei no tronco, tão grosso que três pessoas de braços abertos dificilmente o circundariam, e senti um latejar da madeira, como se a vida da árvore pulsasse sob a minha mão.

- Eu te saúdo, Pai Carvalho. Podes conceder-me a tua protecção enquanto caminho pelo teu reino? - murmurei, fazendo uma vénia, e

estremeci quando as folhas sussurraram em resposta.

Inspirei cuidadosamente, focando os meus sentidos tal como tinha sido instruída a fazer. Nos meus primeiros dias em Avalon, tudo me tinha parecido muito mais vivo do que no mundo exterior. Agora essa sensação intensificara-se cem vezes mais, e compreendi que a Lua estava para o Sol como a magia de Avalon estava para aquele reino, que era a sua fonte e o seu modelo.

A faixa tinha-se soltado da coleira de Eldri, mas isso já não importava. A cadelinha era uma figura brilhante que dançava à minha frente, e pequenas flores brancas juncavam o caminho por onde ela passava. Eu veria o animal assim por estarmos na Terra das Fadas, ou apenas na Terra das Fadas se revelaria a sua verdadeira natureza?

O caminho conduzia a um bosque de aveleiras, como aquelas que eu tinha estado a aparar - ainda nessa manhã - quando Becca quase se afogara. Senti um baque ao aperceber-me de que quase me tinha esquecido do motivo por que fora até ali. O tempo corria de forma diferente no País das Fadas, tinha ouvido dizer, e era tão fácil perder-se a memória como o caminho.

Mas aquelas aveleiras nunca tinham sido aparadas. No entanto, apesar disso, alguma mente orientara, por certo, a sua luxuriante folhagem, de modo a que se entrelaçasse, deixando apenas uma abertura, pela qual Eldri desaparecera. Por momentos hesitei, mas, se não conseguisse encontrar Dierna, mais valia perder-me no País das Fadas, pois decerto nunca ousaria regressar a Avalon. Apenas a ideia de Aelia, ansiosamente à minha espera, me fazia avançar.

Quando passei pela abertura, ouvi um súbito cântico, como se os ramos ocultassem um coro de aves, mas sabia, porque tinha sido treinada para reconhecer tais coisas, que não eram as mesmas aves que escutava em Avalon. Olhei em volta, encantada, na esperança de ver os secretos cantores. Quando baixei o olhar, havia uma estranha mulher diante de mim.

Pestanejei, com uma curiosa dificuldade em focar o olhar, porque no manto daquela senhora havia todos os matizes de ouro pálido das folhas do salgueiro quando chega o Outono. Bagas vermelhas formavam um diadema sobre os seus cabelos escuros e a fronte.

"Parece Heron", pensei, cheia de espanto, "ou uma das pequenas criaturas escuras da aldeia do Lago!" Mas mulher alguma da aldeia do Lago tinha aquele porte, como se o que a rodeava tivesse sido criado só para lhe servir de fundo, majestosa como uma sacerdotisa, nobre como uma rainha. Eldri tinha corrido para ela e saltitava em volta das suas saias como fazia comigo quando voltava para junto dela.

Sufocando uma pontinha de ciúme, porque Eldri nunca mostrara tal afecto por outra pessoa até então, deixei-me cair no gesto de obediência devido a uma imperatriz.

- Curvas-te diante de mim, como deverias fazer, mas outros se curvarão um dia diante de ti.

- Quando eu for suma sacerdotisa?

- Quando cumprires o teu destino - foi a resposta. A voz da Senhora tinha a doçura do zumbido da abelha num dia de Verão, mas recordei-me de quão depressa essa música pode transformar-se

em fúria quando alguém ameaçava a colmeia, e eu não sabia o que poderia enfurecer aquela rainha.

- Qual é o meu destino? - ousei finalmente perguntar, com o coração sobressaltado.

- Isso depende daquilo que escolheres...

- Que queres dizer?

- Viste três caminhos quando aqui chegaste, não foi?

A voz da Senhora continuava a soar doce e baixa, mas havia nela uma compulsão que fez regressar a cena à minha memória, e que subitamente estava diante de mim - o caminho que regressava às

brumas, o caminho pedregoso e o caminho do meio, que era largo e belo, ladeado por pálidos lírios.

- A escolha que terás de fazer está no futuro - procurar o caminho dos Romanos, o País Oculto ou Avalon - prosseguiu a Rainha das Fadas, como se eu lhe tivesse respondido.

- Mas eu já escolhi - respondi, surpreendida. - Serei sacerdotisa de Avalon.

- Isso é o que diz a tua cabeça, mas que dirá o teu coração? - A Senhora riu suavemente, e senti que as minhas faces se ruborizavam.

Talvez quando tiver idade suficiente para pensar nessas coisas, eu saiba - respondi, num desafio. - Mas jurei não me entregar a homem algum excepto se a Deusa quiser, e não vou quebrar o meu voto!

- Ah, filha... - A Senhora riu-se uma vez mais - não estejas tão certa de compreender o que significa o teu voto, nem de onde ele te levará! Uma coisa te digo: só quando compreenderes quem verdadeiramente és, conhecerás o teu caminho...

As palavras vieram-me aos lábios, vindas não sei de onde. - Eilan sou e Elen me guiará...

A Rainha das Fadas ficou a olhar para mim e, de súbito, inesperadamente, sorriu.

- Muito bem. E se sabes tudo isso, já puseste os pés no bom caminho. Mas basta de assuntos sérios... de momento estás aqui e isso não é uma coisa concedida a muitos mortais. Vem, pequena, festejar connosco no meu palácio! - Olhando-me com uma doçura que me fez doer o coração, estendeu-me a sua mão.

- Se eu for contigo... poderei regressar a Avalon? - perguntei, hesitante.

- Se assim o desejares - foi a resposta.

- E encontrarei Dierna?

- É isso que verdadeiramente desejas? - perguntou a Senhora.

- De todo o meu coração! - exclamei.

A Rainha das Fadas suspirou. - Outra vez o coração! Digo-te já que, se a achares, a perderás, mas suponho que não consegues

compreender. Vem ser feliz por uns momentos, já que é a única dádiva que aceitas de mim...

Então a Senhora pegou-me na mão e conduziu-me por caminhos sinuosos e desconhecidos, e, por fim, chegámos a um palácio todo feito de madeira, não cortada e pregada, como vira nas terras dos homens, mas entrelaçada e unida entre si, de modo que as vigas eram feitas de madeira viva, e o telhado de ramos e folhas de um verde brilhante. Ao longo das paredes projectavam-se ramos que seguravam archotes, e a sua luz pálida e bruxuleante dançava nos olhos brilhantes das pessoas sentadas em volta da mesa alta.

Deram-me uma bebida doce e fermentada, numa taça que não era nem de prata nem de ouro, e, ao bebê-la, senti que o meu cansaço se dissolvia. Havia cestas de estranhas frutas, empadões de raízes e cogumelos num molho rico, e pão com mel.

A comida revigorou o meu corpo, embora, segundo me recordava de ouvir contar acerca da Terra das Fadas, eu me interrogasse sobre a hipótese de tudo aquilo não passar de uma ilusão. Mas a música trouxe ao meu espírito algo de que eu nem sabia sentir a falta. Um jovem de olhos alegres, uma coroa de espigas de trigo dourado sobre os caracóis escuros, pegou-me na mão e arrebatou-me para a dança. A princípio tropecei, porque aquilo nada tinha dos passos

majestosos que se ensinavam às donzelas de Avalon. O ritmo era como o pulsar do tambor que provinha do Tor quando as sacerdotisas iniciadas dançavam com os Druidas junto às fogueiras de Beltane, e as raparigas da Casa das Donzelas ficavam deitadas, nas trevas, a escutar, sentindo o sangue latejar a um ritmo que ainda não compreendiam.

Ri-me e deixei-me arrastar pela música, mas, quando o meu par pretendeu arrastar-me para um folhoso caramanchão, percebi que se tratava de mais uma tentação e fugi ao seu abraço, regressando à mesa do festim.

- Aquele jovem não te agradou? - perguntou a rainha.

- Gostei muito dele - disse eu, sentindo um rubor nas faces a traír a minha emoção, porque, embora a sua beleza não tivesse agitado o meu coração, o seu contacto agitara os meus sentidos de uma forma que não compreendia inteiramente. - Mas já fiquei tempo de mais. Cumpre a tua promessa. Senhora, leva-me até Dierna e de regresso a casa.

- Há tempo de sobra para isso. Espera um pouco mais: o maior dos nossos bardos está prestes a cantar...

Mas eu abanei a cabeça. - Tenho de ir. Quero ir... Eldri! Eldri, vem cá! - Olhei em volta. subitamente aterrorizada com a ideia de que a cadela, que me levara àquele local, me tivesse abandonado. Mas logo a seguir senti-a puxar-me pelas saias. saltitando ao meu lado. Inclinei-me para a apanhar e abracei-a com força.

- Sim... a tua vontade é muito forte - disse a Senhora pensativamente. - E se eu te disser que, regressando a Avalon, darás os primeiros passos no caminho que te afasta de lá, e. ao fazê-lo, desencadeará acontecimentos que acabarão por a separar definitivamente do mundo dos homens?

- Nunca farei isso! - exclamei raivosamente.

- A brisa agitada pela asa de uma borboleta pode causar uma tempestade meio mundo mais adiante... no País Oculto, não pensamos na passagem do tempo e, por isso, para nós ele corre lentamente, ou nem chega a correr. Mas, quando olho para o mundo dos homens, observo os resultados de actos que os mortais de vida rápida nunca veem. Aprende com a minha sabedoria, minha filha, e fica!

Abanei a cabeça. - Eu pertenço a Avalon!

- Assim seja - disse então a Rainha das Fadas. - Uma coisa te posso garantir para te confortar: por mais longe que estejas, desde que tenhas os teus cães, encontrarás o caminho para casa. .. Vai, então, com a bênção do Povo Antigo, e talvez, de vez em quando, te lembres de mim...

- Lembrar-me-ei de ti... - disse eu, com os olhos a arder em lágrimas. Pousei de novo Eldri no chão, e a cadela, depois de olhar para trás para se certificar de que eu a seguia, começou a trotar em direcção à porta.

Passámos pela luz filtrada pelas folhas do bosque encantado e depois, entre um e outro passo, para uma escuridão em que a forma branca e brilhante da cadelinha à minha frente era a única coisa que conseguia ver. E então senti o contacto frio da bruma na minha pele e avancei mais lentamente, a tremer, experimentando cada passo antes de confiar o meu peso ao terreno, para ter a certeza de não cair.

Não sei ao certo quanto tempo prossegui desta forma, mas, pouco a pouco, comecei a aperceber-me de que a névoa clareava e depois se diluía, e por fim acabou, e achei-me sobre a relva do Tor. A Lua ainda estava alta - mais ou menos na mesma altura a que se encontrava quando eu partira. Olhei-a, surpreendida, pois, decerto, na Terra das Fadas, o festim e a dança tinham durado horas. E ali estava eu, de regresso, mais ou menos à mesma hora a que tinha partido. Mas seria a mesma noite? perguntei a mim mesma. com súbito receio. Ou o mesmo mês, ou ano? Aelia ainda estaria à minha espera?

Avancei rapidamente. olhando ansiosamente em volta para ver se alguma coisa teria mudado, e suspirei de alívio ao ver diante de mim a sebe de aveleiras ainda meio podada, como eu a deixara. Algo pálido moveu-se nas sombras - Eldri sentada ao lado de um molho enrolado de roupas que. olhando melhor, constatei ser a criança adormecida.

Deixei-me cair de joelhos junto dela, com o coração aos pulos dentro do peito. - Bendita seja a Deusa! - sussurrei. - Nunca mais duvidarei! Depois, quando a minha pulsação quase regressou à normalidade, tomei a criança nos braços.

- Dierna, acorda, minha filha! Já estás tão crescida que não posso levar-te ao colo!

A criança mexeu-se, encostando-se, sonolenta, ao meu peito. - Não posso voltar para lá... tenho medo...

- Eu fico contigo - disse eu - e Eldri também.

- Ela é tão pequena - disse Dierna, rindo e estendendo a mão para acariciar o pelo encaracolado da cadela.

- Não a subestimes. É uma cadelinha mágica - respondi. Na sombra. parecia-me que um pouco do brilho da Terra das Fadas ainda se agarrava ao seu pelo. - Vamos... - Pus-me de pé, e, após um momento de hesitação, Dierna seguiu-me.

Disse a mim mesma que poderia voltar para a Casa das Donzelas antes que dessem pela minha falta de manhã, mas, mesmo que Gameda ficasse a saber que eu tinha desobedecido, não me importei. Havia palha bastante no barracão para fazer um leito, e, depois de ter persuadido Dierna a deitar-se nele, contei à criança as minhas aventuras na Terra das Fadas até ela adormecer de novo.

E, nessa altura, a fadiga da minha aventureira noite caiu de súbito sobre mim. e foi assim que, quando Suoria veio de madrugada libertar a criança, nos encontrou juntas a dormir, com Eldri ao nosso lado, a guardar a porta.

CAPÍTULO QUATRO

268-270 d. C.

No ano em que fiz dezoito anos, deixei a Casa das Donzelas e fui morar numa casa separada com Heron, Aelia e Roud, porque o tempo da iniciação estava próximo, e as disciplinas que nos preparavam para receber os Mistérios exigiam solidão. Mas, embora nós as quatro noviças estivéssemos separadas do resto da comunidade, não podíamos ser completamente isoladas dos boatos que percorriam a ilha.

Era um tempo de morte e de presságios, tanto em Avalon como em qualquer outro lugar. Uma rede de ligações mantinha a suma sacerdotisa informada do que se passava no império e, de vez em quando, um dos barqueiros da aldeia do Lago trazia um tubo de cabedal, contendo uma mensagem, ou o próprio mensageiro, que era levado com uma venda nos olhos até à casa da Senhora, para lhe transmitir as suas notícias. Sempre suspeitei de que a suma sacerdotisa ficava a saber muitas coisas que nunca eram transmitidas ao resto da nossa comunidade.

No entanto, a notícia de que o autointitulado imperador Póstumo tinha sido assassinado pelas suas próprias tropas ao recusar-se a entregar-lhes os despojos de uma cidade capturada foi considerada como uma informação essencial. pois tinha sido ele a dividir o Ocidente. incluindo a Britânia, do resto do império. Um homem chamado Victorino tinha tomado o seu título. mas corriam rumores de que as suas guerras se travavam mais no quarto de dormir, e que os seus adultérios estavam já a minar-lhe os apoios. Era a sua mãe. Victorina, diziam as notícias, que na verdade governava agora o Imperium Galliarum.

Mas para nós, que vivíamos na ilha sagrada, essas histórias tinham pouco significado, porque, no final do Inverno, Sian, a filha de Ganeda e sua provável herdeira, perdeu a luta contra a doença que a acometera desde o nascimento da sua segunda filha, e a comunidade de Avalon ficou mergulhada em luto.

O ano que se seguiu parecia prometer poucas melhorias. Ouvimos dizer que o povo do Mediterrâneo, assolado pela peste e pela fome, culpava dos seus problemas o imperador, e Galieno, tal como o seu rival do Ocidente, caiu sob a lâmina de um assassino. Do seu sucessor, Cláudio, pouco se sabia, excepto que vinha de algures no Danu, e que era um bom general. Preocupávamo-nos mais com

os piratas saxônicos que atacavam as costas meridionais da Britânia em número cada vez maior.

No entanto, a costa saxônica ficava longe. À medida que o ano se aproximava do tempo da colheita, o meu tempo de ser posta à prova também se aproximava rapidamente, e isso tornava-se motivo mais imediato para sentir receio. As nossas lições finais eram da responsabilidade da suma sacerdotisa, e agora que Gameda se via forçada, uma vez mais, a reconhecer a minha existência, tornava-se claro que não tinha aprendido a gostar mais de mim do que gostara antes.

Por vezes, parecia-me que ela me culpava por estar viva e saudável, quando a sua filha jazia, gelada, sob a terra. Sabia que ela tinha esperanças de que eu falhasse nas provas que decidiam quem teria direito a ser considerada sacerdotisa de Avalon. Mas chegaria ao ponto de trair os seus próprios votos e usar os seus poderes para o conseguir?

Eu acordava todas as manhãs com um nó no estômago e aproximava-me do jardim da casa da suma sacerdotisa, onde recebíamos as lições, como se fosse para um campo de batalha.

-Em breve sereis enviadas para além das brumas, para o mundo exterior, para dobrardes o tempo e o espaço, se puderdes, para regressar a Avalon.

Era um belo dia, passava pouco do meio do Verão, e, por entre as folhas da sebe de espinheiro, podia ver de relance o brilho azul do Lago. Naquele dia. as brumas estavam reduzidas a uma fina névoa no horizonte. Custava a crer que. para além delas, houvesse um mundo diferente.

Pareceu-me que o olhar da suma sacerdotisa se demorava sobre mim um pouco mais do que sobre as outras. Fitei-a, com irritação, mas ainda estava bem viva em mim a recordação do que sentira ao atravessar as brumas pela primeira vez, quando Suoria abriu o portão entre a ilha das sacerdotisas e o mundo dos homens. Nesse momento, mesmo sem preparação alguma, parecera-me que quase compreendia o que estava a suceder. Se a prova fosse justa, com toda a preparação que recebera, não me parecia que pudesse falhar.

- Mas deveis compreender - prosseguiu Ganeda - que não se trata apenas de um desafio, mas de uma escolha. Ireis vestidas como mulheres daquele mundo, com ouro suficiente para vos levar até onde quiserdes ir, e para vos servir de dote quando lá chegardes. Voto algum vos prenderá, excepto um geas contra a revelação dos segredos de Avalon. Sois jovens ainda, apesar de todos os vossos conhecimentos, e mal começastes a saborear os prazeres da vida. Disciplinar o corpo e a mente, passar sem alimentos e sem sono, dormir com um homem somente para servir os propósitos da Senhora, nunca com o vosso, é submeter-se àquilo que a Deusa oferece a cada mulher nascida. Deveis pensar se realmente quereis regressar.

Houve um longo silêncio. Depois Aelia apurou a garganta.

- Esta é a minha casa e não desejo outra, mas porque terá que ser tão difícil? Se as pessoas do exterior nada sabem de Avalon, o que estamos a fazer por elas, e porquê?

- As famílias nobres sabem - aventurei-me a responder. - Quando as colheitas dos seus países falham, mandam chamar-nos para realizar o Grande Rito - foi assim que eu nasci. E enviam-nos as suas filhas para aprender os antigos costumes do nosso povo.

- Mas os Romanos têm templos, fazem as pessoas pagar impostos para os sustentar. Eles que ganhem o favor dos deuses com as suas oferendas. Porque temos de ceder tanto quando recebemos tão pouco em troca?

A summa sacerdotisa observava-nos com um sorriso azedo, mas não parecia zangada, por isso ousei responder uma vez mais.

- Porque os Romanos esqueceram o que significam os rituais, se é que alguma vez chegaram a sabê-lo! O meu pai costumava dizer que eles pensam que, se cada palavra e cada acto de uma cerimónia for cumprido correctamente, a divindade tem de satisfazer o seu pedido, e que de nada serve a verdadeira fé se houver uma única sílaba errada.

O meu preceptor Coríntio, aquele homem bondoso e gentil, acreditava que os rituais eram apenas um meio de manter a sociedade unida, e os deuses eram uma espécie de ideal filosófico.

- O povo da minha aldeia sabia mais do que isso! - exclamou Heron. - Os nossos festivais punham-nos em harmonia com os ciclos e as estações do mundo.

- E os rituais de Avalon podem mudá-los - disse Ganeda, por fim.
- Já estamos a meio caminho do Outro Mundo, e o que fazemos aqui reflecte-se em todos os planos de existência. Houve tempos em que trabalhámos mais abertamente dentro do mundo e tempos em que nos mantivemos por trás das nossas brumas, invisíveis, mas trabalhámos com as energias do cosmos, segundo os ensinamentos que nos vieram da terra de Atlantis que agora se encontra debaixo das ondas. É um poder real, capaz de destruir a mente e o corpo de alguém que tentasse utilizá-lo sem preparação e sem treino...

Os olhos de Aelia baixaram-se perante o seu fervor contemplativo, e depois Heron e Aelia afastaram o olhar. Ela fitou-me então. e percebi que estava a olhar não para a minha tia, que me odiava, mas para a Senhora de Avalon. Curvei a cabeça numa homenagem.

- E é por isso que nos oferecemos à Deusa, para executarmos a sua obra dentro do mundo, não por orgulho, mas porque Ela nos chamou numa voz que nos força a responder - disse ela suavemente. - As nossas vidas são o sacrifício.

Depois desse dia, a tensão entre Ganeda e a minha pessoa pareceu diminuir um pouco, ou talvez eu tivesse começado a compreendê-la agora. Na verdade, cada dia parecia trazer uma nova compreensão, à medida que refinávamos conhecimentos que julgávamos já dominar.

A visão estava a diluir-se. Com relutância, libertei a imagem do Tor, resplandecente de luz, e forcei-me a voltar para trás, passo a passo, de regresso ao jardim. A Voz da minha Guia prosseguia a sua firme orientação, impedindo-me de me perder, até a brilhante recordação da minha viagem interior se transformar na cena familiar que via todos os dias.

Abri os olhos, pestanejando à luz solar, e pousei as mãos na terra para me enraizar uma vez mais no seu poder. A sebe de espinheiro e ervas cuidadosamente tratadas estavam ainda belas, apesar de terem perdido os rebordos brilhantes que eu vira no Outro Mundo. Roud e Heron estavam ao meu lado. Inspirei profundamente o ar

perfumado e abençoei a Deusa por me ter trazido de volta sã e salva.

- Se a Visão só acontece àquelas que foram iniciadas nos costumes antigos, como estás a exercitar-nos agora? - inquiriu Roud.

A suma sacerdotisa abanou a cabeça. Desde a morte da sua filha, a idade caíra mais pesadamente sobre ela, e a luz da manhã que se filtrava entre as folhas da macieira revelava cada ruga e cada marca do seu rosto com uma clareza implacável. Se Ganeda não tivesse tomado tão óbvio que estava a ensinar-me com as outras apenas porque era esse o seu dever, quase teria sentido piedade em relação a ela.

- Há muitas entre nós em quem o Dom é forte - respondeu ela - mas de pouco lhes serve, porque vem sem solicitação, sem direcção nem controlo. Sem preparação, não poderão saber focar e controlar o seu poder e, quando surge, para elas a Visão é mais uma maldição que uma bênção.

Heron franziu a testa pensativamente. - E é por isso que és tão cuidadosa sobre quando e onde o permites?

Ganeda acenou afirmativamente. Perguntei a mim mesma se ela temia pela segurança da visionária ou receava que a visão saísse do seu controlo. Pareceu-me presunçoso pôr tais limites à palavra dos deuses.

Havia já uma semana que ela falava das muitas formas pelas quais se poderia adivinhar o futuro. Os Druidas conheciam a arte de ler os presságios e o transe dos bardos e a visão-sonho que ocorre quando o sacerdote dorme envolto na pele do touro sacrificado. Tais artes também eram praticadas pelos Druidas de Hibemia. O povo da aldeia do Lago usava os pequenos cogumelos que podem proporcionar visões até mesmo aos não dotados e trocava-os pelos nossos remédios.

Mas havia outros meios, praticados apenas pelas sacerdotisas. Um deles era a arte de adivinhar no lago sagrado, e outro o rito em que uma sacerdotisa se drogava para procurar visões na altura dos grandes festivais. Eu já tinha ouvido falar disto, mas se o rito tivesse sido efectuado desde que eu viera para Avalon, só as sacerdotisas de nível superior o sabiam.

- Agora ide repousar - disse então Ganeda. - Pensais que já sois videntes porque conseguis viajar na mente, mas isso é apenas o primeiro passo. Roud está com o seu sangue e terá de esperar por outra oportunidade, mas, esta noite, as outras três vão tentar adivinhar pelo fogo e pela água. Veremos se alguma de vós possui o Dom de ser oráculo.

A sua voz tornara-se áspera, e nenhuma de nós ousou olhá-la. A sua filha Sian tinha sido altamente dotada nesse campo e, desde a sua morte, Avalon não tinha uma vidente. Lembrar a sua perda devia fazer sofrer a minha tia, mesmo que o dever a impelisse a procurar uma substituta. O trabalho secreto era sempre fácil para mim, e perguntei a mim mesma se teria também aptidão para adivinhar. Dizia-se que esses dons eram hereditários, por isso era muito possível. Mas, de certa forma, não me parecia que Ganeda ficasse satisfeita por me ver ocupar o lugar da filha.

Essa tarde foi passada a esfregar as pedras do Caminho da Procissão, porque Ganeda acreditava no trabalho físico como forma de fatigar o corpo e ocupar a superfície da mente. Além disso, segundo suponho, a tarefa destinava-se a impedir-nos de nos sentirmos importantes, agora que estávamos a ser preparadas para videntes.

Mas mesmo com aquela distração, eu sentia a tensão apertarme o estômago, à medida que as sombras se iam alongando. Quando o sino convocou o resto da comunidade para jantar, nós quatro fomos ao Lago banhar-nos, porque aquele trabalho se fazia melhor purificando-nos ejejuando.

Quando fomos levadas para o santuário por cima do poço sagrado, a noite caía. Estávamos vestidas de igual, com simples vestidos brancos que pendiam dos ombros, sem cinto, até aos nossos pés descalços, e capas de lã não tingida. Tínhamos os cabelos soltos sobre os ombros. Tinham sido colocados archotes ao lonco do caminho: a sua luz bruxuleante brilhava nos caracóis negros de Heron. e emprestava fogo aos cabelos de Aelia. O meu fino cabelo, indisciplinado desde a recente lavagem, roçava-me pelo rosto, contornado pela luz.

Visto através desse véu dourado, o caminho tão conhecido parecia misterioso e estranho. Ou talvez fosse apenas porque o jejum do dia e a expectativa do transe começassem a afectar-me. Pareceu-me que seria muito fácil libertar-me da consciência vulgar e viajar entre os mundos. Perguntei a mim mesma se a regra que exigia a procura de visões em jejum seria sempre sensata. Manter o controlo da visão tornar-se-ia agora a principal dificuldade.

Tinha sido colocado um assento no terraço de pedra. Diante dele, brilhavam carvões numa braseira. Perto havia uma pequena mesa talhada em madeira, com um jarro de prata e um pano dobrado. Silenciosamente, tomámos os nossos lugares no banco por trás dela e esperámos, com as mãos pousadas nos joelhos, inspirando profundamente o ar frio da noite.

Foi outro sentido que não o ouvido que me fez voltar. Aproximavam-se duas sacerdotisas com aquele passo silencioso e deslizante que eu levava tanto tempo a aprender. Reconheci a posição rígida dos ombros de Ganeda mesmo antes de ela chegar junto da luz. Seguia-a Suoria, que trazia nas mãos algo envolto em linho branco.

- Será o Graal? - sussurrou Aelia, sentada ao meu lado.

- Não pode ser. .. a única noviça a quem é permitido vê-lo é a Donzela sua guardiã - murmurei em resposta, enquanto Suoria pousava o objecto sobre a mesa. - Deve ser qualquer outra coisa,

mas será algo de muito antigo. - Antigo e sagrado, pensei então, pois já me parecia sentir o seu poder.

Suoria retirou o pano de linho e ergueu o objecto, de modo a que captasse a luz dos archotes. Era uma taça de prata, um pouco amolgada, mas amorosamente polida, com um desenho em volta do rebordo.

- Diz-se que esta taça foi usada por videntes em Vememeton, a Casa da Floresta donde vieram as primeiras sacerdotisas para morar nesta ilha sagrada. Talvez a própria Senhora Caillean tivesse olhado para ela. Praza à Deusa que uma parte do seu espírito a possa tocar agora... - Pousou a taça ao lado do jarro sobre a pequena mesa.

Pestanejei, quando a minha visão da taça foi por momentos sobreposta por outra imagem, da mesma taça, brilhante e nova. Seria imaginação ou reconhecimento?

Mas não tive muito tempo para pensar, porque a suma sacerdotisa estava diante de nós e, de um momento para o outro,

revestiu-se da beleza da sua vocação, de modo que, em vez de uma pequena mulher curvada, sempre carrancuda, vimos uma mulher alta, majestosa e bela. Eu já tinha visto muitas vezes aquela transformação, mas nunca deixava de me surpreender nem de me recordar que nunca deveria descrever dos poderes daquela mulher, independentemente da forma pela qual ela me tratasse.

- Não penseis - disse a suma sacerdotisa - que aquilo que ides fazer é menos real por ainda estardes a ser preparadas para sacerdotisas. A face do Destino é sempre simultaneamente maravilhosa e terrível - cuidado com a forma como levantai o Seu véu. O conhecimento certo do que está para vir só é concedido a muito poucas. Para a maior parte, mesmo para uma vidente sagrada, o conhecimento prévio vem apenas em relances, distorcido pelo entendimento de quem vê e o de quem ouve a profecia. Fez uma pausa, fixando cada uma de nós com um olhar que nos penetrava até à alma.

Quando falou de novo, a sua voz tinha a ressonância do transe. - Ficai então tranquilas, e limpai os vossos corações. Libertai-vos da mente ocupada. Deveis transformar-vos num recipiente vazio à espera de ser enchido, uma passagem aberta através da qual a luz pode passar.

O fumo ergueu-se em espirais da braseira quando Suoria deixou cair as ervas sagradas sobre as brasas. Fechei os olhos, com a consciência do mundo exterior já a deslizar para fora de mim.

- Heron, filha de Ouzel - disse a sacerdotisa. - Queres olhar para as águas sagradas e nelas procurar uma visão?

- Quero - foi a resposta. Ouvei o roçar das suas roupas quando a ajudavam a sentar-se na cadeira.

Não precisava dos olhos para saber que ela tinha olhado para a taça, nem precisava de ouvir o murmúrio das instruções com que a Senhora a mergulhava mais profundamente no seu transe. Quando Heron falou, também vi imagens, intervaladas e caóticas - tempestades e exércitos. e bailarinas sobre as pedras sagradas.

Subitamente cessaram. Tive a vaga consciência de que Heron tinha sido levada de regresso, e agora era a vez de Aelia olhar para a taça. Uma vez mais partilhei as visões. A voz da Senhora tornou-se mais dura, ordenando-lhe que procurasse um tempo mais

próximo do presente, e acontecimentos de interesse para Avalon. Por momentos houve apenas espirais de sombra, e, então, vagamente, vi os pântanos que davam para o Lago. Figuras com archotes moviam-se pela margem, gritando. Em seguida a imagem desapareceu. Ouvi a água escorrendo quando a taça foi esvaziada, e Aelia sentou-se de novo ao meu lado. Sentia-a tremer e perguntei a mim mesma o que se recusara a sua mente a ver, Mas agora sentia a suma sacerdotisa de pé, como uma chama, diante de mim. - Eilan, filha de Rian, estás predisposta a procurar visões? - disse a voz, vinda da escuridão.

Murmurei o meu acordo e fui ajudada a sentar-me na cadeira. A consciência voltou uma vez mais e abri os olhos. Sooria deitou mais água na taça e pousou-a diante de mim.

- Inclina-te e olha para dentro dela - disse a voz tranquila junto de mim. Inspira... expira... espera que a água pare. Deixa a tua visão penetrar abaixo da superfície e diz o que vês.

Sooria tinha posto mais ervas sobre as brasas. Quando inspirei o fumo doce e pesado, senti a cabeça a rodar e pestanejei, tentando focar a visão na taça. Agora podia vê-la - um rebordo de prata que rodeava a escuridão onde dançavam os lampejos das tochas.

- Se nada vires, não importa - prosseguiu a sacerdotisa. - Fica tranquila...

"Importa, sim", pensei, contrariada. "Ela quer que eu falhe?" Talvez fosse mais fácil sem a distração da visão exterior. Não ousava fechar de novo os olhos, mas deixei que se desfocassem, de modo a ver apenas uma confusa mancha rodeada por um círculo de luz. "Procura os pântanos", disse a mim mesma: "que tinha Aelia tentado ver?"

E, a este pensamento, a visão começou a emergir diante de mim, primeiro em lampejos soltos, depois completa. O crepúsculo transformava-se em noite. O Lago brilhava levemente sob a luz restante. Mas o misto de pântano e ilhota que se estendia para sul e oriente estava mergulhado na sombra. Moviam-se archotes ao longo do terreno mais alto, mas a minha visão foi atraída para uma poça escura à sombra de um salgueiro retorcido.

Algo se movia ali. Arquejante, reconheci, brilhando, a cabeça de Dierna. Com um braço agarrava-se a um tronco caído. O outro estendia-se para algo abaixo da superfície. Esforcei-me por ver mais claramente, e a cena mudou.

As pessoas que procuravam tinham-na encontrado. À luz dos archotes pude ver que Dierna soluçava, apesar de não ouvir sons. Dois dos druidas estavam dentro de água ao lado dela. Um deles ergueu-a e depositou-a nos braços estendidos de Cigfolla. O outro atava uma corda a algo debaixo de água. O homem puxou e uma forma pálida emergiu...

- Becca! Afogada! - As palavras saíram bruscamente da minha garganta. - Por favor, não me faças ver isto... faz com que não seja verdade! - Afastei-me convulsivamente da mesa, fazendo cair a taça e o jarro. Caí no chão, dobrada sobre mim mesma, cheia de angústia, comprimindo os olhos com as palmas das mãos como para apagar o que tinha visto.

Suoria correu a agarrar-me pelos pulsos e abraçou-me, murmurando palavras de conforto entre os meus soluços.

- Ela vai ficar bem - disse a voz de Ganeda por trás de mim. - Todo esse histerismo é só para chamar a atenção.

Endireitei-me bruscamente, apesar de o movimento ter feito a minha cabeça rodar. - Mas eu vi! Eu vi! Têm de guardar Becca. senão ela afoga-se!

- Gostarias que isso acontecesse. não gostarias? - rosnou Ganeda. - Menos uma do meu sangue para competir pelo meu lugar quando eu morrer!

A manifesta injustiça destas palavras impediu-me de falar, mas senti que Suoria ficara rígida e chocada ao escutá-las.

A passagem para o estado de transe tinha sido fácil. Recuperar-me, especialmente quando tinha sido tão subitamente chamada à consciência, foi mais difícil. Porque, várias semanas depois,. ainda me sentia desorientada e sujeita a ataques de choro. Nos dias que

se seguiram imediatamente à sessão da visão, até mesmo o meu sentido de equilíbrio ficou perturbado, pelo que mal conseguia andar e, a cada passo, sentia uma dor apunhalar-me o crânio. Quando se tornou óbvio que uma noite de sono não bastava para me recuperar, fui enviada para a Casa da Cura. A justificação que me deram foi que as outras raparigas me fatigariam, mas agora penso ter sido efectivamente porque Ganeda não queria que eu falasse com elas, e especialmente com Dierna, do que tinha visto.

E foi assim que ainda ali me encontrava, sendo acarinhada por Cigfolla sempre que emergia dos meus sonhos inquietos, quando ouvi gritos no exterior e, sentando-me na cama, vi o brilho de archotes na escuridão, através da porta aberta.

- O que foi? - gritei. - O que se passa? - Mas um medo já bem conhecido começara a desenrolar-se no meu ventre. Tentei sair da cama, mas a dor na cabeça obrigou-me a deitar-me de novo, gemendo.

Ainda estava deitada, tentando controlar a agonia com uma respiração cuidadosa, quando a porta se abriu e Heron entrou precipitadamente.

- Eilan... não conseguimos encontrar Dierna nem Becca! - murmurou, olhando por cima do ombro para ter a certeza de que não estava a ser vista, e fiquei assim a saber que ninguém viera verme, porque Ganeda as proibira de vir. - Na tua visão, onde estavam elas? Diz-me depressa!

Agarrei-lhe no braço, descrevendo o melhor que podia o local onde se situava a poça do salgueiro que tinha visto, em relação ao caminho. Quando ela partiu, fiquei deitada, com as lágrimas a escorrer dos olhos fechados.

Uma eternidade de sofrimento depois, ouvi regressar o grupo de busca, com as vozes abafadas pelo desgosto ou roucas de chorar. Voltei o rosto para a parede. Não me ajudava muito o facto de, sem a minha Visão, Dierna poder ter morrido juntamente com a irmã. Tinha desejado desesperadamente demonstrar a Ganeda que a minha Visão era verdadeira, mas agora teria dado tudo para que as suas acusações estivessem certas e a pequena Becca voltasse para casa.

Gradualmente, a minha saúde melhorou, e pude regressar à Casa das Donzelas. Heron contou-me que Dierna tinha ido apanhar ervas para os pântanos, deixando a irmã para trás. Mas Becca que, desde a morte da mãe, se transformara na sombra da irmã, tinha-a seguido e caído. e. quando Dierna chegara junto dela, já havia sido sugada pelo pântano. Embora ninguém a acusasse, Dierna devia estar atormentada pelos remorsos. naquele momento.

Não me surpreendeu saber que o resfriado que ela apanhara na água se tinha transformado em febre pulmonar. Agora era a sua vez de ser tratada na Casa da Cura. Quis visitá-la, mas Ganeda proibiu-me. Recordei-me de uma história que o meu preceptor Coríntio me tinha contado, acerca de um rei oriental que reagia às más notícias executando o mensageiro. Não fazia sentido que ela me culpasse pelo que tinha sucedido, especialmente porque não tinha acreditado em mim, mas já tinha aprendido que, no que me dizia respeito, as acções da suma sacerdotisa raramente faziam sentido.

A nossa preparação prosseguiu, mas não recebemos mais lições de Visão, e eu fiquei satisfeita por isso. Tinha aprendido o primeiro paradoxo da profecia, ou seja, que ver o futuro não significa necessariamente que possamos compreendê-lo e muito menos que possamos alterar o que vimos.

Com o tempo, Dierna recuperou, arrastando-se pelos locais com uns olhos que pareciam buracos num lençol e um rosto pálido como o soro do leite, contrastando com o fogo do seu cabelo, como se tivesse morrido com Becca e apenas o seu fantasma tivesse permanecido connosco em Avalon.

E assim, aquele terrível Verão chegou ao fim. Os rabos-de-gato nos pântanos cresciam suculentos e castanhos, acenando ao vento que agitava as folhas dos salgueiros, e as brumas que rodeavam Avalon pareciam salpicadas de ouro. Certa noite, quando o fino crescente da Lua se erguia nos céus, eu voltava dos lavatórios quando avistei uma sombra pálida que seguia pelo caminho do Lago, e reconheci Dierna. O meu pulso disparou num súbito alarme, mas contive o grito que me subiu pela garganta e, em vez disso, assobiei a Eldri e mandei-a atrás dela.

Quando as alcancei, Dierna estava sentada junto de um arbusto de sabugueiro, com os braços em volta de Eldri, chorando sobre o pelo sedoso da cadelinha. Ao ouvir os meus passos, ergueu o olhar, franzindo a testa.

- Eu estava bem. Não precisavas de mandar Eldri atrás de mim! - disse, com um ar amuado, mas reparei que não largava a cadela. -

Mas talvez aches que eu devia entrar no Lago e continuar sempre em frente, como castigo por ter deixado a minha irmã afogar-se!

Engoli em seco. Aquilo era pior do que eu imaginara. Sentei-me. consciente de que, naquele momento, era preferível não lhe tocar.

- Todas dizem que a culpa não foi minha, mas eu sei o que estão a pensar... - Fungou e limpou o nariz com a manga.

- Eu vi o que sucedeu, sabes! Na taça de adivinhar - disse eu. por fim. - Mas ninguém acreditou em mim. Farto-me de pensar que, se me tivesse esforçado mais por as convencer...

- Não podias saber quando... - exclamou Dierna. - e Que estupidez... - depois deteve-se. olhando-me com desconfiança.

- Ambas nos sentimos culpadas - disse eu, - Talvez vamos sentir-nos sempre. Mas vou tentar viver com isso se tu fizeres o mesmo. Talvez possamos perdoar-nos uma à outra, mesmo que não consigamos perdoar-nos a nós mesmas...

Por um momento mais, ficou a olhar-me, com os olhos azuis a encherem-se de lágrimas. Depois, com um soluço, lançou-se nos meus braços.

Ficámos assim. a chorar, enquanto a foice branca da Lua percorria o céu. Só quando Eldri rosnou e tentou sair do meio de ambas me apercebi do tempo que se tinha passado e de que não estávamos sós. Por momentos sentira-me em paz, abraçada à criança, mas agora o meu estômago ficou tenso de novo. A figura que, envolta numa capa, estava diante de nós, era a Senhora de Avalon.

- Dierna. .. - disse eu suavemente. - Já é tarde e devias estar na cama. - Ela ficou hirta, ao ver a avó, mas eu já estava a pô-la de pé. - Vai deitar-te, e que a Deusa abençoe os teus sonhos.

Por momentos, pensei que ela iria insistir em ficar para me defender. Mas talvez Dierna se tivesse apercebido de que isso Iria apenas aumentar a ira de Ganeda, porque, apesar de olhar diversas vezes para trás, partiu sem protestar. Confesso que, ao sentir a ameaça no silêncio da Senhora, quase senti vontade de a chamar, mas aquela confrontação há muito que se anunciava, e eu sabia que teria de a enfrentar sozinha.

Pus-me de pé. - Se tens alguma coisa para me dizer, caminhemos um pouco pela margem, onde as nossas vozes não perturbem ninguém. - Fiquei surpreendida por a minha voz soar tão firme, porque, debaixo do xalle, estava a tremer. Segui à frente, pelo caminho que rodeava o Lago, com Eldri a trotar junto dos meus calcanhares.

- Porque estás zangada? - perguntei, quando o silêncio se tornara insuportável, como a calma antes de uma tempestade. - Recriminar à tua neta um pouco de conforto só porque vem de mim?

- Mataste a minha irmã quando nasceste... - gritou Ganeda.

Desejaste mal a Becca e agora estás a tentar roubar-me a última criança do meu sangue.

Fitei-a, e a ira substituiu o medo. - Velha, estás louca! Eu amava aquela menina, e a morte da minha mãe foi, por certo, uma perda maior para mim que para ti. Mas as nossas escolhas não têm um papel a desempenhar em tudo isto, ou os ensinamentos de Avalon não passam de uma mentira? A minha mãe decidiu actuar como sacerdotisa no Grande Rito, e quando soube que tinha concebido, decidiu ficar com a criança, conhecendo o risco que corria. E Becca tinha sido avisada para não seguir a irmã e escolheu fazer o contrário.

- Era pequena de mais para perceber...

- E tu escolheste afastar-me de ambas! - prossegui raivosamente.
- Não sabes que as teria vigiado como uma mãe urso vigia as suas crias para evitar que acontecesse o que eu tinha visto que iria passar-se! Desde o primeiro momento em que cheguei a Avalon

tens-me odiado! Que te fiz eu para merecer isso? Podes dizer-me porquê?

Ganeda agarrou-me num braço e fez-me voltar para ela, senti a sua energia expandir-se e, diante da ira da Senhora de Avalon, a minha raiva transformou-se subitamente numa birra de criança.

- Ousas falar assim, comigo? Com uma única Palavra, poderia eliminar-te aí mesmo! - O seu braço rodou, agitando os véus escuros. como a asa da Senhora dos Corvos, e senti medo. Por momentos, a ondulação do lago lambendo a margem foi o único som que se ouviu.

E então, vindo do cheiro forte da terra molhada e do murmúrio da água, uma outra forma de poder começou a penetrar em mim, uma força firme, segura, que poderia absorver todos os raios que a fúria majestosa de Ganeda pudesse convocar. Por momentos, toquei em algo fundamental no meu íntimo, embora não soubesse dizer se seria a Deusa ou a minha própria alma eterna. Lentamente, endireitei-me e, quando enfrentou o meu olhar, o poder escapou-se do corpo de Ganeda, até não passar de uma mulher velha e curvada, mais baixa do que eu.

- Tu és a Senhora de Avalon - disse eu, com um suspiro - mas somos ambas filhas da Senhora que nos governa a todas. Em tudo o que respeita ao bem de Avalon, obedecer-te-ei, mas apenas porque quero fazê-lo.

Ergueu os olhos para mim, com as feições vincadas a claro-escuro pelo luar.

- Tu és jovem - disse em voz baixa - jovem e orgulhosa. Recusa-te a teres medo de mim se quiseres... A própria vida te ensinará a sentir medo, sim, e o significado da cedência! - Voltou-se e iniciou o caminho de regresso ao longo da margem.

- Dierna também é do meu sangue - exclamei - e não permitirei que me impeças de estar com ela!

Ao ouvir-me, Ganeda voltou-se uma vez mais. - Faz como quiseres - disse com lassidão - mas, quando era mais nova, também eu tinha visões. Olhei para o Poço Sagrado e vi que Dierna será a minha herdeira. É bom que te faças amiga dela, porque desde já te digo que ela, e não tu, será a próxima Senhora de Avalon!

Lentamente, o terrível Verão da morte de Becca foi-se transformando numa recordação. Eu sabia o que aquela tragédia tinha feito à sua irmã, mas, à medida que o tempo ia passando, tornou-se claro que Ganeda também tinha sido afectada, mais profundamente do que nós podíamos ver, ou talvez ela própria sabia. Fisicamente, estava ainda vigorosa - na verdade, não creio que alguém sem uma energia superior fosse capaz de fazer o trabalho exigido à Senhora de Avalon. Mas aquele fio afiado que cortava a torto e a direito, tinha desaparecido.

Eu achava difícil sentir pena dela, e, sendo jovem, não compreendia como os embates da vida podem desgastar o espírito. Nem me esforçava por tentar compreender. Forte de corpo e deliciada com os meus poderes em rápida maturação, enfrentei ansiosa a minha prova e, segura da minha decisão, entreguei o saco de aureii de ouro com que tinha sido premiada à família do rapaz que me tinha oferecido Eldri dez anos atrás.

E assim penetrei nas brumas e extraí das profundezas do meu ser a Palavra do Poder que abriria o caminho, rindo, porque, afinal, era tão fácil, como se estivesse simplesmente a lembrar-me de algo que tinha aprendido muito tempo antes. Heron e Aelia fizeram o mesmo quando chegou a sua vez, e, como eu, foram recebidas com alegria no regresso. Mas Roud não voltou para junto de nós.

No ano de silêncio que se seguiu, fui forçada a olhar para dentro de mim de uma forma que a miríade de exigências da minha iniciação nunca me tinha permitido. Foi isso, penso agora, a minha verdadeira iniciação, pois não são os adversários fora de nós, que podem ser confrontados e desafiados, os mais perigosos, mas os mais subtis antagonistas que moram dentro de nós.

Em relação ao voto com que esse ano terminou, devo também manter silêncio, excepto para dizer que era, como Ganeda tinha prometido, um acto sagrado, de sacrifício. Mas, apesar de eu me ter oferecido à Senhora para ser usada como Ela quisesse, não compreendi então o aviso de que não podemos predizer nem controlar o que a Deusa faz connosco, uma vez tomado esse compromisso. Não obstante, depois de feito o meu voto, passei pelo Mistério do Caldeirão, e foi colocado sobre a minha fronte o crescente azul de uma sacerdotisa.

Com a atenção fixada nas minhas próprias lutas, não me apercebi, a princípio, de que as coisas não estavam a correr muito bem em Avalon. Durante o nosso ano de silêncio, Aelia e eu tornámo-nos cada vez mais próximas. Surpreendeu-me descobrir que, sem palavras, compreendia mais do que se passava no seu coração do que antes, quando ocultávamos os nossos pensamentos com palavras. e percebi que ela sentia o mesmo em relação a mim. Usando as nossas vozes apenas para cantar louvores à Deusa, as próprias palavras adquiriam um novo e sagrado significado.

Assim, as deliberações tomadas na primeira reunião completa de sacerdotes e sacerdotisas consagrados a que fui admitida, depois do meu ano de silêncio, pareceram-me carregadas de significado especial. Na verdade, as matérias eram bastante graves. Havia vários anos que não chegavam novos rapazes ou raparigas para serem exercitados em Avalon. e Roud não tinha sido a única a partir para não mais voltar, depois da sua prova. Além disso, os príncipes, cujas contribuições ajudavam a manter a comunidade da ilha, mostravam-se cada vez menos dispostos a pagar o que era devido.

- Não é que não tenhamos dinheiro - disse Arganax. que se tornara chefe dos Druidas no ano anterior. - Britânia nunca esteve mais próspera. Mas o imperador Cláudio, em Roma, parece ter-se esquecido de nós e, com a morte de Victorino, o Imperium Galliarum tem preocupações mais prementes do que recolher impostos aqui.

Cigfolla riu-se. - É a sua mãe, Victorina, que governa agora, apesar daqueles jovens primos que pôs a aquecer o trono. e ela é duas vezes mais homem que ele, pelo que ouvi dizer. Talvez ela acolhesse de bom grado a ajuda de Avalon!

- Os príncipes apoiavam-nos de boa vontade quando sentiam o pé da Roma nas suas nucas - disse Suoria. - É quase como se sentissem que já não precisam de nós... como se pudessem abandonar os costumes antigos da Britânia, agora que estão livres do controlo directo de Roma.

Por momentos, ficámos a olhar para ela, num silêncio pensativo. Depois Ganeda pigarreou.

- Estás a propor que usemos a magia para trazer os imperadores de volta?

Suoria corou e ficou em silêncio, mas os outros começaram a tagarelar, especulando sobre o assunto.

- Nada podemos decidir sem saber o que enfrentamos - disse Ganeda finalmente - e esgotámos os conhecimentos que podemos obter por meios normais...

- O que propões? - inquiriu Arganax.

Ganeda olhou em volta com aquele ar exasperado que eu tão bem recordava dos tempos em que fora sua aluna.

- Seremos Gregos, para passar as nossas vidas a debater os limites da nossa filosofia? Se os nossos talentos são dignos de ser preservados. sirvamo-nos deles! A Volta da Primavera está quase a chegar - vamos utilizar esse ponto de equilíbrio entre as duas metades do ano para invocar o Oráculo!

CAPÍTULO CINCO

270 d. C.

Procurando as antigas vias, Procurando o Caminho da Luz, Ora a noite cede o passo ao Dia, Ora o Dia se torna igual à Noite...

Cantando, a fila de sacerdotisas de túnicas escuras movia-se com passo deslizante em redor do círculo, igualadas pelos Druidas, com os seus trajos brancos, marchando no sentido oposto. A escuridão e a luz, num equilíbrio perfeito, fecharam o círculo e detiveram-se. Arganax deu um passo em frente, erguendo a mão numa bênção. Atrás dele, outro sacerdote aguardava com o gongo.

O arquidruída era um homem vigoroso, de meia-idade, mas Ganeda, que avançara ao encontro dele, parecia intemporal, envolta nos poderes do seu ritual. A sua túnica, de um azul tão escuro que parecia quase negro à luz dos candeeiros, caía em pregas direitas até à pedra polida do chão, e as pedras da lua dos ornamentos de prata da suma sacerdotisa brilhavam sem cintilações sobre o peito e a frente.

- Vede, o Sol governa na Casa do Carneiro, e a Lua repousa nos braços dos Gêmeos - proclamou o druida. - O Inverno já é passado, e as ervas abrem caminho pela terra para ver o Sol, as aves regressam, proclamando o seu desejo de acasalar. os animais emergem do seu longo sono. A vida surge por todo o lado, e nós com ela, movidos pelas mesmas marés, incentivados à acção pelas mesmas grandes energias... Observai em silêncio o renascer do mundo, e, como todos somos Um só, observai a mesma grande transformação interior...

Fechei os olhos como os outros, tremendo sob as vibrações do gongo que ecoava dos pilares do Grande Salão dos Druidas, Parecia ressoar em cada átomo do meu ser. Perdida na beleza do momento, esqueci-me de sentir inveja por ser Heron, e não eu, quem se sentaria na tripeça e seria descida ao Poço da Profecia.

- Acordai! Acordai! Acordai! - exclamou outra voz, alta e límpida.

Companheiros da Luz Cósmica,

O esplendor oculto há-de surgir!

Saudai-o vibrando nos vossos corações,

Regressai à vida e expulsai o medo!

Abri os olhos. Quatro jovens encontravam-se agora nos cantos do salão, segurando tochas. Alguém lançara a primeira mão-cheia de ervas na braseira e, à sua luz, o doce fumo brilhava como se tivesse incendiado o ar. Agora podia ver as imagens pintadas no estuque das paredes - uma ilha rodeando um porto, grandes templos, uma montanha piramidal jorrando chamas e outras cenas da terra

fabulosa que num dia catastrófico havia sido submergida pelas ondas. Como aquele ritual, essas histórias pertenciam a uma sabedoria de que os Druídas eram os únicos herdeiros.

Com perguntas e respostas, o ritual foi-se desenrolando, definindo o momento sagrado em que, sendo iguais a Noite e o Dia, se abria uma porta entre o Passado e o Futuro, e alguém devidamente preparado e orientado poderia ver entre os mundos.

O círculo abriu-se, deixando ver uma figura velada, meio amparada por Wren e Aelia. Cuidadosamente, guiaram-na para a tripeça, sustentando-a até se equilibrar. "A bebida sagrada agiu rapidamente", pensei, ao observá-la. "Praza à Deusa que não a leve longe de mais ...". Nos tempos antigos, segundo eu sabia, chamavam a própria Deusa para falar através dos lábios da Sua sacerdotisa. Agora, embora os deuses pudessem descer, por vezes, para dançar connosco nos nossos festivais, era considerado mais útil que a Vidente ficasse aberta e vazia de qualquer personalidade, mesmo a sua própria, sem qualquer vontade a não ser a de descrever as imagens que via.

A suma sacerdotisa avançou e colocou-se ao seu lado. A pequena mesa com a taça de prata já havia sido colocada diante dela. Na água flutuavam bagas de azevinho e ervas. De onde me encontrava,

podia ver o clarão das tochas sobre a água escura. Senti-me flutuar e pestanejei rapidamente para quebrar o encantamento, e depois afastei o olhar, esperando que ninguém tivesse dado pela minha momentânea desorientação. Agora era uma sacerdotisa bem preparada, e devia ter conseguido um melhor controle.

- Desce, desce... cada vez mais e mais fundo...

A voz de Ganeda era um murmúrio, conduzindo a Vidente na sua viagem interior. cada vez mais para baixo. até a taça de água brilhante se fundir com o poço sagrado ao lado do cipreste branco. Depois endireitou-se e afastou-se.

- Que se passa agora entre os Romanos? Que faz agora o imperador Cláudio? - inquiriu Arganax.

Houve silêncio durante um longo momento.

- Diz-nos, Vidente, que vês tu? - incitou-a Ganeda.

Um estremecimento perpassou pelas dobras do véu. - Vejo... ciprestes recortados no céu ao pôr do Sol... não, é um incêndio. Estão a queimar corpos... um dos vigias cambaleia e cai... - Heron falava suavemente, com uma voz calma, como se estivesse a observar a cena de um ponto alto, fora do mundo. - A cena muda... um velho jaz numa sala rica. O seu leito está enfeitado com púrpura, mas está sozinho... está morto... Quereis saber mais?

- Peste... - sussurrou alguém. - Queiram os deuses que não chegue aqui...

- Então o poder dos Romanos terminou? Voltarão à Britânia? perguntou o druida, e desta vez a resposta de Heron, não precisou de incitação.

- Vejo exércitos e navios - britânicos a lutar contra britânicos... sangue, sangue e fogo... - abanou a cabeça, confusa, como se as imagens a esmagassem.

- Desce ao lugar onde há apenas água brilhante - disse Ganeda em voz baixa. - Diz-me, quem virá ajudar-nos?

Heron ficou rígida. - O Sol! O Sol brilha em todo o seu esplendor! Cega-me! - Por momentos ficou imóvel. depois deixou escapar a respiração num longo suspiro. - Ah... Ele vem... a sua armadura é romana mas os seus olhos são os de alguém que conhece os Mistérios. Há uma cidade ... Penso que é Londinium. Nas ruas o povo aclama... Redditor lucis ... redditor!

Ela tropeçava no latim desconhecido, mas eu pude traduzir: Restaurador da Luz! E Arganax também. Ele e Ganeda entreolharam-se. - Se esse homem é um iniciado, poderia ajudar-nos muito - disse em voz baixa. Depois inclinou-se de novo para diante.

- Quem é ele... não, onde está ele agora?

Uma vez mais Heron oscilou sobre a taça. - Estou a vê-lo... mas é mais jovem. Cabelos como dentes-de-leão... - E acrescentou, em resposta à nova pergunta. - Monta uma mula castanha por uma estrada romana ... mas está na Britânia... é a estrada para as minas de chumbo nos montes ...

- Aqui! - exclamou Arganax. - Por certo os deuses destinaram que viesse até nós!

A vidente estava ainda a murmurar para si mesma, mas, ao ouvir as palavras do druida, endireitou-se, vibrando como um arco esticado. - Destino! - ecoou e, subitamente, gritou, numa voz forte muito diferente da sua. - O filho do Sol, maior que o seu pai! Arde no céu uma cruz de luz! Todas as coisas mudam! O destino equilibra a balança, o filho brilhará em todo o mundo! - Com um último grito vibrante, a Vidente estendeu os braços, fazendo a taça rolar pelo chão. Vi-a começar a curvar-se, e Aelia e eu acudimos mesmo a tempo de evitar que caísse.

Depois da nobre mansão de pedra de Avalon, as cabanas redondas de barro e canas dos monges de Inis Witrin pareciam desajeitadas e humildes. Puxei o véu para ocultar o crescente na minha testa, enquanto subíamos a encosta, e Con, o pequeno druida que tinha sido designado para me escoltar, avançou para segurar o meu braço. Tinham-se passado quase seis semanas desde o rito do Oráculo, e Beltane aproximava-se. Depois do habitual debate sobre o significado das palavras do oráculo, Arganax enviara alguns dos seus jovens aos Montes Mendip para ver se encontravam algum romano semelhante à descrição de Heron, e tivemos de esperar pela sua resposta.

- Vais ter de me deixar falar com eles. Estes homens santos estão proibidos de falar com uma mulher - disse ele suavemente. Os monges deixavam-nos manter os poucos cavalos pertencentes a Avalon nas suas pastagens, em troca de ervas e remédios. Perguntei a mim mesma se eles saberiam de onde vínhamos.

- O quê? Pensarão eles que vou tentá-los e levá-los à impureza? disse eu desdenhosamente. - Vou ter de me disfarçar como uma mulher velha e feia quando encontrarmos o romano. Bem posso começar a praticar Já. - O meu pai tinha feito com que os filhos

aprendessem bom latim, essa era uma das razões por que eu tinha sido escolhida para a tarefa de levar o romano a Avalon.

Ao descrever a curva do caminho, pude ver a igreja redonda, com o ambulatório inferior suportando uma torre central, cujo telhado de colmo brilhava, dourado, ao sol. Con apontou-me um banco perto do santuário onde poderia esperar enquanto ele ia tratar dos cavalos. Era um local surpreendentemente pacífico para me sentar. escutando o suave zumbido dos cânticos que vinha do interior, enquanto observava os meandros que uma borboleta descrevia, esvoaçando sobre as ervas.

O som dos cânticos na igreja elevou-se subitamente, e virei-me para escutar. Quando voltei a olhar, a borboleta pousara na mão estendida de um velho. Pestanejei, perguntando a mim mesma como chegara ele ali sem o ter visto, porque a área em volta da igreja estava vazia. Os outros irmãos que eu vira usavam túnicas grosseiras, fiadas com lã não tingida, mas as roupas do velho brilhavam com um branco de neve, e a barba que lhe cobria o peito era branca como a lã.

- Que a bênção do Altíssimo caia sobre ti, minha irmã - disse ele suavemente. - E para Ele vai a minha gratidão por me ter permitido falar contigo uma vez mais.

- Que queres dizer? - gaguejei. - Nunca te vi antes!

- Ah... - suspirou ele. - Já não te lembras...

- Lembrar-me de quê? - Num gesto de desafio, puxei o meu véu para trás. - Tu és um seguidor do Christos, e eu sou uma sacerdotisa de Avalon!

Ele acenou afirmativamente com a cabeça. - Isso é verdade... hoje. Mas em tempos passados éramos ambos da mesma classe, na terra que agora está submersa pelas águas. As vidas e as terras passam, mas a Luz do Espírito continua a brilhar.

Os meus lábios entreabriram-se de espanto. Como podia aquele monge conhecer os Mistérios? - O quê... - gaguejei, tentando dominar-me. - Quem és tu?

- O meu nome neste lugar é José. Mas não é o meu nome que deverias querer saber, antes o teu.

- Chamo-me Eilan - respondi de imediato - e Helena...

- Ou Tiriki... - respondeu ele, e eu pestanejei, achando aquele nome estranhamente familiar. - Se não sabes quem és, como poderás encontrar o teu caminho?

- Eu sei para onde vou... - Com esforço, impedi-me de revelar a minha missão, mas ocorreu-me que o velho já a conhecia.

Ele abanou a cabeça e suspirou. - O teu espírito sabe, mas receio que a carne que agora usas tenha de percorrer um longo caminho antes que compreendas. Lembra-te disto: o símbolo nada é. O que conta é a realidade por detrás de todos os símbolos.

Eu ainda estava longe de compreender quem poderia ser aquele velho, mas estava suficientemente preparada para saber que o que ele dizia era verdade.

- Bom pai, que devo eu fazer?

- Procura sempre a Luz... - respondeu ele, e, ao dizer estas palavras, a luz do Sol que incidia sobre a sua roupa tornou-se ofuscante.

Pestanejei de novo e ergui o olhar. Con estava diante de mim, dizendo algo acerca dos cavalos, e o velho tinha desaparecido.

- Os cavalos aguardam junto ao portão - repetiu o jovem druida - e o dia vai-me findando.

Ainda pensativa, permiti que ele me ajudasse a pôr-me de pé. Sabia que não deveria falar do que vira, mas sabia também que iria pensar nisso durante longo tempo.

O crepúsculo lançava o seu manto sobre o Vale de Avalon, cobrindo pântanos e prados por igual com a mesma luz difusa, de um cinzento arroxeadado. Do meu posto junto da estrada de Mendip, podia avistar desde os terrenos mais altos, a leste, quase até ao estuário de Sabrina, onde o Sol se punha no mar. Agora tudo estava na sombra com excepção do Tor, com um brilho de água por baixo. Durante dez anos tinha-me despedido do Sol. do interior daquele cenário; era fascinante observá-lo do exterior. Na verdade, era de todas as maneiras estranho, assustador e curiosamente fascinante regressar ao mundo da humanidade, nem que fosse apenas por um curto período.

Con tocou-me no cotovelo. - Já quase escureceu. O romano deve estar a chegar.

- Obrigada. - Assenti com a cabeça, erguendo o olhar para as nuvens que se acumulavam a norte. Nem mesmo a gente de Avalon podia chamar a chuva num céu vazio, e tínhamos tido de esperar por condições de tempo que servissem os meus propósitos. Tinha conservado as nuvens afastadas durante toda a tarde. Agora libertava algumas das energias que as imobilizavam, e senti no rosto o sopro frio e húmido da tempestade.

Saber que a visão de Heron sobre a morte do imperador tinha sido uma Visão verdadeira era encorajador. Os homens que bebiam na taberna perto das minas de chumbo falavam muito. Dizia-se que Cláudio tinha legado o império a outro general chamado Aureliano, ultrapassando o seu irmão, Quintilo, que, depois de uma tentativa abortada de sublevação, se suicidara.

- Ele vem, não receies - disse o druida que estivera à nossa espera.

Estes Romanos são criaturas de hábitos, e todas as noites, durante a semana passada, ele percorreu este caminho.

- Ele é louro? - perguntei uma vez mais.

- Tão louro como o linho branqueado. com a marca de Mitra entre as sobrancelhas.

Introduzi a mão por baixo do véu para tocar no crescente azul tatuado na minha testa. "Ele é um iniciado". recordei a mim mesma. "e pode ver mais que um homem vulgar. Terei de ter cuidado." Da curva da estrada veio o grito agudo de um maçarico-real, um som improvável nas altas charmecas, mas o romano, cuja vinda anunciava, não podia saber disso. Inspirei profundamente, ergui os braços para os céus e libertei as nuvens.

Senti de imediato as primeiras gotas de chuva. Na altura em que a figura montada na mula avermelhada apareceu à nossa vista, a

chuva caía em bâtegas, enquanto diversas frentes de tempestade que teriam passado uma de cada vez libertavam simultaneamente toda a chuva armazenada.

A nossa presa tinha parado sob o ténue abrigo de um sabugueiro, segurando a capa de lã grosseira por cima da cabeça, numa vã tentativa de a proteger. Fiquei a observá-lo por algum tempo.

- Ficai fora da vista - disse aos dois druidas, envolvendo-me melhor no meu manto - mas segui-me quando eu avançar. - Dei um impulso à minha montada e comecei a descer a encosta que dava para a estrada.

- Socorro... oh, por favor. ajudem-me! - gritei na língua romana, erguendo a voz para a sobrepôr à tempestade e puxando as rédeas do pónei, que começou a deslizar, como para tornar mais real a minha aflição. Por momentos nada aconteceu. e deixei o pónei continuar a descer, agarrando-me à sua crina. - Alguém me ouve" - gritei de novo, e vi a mula avermelhada no sopé da colina.

Eu envergava um manto branco, de modo que o romano deveria poder ver-me, mesmo através da tempestade. Gritei e dei ao pônei um bom impulso com o calcanhar, agarrando-me desesperadamente enquanto ele galopava encosta abaixo. Ouvi uma praga romana e o esmagar dos arbustos, enquanto a mula tentava subir ao meu encontro, mas já tínhamos chegado ao fundo da colina e estávamos no meio de um emaranhado de carvalhos e sabugueiros antes que o romano conseguisse alcançar-me.

- Senhora, estás ferida? - A sua voz era profunda, e, tanto quanto podia ver por baixo da capa, o seu corpo parecia robusto, embora fosse alto. Agarrou as rédeas que eu artisticamente largara ao vê-lo chegar.

O meu pônei cessou de lutar, reconhecendo uma mão segura, e, liberta da necessidade de dividir a minha força entre a montada e a tempestade, aguentei a rajada seguinte que se abatia sobre nós.

- Obrigada! Obrigada! O pônei começou a galopar e receei cair!

Ele aproximou mais a mula e passou o braço em volta dos meus ombros. Encostei-me a ele, cheia de gratidão, consciente agora de que se passara muito tempo desde a última vez que andara a cavalo. O seu calor transmitiu-se ao meu corpo mais depressa do que eu esperava. Talvez Heron tivesse razão, pensei vagamente, e ele fosse realmente o Sol.

- Tenho de levar-te para um abrigo - murmurou ele, com a boca encostada ao meu cabelo, e senti um arrepio percorrer-me o corpo ao contacto com o seu hálito quente. A tempestade já tinha esgotado a sua fúria. mas a chuva continuava a cair.

- Por ali... - disse eu. apontando para sul. - Há uma antiga oficina de telhas. - Os fabricantes de telhas ainda não tinham recomeçado o trabalho de Verão: tínhamos dormido ali durante a nossa jornada.

Quando chegámos ao casebre, não precisei de fingir exaustão. Os joelhos cederam sob o meu peso quando deslizei do pónei, e apenas as rápidas reacções do romano me salvaram de cair. Por momentos ficou a amparar-me e apercebi-me de que éramos da mesma altura. "Em que outras coisas nos assemelharíamos?", perguntei a mim mesma, sentindo a força dos seus braços.

Não que eu tivesse hipóteses de o descobrir. O Conselho, na sua sabedoria, tinha decidido unir o romano à nossa causa, entregando-lhe uma das nossas no Grande Rito nas fogueiras de Beltane; mas a sacerdotisa que havia sido escolhida para ser sua consorte não era eu, mas Aelia.

Tremendo, observei os rápidos movimentos do romano que acendia eficientemente uma fogueira. Pelo menos, os fabricantes de telhas tinham deixado bastante lenha para isso. A pequena chama saltou e pegou, pondo-lhe em evidência um braço musculoso, malares fortes, cabelo curto, colado à cabeça, a que a chuva dera um tom de ouro antigo. Quando o fogo começou a alastrar aos ramos maiores, ele endireitou-se, despreendeu a capa e pendurou-a, a escorrer, numa das vigas baixas. Usava uma túnica de boa lã cinzenta, debruada a vermelho. Ao lado pendia-lhe uma espada curta, numa bainha de cabedal já gasto.

- Deixa-me tirar-te o manto, Senhora - disse, voltando-se para mim. - O fogo aquecerá em breve o ar e talvez ele seque...

As chamas ergueram-se, de súbito, revelando-me pela primeira vez por completo, e o meu mundo suspendeu-se. Vi uns olhos cinzentos e inteligentes que davam vida a um rosto bastante vulgar, permanentemente avermelhado pela exposição ao sol e ao vento, e mais corado do que nunca pelo frio. Fatigado e encharcado, não se podia dizer que o seu aspecto fosse o melhor, mas nunca viria a ser famoso pela sua beleza. O seu tom de pele proclamava-o mais romano pela cultura do que pela ancestralidade: não me parecia que satisfizesse a profecia. No entanto, eu conhecia-o.

Na cerimónia que fizera de mim uma mulher, a Deusa tinha-me mostrado. Era ele o amante que me possuiria nos fogos de Beltane, e eu a mulher que pariria o seu filho...

"Os Druidas encontraram o homem errado", pensei com desespero. "Este não é o herói da visão de Heron, mas da minha..." E se fossem o mesmo?

Não sei o que o meu rosto revelou naquele instante, porque o romano deu um passo atrás, erguendo as mãos como que a desculpar-se.

- Por favor, domina, nada receies. Sou Flávio Constâncio Cloro, ao teu serviço.

Dei comigo a corar, ao aperceber-me de que também eu não apresentava o meu melhor aspecto. Mas era assim que deveria ser. Ele teria que ver-me feia, velha mesmo, até eu saber... até eu saber se ele era o meu destino...

- Júlia Helena agradece-te - murmurei, dando-lhe o meu nome romano. Parecia tão estranho na minha boca como o latim. A rapariga que usava aquele nome tinha vivido noutra época, dez anos atrás. Mas, de súbito, perguntei a mim mesma se ela estaria destinada a ressuscitar.

Ele trazia um cantil de couro pendurado a tiracolo. Passou a tira por cima da cabeça e estendeu-mo. - É apenas vinho. mas poderá aquecer-te...

Consegui sorrir e voltei-me para remexer nos alforjes da minha sela.

E eu tenho aqui um pouco de pão, queijo e frutos secos que as minhas irmãs guardaram para mim.

- Então faremos um festim. - Constâncio sentou-se do outro lado da fogueira e sorriu.

O sorriso transformava o seu rosto, e senti-me invadir por um calor que me marcava a carne como ferro em brasa. Sem falar, estendi-lhe o pão e ele recebeu-o da minha mão. Tinha ouvido dizer que, nas montanhas, partilhar uma refeição, uma fogueira e uma cama correspondia a um casamento. Já tínhamos feito as duas primeiras coisas, e, pela primeira vez na minha vida, senti a tentação de negar os meus votos.

Quando os meus dedos haviam tocado os seus, ele estremeceu. Os meus sentidos alerta perceberam que, a um nível abaixo do pensamento, ele estava a reagir à minha proximidade. Os druidas da

minha escolta estavam algures lá fora. Não me perturbariam, a menos que eu gritasse. Seria preciso muito pouco, um passo na direcção do romano, um estremecimento como se sentisse frio e precisasse que os seus braços me aquecessem. Um homem e uma mulher juntos e sozinhos... os nossos corpos fariam o resto sem precisar de orientação.

Mas, e as nossas almas?

Entregar-me a ele sem honra destruiria aquela outra coisa, mais doce ainda que o desejo que me aquecia o corpo: o potencial que sentia entre nós. E assim, apesar de me sentir como uma mulher faminta que afasta de si a comida, recuei, envolvendo-me em fealdade como num manto esfarrapado, o inverso da beleza que uma sacerdotisa sabe usar.

Constâncio abanou um pouco a cabeça, dirigiu-me um olhar com os sobrolhos franzidos e afastou de mim os olhos. - Vives perto daqui? - perguntou delicadamente.

- Vivo com as minhas irmãs na margem dos pântanos - respondi sem mentir - perto da ilha onde os monges cristãos ergueram o seu santuário.

- A ilha de Inis Witrin? Já ouvi falar dela...

- Podemos chegar a minha casa amanhã, antes que o Sol esteja alto - disse eu. - Ficar-te-ia grata se me escoltasses...

- Claro. Os homens que guardam os bens da minha família preferiam que eu nunca tivesse vindo até cá... não se importarão se eu demorar um dia ou mais - acrescentou amargamente.

- Como andas pelas estradas interiores da Britânia? Pareces um homem de autoridade - perguntei com real curiosidade.

- Para não falar de parentesco. - Havia agora dureza na sua amargura. - A minha avó era irmã do imperador Cláudio. Eu queria abrir caminho pela minha própria capacidade, não pelo patrocínio. Mas desde que o meu tio-avô tentou apoderar-se do império e falhou, contento-me simplesmente com manter-me vivo. O novo imperador tem bons motivos para duvidar dos homens da minha família.

Encolheu os ombros e bebeu um pouco de vinho. - A família da minha mãe fez investimentos aqui na Britânia - uma empresa de importação em Eburacum e interesses nas minas de chumbo, e pareceu-nos boa ideia enviar um agente para os fiscalizar. De momento, o Império Gálico é mais seguro para mim do que Roma.

- Mas Tétrico e... como se chama ele, Mário, não te considerarão um perigo?

Constâncio abanou a cabeça e riu-se. - É Victorina Augusta quem realmente governa. Chamam-lhe a Mãe dos Acampamentos, sabes, mas ela tem pouco tempo para se preocupar com a Britânia. Desde que receba a sua parte dos lucros, deixar-me-á em paz. Os imperadores vão e vêm, mas são os negócios que fazem girar o mundo!

- Não pareces muito feliz com essa ideia - observei. - Nunca te teria imaginado como um negociante.

Por momentos, o seu olhar cinzento prendeu-se no meu. -E que pensaste tu que eu era?

- Um militar - respondi, porque assim o vira na minha visão.

- Até há poucos meses assim era. - O seu rosto tornou-se sombrio. - Nasci num posto militar na Dácia. É tudo o que sei fazer, tudo o que sempre quis ser.

- Estás assim tão ansioso por batalhas? - perguntei, com curiosidade. Não me parecia um homem sedento de sangue, mas como poderia saber como ele era?

- Diz antes que eu quero o que as batalhas podem conquistar - corrigiu ele. - Justiça. Ordem. Segurança para as pessoas além-fronteira, para que a paz possa prosperar... - Ficou em silêncio, com a pele vermelha ainda mais avermelhada, e calculei que não fosse um homem que manifestasse com frequência os seus sentimentos.

- A tua sorte vai mudar - assegurei-lhe. Por momentos olhou-me, inseguro. e eu reforcei a ilusão que me disfarçava. - Mas agora temos que dormir - prossegui. - A jornada de amanhã vai ser difícil, depois desta tempestade. - Mas, na verdade, não tinha sido apenas a cavalgada que me fatigara, mas o esforço de ocultar a minha essência, quando apenas me apetecia oferecer-lhe o meu corpo e a minha alma.

A chuva tinha cessado de manhã, mas, como eu previra, enquanto o dia ia aquecendo, o terreno saturado libertava o seu excesso de humidade em espirais de nevoeiro. À medida que avançávamos, ia-se tornando mais espesso, até as árvores e os prados desaparecerem, e o caminho ser a única coisa visível.

- Domina⁵ - disse Constâncio - temos de parar, antes que saíamos da estrada e acabemos dentro de algum paul.

- Não tenhas receio. Eu conheço o caminho - respondi-lhe e, na verdade, podia sentir o poder de Avalon arrastar-me para a frente. Tínhamos vindo de volta, pelo terreno mais alto, a norte e a oriente, onde uma estreita língua de terra se projectava para a ilha.

- Não tenho receio, mas também não sou tolo! - retorquiu ele. Vamos voltar para o abrigo e esperar que o tempo clareie. - Estendeu a mão para agarrar a minha rédea do bridão.

Dei um impulso ao pônei e fi-lo voltar-se para ele. - Flávio Constâncio Cloro, olha para mim! - Fiz desaparecer a ilusão de fealdade e substituí-a pelo poder de uma sacerdotisa. Vi que o conseguira, quando o seu rosto se alterou.

- Senhora.. . - arquejou - agora vejo-te como te vi antes...

Perguntei a mim mesma o que queria ele dizer, pois era a primeira vez que me servira da beleza, mas o poder continuava a formar-se à minha volta.

- Fui enviada para te levar à sagrada ilha de Avalon. Virás comigo livremente e de tua vontade?

- Que encontrarei lá? - Ele continuava a olhar para mim.

- O teu destino... - E Aelia, pensei então. Por momentos, senti vontade de lhe gritar que desse meia volta e fugisse.

- E voltarei ao mundo dos humanos?

- É nele que se cumprirá o teu destino. - Dez anos de disciplina falavam agora pela minha boca.

- E tu virás comigo? Jura!

- Sim. Juro pela minha alma eterna. - Mais tarde disse a mim mesma que acreditara que ele estava a perguntar-me se eu iria com ele para Avalon. mas agora penso que uma sabedoria mais profunda fez aquele juramento.

- Então irei contigo agora.

Voltei-me, erguendo os braços para invocar o poder e. quando pronunciei o encantamento, o mundo mudou à nossa volta, e.

quando os cavalos deram os passos seguintes, a névoa rolou para ambos os lados e penetrámos em Avalon.

Desde madrugada os tambores faziam ouvir o seu ritmo por toda a ilha sagrada, o ritmo do coração de Avalon, cheio de excitação pelo festival. As flores brancas do espinheiro pesavam sobre as sebes. as primaveras cremes e as campainhas azuis floresciam por debaixo das árvores. Era a véspera de Beltane e toda a Gente fremia de expectativa. Todos menos Ailia, que tremia de medo.

- Por que razão a Deusa me deu este fardo? - murmurou, enroscada sobre a cama que tinha sido a sua enquanto aguardávamos a iniciação. Naquela altura não havia sacerdotisas em treino, e tinha-nos sido cedida a casa para preparar a Noiva de Beltane para o festival.

- Não sei - respondi. - Mas foi-nos ensinado que, muitas vezes. as Suas razões para colocar os nossos pés num determinado caminho só se entendem quando chegamos ao final... - Falava tanto por mim

como por ela. Durante os três dias após ter trazido Constâncio para a ilha, não voltara a vê-lo, mas ele perseguia-me nos meus sonhos.

Aelia abanou a cabeça. - Eu nunca tencionei ir às fogueiras de Beltane. Teria sido feliz sendo virgem até ao fim da minha vida!

Abracei-a e embalei-a suavemente. Os nossos cabelos desatados misturaram-se sobre a almofada, ouro escuro e claro. - Constâncio não te magoará, querida. Cavalguei dois dias ao seu lado... é um homem gentil.

- É um homem!

- Porque não lhes falaste do teu medo quando te escolheram? - Acariciei-lhe os cabelos. E por que razão, perguntei a mim mesma, não me coubera ele em sorte?

- Jurámos obediência ao Conselho na nossa iniciação. Pensei que elas soubessem o que faziam...

Suspirei, compreendendo como teria sido. De todas nós, Aelia sempre fora a mais dócil. Pela primeira vez, perguntei a mim mesma se ela teria sido escolhida inteiramente à sorte.

- Elas disseram que a Deusa me daria forças para o fazer, mas tenho medo... Ajuda-me, Ellan! Ajuda-me a escapar a isto, senão afogo-me no lago sagrado!

Fiquei imóvel, compreendendo, de súbito, como poderia satisfazer simultaneamente o desejo dela e o meu. Ou talvez já o tivesse planeado em algum recanto secreto da minha alma, e só agora, como um insecto na crisálida, enterrado no solo, a ideia emergisse à luz do dia. As justificações tornaram-se-me fáceis - Aelia era a escolha não da Deusa mas de Ganeda. Só seria precisa uma sacerdotisa virgem. Não importava quem fosse, desde que se apresentasse voluntariamente à fogueira. E a substituição seria tão fácil. Embora ela fosse mais pálida do que eu, e também mais magra, Aelia e eu éramos suficientemente parecidas para nos confundirem. As raparigas mais jovens tinham-nos alcunhado de Sol e Lua.

A única razão que não dei a mim mesma foi a verdadeira... que Constâncio Cloro era meu, e seria como a morte vê-lo conduzir outra mulher à alcova nupcial.

- Chhh... tem calma... - Beije os cabelos macios de Aelia. - Tanto a Noiva como as suas assistentes vão veladas para a cerimónia. Trocaremos de roupa e eu tomarei o teu lugar no ritual.

Ailia sentou-se na cama, olhando-me, surpreendida. - Mas se tu desobedeceres, Ganeda castigar-te-á!

Não importa... - respondi. "Pelo menos depois de ter passado a noite nos braços de Constâncio!"

A luz da fogueira, que via através do linho puro do meu véu e do filtro das ramagens, enchia o círculo de um clarão dourado. Ou

talvez fosse a aura de poder que os dançarinos criavam, porque a cada circuito em volta da fogueira, esta tornava-se mais forte. Todo o povo de Avalon estava ali, no prado, aos pés do Tor, e a maior parte da gente da aldeia do Lago também. Todo o meu corpo vibrava enquanto a terra estremecia sob os seus pés, ou talvez fosse o bater do meu coração. Sentia que a dança atingia o seu auge. Em breve... pensei, humedecendo com a língua os lábios secos. Não tarda muito...

As outras donzelas remexiam-se, inquietas, no banco ao meu lado, Heron. Aelia e Wren, todas nós envergando túnicas verdes iguais, véus e grinaldas de flores primaveris. Mas só eu tinha a coroa de espinheiro branco. A minha pele ainda estava dormente da água do lago sagrado, pois todas tínhamos ajudado Aelia a banhar-se e aproveitado para nos purificarmos. Eu tinha partilhado o seu jejum e a sua vigília; todos os requisitos do ritual tinham sido cumpridos. Aquela substituição poderia ser uma desobediência. mas. pelo menos, não seria um sacrilégio.

- O romano também foi banhado e preparado - disse Ganeda. que esperava connosco. - Quando chegar, serás levada até ele. Juntos partilhareis a comida sagrada e juntos entrareis na alcova do outro lado da área de dança. És um terreno virgem onde ele lançará a semente que gerará o Filho da Profecia.

- E que lhe darei eu? - sussurrei.

- No mundo exterior, a fêmea mostra-se passiva enquanto o macho inicia a acção. Mas nos planos mais elevados não é assim. Já falei com aquele jovem e, de momento, a fortuna não lhe sorri. Compete-te acordar o seu espírito, excitá-lo e activar a alma superior que existe dentro dele, para que possa cumprir o seu destino e tornar-se o Restaurador da Luz para Britânia.

Não ousei fazer mais perguntas, receando que a minha voz fosse reconhecida, e então ouvi a mudança do ritmo do tambor e a minha garganta começou a doer, de tal forma estava tensa, pelo que não teria podido falar mais mesmo que quisesse.

Os Druidas estavam a chegar, com os seus trajos brancos cobertos de ouro pelo clarão da fogueira, com coroas de folhas de carvalho nos cabelos. Mas captei um brilho de ouro mais brilhante entre eles. O povo saudava-os com vivas; o ar vibrava em ondas sucessivas de som. Entontecida, fechei os olhos e, quando os reabri, pestanejei, deslumbrada pela figura dourada que estava diante da fogueira.

Focando melhor a vista, vi que era apenas uma túnica cor de açafão a que a luz emprestara um dourado mais profundo, mas a coroa que encimava a fronte de Constâncio era feita do verdadeiro metal, como a de um imperador. Apercebi-me então de que, quando o vira pela última vez, salpicado de lama e fatigado pela nossa batalha contra a tempestade, Constâncio não apresentava o seu melhor aspecto. Agora, a sua pele brilhava contra a túnica e o seu cabelo louro era tão brilhante como a coroa de ouro.

- É Lugos que desceu até nós - murmurou Heron.

- E Apolo - sussurrou Aelia.

- E Mitra dos Soldados - acrescentou Wren.

Ele estava de pé, como o deus-Sol no meio dos carvalhos dos Druidas. Se eu não o amasse já, naquele momento tê-lo-ia adorado, porque o corpo daquele homem se transformara num recipiente transparente, através do qual brilhava a luz do deus interior.

Creio que, se o tivesse ficado a olhar durante muito tempo mais, teria mergulhado num êxtase que me impediria de me mover, mas agora os tambores cediam lugar à música das campainhas e das harpas. As donzelas ao meu lado ajudaram-me a pôr-me de pé, enquanto o filtro de ramagens era erguido. O ruído da multidão transformou-se num silêncio respeitoso, e apenas se ouvia a música.

Constâncio voltou-se quando nos aproximámos, e a sua expressão exaltada focou-se, de súbito, como se pudesse ver por detrás do véu a mulher, ou a deusa dentro dela. Wren ia espalhando flores à minha passagem, Aelia e Heron caminhavam uma de cada lado, e depois todas três ficaram para trás e eu prossegui sozinha. Constâncio e eu ficámos frente a frente, sacerdote e sacerdotisa, um de cada lado de uma pequena mesa onde havia um pão, um prato com sal e uma taça e um jarro cheio de água da fonte sagrada.

- Meu senhor, eu te ofereço as dádivas da terra. Come e fortalece-te. - Parti um pedaço de pão, mergulhei-o no sal e estendi-lho.

- Tu és a terra fértil, aceito a tua abundância - respondeu Constâncio. Comeu o pedaço de pão, partiu outro e estendeu-mo. - E despenderei a minha força para cuidar desse solo sagrado.

Depois de eu ter comido, ele pegou no jarro, deitou um pouco de água na taça e estendeu-ma. - Derramar-me-ei em ti como água. Bebe e revivifica-te.

- Tu és a chuva que cai do céu. Recebo a tua bênção. - Bebi um golo de água e entreguei-lhe a taça. - Mas todas as águas renascem do mar.

Ele tirou a taça da minha mão e bebeu.

O tambor recomeçou a fazer-se ouvir. Dei um passo atrás, fazendo-lhe sinal, e ele seguiu-me. A música tornou-se mais rápida e

comecei a dançar.

Os meus pés pareciam já não me pertencer; o meu corpo transformara-se num instrumento para expressar a música, enquanto eu me curvava e balançava nas sinuosas espirais da dança sagrada. A minha túnica, de um linho quase tão fino como os véus que ocultavam o meu rosto, colava-se-me ao corpo ou rodava quando eu redopiava. Mas, nos círculos que eu descrevia, Constâncio era o meu centro, para o qual me voltava como uma flor para o Sol.

Ele começou por balançar-se, e, depois, quando a música acabou por quebrar o último dos seus condicionalismos romanos, começou a mover-se, numa espécie de dança vigorosa e pesada, como se marchasse ao som da música. Aproximávamo-nos cada vez mais um do outro, imitando mutuamente os movimentos, até que ele me colheu nos seus braços. Por momentos, ficámos com os peitos encostados. Eu sentia o seu coração bater como se fosse o meu.

Depois pegou em mim, tão facilmente como se eu não pesasse mais que Heron, e levou-me para a câmara nupcial.

Era uma cabana redonda à maneira antiga, feita de ramos entrecruzados. Tinham sido entrelaçados com flores, e a luz brilhava através das fendas, manchando o pano rico que cobria o leito, as paredes e os nossos corpos de dourado. Constâncio pousou-me no chão e ficámos em frente um do outro. silenciosos, até as folhas douradas da sua coroa deixarem de estremecer com a rapidez da sua respiração.

- Sou o que sou, o que fui e o que serei - disse eu suavemente - e homem algum ergueu já o meu véu. Purifica o teu coração, tu que pretendes conhecer o Mistério.

- Já fui purificado segundo a Lei - respondeu ele. Depois acrescentou:

Comi do tambor, bebi dos címbalos. Vi a luz que brilha na escuridão. Vou erguer o teu véu.

Aquelas não eram as palavras que os sacerdotes lhe tinham ensinado. Era óbvio que ele não era apenas um iniciado do Deus dos Soldados, mas também da Mãe e da Filha, como eram conhecidas nas terras do Sul. Estendeu os braços e, com as suas mãos firmes, ergueu a coroa de espinheiro branco que me cingia a fronte e depois retirou o meu véu. Por momentos, ficou simplesmente a olhar-me. Depois ajoelhou-se diante de mim.

- És tu! Mesmo no meio da tempestade, conheci-te. Tu és verdadeiramente a Deusa! Mostraste-te primeiro sob a forma de uma bruxa para me experimentares, e esta é a minha recompensa?

Engoli em seco, olhando para a sua cabeça curvada e depois, inclinando-me, retirei a sua coroa dourada e pousei-a ao lado da minha coroa de flores.

- Com esta coroa ou sem ela, tu és o Deus para mim... - consegui dizer. - Era eu realmente, e já nessa altura te amava.

Ergueu os olhos para mim, ainda desvairados e desfocados. pousou as mãos nas minhas ancas e puxou-me para ele até a sua cabeça se apoiar na união das minhas coxas. Senti formar-se um doce fogo entre elas e, subitamente, os meus joelhos deixaram de me sustentar e fui deslizando. deslizando, entre as suas mãos até ficarmos ambos ajoelhados, peito contra peito e frente contra frente.

Constâncio soltou um pequeno suspiro e os seus lábios procuraram os meus. E, como se isso tivesse completado um circuito de poder, subitamente o fogo estava em toda a parte. Agarrei nos seus ombros e os braços dele apertaram-me com força e juntos caímos sobre o leito que havia sido preparado para nós.

As nossas roupas tinham sido feitas de maneira a que, retirando alguns alfinetes, caíssem, e, em breve, não havia qualquer impedimento entre nós. O corpo dele era duro e musculoso, mas a sua pele era macia, deslizando pela minha, e as suas mãos ternas enquanto me ensinava êxtases que nunca tinham sido descritos na minha preparação. E então, o nosso paroxismo foi simultâneo. Envolvei-o nos meus braços quando o poder do Deus desceu por ele, fazendo-o estremecer ao ponto de gritar no momento final. E, quando ele entregou a alma ao meu cuidado, o poder da Deusa levou a minha ao seu encontro. e houve apenas luz.

Quando o tempo regressou da eternidade e ficámos imóveis, apertados nos braços um do outro, apercebi-me de que, no exterior da cabana, as pessoas davam vivas. Constâncio deteve-se, escutando.

- Estão a aplaudir-nos?

- Acenderam uma fogueira no cimo do Tor - disse eu suavemente. - Nesta noite, não há separação entre o teu mundo e Avalon. Os padres esconder-se-ão nas suas celas com medo dos poderes da escuridão, mas a fogueira que é aqui acesa será visível em todo o Vale. Noutros montes, as pessoas esperam para a ver. Acenderão então as suas próprias fogueiras e assim, de monte em monte, a luz espalhar-se-á por toda a Britânia.

- E quanto a esta fogueira? - Tocou-me uma vez mais e eu arquejei, sentindo-me invadida pelas chamas.

- Ah. meu adorado, penso que a fogueira que acendemos entre nós iluminará o mundo inteiro!

CAPÍTULO SEIS

270 d. C.

Quando acordei, a luz pálida da madrugada filtrava-se através das folhas da cabana. Sentia o ar frio e húmido sobre a pele nua. Enfiei-me por baixo das cobertas e o homem ao meu lado resmungou, voltou-se e estendeu um braço possessivo para me puxar contra o seu corpo. Por momentos fiquei hirta e confusa, e depois os meus sentidos foram invadidos pela recordação. Voltei-me, encostando-me mais a ele, surpreendida, apesar de sentir o corpo invulgarmente dolorido, pela forma como me parecia certo estar assim ao lado dele.

Não escutava qualquer som humano, mas as aves entoavam um triunfante acolhimento ao novo dia. Ergui-me sobre um cotovelo, olhando para o rosto adormecido do meu... amante? Parecia-me uma palavra muito leve para a nossa união, e, no entanto, o que se passara entre nós tinha sido decerto mais pessoal do que a transcendente união de sacerdote e sacerdotisa manifestando ao mundo o poder do Divino.

Embora aquilo tivesse sido, sem dúvida, uma parte disso. Senti um reminescente estremecimento de energia na área do plexo solar, ao recordar-me. Quando do nosso orgasmo conjunto, a terra a despertar tinha-se enchido do poder radioso do Sol. Se estendesse os meus sentidos para a terra, poderia sentir os efeitos posteriores dessa conjunção, como círculos concêntricos alargando-se na superfície parada de um lago.

E que mais realizara o ritual? Foquei-me no meu corpo, com os lábios inchados pelos beijos, os seios acordados para uma estranha sensibilidade, os músculos do interior das minhas coxas doridos com a extensão a que não estavam habituados, e o lugar secreto entre eles a começar a latejar uma vez mais, com a recordação a estimular um novo desejo. Forcei a consciência a penetrar mais fundo, no ventre que havia recebido a semente de Constâncio. Estaria grávida? Nem mesmo os meus sentidos de sacerdotisa iniciada conseguiam sabê-lo. Apercebi-me de que estava a sorrir. Se a nossa anterior noite de amor não tivesse implantado uma criança no meu ventre, teríamos que tentar de novo...

Descontraído no sono, Constâncio revelava uma serenidade de que eu nunca teria suspeitado. O seu corpo, onde o Sol não o tocava, parecia de marfim. Olhei para o seu rosto com crescente prazer, inscrevendo na memória as linhas fortes da face e do maxilar, a ponte alta do nariz, a curva nobre da sua fronte. À luz pálida, a marca de Mitra mal se via, mas, para os meus sentidos internos, ela brilhava, transmitindo a radiação da alma interior.

Como se essa consciência tivesse sido um contacto físico, ele começou a despertar, primeiro com um suspiro e depois com um agitar das pálpebras. Em seguida, os músculos do rosto enrijeceram, nas linhas habituais, e abriu os olhos. Era, segundo parecia, uma daquelas pessoas felizes, num instante, que passam da inconsciência para a consciência plena. Os olhos cinzentos que me fitaram abriam-se, não com sono, mas com espanto.

- Sanctissima Dea...⁶ - murmurou.

Sorri e abanei a cabeça, sem saber ao certo se tinha sido um título ou uma exclamação. - Agora não - respondi. - A manhã chegou e sou apenas Helena.

- Agora... sim - corrigiu ele. - E quando atingiste o paroxismo comigo na noite passada, e quando te sentaste como uma bruxa junto da minha fogueira, e quando me chamaste a Avalon. Os Gregos dizem que Anquises tremeu de medo por ter dormido com uma deusa sem saber. Mas eu sabia... - Estendeu a mão e, muito ternamente, afastou a madeixa de cabelos que me caía sobre a testa. - E se os deuses me tivessem siderado pela minha presunção, teria considerado que o preço tinha valido a pena.

Os deuses não nos tinham siderado, apesar de ter havido momentos em que bem podíamos ter sido vencidos pelo êxtase. Seria Ganeda, pensei subitamente, que iria siderar-me quando se apercebesse de que eu tinha tomado o lugar de Aelia no ritual.

- O que foi? - perguntou ele. - Que se passa?

- Nada... nada que tu tenhas feito - apressei-me a dizer, inclinando-me para o beijar. Era óbvio que a reverência não alterava a sua virilidade, porque a reacção foi imediata. Puxou-me para baixo, e no fluxo de sensação ocasionado pela forma como me amou, todo o pensamento ficou, a um tempo, submerso.

Quando voltei a ser capaz de pensar coerentemente, a luz que se filtrava através das folhas era brilhante e dourada e pude ouvir um murmúrio de vozes no exterior.

- Devíamos vestir-nos - murmurei, com a boca encostada à sua face. - As sacerdotisas não tardam aí.

O seu aperto tomou-se subitamente mais forte. - Vejo-te de novo?

- Eu... não sei... - Na véspera não tinha pensado para além do ritual. Sabia que queria Constâncio. mas não tinha pensado como seria difícil. depois de ter dormido com ele, deixá-lo partir.

- Vem comigo...

Abanei a cabeça. não numa negação, mas porque me sentia confusa. Acreditava que tinha sido justificado tomar o lugar da Noiva de Beltane, porque Constâncio era o amante que me fora prometido pela minha visão. Mas, sendo assim, e as imagens de terras estrangeiras que tinha visto? Por mais que o amasse, não queria deixar Avalon.

- Que significa isto para ti? - Passei suavemente um dedo sobre o sinal de Mitra na sua fronte.

Por momentos, pareceu ficar abalado. Esperei enquanto se esforçava por elaborar uma resposta, sabendo quão profunda era a inibição de falar dos Mistérios.

- É um sinal... da minha devoção ao Deus da Luz... - disse finalmente.

- E este sinal significa a minha dedicação à Deusa... - indiquei o crescente azul entre as minhas sobrancelhas. - Sou uma sacerdotisa de Avalon e estou presa pelos meus votos.

- Foi apenas obediência aos teus votos que te trouxe até mim na noite passada? - perguntou ele, franzindo a testa.

- Consegues realmente pensar isso, depois desta manhã? - tentei sorrir.

- Helena... peço-te, irá sempre haver verdade entre nós! - o seu rosto tornara-se sombrio.

Por um longo momento, enfrentei o seu olhar, perguntando a mim mesma quanto ousaria dizer-lhe. Mas ele ficaria decerto a saber tudo, mal eu saísse da cabana e todas vissem que eu não era Aelia.

- Tomei o lugar da sacerdotisa destinada a ser a tua noiva. Tive uma Visão. que me mostrou o teu rosto há muito tempo. E depois fui enviada para te trazer aqui e... comecei a amar-te...

- Desobedeceste? - No seu rosto a ansiedade lutava com a satisfação. - Irão castigar-te?

- Nem mesmo a Senhora de Avalon pode mudar o que sucedeu entre nós. - Esforcei-me por sorrir. Mas ambos sabíamos que, verdadeiramente, eu não tinha respondido.

Ouviu-se um som no exterior e fiquei tensa. Alguém batia levemente no cimo da porta.

- Ellan, estás a ouvir-me? O romano dorme?

Era a voz de Aelia, e recordei-me subitamente de que lhe tinha sido dito que, depois de dormir com ele, ela deveria fazer com que Constâncio bebesse o conteúdo do jarro de prata a um canto, para que estivesse a dormir enquanto ela partia.

- Eilan, vem depressa e ninguém... - Interrompeu-se. arquejante. Ouvei o som dos passos de várias pessoas que se aproximavam e senti, de súbito, um frio na boca do estômago. Com uma pesada certeza, soube que era Ganeda antes de ouvir as palavras seguintes.

- Ela ainda dorme? Parece que afinal não receava assim tanto o contacto de um homem. Vais ter de entrar e acordá-la... - O riso calou-se. - Aelia!

Houve um curto silêncio carregado. Quando comecei a envolver-me na coberta, Constâncio agarrou-me num braço.

- Não as enfrentarás sozinha...

Ao fim de um momento, assenti com a cabeça e esperei, enquanto ele enrolava o meu véu em torno das ancas, recordando-me as estátuas que vira em Londinium. Um dos seus braços envolveu-me protectoramente. Com o outro, correu o cortinado que cobria a porta, e saímos juntos para a luz reveladora do novo dia.

Foi pior do que eu esperava. Não só estavam ali Ganeda e as sacerdotisas, mas também Arganax e os Druídas. Aelia, acocorada junto da porta, chorava silenciosamente. Estendi a mão para tocar no seu ombro e ela agarrou-se a mim.

- Estou... a ver... - disse a suma sacerdotisa numa voz que lembrava pedras a serem moídas. Olhou em volta para o terreiro da dança e vi que as pessoas que ali tinham dormido, em casais ou sozinhas, começavam a acordar e lançavam olhares curiosos para a cena junto da cabana. Com um esforço óbvio, controlou as palavras que fremiam nos seus lábios.

- Ailia... e Eilan - disse severamente - vinde comigo. - O seu olhar voltou-se para Constâncio. - Meu senhor, os Druidas aguardam-te para se ocuparem de ti.

O aperto dele tornou-se mais forte. - Não vão maltratá-la!

O rosto de Ganeda tornou-se ainda mais sombrio. pensando no que eu poderia ter dito ao romano.

- Pensas que somos bárbaras? - retorquiu. e ele reagiu ao seu tom de comando e soltou-me, embora, na verdade, ela não tivesse respondido.

- Tudo se acertará - disse eu em voz baixa. apesar de a apreensão me causar um nó no estômago.

- Não quero perder-te! - respondeu Constâncio. e ocorreu-me que não só não tinha previsto como aquela noite me ligaria a ele. como não imaginara de que forma ela poderia afectar os seus sentimentos por mim.

Ajudei Aelia a erguer-se e. envolvendo a sua cintura com o meu braço, avancei com ela para o ajuste de contas.

- Que importância tem? - exclamei. - Ambos os vossos propósitos foram cumpridos. Queríeis um homem do destino para o Grande Rito, e queríeis que ele ganhasse amizade por Avalon.

O Sol aproximava-se agora do meio-dia e ainda estávamos a discutir. Por essa altura, o estômago começava a dar sinal de si. não de medo mas de fome.

- Esqueces-te da terceira razão, que era a mais importante de todas - disse Ganeda sombriamente. - Constâncio teria de gerar o Filho da Profecia.

- E assim sucederá, comigo! Na minha visão, vi-me com um filho dele!

- Mas não o filho do Grande Rito... - disse a suma sacerdotisa severamente. - Porque pensas ter sido Aelia a escolhida para consorte dele neste ritual?

- Porque era fácil dobrá-la à tua vontade!

- Idiota... Se ela foi realmente escolhida, não foi por essa razão. Na tua arrogância, pensaste que sabias mais do que o Conselho de Avalon, mas tu eras uma donzela inexperiente, ignorante dos Mistérios da Mãe. Na noite passada, Aelia estava no auge do seu período fértil. Se o romano se tivesse deitado com ela, teria ficado prenhe e a criança teria nascido aqui em Avalon.

- Como sabes que eu não fiquei?

- O teu período ainda não terminou há três dias - respondeu ela - e eu examinei-te. Não há uma centelha de vida nova no teu ventre.

- Haverá. O destino não pode ser negado... - respondi, mas o primeiro sopro de dúvida roubou força às minhas palavras. - Constâncio fez-me esse voto... uma sacerdotisa terá um filho seu!

- Mas quando? Ainda não compreendeste? Uma criança gerada na noite passada teria preservado os Mistérios por um milhar de anos. Mesmo que as tuas fantasias fossem verdadeiras, que estrelas governariam o destino da criança que finalmente tiveres?

- Será meu filho - murmurei. - Criá-lo-ei para servir os deuses.

Ganeda abanou a cabeça, desgostosa. - Devia ter-te devolvido há muito ao teu pai. Só tens criado problemas desde o dia em que chegaste!

- Perdeu a sua oportunidade! - silvei, tocando no crescente que tinha na testa. - Ele está morto e eu sou uma sacerdotisa.

- E eu sou a Senhora de Avalon! - retorqui eu - e a tua vida está na minha mão!

- Nem toda a tua ira, Ganeda, pode mudar o que foi feito - disse eu com lentidão. - Pelo menos conquistei a amizade de Constâncio por Avalon.

- E o que não foi feito? Pensas que o homem voltará em cada Beltane, como um garanhão, até te deixar prenhe?

Alguma tensão se aliviou dentro de mim. Tinha receado que ela me proibisse de voltar a vê-lo. Ele voltaria, por certo, disse a mim mesma, e eu havia de aguentar até esse dia.

- Então, qual é o meu castigo?

- Castigo? - Havia veneno no seu sorriso. - Não prometi eu ao romano que não te faria mal? Foste tu quem escolheu a própria condenação, Helena. Quando Constâncio partir, irás com ele...

- Deixar... Avalon? - sussurrei.

- É isso que ele exige... e deves sentir-te grata por não seres posta fora como uma mendiga, para vagueares pelo mundo!

- Mas, e os meus votos?

- Devias ter pensado nos teus votos na noite passada, antes de os quebrares! Nos tempos antigos, terias sido queimada por tal crime. - No seu rosto enrugado, uma azeda satisfação começava a substituir a fúria.

Olhei-a. Tinha desobedecido à sua ordem, sem dúvida, mas tinha-me entregue a Constâncio segundo os desejos da Deusa.

- Tens até ao pôr do Sol para te preparares - disse então Ganeda. Quando o Sol se puser e o festival terminar, serás banida de Avalon.

Os cristãos, segundo tinha ouvido contar, tinham uma lenda que contava como os primeiros pais da humanidade tinham sido expulsos do Paraíso. Quando as brumas de Avalon se fecharam atrás

de mim, compreendi como eles se teriam sentido. Teria reconfortado Eva saber que Adão estava ainda ao seu lado? Saber que a minha própria decisão tinha forçado aquele destino a cair sobre mim servia-me de pouco.

Disse a mim mesma que, se Constâncio tivesse partido sozinho, deixando-me ficar, estaria a chorar amargamente, mas o desgosto que me deixava aturdida e silenciosa, enquanto o barco nos afastava através das brumas era de uma ordem mais profunda.

Quando o barco encostou, abaixo da aldeia do povo do Lago, senti uma súbita desorientação, e Constâncio ergueu-me nos braços e levou-me ao colo para a margem. Quando me pousou de novo no chão, agarrei-me a ele, tentando compreender o que me tinha acontecido.

- Está tudo bem - sussurrou ele, apertando-me contra si. - Ficou tudo para trás.

Olhei para o Lago e apercebi-me de que o sentido psíquico que sempre me dissera onde encontrar Avalon deixara de existir. A visão física mostrava-me os pântanos e a água azul, e a colmeia de cabanas na ilha cristã. Mas, quando saíra antes, tinha-me bastado fechar os olhos para sentir, num estranho ângulo em relação ao mundo mortal, o caminho para Avalon. Tinha pensado que essa ligação seria sempre minha. Através dela, a suma sacerdotisa podia controlar o bem-estar das suas filhas ausentes, porque mesmo quando as sacerdotisas eram enviadas a tratar de assuntos longe da ilha sagrada, continuava a existir um fio de ligação.

Mas agora Ganeda cortara-o e eu era como uma árvore jovem que a corrente desenraizara e arrastava. Quando parei de chorar, a madrugada cinzenta irrompia de novo.

Não sei se o facto de Constâncio me ter aturado durante as semanas seguintes era prova da sua honra ou do seu amor. Disse ao estalajadeiro da casa da posta onde passámos a noite seguinte que estava doente, e era verdade, embora a minha doença não fosse do corpo mas da alma. De dia, o meu único conforto era a dedicação de Eldri, e de noite a força dos braços de Constâncio. E, quando se tornou claro para ele que era uma tortura constante para mim viver onde cada dia límpido me deixava ver o Vale de Avalon, terminou o seu negócio nas nunas e partimos para Eburacum, onde as oficinas da sua família transformavam parte do chumbo em peças de estanho.

Constâncio contratou um guia para nos levar de corta-mato, por veredas e atalhos até à grande estrada romana que une, a nordeste, Lindinis a Lindum. Durante os primeiros dias, cavalguei num silêncio sombrio, demasiado envolta no meu desgosto para reparar no que me cercava. No entanto, se alguma época do ano poderia reconciliar-me com a perda de Avalon, penso que seria a sorridente estação que se segue a Beltane.

Embora o vento soprasse por vezes ainda fresco, o frio do Inverno, que gelava até aos ossos, já tinha passado. O Sol triunfante lançava a sua dourada bênção sobre a terra, e esta acolhia-a com um alegre abandono. No verde vivo das folhas novas ressoavam os cânticos das aves regressadas, e cada caminho entre sebes ou pelo meio dos bosques estava adornado com flores. À medida que a cada dia maravilhoso se seguia outro igual, o meu corpo, como a terra, reagia a essa luz radiosa.

Durante tanto tempo - de mais - tinha procurado ervas só pela sua utilidade. Agora colhia as primaveras cremes e as campainhas oscilantes, as brilhantes celidónias, as violetas ocultas e os miosótis semelhantes a pedaços de céu caídos na terra, sem outro motivo para além de serem belos. A exercitação de Avalon destinava-se a desenvolver o espírito, e todos os recursos da mente e do corpo

eram postos ao seu serviço, sob a orientação de uma vontade disciplinada. As necessidades da carne só eram reconhecidas com relutância na altura dos festivais, e as do coração não mereciam qualquer reconhecimento. Mas Constâncio tinha conquistado os despertantes sentidos e o meu coração acompanhava o seu triunfo, prisioneiro voluntário. Não fiz qualquer esforço para resistir: banida do reino do espírito, restavam-me apenas o mundo e os seus prazeres.

Viajávamos lentamente, ficando por vezes em villas e em casas rurais, outras vezes dormindo sob as estrelas num bosque ou num campo ao lado da estrada. A primeira cidade importante ao longo da nossa rota era Aquae Sulis, encolhida nas colinas onde o Abona a circundava até chegar ao estuário de Sabrina. Sei agora que não passava de uma pequena cidade, mas na altura fiquei impressionada com a sua elegância. Desde os tempos antigos, as fontes termais eram consideradas sagradas, mas os Romanos, para quem os banhos eram uma necessidade social, tinham feito do local umas termas capazes de competir com quaisquer outras do império.

Ao passar, maravilhava-me com os edifícios, construídos em pedra quente e dourada. A multidão que enchia as ruas estava bem vestida, e abruptamente tomei consciência do que uma semana de viagem tinha feito ao meu único vestido. E o meu cabelo - cobri-o apressadamente com o véu e encostei mais o meu pónei à mula de Constâncio.

- Meu senhor...

Voltou-se com um sorriso, e surpreendeu-me ver como ele se adaptava naturalmente àquele ambiente civilizado.

- Constâncio, não podemos ficar aqui. Não tenho nada para vestir.

- Foi precisamente por isso que eu quis parar aqui, meu amor - disse ele, sorrindo. - É muito pouco o que tenho para oferecer em troca de tudo o que deixaste por mim, mas Aquae Sulis contém, em miniatura, o melhor do império. Tenho fundos suficientes para ficarmos durante uns dias numa estalagem decente, gozar os banhos e comprar roupas que façam justiça à tua beleza.

Comecei a protestar, mas ele abanou a cabeça. - Quando chegarmos a Eburacum, vou apresentar-te aos meus sócios, e terás de me deixar ficar bem. Pensa nas compras como algo que podes fazer por mim.

Endireitei-me na sela, com as faces em fogo. Continuava a surpreender-me quando me recordava de ele me ter achado bela. Não sabia se era verdade - não havia espelhos em Avalon - mas isso pouco interessava. desde que encontrasse favor aos seus olhos.

Fazer compras em Aquae Sulis era algo assustador para quem crescera com uma túnica para todos os dias e uma para o ritual, embora até mesmo Constâncio abrisse os olhos de espanto ao ver os preços. Acabei por ficar com uma túnica cor de terra cota, com a bainha debruada a verde e ouro. e uma palla⁸ de lã verde para usar com ela, e outro conjunto nos tons rosados da alvorada. Acedi de boa vontade a tudo o que Constâncio queria que eu usasse, desde que não fosse azul-sacerdotisa.

Deixando Eldri a guardar as nossas coisas na estalagem, no jardim duma taberna na rua principal, e depois seguimos para o complexo do templo que incluía os banhos. Estava a tornar-se claro para mim que Aquae Sulis não era uma cidade romana vulgar. Dominada pelos edifícios religiosos que haviam crescido em volta da

fonte sagrada, era tão dedicada aos deuses, à sua maneira, como Avalon. Eu estava habituada a belos adornos de pedra, embora os baixos-relevos que adornavam os edifícios parecessem mais ornamentados depois da pura simplicidade da ilha. E, embora fosse verdade que a minha gente tinha feito imagens das suas divindades, os Druidas de Avalon ensinavam que os deuses eram adorados de forma mais verdadeira ao ar livre.

Assim, eu podia dizer a mim mesma que a imagem de Sulis Minerva que se erguia no tholos⁹ redondo da praça em frente dos banhos não passava de uma estátua, embora evitasse fitar o calmo olhar da cabeça de bronze por baixo do elmo dourado, ao passar por ela. Fiquei para trás enquanto Constâncio comprava um saco de incenso para lançar no fogo que ardia no altar do pátio, ressentindo-me da sua inconsciente piedade, apesar de a admirar. Mas que tinham aquelas cerimônias a ver comigo, que conhecera os Mistérios de Avalon? "Que os conhecera e os perdera..." recordou-me uma consciência mais profunda. Muito bem, disse a mim mesma, aprenderei a sobreviver sem quaisquer deuses.

Um rosto de Górgona olhava-nos ferozmente do pórtico do templo, com os cabelos e a barba retorcidos em forma de raios. Outra divindade solar reinava sobre o arco que conduzia aos banhos. Por amor a Constâncio, pensei então, talvez pudesse fazer uma exceção àquela.

Ele pagou as nossas entradas e passámos sob o arco. Tossi ao sentir o súbito sopro de ar húmido e quente. Tinha um vago odor a ovos podres, não suficientemente forte para se tornar desagradável, mas nitidamente medicinal. Diante de nós, brilhando vagamente sob a luz que passava pela janela alta e arqueada, estava a piscina sagrada.

- A água nasce aqui e é canalizada para as outras piscinas - disse Constâncio. - Este lugar já era sagrado muito antes de o Divino Júlio ter trazido as suas legiões para esta ilha. É habitual fazer uma oferenda...

Abriu a bolsa e tirou dois denários de prata. Outras moedas brilhavam no fundo da piscina, juntamente com placas votivas de chumbo e outras dádivas. Constâncio puxou o capuz da capa para a cabeça, enquanto os seus lábios se moviam silenciosamente, e atirou o seu denário. Segui-lhe o exemplo, apesar de não ter uma prece para oferecer, apenas uma necessidade sem voz.

- Estás com sorte: o assistente disse-me que há piscinas quentes reservadas às mulheres a esta hora. Eu vou para a sala de vapor no

outro extremo dos banhos e encontramos-nos ao pôr do Sol junto do altar exterior. Constâncio apertou-me a mão e afastou-se.

Por momentos, senti vontade de o chamar. Mas, após uma semana na estrada, todas as outras considerações eram dominadas pelo desejo de me lavar a preceito. Segui na outra direcção e passei da primeira câmara para a colunata adjacente à grande piscina. As conversas escutadas na taberna tinham sugerido ser ainda cedo para a quantidade de visitantes para a qual os banhos tinham sido edificadas. A piscina de água quente estava quase vazia. a sua água apresentava-se verde no local onde os raios do sol desciam obliquamente sobre ela, com as zonas laterais misteriosamente ensombradas pela colunata. Circundei-a, procurando as piscinas mais pequenas que me tinham dito haver mais adiante.

A piscina que escolhi era aquecida por água que jorrava de baixo de uma laje, e as suas pedras mal se viam, devido a uma acreção de minerais da fonte. Recordou-me o Poço Sagrado de Avalon, mas aquela água estava tão quente como o sangue. Mergulhar no seu abraço era como um regresso ao útero materno.

Recostei-me com a cabeça apoiada na curva suave da cornija, deixando a água sustentar o meu corpo, e alguns músculos que eu nem sabia estarem tensos começaram finalmente a descontraírem-se.

As duas mulheres que tinham estado dentro de água antes da minha chegada, saíram da piscina e partiram, conversando acerca de uma nova cozinheira. Chegou uma escrava com uma braçada de toalhas, constatou que eu não precisava de ajuda e foi-se embora. A água ficou imóvel. Eu estava sozinha.

Fiquei a flutuar, durante um tempo infinito, sem necessidades nem desejos. Naquele momento, sem ser perturbada por exigências da mente ou do espírito, não me apercebi de que as defesas que construía em volta do meu espírito estavam a dissolver-se. O suave embate das pequenas ondas contra a pedra cessou, até o murmúrio da água a correr para a piscina ser o único som que se ouvia.

E, ao fim de algum tempo, aquele subtil murmúrio transformou-se numa canção...

Sempre a correr, sempre a crescer

da terra para o mar

sempre a cair, sempre a chamar

sempre na senda de ser...

A música descontraí-me e, sem intenção, a minha alma agitou-se e procurou o espírito das águas. A canção prosseguiu. Dei comigo a sorrir. na incerteza de ser a minha própria imaginação a fornecer palavras à música, ou de estar realmente a escutar a voz da fonte. Agora, novas palavras eram sussurradas pelo jorro de água...

Sempre a viver, sempre a dar,

todos os meus filhos são livres;

sempre a rodar, sempre a ansiar,

eles regressam para mim...

Mas eu estava separada daquela fonte eterna, e proibida de voltar. Ao recordar-me disso, cresceu em mim um grande desgosto. e as lágrimas rolaram-me pelo rosto e foram misturar-se com as águas da Deusa da piscina.

Pareceu-me uma eternidade até a escrava voltar à câmara, mas suponho que, na verdade, não tinha passado assim tanto tempo. Sentia-me vazia e, quando saí da água e vi o sangue a escorrer pelo interior das minhas coxas, apercebi-me de que estava realmente vazia. Ganeda tinha razão nos seus cálculos, e, apesar do êxtase do nosso amor, Constâncio não me engravidara.

Depois de a rapariga me fornecer panos acolchoados, fiquei sentada durante longo tempo na sombra húmida, olhando para a água, à espera de mais lágrimas. Mas, de momento, não havia mais emoção. A minha vida estendia-se diante de mim, despida de magia. Mas não, recordei a mim mesma, de amor. Naquele momento, Constâncio já devia estar à espera. Não tinha sido ele a despedaçar o meu coração - eu tinha feito tudo aquilo sozinha.

Enganado, atraído do seu mundo para Avalon e depois sobrecarregado com uma sacerdotisa chorona e caída em desgraça, ao partir, Constâncio não se queixara. Merecia, pelo menos, uma companhia alegre. Por essa altura, o meu cabelo estava a secar e as madeixas mais curtas encaracolavam-se em volta da minha testa. Chamei a escrava uma vez mais para o pentear no alto da cabeça, com ganchos, e me ajudar a disfarçar os olhos inchados com kohl e as minhas faces pálidas com rouge. Quando me olhei no espelho de bronze, vi uma elegante estranha.

Quando saí dos banhos, o Sol estava prestes a pôr-se por detrás das colinas que abrigavam a cidade. Ofuscada pelo seu clarão, voltei-me e detive-me, diante de um frontão que era gémeo do que conduzia à fonte sagrada. Mas ali, a figura dominante era uma deusa, com os cabelos erguidos de ambos os lados e presos no meio por um aro. Tinha sobre a cabeça um crescente lunar.

Por momentos fiquei simplesmente a olhá-la, como um viajante para ao ver alguém da sua terra. Depois recordei-me de como tinha ido parar ali.

- De pouco te serve, Senhora, esperares por mim - disse em Voz baixa. - Foste tu que me expulsaste... Não te devo lealdade!

A partir de Aquae Sulis, a estrada militar voltava para nordeste, atravessando a Britânia. Depois de deixarmos Cormium, começava gradualmente a subir, passando através de terreno montanhoso, à medida que se aproximava de Ratac. Não obstante, continuámos a encontrar alguma [niansio¹⁰](#) e estalagem de posta a um dia de viagem umas das outras, ao longo da estrada, e, de vez em quando, avistava por entre as árvores o telhado vermelho de uma villa. Aquela região, assegurou-me Constâncio, era pouco acidentada em comparação com as montanhas perto de Eburacum. mas eu, habituada às charnecas do País do Verão, olhava com espanto para as distâncias azuis.

Quando nos aproximámos de Lindum, deparámos com campos verdes e planos como as terras de Trinovante onde eu vivera em criança. Refugiei-me nessas recordações e comecei a falar a Constâncio do meu pai e dos meus irmãos. ajustando como um mosaico romano as minhas recordações da vida de um príncipe britânico que adoptara, na sua maior parte, os costumes de Roma.

- A minha família não é muito diferente - disse Constâncio. - A minha gente vem da Dácia. a terra que fica a norte da Grécia, onde os montes Cárpatos circundam a grande planície. Nasci numa villa no Danuvius, onde o rio atravessa as pastagens. A Dácia continua a

ser uma província fronteira - tornámo-nos romanos mais tarde do que os britânicos - e os godos continuam a querer que voltemos a ser bárbaros...

- Ouvimos dizer que o imperador Cláudio os tinha derrotado em Nissa - disse eu. quando o silêncio começou a prolongar-se. Já se passara muito tempo desde que tínhamos avistado uma villa e, apesar de a estrada ser elevada, havia um emaranhado de árvores a fechá-la de ambos os lados. O clip-clop dos cascos das nossas montadas parecia muito alto naquela terra vazia.

- Sim... eu estive lá... - respondeu Constâncio, esfregando o sítio da coxa onde me lembrava de ter visto uma cicatriz. - Mas foi por pouco. Eles vieram de leste, atravessando o mar Euxino¹¹. A nossa guarnição de Marcianopolis repeliu-os, mas eles navegaram para sul e conseguiram penetrar no Egeu, onde se dividiram em três exércitos. Galieno varreu os Herúlios para a Trácia, mas os Godos continuaram a assolar a Macedónia.

Finalmente, defrontámo-los em Nissa. É difícil defendermo-nos contra bandos errantes que atacam uma aldeia e fogem, mas as tropas bárbaras não se aguentam com a nossa cavalaria pesada... - Os seus olhos mostravam-se desolados pela recordação. - Foi uma chacina. Depois disso, foi só um trabalho de limpeza. A fome e o

meu tempo mataram tantos fugitivos como nós. Isso, e a peste. - Ficou em silêncio e recordei-me de que a peste também matara Romanos, incluindo o seu tio-avô, o imperador.

- A tua terra era segura? - perguntei. tentando afastar da sua mente os pensamentos de guerra.

Ele pestanejou e esforçou-se por sorrir. - Sim. era... os Godos procuravam cidades mais antigas e mais ricas. Foi uma daquelas alturas em que viver na fronteira funcionou a nosso favor. A minha gente está lá desde que Trajano conquistou o território.

- A família do meu pai governava as terras a norte do Tamesis antes da chegada dos Romanos - observei, um pouco pretensiosamente. O Sol irrompia por entre as nuvens e desprendi o meu largo chapéu da sela para o pôr na cabeça. - Mas um antepassado meu fez uma aliança com o Divino Júlio e tomou o seu nome de família.

- Ah... - fez Constâncio. - Os meus antepassados são menos ilustres. Um deles foi cliente de Flávio Vespasiano, o grande imperador, daí o nome de família. Mas o primeiro da minha linhagem a instalar-se na Dácia foi um centurião que se casou com uma jovem dessa terra. Mas isso não é coisa que nos envergonhe. Há quem diga que o próprio Vespasiano descendia de um dos fundadores de Roma, mas contaram-me que o imperador se riu dessa ideia e confessou que o seu avó tinha sido soldado nas legiões. Não importa. Agora somos todos Romanos...

- Suponho que sim - respondi. - Sei que Célio respeitava os festivais romanos. Lembro-me de ir com ele ao grande templo de Cláudio em Camulodunum para queimar incenso ao imperador. Nas questões relacionadas com o governo, era romano, mas conservava os costumes antigos no que dizia respeito ao bem-estar da terra. Foi assim que eu fui concebida - acrescentei com relutância. - No ano das grandes inundações, apelou para Avalon, e a minha mãe, que era então a suma sacerdotisa, deslocou-se a Camulodunum para fazer o Grande Rito com ele.

- Então és leal a ambos os lados - disse Constâncio, sorrindo, e depois ficou pensativo. - O teu pai chegou a adoptar-te formalmente?

Abanei a cabeça. - Para quê? - disse amargamente. - Sempre estive destinada a Avalon... Isso é importante para ti? - acrescentei, vendo-o franzir a testa.

- Para mim, não - apressou-se ele a dizer. - Pode ter algumas implicações legais... para o nosso casamento.

- Queres casar-te comigo? - Na verdade, não tinha pensado muito nisso, tendo-me feito mulher em Avalon, onde as sacerdotisas não se prendiam a homem algum.

- Evidentemente! Ou, pelo menos - acrescentou - tomar algumas disposições legais para te proteger... Aquela cerimônia que fizemos no teu festival não foi um casamento?

Fitei-o. - Foi a união da Terra e do Sol, destinada a trazer vida à Terra... foram o deus e a deusa que se casaram, como no caso dos meus pais, não o sacerdote e a sacerdotisa que efectuaram o rito.

Ele puxou as rédeas, travando o caminho ao meu pônei, e voltou-se para mim. Um par de felosas levantou voo numa sebe de espinheiro, piando. - Se não te consideras minha mulher, porque vieste comigo?

Os meus olhos encheram-se de lágrimas. - Porque te amo...

- Sou um iniciado, mas não um adepto dos Mistérios - disse Constâncio ao fim de um longo momento. - A única forma que conhecia de fazer aqueles votos era como um homem. E tu eras a minha mulher... logo na primeira vez em que te vi, soube que eras a mulher cuja alma estava ligada à minha.

Ocorreu-me subitamente que o plano de Ganeda nunca poderia ter resultado, mesmo que eu não tivesse interferido. Se Aelia tivesse sido a sacerdotisa, Constâncio ter-se-ia recusado a levar por diante o ritual. Ele pegou-me então numa mão.

- Tu és minha, Helena, e nunca te abandonarei. Juro-to por Juno e por todos os deuses. Serás minha mulher de facto, quer uses ou não esse nome. Comprendes?

- Volo... Quero - sussurrei, apesar do nó que se formara na minha garganta. Pelo menos eu tinha tido uma visão. Apenas a honra, e o seu coração nobre, mantinham aquele homem ao meu lado.

Penso que foi nesse momento, numa estrada algures no meio da Britânia, que começou verdadeiramente o meu casamento com Constâncio.

CAPÍTULO SETE

271 d. C.

As costas de verga da minha cadeira redonda gemeram quando me encostei sobre elas. A pose era aparentemente descuidada: do sítio onde me encontrava, podia ver, para além do fresco de frutas e flores, a porta da cozinha, onde Drusilla devia estar a preparar o prato seguinte da refeição. Os nossos convidados, dois dos mais bem sucedidos comerciantes de Eburacum, tinham acabado de comer os ovos em salmoura e as ostras servidas cruas na casca com um molho picante. Era um dos diversos jantares que Constâncio oferecia durante o ano que tínhamos passado ali, formando uma rede clientelar entre os comerciantes da cidade.

Parecia estar a resultar. O negócio do estanho prosperava. Eu sabia que Constâncio teria preferido estar com os homens da Sexta Victrix na grande fortaleza do outro lado do rio, embora, na verdade, uma vez que as tribos selvagens do outro lado da Muralha estavam em paz, a legião estivesse muito desmembrada e não houvesse por lá grande actividade. Era na movimentada cidade, que desde os tempos de Severo tinha sido a capital da Bn'tânia Inferior, que agora residia o verdadeiro poder, e Constâncio parecia ser um daqueles homens que se saíam bem em tudo aquilo em que se empenhavam.

Avistei no corredor Filipe, o rapaz grego que recentemente havíamos trazido para casa, e fiz-lhe sinal para que viesse levantar os pratos. Constâncio, que escutava atentamente o mais velho dos comerciantes, um membro do grande clã dos Si Ivanos que negociava com linho de Eburacum e cerâmicas de Tréveris, dirigiu-me um sorriso de encorajamento.

Retribuí o sorriso, embora desempenhar o papel de uma dama romana ainda me parecesse um pouco irreal. Avalon preparara-me para muitas coisas, mas não tinha incluído o planeamento dum banquete formal nem a capacidade de conversar sobre vinhos. Para isso, eu estaria melhor preparada se tivesse crescido ao lado das outras raparigas do palácio do meu pai. No entanto, Constâncio precisava de uma anfitriã, e eu fazia o possível por fingir que me sentia à vontade.

Tinha aprendido a pintar o rosto e a prender os cabelos num complexo penteado, com uma fita grega para esconder o crescente que tinha na testa. Os negócios de Constâncio prosperavam, e ele adorava fazer-me ofertas. Tinha agora uma arca cheia de camisas e túnicas de magnífica lã de várias cores, brincos e um pendente de fabrico local, um medalhão com os rostos de Constâncio e o meu gravados.

Fiar era uma ocupação tradicional das matronas romanas, sendo uma arte que eu conhecia bem. Mas, quando chegámos a Eburacum, percebia tanto de governar uma casa como de travar uma batalha. Não havia tempo para chorar por Avalon - havia muito a aprender. Felizmente tínhamos em Drusilla uma excelente cozinheira. Constâncio tornara-se visivelmente mais sólido no último ano. Ela ter-se-ia ressentido com qualquer tentativa da minha parte para a orientar, mesmo que eu tivesse alguma noção de cozinha. No entanto, queria que eu memorizasse os ingredientes, para que, se algum dos convidados fizesse perguntas, eu pudesse fazer jus à sua habilidade.

Filipe trouxe o prato seguinte, pequenas couves, chamadas coliculi, cozinhadas com pimentos verdes e folhas de mostarda. Eram temperadas com tomilho e servidas sobre um puré de lebre em geleia. Com a gravidade de alguém empenhado num rito sagrado, servia as doses nos pratos, de boa louça vermelha samiana, provavelmente comprada a Lucius Viducius, cujo leito estava ao lado da minha cadeira. A sua família tinha dominado o negócio da cerâmica entre Eburacum e Rothomagus, na Gália, desde que os parentes de Constâncio fabricavam estanho.

Provei um pouco e pousei a colher. Sabia muito bem, mas o meu estômago andava revoltado. Nem sequer tinha provado as ostras.

- Não estás a comer, domina... Não te sentes bem? - inquiriu Viducius. Era um homem grande com cabelos louros que começavam a ficar grisalhos, mais parecendo um germano que um gaulês.

- Um transtorno momentâneo - respondi. - Nada de preocupante... Por favor, come, senão a minha cozinheira não me perdoa. Constâncio disse-me que viajas para a Gália duas vezes por ano. Voltarás em breve a atravessar o mar?

- Muito em breve - respondeu, acenando com a cabeça. - O teu marido espera convencer-nos a transportar as suas mercadorias para a Germânia no navio que trará as nossas. Que Nehalennia nos livre das tempestades!

- Nehalennia? - repeti delicadamente. Era uma deusa de que nunca ouvira falar.

- É uma deusa que protege os comerciantes. Fizeram-lhe um santuário numa ilha onde o Rhenus desagua no oceano. O meu pai, Placidus, ergueu lá um altar quando eu era criança.

- É então uma deusa germana?

Olhei rapidamente em volta. Constâncio conversava com o segundo homem, um armador. Havia agora mais pratos sobre a mesa: salmonetes fritos em azeite com pimentos e vinho, e lentilhas com nabos cozidos em molho de ervas. Tirei um pouco de cada um, embora não tentasse comê-los, e voltei-me para Viducius com um sorriso.

- Talvez - respondia ele. - O meu pai veio de Tréveris. Mas penso que ela gosta mais das terras baixas voltadas para o mar do norte. É lá que as vias marítimas e terrestres se encontram; dali, pode guardar todos os caminhos...

O meu rosto deve ter revelado algo, porque ele deteve-se, perguntando se havia alguma coisa errada.

- Errada, não: simplesmente recordei-me de uma deusa da Britânia, a que chamamos Elen dos Caminhos. Poderão ser a mesma?

- A nossa Nehalennia é representada sentada, com um cão aos pés e um cesto de maçãs no braço - respondeu o comerciante.

Sorri e inclinei-me para acariciar Eldri que estava, como habitualmente, aos meus pés, à espera de que caísse algum naco de comida. Ela sentou-se, com as narinas frementes, e apercebi-me de que Filipe trazia o javali assado. Vi-o chegar com sentimentos mistos - o magnífico odor alterou-me o estômago, mas a sua aparição queria dizer que a refeição estava prestes a terminar. Bebi com moderação um pouco de vinho com água.

- Diz-se que Elen também gosta de cães, porque indicam o caminho - disse eu delicadamente. - O teu pai também rendeu uma homenagem à deusa aqui em Eburacum?

Viducius abanou a cabeça. - Apenas a Jupiter Dolichenus, soberano do Sol, e ao génio deste lugar - onde quer que se vá, é sempre prudente conquistar as boas graças dos espíritos da terra.

Acenei afirmativamente com a cabeça, conhecendo agora a compulsão dos Romanos em honrar não só o genius loci, mas também qualquer conceito ou abstracção filosófica que se lhes deparasse. Cada cruzamento e cada poço público tinham o seu pequeno santuário, com o nome do doador exibido de forma proeminente, como se, sem essa etiqueta, os deuses não conhecessem a sua identidade. Mesmo Constâncio, que tinha estudado as filosofias dos Gregos que estavam tão próximas da teologia de Avalon, insistia em que os seus lares e penates ancestrais que guardavam a despensa desta casa recebessem as suas oferendas.

- O teu marido tem uma boa cabeça para os negócios, mas nunca irá passar a sua vida como comerciante - prosseguiu Viducius.
- Um dia o imperador chamá-lo-á para o seu serviço. Talvez então também tu atravesasses o mar e rendas as tuas homenagens a Nehalennia.

Tentei dizer algo delicado, mas o odor da carne assada foi de mais para o meu estômago revoltado. Pedindo desculpa, corri para o atrium e vomitei no vaso de terracota onde crescia uma roseira.

Quando acabei, pude ouvir o murmúrio mais forte das conversas, o que significava que os nossos convidados estavam a sair. Sentei-me num dos bancos de pedra, inspirando profundamente o ar fresco que cheirava a ervas. Estávamos perto do final do mês de Maio, e a noite ainda estava agradável. Havia ainda luz suficiente para eu poder apreciar as linhas graciosas das alas de dois andares que formavam o longo atrium, rodeado, no interior, por uma colunata. A casa tinha sido construída pelo mesmo arquitecto que desenhara o palácio próximo do imperador Severo, e, embora, como a maior parte das casas naquela parte da cidade, se estendesse a partir de uma fachada estreita, possuía uma elegância clássica.

Senti-me muito melhor, agora que o meu estômago estava vazio. Esperava, para bem dos nossos convidados, que não se devesse a

algo que tinha comido. Lavei a boca com água da fonte e encostei-me a uma coluna, olhando para o céu aberto por cima do atrium, onde a Lua nova, no seu crescente inicial, já ia alta.

E, ao contemplar a Lua, apercebi-me de que, poraquela altura, já deveria ter tido o meu período. Os meus seios também andavam invulgarmente sensíveis. Toquei-lhes, tomando consciência do seu novo peso e sensibilidade, e comecei a sorrir, compreendendo finalmente o que havia de errado comigo.

Uma sombra moveu-se entre os arbustos envasados. Reconheci Constâncio e pus-me de pé para o acolher.

- Helena... estás bem?

- Oh. sim... - O meu sorriso ampliou-se. -As tuas negociações foram bem sucedidas, meu amor? - Passei os braços em volta do seu pescoço e ele murmurou qualquer coisa com os lábios encostados ao meu cabelo, enquanto me abraçava com força. Por momentos ficámos assim, fortemente unidos. Ele cheirava a boa comida, a

vinho e ao óleo perfumado com que o seu escravo lhe untava a pele, nos banhos.

- Também podes felicitar-me... - sussurrei ao seu ouvido. - Vou dar-te um lucro maior que o de qualquer comerciante. Oh, Constâncio, vou ter um filho teu!

À medida que a Primavera amadurecia e se transformava em Verão, e que o meu próprio corpo ia amadurecendo com a gravidez, pela primeira vez na minha vida saboreava a verdadeira felicidade. Conhecia-a finalmente, uma dádiva nem sempre concedida aos mortais. Tinha desafiado se não os deuses, pelo menos as sacerdotisas de Avalon, e agora trazia no ventre o filho que o oráculo previra! Só muitos anos mais tarde questioneei essa profecia ou reflecti que, para se obter a resposta certa, é necessário ter feito primeiro a pergunta correcta.

Era uma estação radiosa, e Eburacum era a rainha do Norte, para onde os comerciantes de todo o império levavam as suas mercadorias. Aí prosperavam os mercadores, partilhando a boa fortuna com os seus deuses, de Hércules a Serápis. O largo em frente da basílica¹² estava apinhado de altares votivos, erguidos para pagar promessas. Eu parava lá por vezes para apresentar os meus

respeitos às matronae, as triplas mães que guardavam a fertilidade, mas, tirando isso, pouco tinha a dizer aos deuses.

Com Eldri a trotar junto dos meus calcanhares, saía todos os dias o portão junto da ponte e percorria o caminho cerca do rio Abus até à sua confluência com o Fossa, onde os barcos que subiam a costa até aos portos disputavam aos cisnes o direito de passagem. Ao fim da tarde, as muralhas brancas da fortaleza reflectiam-se na água. e o Sol no ocaso cobria a superfície brilhante de opalas e pérolas. Durante o último ano, a cadelinha tornara-se mais lenta, como se a idade tivesse caído subitamente sobre ela, mas aqueles passeios. em que tinha oportunidade de cheirar todos os fascinantes detritos deixados à beira da água, eram o ponto alto do seu dia. Esperava que a consolassem um pouco pela perda da liberdade de Avalon.

Mas os navios não traziam consigo apenas mercadorias e. embora o império estivesse politicamente dividido em duas partes, oriente e ocidente, as notícias corriam livremente entre ambas. Pouco depois do meio do Verão. dois acontecimentos ocorreram que iriam alterar as nossas vidas: a chegada de um mensageiro com uma carta do imperador e o primeiro caso de peste.

Estávamos sentados no atrium, onde eu mandara Drusilla servir a refeição da noite. Estava a recomençar a apreciar a comida, e a nossa

cozinheira deliciava-se procurando formas de tentar o meu apetite. Não sabia ao certo se teria sido o acanhamento, da minha parte, ou o desprezo altivo de uma velha servidora da família por uma concubina nativa, da parte dela, que tinha criado inicialmente a distância entre nós. Mas a maternidade incipiente tinha nitidamente elevado a minha posição aos seus olhos.

Começara a saborear os diversos acepipes quando reparei que Constâncio não estava a comer. Após um ano na sua companhia, conseguia ver o homem para além do herói. Sabia agora, por exemplo, que ele estava sempre mais bem disposto pela manhã e ia ficando cada vez mais irritável depois do pôr do Sol; que podia ser sincero ao ponto de revelar falta de tacto e que, excepto quando estava na cama comigo, vivia mais pela cabeça que pelo corpo. Aquilo que algumas pessoas pensavam ser frieza, chamaria eu concentração. Não suportava mariscos, e, quando o seu interesse estava voltado para um projecto, era preciso recordar-lhe que precisava de comer.

- Não tocaste na comida - disse. - Está muito boa e Drusilla fica aborrecida se não apreciares o seu esforço.

Ele sorriu e espetou um pedaço de alho porro e enchidos, mas ficou parado com a comida na mão. - Esta manhã recebi uma carta.

Subitamente, fiquei gelada. - De Roma? - Esforcei-me por manter um tom de voz calmo.

- Não propriamente. Quando me escreveu, ele estava em Nicomedia, embora, indubitavelmente, já se tenha deslocado para qualquer outro lado, por esta altura.

Olhei-o, pensativa. Não precisava de perguntar quem era ele. Mas, se o imperador quisesse a cabeça de Constâncio, teria enviado um oficial juntamente com a sua mensagem, para o levar sob custódia.

- Não era, segundo presumo, uma ordem de prisão...

Ele abanou a cabeça. - Helena, ele ofereceu-me um lugar no seu estado-maior! Agora posso dar-te, a ti e ao nosso filho, uma boa

vida!

Olhei-o, abandonando o meu primeiro pressuposto, em pânico, julgando agora que ele pensasse deixar-me. Constâncio tinha feito o que podia para parecer feliz. mas eu sabia bem a falta que sentia da sua carreira militar.

- Podes confiar nele?

- Penso que sim - disse seriamente. - Aureliano sempre teve fama de ser sincero - um pouco sincero de mais, efectivamente. Foi por ele não ter escondido a sua ira que me pareceu melhor partir para o exílio. Já está livre de mim... Atrair-me só para me fazer assassinar exigiria uma desnecessária subtileza.

Sincero de mais! Reprimi um sorriso, percebendo por que razão Constâncio tinha sido exilado e por que motivo o imperador o queria de novo junto de si.

Voltou-se para dentro de si mesmo, fazendo cálculos, planos, e apercebi-me, com um baque, de que, se ele cumprisse o destino que eu previra para ele, a sua atenção afastar-se-ia inevitavelmente de mim. Naquele momento, desejei apaixonadamente que ele e eu tivéssemos podido ser pessoas vulgares, satisfeitas com a nossa vida a dois, ali, no extremo do império. Mas, apesar de a luz do dia estar a morrer, havia algo de luminoso em volta dele que atraía o olhar. Se Constâncio tivesse sido um homem vulgar, nunca teria ido a Avalon.

- Com Tétrico ainda no poder no Ocidente, não poderia servir-me das comunicações por posta, de qualquer forma - disse, por fim. - É melhor assim, com uma casa inteira a transportar. Podemos fazer parte da viagem por via marítima - atravessamos o mar Britânico e depois subimos o Rhenus de barco. Será mais fácil para ti... - Ergueu de súbito o olhar para mim. Tu vens comigo, não vens?

Uma das vantagens de não estarmos propriamente casados, reflecti sardonicamente, era que Constâncio não tinha direitos legais para forçar-me. Mas a criança no meu ventre ligava-me a ele... a criança e a recordação de uma profecia.

Constâncio poderia ter partido de imediato quando era solteiro. mas agora havia a mudança de uma casa inteira, e havia o controle de um negócio para confiar a mãos competentes. As oficinas de estanho tinham crescido durante o ano em que haviam estado a seu cargo. Os escravos que faziam o trabalho eram todos muito hábeis, mas o volume de produção ultrapassava a capacidade do agente que se tinha ocupado anteriormente das coisas, e levou algum tempo a descobrir e formar um gerente adequado.

E, durante esse tempo, o primeiro caso de peste transformou-se em muitos. Ocorreu-me que, se a doença tivesse dizimado o estado-maior do imperador da mesma forma como estava a dizimar Eburacum, o convite de Aureliano poderia ter sido mais uma prova de desespero do que de magnanimidade.

O nosso escravo Filipe adoeceu e, apesar dos protestos de Drusilla, tratei-o. Aquela doença caracterizava-se por uma tosse horrível e uma febre alta e prolongada. Mas, envolvendo-o em panos húmidos e frios, e dando-lhe as infusões de salgueiro e bétula que tinha aprendido a usar em Avalon, consegui manter Filipe vivo até a febre finalmente ceder.

Mais ninguém na nossa casa adoeceu, mas as longas horas de tensão tinham esgotado as minhas forças. Comecei a sangrar, e, após algumas horas de terríveis dores, perdi a criança.

O Verão e os nossos preparativos para deixar a Britânia chegavam ao fim quando Filipe entrou na minha câmara para anunciar uma visitante. Eu estava envolta num manto, num dos leitos, com Eldri aos meus pés. Apesar de ser Verão, as nuvens tinham vindo do mar na noite anterior. e um frio húmido pesava no ar. Constâncio tinha ido a uma reunião no Mithraeum não um ritual, como aqueles que se faziam sempre de noite, mas um negócio qualquer relacionado com o templo. Não sabia que grau tinha ele alcançado nos Mistérios, mas as suas responsabilidades administrativas sugeriam que fosse elevado.

Eu tinha estado a fingir ler o romance de Longus que Constâncio trouxera para casa para eu ir recordando o meu grego. Chamava-se Dafnis e Cloé e as suas exóticas aventuras deveriam ter sido uma potencial distracção. Mas, na verdade, tinha estado a dormir. Dormia muito - isso ajudava-me, a esquecer que o brilhante espírito que, durante algum tempo. habitara no meu ventre, tinha partido. Quando Filipe falou, desenrolei de novo o pergaminho.

- Eu digo-lhe que se vá embora - disse Filipe protectoramente. Desde a sua recuperação e a minha doença, tinha passado a ser a minha sombra, como se estivéssemos ligados um ao outro pelo nosso sofrimento.

- Não... quem é? - perguntei, com uma rápida olhadela em volta do quarto, para me certificar de que estava em condições de ser visto.

As paredes tinham sido pintadas em tons de ouro quente, com festões de folhas de acanto, e alguns tapetes de riscas, tecidos na região, tornavam o chão de mosaicos menos frio. Tinha ficado sobre uma das mesas um cesto com lã e um fuso e havia vários livros enrolados em cima de outra, mas o quarto estava limpo. Se a mulher de um dos sócios de Constâncio tinha vindo visitar-me, faria o esforço de a receber atenciosamente.

- Penso que anda a vender ervas. Traz um cesto tapado... Disse que tinha um remédio para aquilo que te aflige - acrescentou tristemente. - Eu não lhe contei, senhora, juro que não...

- Está bem, Filipe. As pessoas falam umas com as outras... sem dúvida soube do que me aconteceu por alguém da cidade. Talvez traga alguma coisa útil - disse eu, com um suspiro. - Podes mandá-la entrar.

Na verdade, sentia poucas esperanças, mas já era suficientemente mau que Constâncio tivesse de arrastar uma esposa por metade do império; não era justo que tivesse de suportar uma inválida. Mas, no fundo de mim mesma, sabia que, apesar dos esforços que as pessoas bem intencionadas faziam para me levar a funcionar, eu não queria verdadeiramente pôr-me bem.

Momentos depois, Filipe estava de volta, afastando-se para deixar passar uma velha. Mesmo antes de ver o seu rosto, sentidos que não usava havia muito, projectaram uma onda de choque pelo meu corpo, causando-me um formigueiro na pele. Quando a mulher começou a destapar o seu cesto, percebi que tinha sido reconhecimento.

Num momento ela era uma mulher velha e curvada, envolta num manto esfarrapado, como centenas de outras que vinham vender as suas mercadorias à cidade. No momento seguinte, tinha invocado a

beleza e, envolta nela, erguia-se em toda a sua majestade diante de mim, parecendo quase alta de mais para a sala. Os olhos de Filipe abriram-se de espanto.

- Senhora... - Sem pensar sequer, eu tinha-me posto de pé e curvado a cabeça numa saudação. Depois a ira incendiou-me e endireitei-me. - Que fazes aqui?

Filipe, abençoado fosse, deu um passo protector em frente. Engoli as minhas palavras seguintes.

- Poderia fazer-te a mesma pergunta - disse Ganeda - aqui fechada entre estas paredes! Temos que falar. Vem apanhar luz e ar.

- Tenho estado doente... - principiei, automaticamente na defensiva.

- Tolice... nunca mais melhorarás se te enroscas como um cãozinho de regaço! Vem! - Partindo do princípio de que eu lhe obedecia, saiu do quarto.

Eldri saltou do leito, rosando baixinho, e os cantos dos meus lábios começaram a erguer-se num sorriso. Pelo menos no atrium havia menos probabilidades de sermos escutadas. Fazendo sinal a Filipe para que ficasse dentro de casa, peguei no meu manto e segui-a.

- Então, o que fiz eu para merecer esta honra? - perguntei secamente, sentando-me num banco de pedra e fazendo sinal a Ganeda para que fizesse o mesmo.

- Ficaste viva... - respondeu asperamente a suma sacerdotisa. - A peste chegou a Avalon.

Olhei-a, horrorizada. Como era isso possível? A ilha sagrada estava separada do mundo.

- Foi-nos enviada uma rapariga de Londinium, para iniciação. Estava doente quando chegou. Não reconhecemos a doença, e, na altura em que soubemos da peste, já era tarde de mais para evitar o contágio. Quatro donzelas e seis sacerdotisas mais velhas morreram.

Humedeci os lábios com a língua. - E Dierna?

A expressão sombria de Ganeda iluminou-se um pouco. - Não. A minha neta está bem. - Escutei os nomes daquelas que tinham sucumbido, mulheres com quem partilhara a intimidade única do ritual. algumas que haviam cuidado de mim e me tinham ensinado, outras que eu ensinara por minha vez... e Aelia.

Fechei os olhos, tentando em vão impedir que as lágrimas me escorressem dos olhos, deixando sulcos quentes sobre as faces. Se eu não tivesse deixado Avalon, teria podido cuidar dela, pensei, aturdida. Tinha salvo Filipe, por quem não sentia mais que piedade, decerto o meu amor teria mantido Aelia neste mundo. Ou talvez a

peste me tivesse levado também. Naquele momento, ambos os destinos me pareciam igualmente desejáveis.

- Agradeço-te por teres vindo contar-me... - disse, por fim.

- Sim, eu sei que tu a amavas - respondeu a sacerdotisa contidamente - mas não foi por isso que vim. És precisa em Avalon.

Abri os olhos ao ouvir isto. - Que... generosidade... - Consegui dizer estas palavras por entre os lábios rígidos. - Estás desesperada, por isso recebes-me de novo! - Pus-me de pé, deixando o manto escorregar-me dos ombros e comecei a caminhar de um lado para o outro. - Não. - Voltei-me para a olhar. - Tu cortaste a minha ligação com Avalon. Durante aquela primeira Lua, quando a ferida ainda sangrava. poderias ter-me feito regressar. Agora já só existe uma cicatriz.

Ganeda encolheu os ombros, com impaciência. - O elo pode ser recuperado, É teu dever voltar.

- Dever! - exclamei. - E o meu dever para com Constâncio?

- Ele não tem autoridade legal sobre ti, nem estão ligados pela carne desde que perdeste o teu filho...

- É só isso que consegues compreender? - exclamei, com as mãos cruzadas, protectoramente, diante do meu ventre. - E os elos que unem o coração e a alma? E a profecia?

- Pensas que isso justifica a tua rebelião? - disse Ganeda desdenhosamente. - Um simples assalto de desejo carnal seria mais perdoável, minha cara...

_ Não preciso do teu perdão! Não o quero! - Senti que estava a elevar a voz e esforcei-me por me dominar. - Tens o direito de me banir, mas não de me jogar de um lado para o outro como uma

criança suspende um brinquedo de uma corda. Foste tu, e não eu, que cancelaste os meus votos perante Avalon. Eu não quebrarei os votos que fiz a Constâncio. Perdi o filho dele, sim, mas haverá outro. Eu vi o bebé nos meus braços!

Ganeda contemplou-me com um ar azedo. - Quando planeámos aquele ritual, Arganax calculou os movimentos das estrelas. Sabemos o que elas destinariam a uma criança concebida naquele ritual de Beltane. Quem sabe o que fará o filho que deres a Constâncio? Digo-te que poderá vir um dia em que tu desejes que ele nunca tivesse nascido!

Ergui uma sobrancelha e olhei-a. - Oh... estou a ver. É errado eu colocar a minha vontade acima da tua, mas tu sentes-te perfeitamente justificada ao colocares a tua acima da dos deuses! Não foste tu própria que nos ensinaste que os Destinos tecem as nossas vidas à sua vontade, não como tu ou eu desejaríamos que fossem? O meu filho não será um instrumento de Avalon!

- Então será melhor que peças aos deuses que, pelo menos, ele saiba servi-los!

- Duvidas disso? - exclamei, altivamente. - Ele será o filho do Restaurador da Luz e de uma sacerdotisa de Avalon!

- Não duvido dos deuses - respondeu Ganeda muito baixo - mas uma longa vida ensinou-me a não confiar nos homens. Desejo-te felicidade, filha da minha irmã. - Apoiando-se no bordão, pôs-se de pé, parecendo agora verdadeiramente velha.

- Espera - disse eu, sem pensar. - Fizeste uma longa viagem e não te ofereci de comer ou beber...

Mas Ganeda abanou a cabeça. - Não serás mais incomodada, nem por mim nem por Avalon...

Compreendi as suas palavras, mas, ao vê-la partir, tive a sensação de que a recordação da nossa conversa me perseguiria durante longo tempo.

Ou porque já estivesse curada, ou porque o desafio de Gameda me tinha estimulado, não sei, a verdade é que, a partir daquela altura, a minha energia começou a voltar. Tomei um papel mais activo nos preparativos para a mudança e quando, alguns dias antes de estar marcada a partida do navio para o Continente, Constâncio me disse que tinha de ir até ao campo para se despedir de um dos primos do seu pai, perguntei-lhe se podia ir com ele.

À medida que se aproximava a data da nossa partida, dei comigo a ver Eburacum com novos olhos. Não tinha estado lá durante o tempo suficiente para a considerar como um lar, mas, no entanto, fazia parte da Britânia. que em breve iria perder. No entanto, a cidade em si era romana, não britânica, e apenas ao longo do rio conseguia sentir os espíritos da terra. No campo, senti-los-ia, decerto, mais facilmente, e poderia despedir-me deles.

Constâncio tinha alugado um carro de duas rodas para a viagem, puxado pela fiel mula avermelhada. A terra ali era baixa e ondulada, subindo gradualmente para oeste, onde se viam montanhas no horizonte, mais pressentidas através da névoa do que vistas. No segundo dia chegámos a Isurium, a antiga capital tribal dos Brigantes, que era agora uma próspera cidade-mercado. Isurium

ficava na curva do Abus, mesmo antes do ponto onde a estrada cruzava uma vez mais o rio.

Flávio Pólio tinha-se retirado para ali após uma carreira bem sucedida em Eburacum, e agora era magistrado. Estava nitidamente encantado por poder exhibir a sua casa recém-construída, especialmente o mosaico com Rómulo e Remo junto da loba, que adornava o chão da sua sala de jantar.

- Vejo que a tua cadela aprecia a arte - disse Pólio, atirando um naco de carneiro assado a Eldri, que se deitara ao lado da loba, como para se juntar aos gêmeos que esta amamentava. Corei.

- Peço desculpa. Ela está sempre sentada aos meus pés quando comemos em casa. Deve ter escapado do nosso quarto...

- Não, não... deixa-a estar. Aqui não somos formais. - Pólio sorriu-me. - Este é um país de deusas e rainhas, e as senhoras têm os seus privilégios... Cartimandua, sabes... - acrescentou quando ergui um olhar interrogativo. - Defendeu as terras de Brigante para

Roma, mesmo quando o marido se revoltou. - Levantou um dedo avisador na direcção de Constâncio. - Que isto te sirva de aviso, meu rapaz. Um homem só é forte quando tem a mulher por trás dele!

Foi a vez de Constâncio corar, uma coisa que se notava sempre muito, dada a sua pele clara. - Então eu devo ser Hércules - respondeu, mas eu abanei a cabeça.

- Não, meu querido, tu és Apolo.

Ele corou ainda mais intensamente, e eu ri-me.

Terminada a refeição, os dois homens retiraram-se para o estúdio de Pólio, para estudarem os documentos que Constâncio viera ver, e eu levei Eldri a dar um passeio pela cidade. Após um dia e meio de sacudidelas dentro do carro e de uma refeição pesada, eu estava a precisar de exercício, e em breve atravessei o portão, saindo para o campo aberto para além da cidade.

Ali, no país do Norte, o dia durava mais tempo do que aquele a que eu estava habituada. Erguia-se uma neblina dos campos, captando a luz do pôr do Sol, parecendo assim que meadas de linho dourado se estendiam sobre a terra. Pouco depois de ter atravessado a ponte, vi um caminho de vacas que se afastava da estrada na direcção do oeste. Com Eldri para me guiar, não sentia receio de me perder, apesar de a névoa estar a engrossar à medida que a escuridão descia.

Os meus passos foram-se tornando mais lentos enquanto avançara, pois tinha encontrado finalmente a solidão que procurava. O ar tinha aquele silêncio especial que só se encontra de madrugada e ao pôr do Sol, quebrado apenas pelos grasnidos de três corvos que voavam em círculos em direcção ao seu poleiro, e pelos distantes mugidos do gado que se dirigia ao telheiro para ser mungido e dormir.

Detive-me, erguendo as mãos numa instintiva adoração. - Brigantia, ó Exaltada, ó cheia de santidade! Senhora desta terra, vou em breve atravessar o mar. Concedei-me a tua bênção, deusa, onde quer que me levem as minhas viagens...

O silêncio tornou-se mais profundo, como se a própria terra estivesse a escutar. Apesar de o ar estar a arrefecer rapidamente, senti no meu rosto um bafo de calor, como se a terra estivesse a soprar sobre mim o último calor do dia. Eldri começou a correr pelo caminho, com mais energia do que eu lhe notara nos últimos tempos. O tufo branco da sua cauda agitava-se como sempre que descobria um odor interessante, e apressei-me a segui-la.

Cheguei ao cimo da subida mesmo a tempo de ver a sua forma branca desaparecer no bosque de amieiros que limitava o caminho do lado direito.

- Eldri! Volta para aqui!

A cadela não voltou e eu comecei a correr, chamando-a de novo. Via agora que havia uma vereda pelo meio do bosque, tão estreita que mal me permitia a passagem sem esforço.

O prado ao fim do bosque estava coberto de uma névoa dourada. Por entre o brilho da neblina avistei Eldri, que trotava na direcção de um pilar de pedra escura. Detive-me, olhando para ele. Havia ali três pilares, espalhados pelo prado, numa fila desigual, com a distância de um forro entre eles. Já tinha antes visto megalitos. mas nunca tão altos como aqueles, que eram quase da altura das colunas do pórtico do Templo de Serápis.

- Eldri, tem cuidado - sussurrei, mas deveria ter-me recordado de que ela era uma cadela mágica, habituada a maravilhas, porque se sentou diante do pilar mais próximo, ofegante, à espera de que eu fosse ao seu encontro.

- Então, minha querida, que descobriste?

A cadela inclinou um pouco a cabeça e depois voltou para junto do pilar, observando-o. expectante. Circundei-o lentamente, movendo-me, por hábito, na direcção do Sol. A pedra era muito escura, mais lisa e polida do que o habitual nos trabalhos dos

antigos, estreitando-se levemente para o topo, que estava marcado com diversas estrias. Líquenes cor de laranja e brancos espalhavam rendadas manchas sobre a superfície escura. Compreendia o propósito dos círculos como o que havia sobre o Tor, mas não conseguia imaginar por que razão aqueles três pilares ali tinham sido erigidos.

Aproximei-me lentamente e pousei as palmas das duas mãos sobre a pedra. A superfície era fria, mas deixei a minha consciência passar através das mãos para a pedra, procurando o fluxo de energia que a enraizava à terra.

O fluxo não existia. Em vez disso, senti-me como se estivesse agarrada a um objecto firme e a flutuar. só que aquela coisa a que me agarrava flutuava também, como se eu tivesse levado um barco para o centro do Lago para aí nadar. A sensação era muito agradável, como a deslocação do transe, e para mim, faminta durante mais de um ano de tais sensações, extremamente sedutora. Deixei escapar o ar num longo suspiro, permitindo que a minha consciência penetrasse cada vez mais profundamente na pedra.

Durante um momento infinito, conheci apenas sensações. Depois apercebi-me de que a sensação de vertigem estava a passar. O pilar

voltara a ser sólido sob as minhas mãos, mas, quando me endireitei e olhei em volta, apercebi-me de que o mundo tinha mudado.

Os pilares situavam-se agora numa planície aberta. A luz dourada do pôr do Sol transformara-se num clarão prateado que não tinha origem nem direcção, mas bastava para iluminar as figuras radiosas que dançavam numa dupla espiral em volta das pedras. Eldri corria com elas, passando rapidamente por entre os bailarinos como se fosse ainda uma cachorrinha. ladrando de alegria.

Afastei-me do pilar para ir buscá-la, e, de súbito, vi-me envolvida na dança. Mãos fortes faziam-me girar, rostos belos convidavam-me a unir-me ao seu riso. De repente, os meus pés tornaram-se leves. desapareceram os últimos vestígios do cansaço resultante do aborto. Senti-me alegre e livre como não me sentia desde que... tinha entrado na Terra das Fadas.

Nesse momento compreendi que, tendo vindo até às pedras ao pôr do Sol, eu tinha aberto uma passagem entre os mundos. Ou talvez fosse Eldri que me levara até ali. Ela andava muito satisfeita, aos saltos, como se tivesse perdido anos. extasiada como alguém que, tendo estado longo tempo no exílio, regressa finalmente a casa.

Vi-a descansar, por fim, aos pés de uma das belas criaturas que se encontravam diante do pilar central e, finalmente, a dança deixou-me no mesmo lugar. Com o sangue ainda a correr nas velas, devido aos rápidos movimentos, detive-me, apercebendo-me de que a pessoa que ali me esperava era a Rainha das Fadas.

Desta vez, usava as cores da colheita de Verão, uma coroa de trigo entrançado e um vestido cor de ouro pálido. Eldri estava aninhada nos seus braços.

- Senhora, como estás aqui? - gaguejei, depois de fazer uma vénia.

- Onde mais poderia eu estar? - A sua voz tinha um doce tom divertido.

- Mas estamos longe de Avalon...

- E quando sonhaste com ela há algumas noites, a que distância estavas então? - perguntou ela.

- Estava lá... mas foi apenas um sonho.

- Há sonhos mais reais do que aquilo a que os homens chamam realidade - disse ela asperamente. - Os portões para a Terra das Fadas são menos do que as Portas do Sonho e, no entanto, há mais do que os homens pensam. Basta conhecer os tempos e as estações para descobrir o caminho.

- Conseguirei encontrar o caminho de terra através do mar? - perguntei-lhe então.

- Até mesmo daqui, se precisares, embora possas ver-nos sob outras formas nessas terras onde os homens nos dão outros nomes. Na verdade, a menos que aprendas a venerar os espíritos que moram nas outras terras, não prosperarás por lá.

E começou a falar-me dos seres que iria encontrar. nomes e descrições que se dissolviam na minha consciência, para só serem recordados daí a muitos meses ou mesmo anos. No presente intemporal da Terra das Fadas, eu não sentia fome nem fadiga, mas, por fim, a Senhora terminou as suas instruções e ocorreu-me que deveria regressar ao mundo humano.

- Agradeço-te, Senhora. Tentarei fazer como me dizes. Agora deixa-me levar a minha cadelinha, para que me indique o caminho para casa.

A rainha abanou a cabeça. - Eldri tem de ficar. Está velha e o seu espírito está ligado a esta terra. Não sobreviveria à tua viagem. Deixa-a ficar. Será feliz aqui comigo.

Na terra onde não há choro, as lágrimas vieram-me, no entanto, aos olhos. Mas o olhar da Rainha das Fadas era implacável. e era certo que Eldri parecia muito feliz, aninhada nos seus braços. Cocei-a por trás das orelhas sedosas. Depois deixei cair a mão.

- Como volto. então? - perguntei.

- Basta que contornes a pedra no sentido inverso.

Comecei a mover-me e. a cada passo, a luz diminuía. até que dei comigo no prado, sozinha, no meio da escuridão que descia.

Quando cheguei à ponte, vi archotes ao longo da estrada principal e constatei que Constâncio saíra à minha procura. Disse-lhe apenas que Eldri tinha fugido e eu andara à procura dela. Ele sabia como eu gostava da cadela. de modo que o meu desgosto não precisou de explicações. E nessa noite encontrei conforto no abrigo dos seus braços.

Uma semana depois estávamos a bordo de um dos barcos de Viducius. em direcção à foz do Rhenus e à Germânia.

Parte II - O CAMINHO PARA O PODER

CAPÍTULO OITO

271-272 d. C.

Viajar por mar é movermo-nos fora do tempo. Uma pessoa fica sentada, sem tarefas nem deveres, a contemplar a difusa fita cinzenta da costa no horizonte e a paisagem ondulante e sempre mutável do mar. O cenário na esteira do barco altera-se tão velozmente como a vista da proa, de modo que não há forma de reconhecermos onde estivemos e, ao fim de algum tempo, a sucessão de cordilheiras e vales começa a repetir-se, de modo que começamos a duvidar de ter feito algum progresso.

No entanto, ao fim de uma semana de viagem, comecei a sentir um novo calor no ar, e o vento de terra trouxe-me um perfume que reconheci dos tempos da infância. Desde que tínhamos deixado Eburacum, o tempo tinha-se mostrado bom, com vento a favor. O grande navio mercante abria caminho obstinadamente para sul, nem sequer precisando de ancorar quando a noite caía. Mas agora estávamos a fazer um ângulo na direcção da costa. Abracei-me à proa curva, debruçando-me sobre a água.

- Pareces as figuras de proa que vi em alguns barcos gregos - disse Constâncio, atrás de mim. Parecia mais jovem e mais forte do que me recordava de o ver, e apercebi-me pela primeira vez de quanto significava para ele regressar à sua vida real. Pensativa, deixei que me ajudasse a voltar ao convés.

- O que é aquilo? - perguntei, apontando um promontório. no local onde as águas verde-acinzentadas de um grande rio desaguavam vigorosamente e vinham misturar-se com o mar azul.

É o Tamesis - disse Constâncio, ao meu lado. Voltei-me para observar com novo interesse as terras baixas e ondulantes acima da linha de dunas.

- Brinquei naquela praia quando era criança, enquanto o meu pai inspeccionava a torre de vigia do cabo - respondi. - Recordo-me de perguntar a mim mesma para onde iriam as naus que passavam.

- E agora vais tu numa delas - disse Constâncio, sorrindo.

Acenei afirmativamente, apoiando-me à sua sólida força. Não havia necessidade de o incomodar com o meu súbito desejo de voltar a casa. Era, de qualquer forma, impossível. O meu pai tinha morrido, e um dos meus irmãos também. O outro servia o falso imperador Tétrico na Gália. No palácio de Camulodunum mandava agora um primo distante. O lar da minha infância tinha desaparecido, tal como a menina que em tempos apanhara conchas na costa arenosa.

Agarrei-me à amurada quando o navio se inclinou com o vento que soprava do rio, atravessando a sua foz em direcção ao estreito canal entre as ilhas de Tanatus e Cantium. Passámos duas noites numa estalagem, enquanto Viducius supervisava a entrada de mais carga, mas, antes de conseguir habituar-me a caminhar em terra, estávamos novamente a flutuar.

Agora, nem sequer avistávamos a linha da costa para conhecermos a nossa direcção, guiando-nos só pelo Sol e pelas estrelas, quando as nuvens se abriam e nos deixavam vê-los. Mas comecei a perguntar a mim mesma se os sentidos que Ganeda me retirara não estariam a voltar. porque sentia que, apesar das brumas que nos rodeavam, sentia a Britânia atrás de nós e, à medida que as horas passavam, comecei a sentir uma nova energia à minha frente. No terceiro dia, quando a névoa marítima se dissipou sob o Sol da manhã, vi à nossa frente um horizonte salpicado de ilhotas, os múltiplos canais do delta do Rhenus que guardavam o caminho para a Germânia Inferior.

O nosso destino era Ganuenta, onde o rio Scaldis corria para o delta do Rhenus, um importante ponto de transferência para navios que partiam do continente para a Bretânia. Enquanto Constâncio fazia preparativos para a nossa subida do Rhenus, fiquei livre para explorar a praça do mercado junto ao porto, com o fiel Filipe ao meu lado. Como em todas as fronteiras, havia uma amálgama de culturas, onde o som gutural das línguas germânicas se misturava com a sonoridade do latim. Desde os tempos em que Arinimus destruíra Varus e a sua legião, o Rhenus tinha sido a fronteira entre

a Germânia Livre e o império. Mas havia mais de um século que era uma fronteira pacífica, e as pessoas que traziam peles, gado e queijos do outro lado do rio para o mercado pareciam pouco diferentes das tribos do lado romano.

Procurava trabalhos em madeira numa das bancas do mercado, quando ouvi alguém chamar-me. Voltando-me, reconheci Viducius, envolto numa toga e com um cesto de maçãs no braço.

- Vais a uma festa? - inquiri, apontando o cesto.

- Não, mas vou visitar uma nobre senhora... Estou a caminho do templo de Nehalennia para lhe agradecer a viagem segura. Teria gosto em que me acompanhasses.

- Gostaria de ir contigo. Filipe, procura Constâncio e diz-lhe onde fui. Viducius acompanhar-me-á a casa.

Filipe olhou para o comerciante com alguma desconfiança, mas, afinal, tínhamos passado toda a viagem na sua companhia. Enquanto o rapaz partia a correr, Viducius ofereceu-me o braço.

O templo estava situado num terreno elevado no extremo norte da ilha, com um claustro quadrado a rodear o santuário central, cuja torre mal se via acima dele. Entre os altares votivos que bordejavam o caminho, os vendedores tinham instalado bancas em que exibiam medalhas de cobre com imagens de cães ou a figura da deusa. maçãs para as oferendas, e vinho, pão frito e enchidos para os adoradores famintos. A fruta que Viducius trazia era muito melhor do que a que se vendia ali, pelo que passámos desdenhosamente pelas bancas e entrámos no pátio lajeado.

Já tinha visto templos melhores, mas havia uma confortável informalidade naquele, com o seu telhado de telhas vermelhas e paredes de cor creme. Havia mais altares - Viducius parou para me mostrar o que seu pai Placidus dedicara à deusa, muito tempo atrás. Depois entregou um aurelis à sacerdotisa e puxou uma extremidade da toga para cobrir a cabeça quando entrámos no santuário, iluminado por janelas arqueadas no alto da torre. Sobre um plinto, no centro da câmara, erguia-se a imagem da deusa, talhada numa quente pedra avermelhada. Tinha um navio nas mãos, mas faziam parte da estátua um cesto de maçãs aos seus pés e um cão que se parecia tanto com Eldri que senti os olhos cheios de lágrimas.

Quando consegui ver de novo, o comerciante estava a depor as suas maçãs junto do plinto. A imagem da deusa olhava serenamente para além dele, com o cabelo preso atrás num simples nó, a túnica a cair em graciosas pregas. Fitando aquele olhar de pedra, senti um arrepio de reconhecimento e afastei o véu para descobrir o crescente da minha testa.

“Nehalennia... Elen... Elen dos Caminhos... Senhora, numa estranha terra venho encontrar-te 1 Guarda-me e guia o meu caminho na estrada que agora vou ter de percorrer ...” Por um momento, então, o meu silêncio interior cobriu todos os sons exteriores. No meio desse silêncio escutei, não uma voz, mas o som da água correndo. Soava como a Fonte de Sangue de Avalon, e ocorreu-me que todas as águas do mundo estavam ligadas entre si, e que, onde houvesse água, fluía o poder da Deusa.

Alguém me tocou no braço. Pestanejando, vi Viducius, que concluíra as suas preces. A sacerdotisa do santuário esperava para nos acompanhar. Sem pensar, as palavras vieram à minha boca: - Onde fica a fonte?

Ela fitou-me.. surpreendida, depois o seu olhar dirigiu-se para o meu crescente e baixou a cabeça com o respeito devido a uma colega.

Fazendo sinal a Viducius para que ficasse onde estava, conduziu-me, em volta da imagem. para uma abertura no chão. Cuidadosamente, segui a mulher pelos degraus de madeira até à cripta por baixo do santuário, fechada com pedras grosseiras e cheirando a humidade. A luz bruxuleante de lamparinas de azeite brilhava junto de placas e imagens fixadas nas paredes, e reflectia-se. em lentas espirais. na superfície escura do lago.

- A água do Rhenus fica salobra quando se mistura com a do mar
- disse ela suavemente - mas esta fonte é sempre pura e boa. Que deusa serves?

- Elen dos Caminhos - respondi - que pode ser a face que a tua Senhora usa na Britânia. Ela guiou-me até aqui. Não tenho ouro, mas ofereço esta pulseira de azeviche britânico, se não te importas.
- Fiz passar a pulseira pela mão e deixei-a cair nas profundezas ocultas da fonte. Os reflexos espalharam-se, numa explosão de

lampejos. quando ela atingiu a água, e depois reuniram-se de novo numa brilhante espiral.

- Nehealennia aceita a tua oferenda... - disse a sacerdotisa com voz suave. - Que a tua viagem seja abençoada.

O transporte que Constâncio arranjara era uma barca carregada de peixe salgado e couros, que subia o rio à custa dos esforços dos vinte escravos que manejavam os seus remos. Parou muitas vezes para aceitar mais carga, mas as demoras permitiram-me adquirir gradualmente uma noção desta nova terra para onde viajava. Em Ulpia Traiana, situada à beira do rio, num dos seus meandros através de campos suavemente ondulados, o comandante da fortaleza ofereceu-nos um jantar. Em teoria, servia Tétrico, mas as informações do império do Oriente também desciam o rio, e Constâncio ansiava por notícias.

Assim ficámos a saber da penosa vitória em Mons Gessax, na Trácia. onde os Romanos tinham cercado os últimos godos em fuga. Mas a inaptidão do comandante, que não tinha tido a inteligência de usar a sua cavalaria pesada para obter vantagem. custara muitas vidas. Aureliano prosseguia agora as suas operações contra os Vândalos na Dácia. Pelo menos parecia que a ameaça dos bárbaros estava controlada, de momento.

Quando regressámos à nossa barca, tinha vindo juntar-se a nós um novo passageiro. Era o padre Clemente, um pequeno padre sacerdote do culto cristão que tinha sido enviado pelo bispo de Roma em visita às congregações das terras ocidentais. Observei-o com alguma curiosidade. porque, tirando os monges de Innis Witrin, era o primeiro sacerdote da sua fé que eu via.

- Oh, sim. há cristãos em Eburacum - garantiu-nos ele quando Constâncio referiu o nosso ponto de partida. - Uma pequena congregação, na verdade, reunindo-se numa casa-igreja que pertence a uma virtuosa viúva, mas a sua fé é forte. - O padre Clemente olhou-nos. com um ar esperançoso. recordando-me penosamente Eldri quando pensava que eu ia lançar-lhe um naco de comida.

Constâncio abanou a cabeça, sorrindo. - Não. eu sirvo o Deus dos Soldados e a eterna luz do Sol, mas há muita coisa boa na vossa crença.

As vossas igrejas cuidam dos desafortunados e dos necessitados, segundo ouvi dizer.

- Assim Deus nos ordenou - disse ele simplesmente. E tu, senhora? Já ouviste a boa Palavra?

- Havia uma comunidade cristã perto do local onde eu nasci - respondi prudentemente. - Mas eu sigo Elen dos Caminhos.

O padre Clemente abanou a cabeça. - É no Christos que está a Verdade, o Caminho e a Vida - disse suavemente. - Todos os outros levam à condenação. Vou orar por ti.

Fiquei rígida, mas Constâncio sorriu. - As preces de um homem de bem são sempre bem-vindas. - Pegou-me no braço e levou-me dali.

- Eu sou uma sacerdotisa da Deusa! - exclamei quando chegámos à proa. - Porque há-de ele orar por mim?

- A intenção dele é boa - respondeu Constâncio. - Alguns dos seus correligionários amaldiçoar-nos-iam a ambos, sem esperar que o seu deus se encarregasse disso.

Abanei a cabeça. O monge, fosse ele quem fosse, que me aparecera em Inis Witrin, tinha falado de outro modo. No entanto, em Eburacum. tinha conhecido muitos pagãos que só se interessavam pelas fórmulas e cerimónias da sua religião. Perguntei a mim mesma se, entre os cristãos. também haveria diferença entre as pessoas vulgares e aquelas que conheciam os Mistérios.

Constâncio passou um braço em volta de mim e encostou-me a ele, observando a longa paisagem deslizando de planície e floresta, limitadas por pântanos, lameiros ou faixas de areia. Um dos lados era romano, o outro, germano. mas não conseguia descobrir grande diferença entre ambos. Tinha observado os mapas que os Romanos faziam, tentando definir o seu território, mas a terra não reconhecia essas divisões. Durante momentos. parei à beira de uma conclusão crucial. Depois Constâncio voltou a cabeça e beijou-me, e, no fluxo de sensações que se seguiu, o momento perdeu-se.

A nossa viagem interrompeu-se de novo em Colonia Agrippinensis, uma florescente cidade construída numa elevação acima do Rhenus. Aí havia mais notícias - o imperador tinha perseguido os Godos até ao outro lado do Danuvius e derrotara-os numa outra grande batalha, matando o seu rei. Cannabaudes, e cinco mil dos seus guerreiros. O Senado votara que lhe fosse concedido o título de Gothicus Maximus e um Triunfo. Mas, apesar da sua vitória, Aureliano decidira, manifestamente, que a Dácia a norte do rio era indefensável e recuara os limites do império até ao Danuvius.

- E não posso deixar de dizer que ele tem boas razões - disse o centurião com quem falávamos - tal como quando abandonou os agri decumates a sul daqui, e retirou todas as tropas de novo para o Rhenus. Os rios constituem boas fronteiras, bem definidas. Talvez Aureliano pense que os bárbaros vão estar muito ocupados a lutar entre si para nos incomodarem. Mas não deixa de ser exasperante, quando penso no sangue que derramámos para defender esta terra.

Constâncio ficara muito silencioso. - Eu nasci na Dácia Ripensis. É estranho pensar que ela se tornará a fronteira. Suponho que os Godos estarão agora a lutar por ela contra o que resta dos Carpos, dos Bastamas e dos Vândalos.

- Dos Vândalos, não - corrigiu o centurião. - Aureliano tornou-os federados e alistou-os como auxiliares.

Constâncio franziu a testa pensativamente. - Talvez resulte; os deuses bem sabem que os Germanos são bons guerreiros.

A barca levou-nos até Borbetomagus. Aí. juntámo-nos a um grupo de comerciantes que levava as suas mulas de carga ao longo do Nicer e pelas colinas até ao Danuvius. Quanto mais avançávamos, mais consciente me tornava da densidade da terra à nossa volta. Em toda a minha vida, nunca estivera a mais de um dia de viagem do mar, mas agora estava rodeada por terra sólida, e até mesmo os poderosos rios não passavam de sangue que corria pelas suas veias.

Estas terras podiam ter sido abandonadas pelas legiões, mas não tinham regressado à barbárie. As villas e quintas que os Romanos tinham construído na floresta ainda prosperavam, e apreciámos a sua hospitalidade. E, quanto a mim, esta viagem pachorrenta através da Germânia trouxe-me a inesperada vantagem da

companhia constante do meu marido. Quando se tinha alistado no exército, Constâncio tinha sido colocado na limes¹³ germana e conhecia-a bem. Escutar as suas histórias acerca da guarnição e das batalhas deu-me uma imagem de quem ele verdadeiramente era, que iria dar-me segurança para sempre.

Mas a cada légua que avançávamos, o meu passado ia ficando mais para trás. Passei a ser apenas e inteiramente Júlia Helena, e as recordações daquela Eilan que fora sacerdotisa de Avalon foram-se desvanecendo até adquirirem a consistência de um sonho.

Uma lua de viagem levou-nos até ao extremo superior do Danuvius, onde encontrámos outro barco que nos levaria parajusante. Ali, o grande rio seguia para leste, entre os montes Suevi e as terras baixas de Rhaetia. Quando a névoa de Outono clareou, pudemos ver os Alpes cobertos de neve brilhando no horizonte, a sul, cada vez mais próximos e mais baixos.

À medida que o rio passava por uma abertura nos montes, acabando por fazer uma pronunciada curva para sul através da ampla planície de Panónia.

Aquele rio era, efectivamente, muito mais longo que o Rhenus, mas, seguindo a favor da corrente, avançávamos mais depressa. Por fim, voltámos para leste uma vez mais, dirigindo-nos, segundo Constâncio me disse, para o mar Euxino. Para sul ficavam as terras da Grécia acerca das quais Coríntio me contara tantas histórias; para norte, a Cítia e o desconhecido. A própria terra disse-me que tínhamos realmente viajado muito. À medida que a estação avançava para o Inverno, sopravam ventos frios das montanhas, mas os dias não tinham encurtado de forma apreciável, e árvores e plantas eram diferentes daquelas que eu conhecia.

Tinha pensado que seguiríamos sempre de barco até ao Euxino, mas, quando parámos em Singidimum, Constâncio apresentou-se ao comandante do forte, e aí encontrou ordens que o aguardavam, para o caso de tomar aquele caminho. O imperador, tendo acalmado os bárbaros, estava a preparar-se para marchar sobre Palmyra, onde Zenóbia tentara libertar do domínio romano o seu reino do deserto.

Aureliano queria Constâncio, e queria-o imediatamente. Por isso, as ordens incluíam autorização para cavalos de posta e referências para nos alojarmos nas mansiones ao longo do caminho. Deixando Filipe e Drusilla, que seguiriam com os nossos pertences, Constâncio e eu seguimos a cavalo pela longa estrada militar que atravessava a Moesia e a Trácia até Bizâncio. Dali, um barco fez-nos atravessar o estreito de Mármara até à província de Bitínia e à cidade de Nicomedia, onde o imperador e a sua corte agora residiam.

- Espera até chegar o Verão... esta pode ser uma terra muito bela - disse Constâncio. O seu tom era encorajador, como se eu fosse um recruta com saudades da sua terra. Não estava assim tão longe da verdade, pensei, envolvendo-me melhor no meu pesado manto. Já estávamos ali havia mais de quatro meses, grande parte dos quais Constâncio passara de um lado para o outro, entre Drepanum e Nicomedia, onde o imperador se preparava para a campanha de Pairivra. Zenóbia, que se intitulava rainha do Oriente, tinha reclamado para si não só a sua Síria nativa, como também o Egipto e partes da província da Ásia. Dentro de mais uma lua, o exército enviado para a punir já teria partido.

- Estamos em Fevereiro - recordei-lhe. Apesar de estarmos demasiado perto do estreito para cair neve, o frio instalara-se nos meus ossos. A villa que ele alugara para mim era húmida e cheia de correntes de ar - uma casa construída por pessoas que se recusavam a acreditar que o frio havia de chegar. Coisa que não surpreende, pensei sombriamente, visto que a cidade de Drepanum, junto da costa, indo de Nicomedia, do outro lado do estreito de Bizâncio, era uma popular estância para onde a corte se escapava durante o calor do Verão. No Inverno tinha apenas a recomendá-la as termas com as suas fontes quentes.

- A Britânia é mais fria... - principiou ele, com as placas da couraça rangendo quando se voltou. Ainda não me tinha acostumado ao seu aspecto de uniforme, mas era claro para mim que o mercador que ele fingira ser em Eburacum seria apenas metade do homem autêntico que Constâncio era.

- Na Britânia - retorqui - constróem as casas para manter o frio de fora!

- É verdade que era Verão quando estive aqui antes - capitulou ele, olhando através das persianas abertas para a chuva que fazia ferver o lago de nenúfares no atrium. Tinha chovido durante quase dois meses seguidos. Voltou-se para mim, subitamente sério.

- Helena, fiz mal em trazer-te da tua terra e arrastar-te até aqui? Bem vê, estava tão habituado ao exército e às mulheres dos oficiais que viajavam com eles de posto para posto por todo o império, que nunca pensei que tu não tinhas sido criada para este tipo de vida e poderias... não... - Encolheu os ombros, impotente, com os olhos cravados no meu rosto.

Engoli em seco, procurando as palavras. - Meu amor, não te preocupes com as minhas queixas. Não compreendes? Tu és a minha casa, agora.

Os seus olhos tristes animaram-se, como o sol a romper por entre as nuvens. Tive um momento para o admirar, e ele depois tomou-me nos braços, cuidadosamente, porque já aprendera que a sua armadura podia deixar marcas e, naquele momento, deixei de sentir frio.

- Tenho de ir - disse ele por fim, murmurando as palavras com a boca encostada aos meus cabelos.

- Eu sei... - Com relutância, afastei-me do seu calor, tentando não pensar que ele partiria em breve para a campanha de Palmyra. As placas sobrepostas da couraça raspavam levemente umas nas outras quando ele se curvou para pegar na sua pesada capa. Reparei com amarga satisfação que era uma byrrus, do tipo de capas peludas, com capuz, que fazíamos em Britânia.

- Quando chegares à cidade, estarás encharcado - disse-lhe eu, num tom que não era inteiramente de simpatia.

- Estou habituado a isso - respondeu, com um sorriso. e apercebi-me de que não só isso era verdade, como, efectivamente, ele gostava de enfrentar as intempéries.

Acompanhei-o até à entrada e abri a porta. A nossa casa ficava a meio da colina acima da zona principal da cidade. Os telhados vermelhos e as colunas de mármore do forum brilhavam atrás dos lençóis de água. Filipe segurava o cavalo de Constâncio, com um velho manto de lã sobre a cabeça, para se proteger da chuva.

- Desculpa, rapaz, não tencionava fazer-te esperar! - Constâncio estendeu a mão para as rédeas. Quando começou a montar, ouviu-se um guincho, e o cavalo, um alazão arisco, sacudiu a cabeça e desviou-se, e Filipe teve de fazer um degrau, com as mãos cruzadas, para que o seu amo pudesse passar uma perna por cima do animal e instalar-se entre os arções da sela militar.

Mas eu já não estava a olhar. Aquele estranho guincho tinha-se repetido, ou talvez fosse um ganido. O meu olhar inquiridor fixou-se num monte de detritos varridos para um canto do muro pela enchente da valeta. Ter-se-ia movido, ou fora simplesmente o vento? Peguei num ramo arrastado pela tempestade e inclinei-me, para com ele examinar o monte. Este estremeceu e, de súbito, avistei um par de brilhantes olhos pretos.

- Helena, toma cuidado! Pode ser perigoso! - Constâncio fez aproximar o cavalo. Do lixo saiu um fraco mas inconfundível rosnido. Aproximando-me mais, constatei que se tratava de um monte de pelos encharcado, como se alguém tivesse perdido um chapéu de pelo arrastado pelo vento.

- É um cãozinho! - exclamei, quando apareceu um nariz semelhante a um botão negro, diante dos meus olhos. - O pobrezito!

- Parece-me mais um rato afogado - murmurou Filipe. mas já estava a tirar o manto de lã da cabeça e a estender-mo para me impedir de usar o meu próprio manto.

Cuidadosamente, afastei as folhas e a lama em que o cãozinho estava atolado, e levantei-o. Não havia sinal algum de calor debaixo da minha mão: teria pensado que ele estava morto se não fosse o olhar desesperado nos seus olhos brilhantes. Murmurando palavras de carinho, aninhei-o contra o peito e, imperceptivelmente, um vazio que lá existira desde que perdera Eldri começou a ser preenchido...

- Toma cuidado - disse Constâncio. - Pode estar doente e tem, com certeza, pulgas.

- Oh, sim - respondi, embora, na verdade, duvidasse de que até mesmo uma pulga se interessasse pela criatura de pele e osso que tinha entre as mãos. Mas sentia o bater do seu coração. - Vou prestar todos os cuidados a esta criaturinha.

- Vou andando. então - disse Constâncio. cujo cavalo dava passos ao lado. nervosamente.

Sim. claro. - Ergui o olhar para ele. e a tensão do seu rosto desapareceu. O sorriso que me dirigiu era uma carícia. Em seguida, puxou o capuz do byrrus para a cabeça, fez voltar o cavalo, e partiu a trote pela estrada, fazendo saltar água para os lados.

Depois da sua partida, aninhei o cãozinho contra o peito e levei-o para dentro. Um banho e uma boa refeição melhoraram o seu aspecto, embora a sua raça fosse tão misturada como a população do império. Tinha as orelhas pendentes, o pelo preto e branco, e havia a sugestão de uma pluma na sua cauda. O tamanho das patas sugeria que, se a fome não o afectasse no início da vida, poderia vir a tornar-se um grande cão.

A avidez com que lambeu a tigela de caldo que Drusilla lhe preparara demonstrou uma recomendável vontade de viver.

- Como vais chamar-lhe? - perguntou Filipe, menos duvidoso, agora que via o cão limpo.

- Estava a pensar em "Hylas", o nome do amante de Hércules que as ninfas afogaram no lago. Por aqui, é uma história muito popular. - Na verdade, era em Chios, a alguns dias de viagem para leste, ao longo da costa, que se supunha ter-se Hylas perdido quando os Argonautas ali tinham parado a caminho da captura do Velo de Ouro.

- Realmente, parece que alguém tentou afogá-lo - concordou o rapaz, e foi esse o nome dado ao cão.

Nessa noite, Hylas dormiu no meu quarto, e, embora a minha cama ainda estivesse vazia, reconfortou um pouco o meu coração, nessa altura e durante os meses solitários depois de Constâncio seguir o imperador para sul, para a Síria, escutar de novo o ruído de pequenas patas atrás dos meus calcanhares.

Constâncio estava certo em relação ao tempo. Com o Verão, o Sol brilhava triunfantemente num céu sem nuvens, e transformava em ouro a relva das colinas. As janelas, que tinham deixado passar

tantas correntes de ar em Fevereiro, foram abertas para deixar passar a brisa marítima pela manhã. e o vento do lago à tarde. Os habitantes locais diziam que era muito normal para a estação, mas, depois das brumas de Britânia, eu achava o calor realmente opressivo.

De dia, vestia as gazes mais finas e deitava-me debaixo de um toldo de linho junto da fonte do atriuni, com Hylas ofegante ao meu lado. À noite, passeava, por vezes, junto do lago, com o cão a correr alegremente à minha frente, e Filipe, empunhando um bastão e olhando desconfiadamente em volta, um passo atrás de mim. De vez em quando recebia uma carta de Constâncio, que marchava, de armadura, por terras que faziam com que Drepanum parecesse, em comparação, tão fresca como a Britânia. Quando soubemos da vitória em Ancyra, os magistrados mandaram acender uma grande fogueira no forum, e o mesmo sucedeu depois das boas notícias de Antioquia.

Com a chegada do Verão, várias famílias nobres de Nicomedia tinham-se mudado para Drepanum. Algumas das mulheres também tinham maridos que estavam junto do imperador, mas tínhamos pouco em comum. Drusilla, que ouvia todo o tipo de mexericos no mercado, disse-me que corria que eu não era mulher de Constâncio, mas uma rapariga que ele conhecera numa estalagem e que fizera sua concubina, e compreendi por que motivo as senhoras se mostravam tão distantes. Ela estava cheia de indignação, mas eu não podia ofender-me com uma opinião que, do ponto de vista legal, era verdadeira. Não tinha havido contrato de casamento, nem troca

de oferendas ou aliança de parentes para solenizar a nossa união, apenas a bênção dos deuses.

Na verdade, sentia-me satisfeita por me ver livre de obrigações sociais. porque com os nobres tinham vindo alguns dos filósofos do imperador, e um deles tinha um jovem aprendiz magrizona chamado Sopater que, em troca do que eu conseguia poupar do dinheiro da casa, e alguns pratos de Drusilla. estava disposto a dar-me lições.

O grego que eu aprendera em pequena estava enferrujado e, naquele país. precisava da linguagem comum para falar com os mercadores, e da linguagem mais requintada dos filósofos para ler as obras de Porfírio e outros que estavam a causar tanta agitação.

Sopater era simultaneamente jovem e sério, mas. quando se descontraíu suficientemente para conseguir olhar para mim durante as aulas, começámos a dar-nos bem, e, embora durante os longos dias de Verão fizesse calor de mais para eu mexer o corpo, pelo menos a minha mente estava activa. Precisava de distração; porque, após a grande batalha de Emesa, não voltara a receber notícias de Constâncio, nem acerca dele.

Mas, precisamente ao crepúsculo de certa tarde, pouco depois dos meados do Verão, quando acabara de me banhar e estava a pensar em ir dar um passeio à beira do lago, ouvi alguma agitação lá fora e, sobrepondo-se aos furiosos ladridos de Hylas, uma voz que me fez prender a respiração. Coloquei o véu mais próximo sobre a cabeça e, com os cabelos soltos e a leve túnica sem cinto, corri para a entrada.

À luz da lamparina suspensa, vi Constâncio, reduzido, pela campanha, a osso e músculo, com o cabelo branqueado como ouro claro e a pele vermelha como tijolo, devido ao Sol. Estava vivo e Só nesse momento confessei a mim mesma quão profundamente receara a sua morte nas areias do deserto. Pelo seu olhar depreendi que, com a luz por trás de mim, era como se estivesse nua. Mas o que eu vi no seu olhar foi mais do que desejo. foi veneração.

- Domina et dea¹⁴ - sussurrou, o que era um título a que nem a imperatriz tinha direito, mas compreendi-o, porque naquele momento o vi, como o vira naquele Beltane em Avalon, como o deus.

Fiz sinal aos servos para que nos deixassem sós, e, depois, pegando-lhe na mão, arrastei-o para o nosso quarto. Hylas, depois dos ladridos iniciais, calara-se; talvez tivesse reconhecido o cheiro de Constâncio como pertencente àquele quarto. Quando nos dirigimos para a cama, ouvi-o deixar-se cair diante da porta.

Depois disso, deixei de pensar no cão ou em qualquer outra coisa, para além da minha necessidade daquele homem nos meus braços.

Unimo-nos, naquele primeiro amplexo frenético, como viajantes do deserto que encontram um oásis e estão desesperados por matar a sede. Lutando contra as roupas um do outro, caímos sobre o leito. Mais tarde, fui encontrar a minha túnica a um canto, rasgada ao meio. Depois de termos alcançado o paroxismo, mantive-me abraçada a Constâncio, aguardando que o galope do seu coração abrandasse.

- A luta foi muito dura? - perguntei, ajudando-o a despir o resto das roupas.

Constâncio suspirou. - Os Árabes perseguiram-nos por toda a Síria, atingindo homens com as suas setas, tentando assaltar o comboio de munições. Quando chegámos a Palmyra, Zenóbia estava à nossa espera. Não conseguimos tomar o lugar de assalto... o próprio imperador ficou ferido... por isso tivemos de montar um cerco. Aureliano propôs condições, mas ela pensava que os Persas a salvariam. Simplesmente, o rei persa, Sapor, morreu, e eles estavam demasiado ocupados a lutar uns com os outros para se preocuparem com Roma. Depois, Probo acabou as negociações com o Egipto e veio reforçar-nos. Era o fim e Zenóbia sabia disso. Tentou fugir, mas apanhámo-la e trouxemo-la a ferros.

- Então venceram... devias estar triunfante - comentei, recordando-me de Boadiceia e reprimindo a minha instintiva simpatia.

Ele abanou a cabeça, espreguiçando-se e instalando-me com a cabeça sobre o seu braço. - Zenóbia tinha jurado matar-se se fosse capturada, mas entrou em pânico e acusou Longinus e os outros homens que a serviam. E Aureliano executou-os. Por isso ela irá aparecer no seu Triunfo, afinal... Compreendo por que razão eles tiveram de morrer - acrescentou após um momento - mas isso deixou um mau sabor em tudo isto. Pelo menos o imperador... não pareceu gostar muito.

“Oh, meu pobre amor”, pensei. voltando-me para encostar a sua cabeça ao meu peito. “tens um temperamento demasiado bom para te habituares a esta carnificina.”

- Quando conquistámos a cidade... os outros oficiais tomaram mulheres - sussurrou ele então. - Eu não pude fazê-lo, com toda aquela morte à minha volta.

Apertei-o com mais força, desarrazoadamente satisfeita, fosse qual fosse o motivo, por ele ter sido fiel. Não era coisa que eu tivesse o direito de exigir-lhe, mas explicava, sem dúvida, pensei com secreto regozijo, a intensidade da sua necessidade de mim.

- Tu és a vida... - murmurou Constâncio.

Os seus lábios roçaram um dos meus mamilos. Senti que ambos endureciam, ao seu toque, e voltou a acender-se o fogo entre as minhas coxas.

- Vi tantas mortes... deixa-me fazer vida em ti...

As suas mãos moveram-se pelo meu corpo com uma deliberação e uma necessidade mais intensas que na primeira vez. e dei comigo a abrir-me ao seu toque mais profundamente do que nunca. No momento final, ele ergueu-se sobre mim e vi as suas feições à luz do fogo, em êxtase.

- O Sol! - arquejou. - O Sol brilha à meia-noite!

Nesse momento surgiu o meu paroxismo e não pude dizer-lhe que era apenas a luz da fogueira que tinham acendido para celebrar a vitória do imperador.

Na hora silenciosa antes da madrugada, a única altura, naquela estação, em que sentia fresco, ergui-me para me aliviar. Quando regresssei do lavatório, fiquei por um momento a olhar pela janela e a apreciar a carícia do ar fresco na minha pele nua. A fogueira do forum tinha-se apagado, e o sono que, a seguir à morte, era o maior dos conquistadores, tinha vencido os folgazões. Até mesmo Hylas, que tinha acordado quando eu, se deitara de novo.

Um som vindo do leito fez-me voltar. Constâncio estava agarrado às cobertas, a gemer. Vi lágrimas que brotavam dos seus olhos fechados e começavam a escorrer-lhe pelo rosto. Voltei atrás e deitei-me ao seu lado, envolvendo-o nos meus braços. Em tempos, pensei, era eu que tinha pesadelos, mas, desde que deixei Avalon, nunca mais os tivera.

- Está tudo bem - murmurei, sabendo que era o tom da minha voz e não as palavras que o acalmariam. - Estás bem, agora... eu estou aqui...

- O Sol brilha à meia-noite... - gemeu ele. - O templo arde! Apolo! Apolo está a chorar!

Acariciei-o, perguntando a mim mesma se aquilo teria alguma coisa a ver com a campanha. A divindade pessoal do imperador era o deus-Sol não podia crer que ele mandasse destruir um santuário, mas tinha ouvido dizer que, na guerra, por vezes se perde o controlo da destruição.

- Então, então, meu amor, abre os olhos... é manhã, estás a ver? Apolo conduz o seu carro de fogo pelo rebordo do mundo...

Com os lábios e as mãos consegui acordá-lo e acabei por ser recompensada ao ver como reagia rapidamente, de novo, ao meu contacto. Desta vez, amámo-nos lenta e ternamente. Quando terminámos, Constâncio estava bem desperto e sorridente.

- Ah, minha rainha, trouxe-te presentes... - dirigiu-se ao saco que alguém tinha trazido enquanto dormíamos e deixou junto da porta.
- Tencionava enfeitar-te com isto na nossa primeira noite juntos, mas estás mais bonita vestida apenas com os teus pelos escuros como a noite...

Remexeu no saco e extraiu algo envolto em linho cru. Quando o pano grosseiro caiu, uma chama de cor atraiu o meu olhar. Constâncio sacudiu um chiton¹⁵ de seda, tingido com a verdadeira cor de púrpura, e estendeu-mo.

- Meu amor, é magnífico de mais! - exclamei, mas aceitei o presente, maravilhando-me com o fino tecido, e enfiei-o pela cabeça. Estremeci, quando a seda acariciou a minha pele e movi-me, sentindo as pregas macias moldarem-se ao meu corpo.

- Pelos deuses, que bem te fica a púrpura! - exclamou ele, com uma chama no olhar.

- Mas não posso usá-lo - recordei-lhe.

- Fora de casa, não - concordou ele - mas no nosso quarto és a minha imperatriz e a minha rainha!

"E, no leito ou fora dele, tu, meu adorado, és o meu imperador!" pensei, admirando o equilíbrio perfeito do seu corpo nu, mas não ousei dizer aquelas palavras em voz alta.

Constâncio tinha passado um braço em volta do meu corpo e levou-me para a janela voltada a oriente. Suspirei, repleta de amor, sentindo no meu corpo uma realização que nunca sentira antes. Decerto, pensei então, sairei duma noite como esta com um filho no ventre.

Juntos, ficámos a ver o Sol, como um imperador vitorioso, erguer-se no horizonte, banindo do mundo os mistérios da noite.

CAPÍTULO NOVE

272 d. C.

Na Britânia, Setembro era um mês de sol nublado, mas o forum de Naissus ardia em luz por baixo dum brilhante céu azul. Da sombra do toldo que tinha sido erguido para abrigar as famílias dos oficiais imperiais, podia sentir as ondas de calor que subiam das lajes da praça. Tivera esperanças, quando Constâncio me falara do seu novo posto, de que as planícies que bordejavam o Danuvius em Dácia, ficando mais a norte, fossem mais frescas que a Bitínia, mas, no Verão, aquela cidade interior parecia ainda mais quente que Drepanum, que, pelo menos, por vezes recebia uma brisa marítima. Sentia a transpiração por baixo da fita que usava para esconder o crescente tatuado na testa. Inspirei profundamente, esperando não desmaiar. Ao fim de três meses de gravidez, ainda enjoava pela manhã, e a intervalos durante o dia.

Talvez fosse a fome que estivesse a causar-me vertigens, pensei então, porque não tinha ousado comer antes da cerimónia. ou talvez fosse o forte odor do incenso. Dois sacerdotes balançavam turíbulos diante do altar; a cada balanço, erguiam-se mais espirais de fumo no ar. A névoa deslizava como uma cortina de gaze em frente das colunas que formavam o lado ocidental da praça que descia para o

rio Navissus. Para além dos telhados, um brilho de água, campos dourados de restolho e baixos montes azulados oscilavam no ar aquecido, insubstanciais como um sonho.

- Não te sentes bem?- disse alguém perto de mim.

Pestanejei, focando o olhar no rosto ossudo e escuro da mulher ao meu lado. Com esforço, recordei-me de que se chamava Vitélia e era mulher de um dos colegas Protectores de Constâncio.

- Já vai passar - respondi, corando. - Não estou doente, é só... - senti que me ruborizava de novo.

- Ah, evidentemente. Eu já tive quatro filhos, e andei enjoada como uma cadela com três deles... não que as cadelas costumem ter enjoos matinais... - acrescentou, mostrando uns grandes dentes, ao sorrir. - Tive o primeiro quando estávamos estacionados em Arerentorate, o segundo e o terceiro em Alexandria, e o meu último rapaz nasceu em Londinium.

Olhei-a com respeito. Tinha seguido as Águias por todo o império. - Eu venho de Britânia... - disse então.

- Gostei de lá estar. - Vitélia confirmou a frase com um decidido aceno da cabeça que lhe sacudiu os brincos. Brilhava-lhe no peito um pequeno peixe dourado, suspenso de uma fina corrente. - Ainda lá temos uma casa. e talvez voltemos para lá, quando o meu marido se reformar.

O cortejo estava quase no fim. Os flautistas tinham-se colocado a um dos lados do altar, e as seis virgens, tendo espalhado as suas flores. tomaram posição no noutro. A sacerdotisa que vinha atrás delas deteve-se diante do altar e lançou uma mão-cheia de cevada para o fogo que nele ardia, invocando Vesta, que vivia nas chamas.

- Já tinha ouvido dizer que eras da Ilha - disse Vitélia. - O teu homem regressou do exílio e portou-se tão bem na campanha da Síria que foi feito tribuno.

Acenei afirmativamente com a cabeça, apreciando a sua natural aceitação da minha ambígua situação conjugal. Desde a promoção de Constâncio, algumas das mulheres que tão claramente me tinham ignorado antes, tinham começado a mostrar-se ostensivamente respeitadas, mas Vitélia parecia ser o tipo de mulher que trataria da mesma forma uma vendedeira de peixe e uma imperatriz. A ideia fez-me voltar de novo o olhar para o fórum.

O imperador presidia à cerimónia de um estrado protegido do Sol atrás do altar, rodeado pelos seus oficiais superiores, Sentado no trono, Aureliano lembrava a estátua de um deus, mas, quando Constâncio me apresentara ao imperador, tinha ficado surpreendida ao constatar que era um homem pequeno, com cabelo ralo e olhos fatigados.

Automaticamente, o meu olhar dirigiu-se para o extremo da fila, onde Constâncio se encontrava de pé, mesmo à beira da sombra. Quando ele se moveu, o seu peitoral captou a luz do Sol. Pestanejei - por momentos parecera-me vê-lo no meio de uma auréola de luz. Mas, evidentemente, pensei, sorrindo, ele parecia-me sempre um deus. O peitoral brilhou de novo quando ele se endireitou. e vi que os sacerdotes avançavam pela arcada, trazendo o boi para o sacrifício. O animal era branco e tinha os cormos e o pescoço

enfeitados com flores. Movia-se lentamente; tinha sido, sem dúvida, drogado para evitar que qualquer luta pouco auspiciosa estragasse a cerimônia. O cortejo deteve-se diante do altar e o sacerdote começou a entoar as preces. O boi deteve-se, baixando a cabeça como se o cântico fosse um encantamento para o fazer dormir.

Um segundo sacerdote avançou, com os fortes músculos sobressaindo nos braços quando ergueu o cabo do machado. Houve um momento de silêncio e, depois, o machado caiu. O baque ressonante, quando a lâmina embateu no crânio do animal, reverberou das colunas. Mas o boi já começava a ajoelhar-se. Quando começou a cair, o sacerdote agarrou-o pelos cornos, segurando-os durante tempo suficiente para o outro mergulhar a faca na garganta do animal e retorcê-la.

O sangue correu pelas pedras, numa maré vermelha. Alguns dos homens que estavam a assistir afastaram o olhar, fazendo o sinal da cruz, o sinal cristão contra o mal. "Só é mau para o boi", pensei tristemente, "ou talvez nem sequer para ele, se consentiu em ser a oferenda." Decerto os cristãos, que adoravam um deus sacrificado, sabiam que a morte podia ser sagrada. Parecia-me bastante mesquinho da parte deles negar a santidade de todas as religiões menos da sua.

Aquilo talvez pudesse ser um acto sagrado, mas, quando o odor enjoativo do sangue se sobrepôs ao do incenso no ar, senti a garganta contrair-se. Puxei o véu para tapar o rosto e fiquei imóvel, respirando cuidadosamente. Seria pouco político, além de lamentável, fazer figuras tristes durante a cerimónia. Um pungente cheiro a ervas aclarou-me a cabeça e abri os olhos. Vitélia estendia-me um raminho de alfazema e rosmaninho. Inspirei de novo profundamente e agradei-lhe.

- É o teu primeiro filho?

- O primeiro que conservo dentro de mim durante todo este tempo - respondi.

- Que a Santa Mãe de Deus te abençoe, então, e te faça chegar em bem até ao termo - disse Vitélia, voltando de novo o olhar para o fórum, com a testa franzida.

Não era uma cena que desse prazer ver, pensei, mas não compreendi verdadeiramente a sua desaprovação. Tentei recordar-

me de se o seu marido fora um dos homens que fizeram o sinal da cruz na altura do sacrifício do boi.

O animal estava já quase totalmente sangrado por essa altura. e os sacerdotes menores encaminhavam o sangue para as valetas. Os outros tinham aberto a cavidade do corpo e colocado o fígado numa tigela de prata, para que o *haruspex*¹⁶ pudesse examiná-lo. Até mesmo o imperador se inclinara para diante, para escutar os seus murmúrios.

Para mim, iniciada na tradição oracular de Avalon, os auspícios através de entranhas sempre me tinham parecido um método desajeitado de adivinhação. Quando a mente estava devidamente treinada, o voo de uma ave ou a queda de uma folha podiam constituir presságios, desencadeando a visão da profecia. Pelo menos, o boi tinha sido morto de uma forma limpa e respeitosa. Quando nessa noite nos banqueteássemos com a sua carne, aceitaríamos o nosso lugar no ciclo da vida e da morte, partilhando a sua bênção. Pousei a mão sobre o meu ventre, que começava a endurecer, à medida que a criança crescia dentro de mim.

O *haruspex* limpou os dedos numa toalha de linho e voltou-se para o estrado.

- Honra ao imperador, favorecido pelos deuses... - exclamou. - Os Resplandecentes falaram. O Inverno que está para vir será ameno. Se te voltares para a guerra, obterás a vitória sobre os teus inimigos.

Só me apercebi de como a multidão estava tensa quando ouvi o murmúrio dos comentários. Alguns homens fortes estavam a arrastar o boi para ser assado para o banquete. As virgens avançaram, erguendo os braços para o céu, e começaram a cantar.

Ave, Sol resplandecente e soberano,

Adoramos a Tua glória, ó Sol sagrado!

Ajuda-nos e sara-nos, até que, como nas alturas,

Aqui haja beleza e todos conheçam Teu amor...

Senti lágrimas nos olhos quando as vozes puras e doces se misturaram, ao recordar-me de como cantara outrora com as outras donzelas em Avalon. Havia longo tempo que não invocava a Deusa, mas aquele cântico acordou em mim uma saudade que julgava esquecida. O cântico dirigia-se a Apolo, fosse qual fosse o nome que davam ao deus-Sol nas terras do Danúbio. Era costume cada imperador exaltar a divindade que era sua patrona, mas dizia-se que Aureliano queria ir mais longe e proclamar o Sol como emblema visível de um ser único e todo-poderoso que era o mais alto de todos os deuses.

Também em Avalon eu tinha deparado com tal ideia, embora para nós fosse a Grande Deusa que víamos como a Mãe de tudo. Mas também me havia sido ensinado que qualquer impulso sincero de adoração encontrará a Fonte por trás de todas as imagens, independentemente do nome que lhe seja dado, por isso pousei as mãos sobre o ventre, fechei os olhos, e supliquei que me fosse concedido levar aquela criança a bom termo e dá-la à luz viva e saudável.

- Vem, Senhora Helena - disse Vitélia. - A cerimónia terminou e não vais deixar o teu senhor à espera. Dizem que Constâncio é um homem com futuro. Tens de causar boa impressão na celebração.

Eu tinha tido esperanças de que Vitélia e eu pudéssemos ficar lado a lado durante o banquete, mas Constâncio conduziu-me a um leito mesmo abaixo do estrado, enquanto ela e o marido ficavam ao fundo da sala. Ela tinha sido correcta, pensei. enquanto me reclinava, cobria modestamente os tornozelos com a saia e ficava a ver Constâncio conversar com o imperador. O facto de o meu marido ter conquistado o favor de Aureliano começava a tornar-se claro. Tentei ignorar o murmúrio de especulações das mulheres próximas. Constâncio não me teria levado ali sem a bênção do imperador e aquilo que o imperador aprovava nenhum mexerico das mulheres, por muito exaltada que fosse a sua posição, poderia negar.

No leito ao lado encontrava-se um dos maiores homens que eu já vira. Era visivelmente um germano, desde o cabelo cor de linho às calças envolvidas por fitas cruzadas, mostrando os braços musculosos por baixo da túnica de mangas curtas. Mas à volta do pescoço tinha um colar de ouro retorcido e os braceletes nos braços e nos pulsos eram também de ouro.

- És a Senhora Helena, não és? - perguntou ele. Corei, apercebendo-me de que me apanhara a observá-lo, mas não parecia importar-se com isso. Com aquele físico, pensei então, deve estar habituado a atrair as atenções. - Constâncio fala muito de ti. - Tinha um sotaque gutural. mas falava um bom latim, tendo eu concluído que ele servia nas legiões havia longo tempo.

- Estiveste na campanha?

- No deserto... - fez um esgar, apertando um braço vigoroso que o Sol queimara, deixando-o quase cor de tijolo.

Acenei afirmativamente com a cabeça. Depressa tinha compreendido não ser a modéstia, mas a necessidade, que levava as mulheres a saírem veladas, naquela terra.

- Sou chefe de auxiliares dos lanceiros alamanos. Os Romanos não conseguem pronunciar o meu nome. - Sorriu. - Por isso, Croco sou chamado. O teu homem salvou a minha vida em Ancyra, fez mais que o seu dever. Fiz-lhe um voto de lealdade, eu e os meus.

Acenei afirmativamente com a cabeça, compreendendo-o como talvez nenhuma romana conseguisse, e compreendendo igualmente que a sua lealdade se estendia à família de Constâncio.

- Obrigada. O meu pai era um príncipe entre as tribos de Britânia, e sei o que isso representa para ti. Aceito o teu serviço... - pousei uma mão no ventre - por mim e pelo meu filho.

Croco inclinou a cabeça com reverência ainda maior do que antes. - Vejo que é verdade o que ele diz de ti. - Fez uma pausa, enquanto eu erguia uma sobrancelha, e depois prosseguiu. - Entre a minha gente, sabemos que as mulheres são sagradas, por isso. quando ele diz que tu és como uma deusa, eu sei que é verdade.

Que Constâncio pensasse assim não me surpreendia, mas essa conversa destinava-se à privacidade do nosso quarto. Não pude deixar de pensar em que extremos de perigo ele e aquele homem se tinham encontrado, para que ele tivesse revelado a esse ponto os seus pensamentos íntimos. Mas já tinha percebido que havia coisas de que um soldado não fala em casa, coisas que Constâncio se esforçava por esquecer quando estava nos meus braços, e que provavelmente eu nunca saberia.

- A ti e ao teu filho - disse ele, repetindo as minhas palavras - faço o meu voto de vos proteger e defender de todos os inimigos.

O ruído das conversas tinha diminuído, deixando-nos a ambos no meio de um grande silêncio. Curvei a cabeça, com os olhos inundados de lágrimas. Parecia que se passara um longo tempo desde a última vez em que usara os sentidos através dos quais o

espírito verdadeiramente vê, mas. apesar de ali não haver qualquer altar, nem qualquer sacerdote ou sacrifício, soube que o juramento que Croco acabara de fazer tinha sido testemunhado pelos deuses.

-Vejo que já se conhecem - disse Constâncio ao meu lado. e ergui os olhos para ele, pestanejando para impedir que as lágrimas caíssem.

- Croco diz-me que lhe salvaste a vida - apressei-me a dizer. receando que ele interpretasse mal a minha emoção, e afastando-me para que ele pudesse reclinar-se no leito ao meu lado.

- Ele não te disse que também salvou a minha? - O seu sorriso para Croco era um aviso para que não assustasse as mulheres com histórias de guerra.

- Ela não precisa de que lho digam.

Os sobrolhos de Constâncio franziram-se, mas achou melhor não fazer mais perguntas. Apoiou-se num cotovelo e fez um gesto na direcção do estrada.

- Aureliano está a honrar todos os heróis da campanha... vejo que tem Maxim-rianus consigo lá em cima.

Segui a direcção do seu gesto e vi um homem corpulento com espessos cabelos castanhos que começavam a ficar grisalhos, forte como um touro. Tinha um ar de camponês, como aliás os seus pais tinham sido. mas era dotado para a guerra.

E Docles está ao seu lado - prosseguiu Constâncio. - Ao lado de Maximiano encontrava-se um homem alto com ralos cabelos avermelhados a encimar uma ampla fronte. Linhas de rígido controlo marcavam as suas feições, apesar da cor dos seus cabelos, ou talvez por causa dela.

- É um homem a observar. O seu pai era apenas um pastor da Dalmácia, a menos que um deus o tenha gerado. Parece ter nascido com o génio da guerra, seja como for, e, além disso, é um bom administrador, o que é ainda mais valioso num general.

- E mais raro? - perguntei. Mas nessa altura os escravos começaram a servir o primeiro prato do banquete e ele absteve-se de responder.

Constâncio tinha sido destacado para a Cohors Prima Aurelia Dardanorum, que estava estacionada perto da confluência do Navissus com o Margus. Tinha tido esperanças de que isso o fizesse vir todos os dias do forte até à casa que alugara para mim em Naissus, mas, no início de Novembro, os Dardamanos receberam ordem para ajudar a perseguir os Godos em retirada, e Constâncio, de malas aviadas com agasalhos de lã contra o súbito frio, marchou para norte e deixou-me sozinha.

Apenas uma estreita linha de montes protegia Naissus dos ventos que varriam a planície aberta do Danuvius, ventos que nasciam nas estepes da Cítia e que haviam aquecido apenas o suficiente para recolher alguma humidade na sua passagem pelo mar Euxino. Em breve, pensei enquanto me envolvia no meu manto, começaria a nevar. No entanto, naquela região sabiam construir casas para o

tempo frio, e não só a casa tinha um hipocausto que conservava o calor provindo do chão de mosaicos, como, no grande quarto que Constâncio escolhera para ser o nosso, havia uma lareira. Tinha sido esse o motivo por que Constâncio alugara a casa, segundo me disse, para que o calor do fogo me recordasse a minha terra.

À medida que a minha gravidez avançava, eu passava muito do meu tempo nesse quarto. Parecia-me injusto que Constâncio, que me amparara nos três primeiros meses, tivesse que deixar-me precisamente quando o enjoo desaparecera e o meu ventre começara a arredondar-se, com o crescimento da criança. Já tinha passado a fase em que as mulheres mais frequentemente sofrem abortos, e agora estava segura de aquele bebé iria nascer. Na verdade, nunca me sentira melhor. Quando o tempo o permitia, acompanhava Drusilla ao mercado no centro da cidade; Filipe, que se tornara muito protector, seguia meio passo atrás de nós, enquanto Hylas corria à nossa frente.

A boa comida e o carinho tinham transformado o pequeno cão, que agora me dava pelo joelho, com o seu pelo sedoso preto e branco e uma pluma sempre a agitar-se na cauda. Para Hylas, o mercado era um local cheio de infinitas possibilidades, de odores fascinantes e de objectos ainda mais interessantes e odoríferos. Competia ao pobre Filipe a tarefa de impedir o cão de os levar para casa. Para os membros humanos da nossa habitação, o mercado era uma fonte de mexericos, mantendo-nos informados acerca dos progressos da campanha.

Os Godos que eles combatiam eram os últimos sobreviventes da grande incursão que abalara o império dois anos atrás. Mas mesmo nos tempos em que Roma ainda reclamava direitos sobre a Dácia, as suas montanhas setentrionais tinham resistido à penetração das legiões. Os Godos dissolviam-se nas regiões selvagens como a neve no Verão. Mas agora era Inverno, e a falta de alimentos deixava-os em desvantagem perante as legiões bem alimentadas. Ou, pelo menos, tínhamos esperanças de que assim fosse. Pensar em Constâncio em marcha, encharcado e faminto, enquanto eu me aquecia diante do fogo, gelava-me a alma. Mas nada podia fazer para o ajudar. Apenas o meu espírito saudoso atravessava as léguas que nos separavam, como se, dessa forma, pudesse reconfortá-lo um pouco.

E, à medida que o Inverno prosseguia, maior era a sensação que tinha de contactar efectivamente o seu espírito. Tentara, sem êxito, fazer o mesmo quando Constâncio estava na Síria. Ter-se-ia fortalecido o elo por agora trazer no ventre um filho seu, ou seria que a minha gravidez bem sucedida restaurara uma confiança perdida quando me vira exilada de Avalon?

Não ousava investigar com muito rigor. Bastava-me, nas longas noites de Inverno, sentar-me diante da lareira, cantarolando

baixinho enquanto escovava os cabelos, e permitir que uma visão de Constâncio tomasse forma entre as brasas ardentes.

Numa dessas noites, pouco antes do solstício em que os soldados celebram o nascimento de Mitra, notei que as visões que observava nas brasas adquiriam uma clareza invulgar. Um pedaço de lenha queimada transformara-se na encosta duma montanha e, abaixo dela, num afloramento, alguns ramos a arder tinham-se transformado numa paliçada quadrada de um acampamento romano com claras fileiras de tendas no seu interior. Sorrindo, dei largas à fantasia. Constâncio poderia estar a instalar-se para passar a noite num acampamento como este, naquele preciso momento. Inclinei-me para diante, desejando ver a tenda onde ele se encontrava...

... e subitamente estava ali no campo, vendo as tendas a cair e os homens a correr, iluminados pelas chamas da paliçada a arder, enquanto os Godos irrompiam. As pontas das lanças brilhavam como centelhas explosivas, enquanto os Romanos se organizavam, movendo as suas espadas como línguas de chamas. Frenética, procurei Constâncio e dei com ele, costas com costas, com Croco. Defendia-se com um pilum¹⁷ de legionário, enquanto o grande germano lutava com uma lança germana, mais longa, e o valor de ambos havia aberto à sua volta um círculo de segurança.

Mas mesmo juntos não conseguiriam derrotar todo o exército godo e os restantes romanos estavam a levar a pior. Eram tantos os inimigos! Outra leva avançava agora para Constâncio. Por instinto, dei um salto em frente com um grito inarticulado. Não sei o que os Godos viram, mas recuaram.

Subitamente, recordei-me de um fragmento dos meus ensinamentos em Avalon, apenas dado como uma curiosidade histórica, pois decerto nunca seria usado agora. Nos tempos antigos, as sacerdotisas druidas tinham aprendido a magia da batalha, encantamentos para proteger os seus guerreiros, e o grito da Deusa dos Corvos que tinha o poder de desencorajar um inimigo.

Foi esse grito que senti formar-se dentro do meu peito, um grito de raiva, de desespero, de total negação. Ergui os braços e eles transformaram-se em asas negras, elevando-me nos ares, quando essa ira me invadiu corpo e alma.

Os Godos ergueram o olhar, abrindo as bocas, flectindo os dedos no sinal contra o mal, enquanto eu esvoaçava em direcção a eles. Não eram Romanos para fazerem divindades das abstracções e princípios abstractos das suas divindades. Sabiam que o mundo dos espíritos era real...

- Waelcyrige! Haliruna! - gritaram quando desci sobre eles. E então a minha garganta abriu-se, e o grito que saiu dos meus lábios separou-os dos seus sentidos e a mim do estado consciente.

Quando abri os olhos de novo, Drusilla e Filipe estavam inclinados sobre mim, com os rostos pálidos de medo.

- Senhora, senhora! Que sucedeu? Ouvimos um grito...

Olhei-os, pensando não querer que o amor com que me serviam se transformasse em medo.

- Um pesadelo, penso eu - murmurei. - Devo ter adormecido junto do fogo.

- Estás bem? A criança...

Num súbito alarme, levei as mãos ao ventre, mas tudo estava bem.

- É filho de soldado - disse eu, forçando-me a sorrir. - É preciso mais que um pouco de barulho para o assustar.

Os Godos é que se tinham assustado, pensei com satisfação, se aquilo que eu recordava tinha sido uma verdadeira visão e não um sonho.

Depois disso enviei Filipe ao mercado todas as manhãs para saber notícias, até que chegou uma carta de Constâncio, dizendo-me que estava bem e para não me preocupar se tivesse ouvido dizer que houvera uma batalha. Não tinha ficado ferido e, durante a luta,

o rei dos Godos, Cannabaudes, tinha sido morto. E, a propósito, e aqui eu quase podia escutar os risos intranquilos com que os Romanos reagiam quando pensavam que os poderes que adoravam podiam ser realmente verdadeiros... Croco dizia que o inimigo tinha sido derrotado por uma deusa com o meu rosto...

Quando nos havíamos unido no Grande Rito, Constâncio vira-me como a Deusa, e o mesmo sucedera na noite em que eu tinha concebido o meu filho. Nesse caso, perguntei a mim mesma, teria ele ficado surpreendido?

Os Romanos, reflecti enquanto me enrolava no meu manto, tinham propensão para cair num erro ou no seu oposto - ou afirmavam que o mundo visível era apenas um reflexo imperfeito do Ideal, o que o filósofo procurava transcender, ou viviam num mundo de forças imprevisíveis que deviam ser constantemente propiciadas. Um desprezava o mundo enquanto o outro o receava, e os cristãos, segundo tinha ouvido dizer, faziam ambas as coisas, suplicando ao seu deus que os salvasse do seu próprio julgamento.

Mas toda a gente acreditava em presságios. Se Constâncio não me tivesse sustentado, eu poderia levar uma boa vida como vidente, servindo-me das coisas que aprendera em A-valon. E que presságio, perguntei a mim mesma. deveria procurar na minha visão da

batalha? Pousei as mãos sobre o ventre, sorrindo ao sentir um leve movimento no seu interior.

“Foi o teu valoroso espírito que me inspirou. pequenino> Serás decerto um grande general, já me ajudas a ganhar batalhas ainda antes de teres nascido!” Perguntei então a mim mesma em que acreditava eu. Não receava o mundo, mas também não o rejeitava. Nós tínhamos aprendido uma terceira via, em Avalon. A minha iniciação ensinara-me a sentir o espírito em tudo, e a reconhecer que, na sua maior parte, o mundo seguia o seu caminho com pouco interesse pela humanidade. O corvo que crocitava no telhado não sabia que o homem que o escutava poderia ouvir uma mensagem - era a mente do homem que tinha de ser alterada para encontrar naquilo um significado, não a ave. O espírito movia-se através das coisas; aprender a viver em harmonia com esse movimento era a Via dos Sábios.

O bebé mexeu-se uma vez mais dentro de mim e eu ri-me, compreendendo por que razão víamos uma Deusa quando procurávamos dar um rosto ao Mais Alto Poder. Agora que já tinham passado os primeiros meses de ajustamento à gravidez, nunca me sentira tão bem. Preenchida e realizada, tinha simultaneamente uma aguda consciência do meu corpo e da força vital que fluía através de todas as coisas.

À medida que o Inverno avançava e o meu ventre crescia cada vez mais, a minha euforia era temperada pela compreensão do motivo pela qual a Deusa por vezes desejava que a sua criação se desembaraçasse por si própria. Sentia-me gloriosa no meu papel de cornucópia humana, mas, de vez em quando, teria sido um alívio se pudesse pousar o meu fértil ventre. Quando Constâncio e os Dardânios regressaram da sua campanha, no início do segundo mês do ano, parecia-me que poderia servir de modelo para a estátua da deusa Taueret, a deusa-hipopótamo egípcia que presidia à gravidez.

Ao saber da minha condição, as mulheres dos oficiais colegas de Constâncio tinham-se apressado a partilhar comigo todas as histórias de traumas infantis que existiam num folclore obviamente rico, enquanto me ofereciam alegremente os serviços de médicos egípcios e de parteiras gregas. Quando ainda estava em Avalon, assistir aos partos nunca fora uma das minhas especialidades, mas felizmente isso fazia parte da minha iniciação em curas. Quando acordava a meio da noite, ainda trémula após um pesadelo de um parto atamancado, conhecia o suficiente para acalmar os meus piores receios.

Mas a parteira que escolhi foi uma mulher que Drusilla encontrara. chamada Márcia, com uma boa reputação entre as esposas da cidade. Era uma pessoa corpulenta e prática, com cabelos cor de cobre frisados e seios amplos. Insistia em consultas à futura mãe muito antes do parto, e só consentia em trabalhar para

aquelas que cumpriam as suas instruções, quanto a alimentação, exercício e repouso.

Depois de ter medido a minha cintura e calculado a data prevista para o nascimento, Márcia recomendou-me actividade. A criança já estava bastante grande, e o parto seria mais fácil se eu conseguisse dá-la cedo à luz. Compreendi aquilo que ela não disse. Quando uma criança era grande de mais, havia que escolher entre abrir a mãe, como diziam que havia nascido o grande César, ou desmembrar a criança para a extrair do útero. Foi então que comecei a fazer oferendas a Eilítia, para ter um parto seguro. Estava pronta a morrer pelo Filho da Profecia, mas, se tivesse de escolher entre nós, sabia que Constâncio desejaria salvar-me.

Assim, enquanto Fevereiro ia avançando, eu caminhava até ao mercado com Drusilla, todas as manhãs, descia até ao rio, e regressava pela colina à tarde, ignorando o ar preocupado de Constâncio. Caminhava nos dias de sol e de aguaceiros, ignorando os repelões do meu ventre preparado para a sua tarefa, e nas tardes de chuva, mesmo que caísse saraiva e neve.

- Não treinas os teus soldados para a batalha mantendo~os imóveis no acampamento - disse a Constâncio. - Esta é a minha batalha, e tenciono tomar parte nela tão em forma quanto possível.

E no dia vinte e sete desse mês, ao regressar da colina para casa, escorreguei numa pedra molhada e caí sentada no chão. Quando Drusilla me ajudou a levantar, senti o jorro de água quente do meu ventre misturar-se com a água fria que me encharcava a túnica, e surgiu a primeira dor que marcava o início do trabalho de parto.

Toda a gente da casa se atarefou em pânico à minha volta, mas eu tinha tido exactamente a esperança de um tal acidente. Enquanto uma das servas correu a chamar Márcia, e Filipe montou a cavalo para ir à fortaleza buscar Constâncio, deitei-me no meu leito com um sorriso de triunfo, até surgir a contracção seguinte.

A minha hora chegara cedo, mas o meu ventre, uma vez iniciado o seu trabalho, parecia não ter pressa de expulsar o seu conteúdo. Durante o resto do dia e ao longo da noite que se seguiu, as contracções prosseguiram. A misericordiosa amnésia que permite a uma mulher que deu à luz enfrentar de novo essa perspectiva apagou as minhas recordações da maior parte desse tempo. Na verdade, são por vezes os pais que se recordam tão nitidamente, que receiam fazer as suas mulheres sofrer tanto de novo.

Se eu não tivesse estado em tão boa forma, duvido ter conseguido sobreviver e, mesmo assim, quando o segundo dia principiou e as minhas dores, em vez de se tornarem mais próximas, começaram a espaçar-se, a parteira tomou um ar grave, e recordo-me de ter dito a Márcia que, se tivesse de escolher, deveria abrir-me e salvar a criança. A chuva tinha cessado e a luz do Sol rumo a ocidente, entrando pela janela, flamejava no seu cabelo.

- Não - disse ela. - É certo que, uma vez rebentadas as águas, o parto não deve ser muito demorado, mas não receies deixar o teu corpo repousar um pouco. Tenho um ou dois truques na manga que podem pôr as coisas de novo em actividade.

Na minha exaustão, custou-me a acreditar nela. Fechei os olhos, estremeendo ao sentir a criança dar-me pontapés. Aquilo também devia ser duro para ela, fechada num saco que a empurrava para uma passagem demasiado estreita para o seu tamanho. Mas não tinha outra alternativa, e eu também não.

“Oh Deusa, foi assim tão terrível para Ti, quando deste à luz o mundo?”. foi o meu grito silencioso. “Já vi a paixão que impulsiona as Tuas criaturas a reproduzir a sua espécie. Ajuda-me a dar esta criança à luz! Dar-te-ei tudo o que me pedires!” E pareceu-me que, das profundezas da minha dor, veio uma resposta.

“Tudo o que eu pedir? Mesmo significando que tenhas de perdê-lo?”

“Desde que ele viva!”, respondi.

“Guardá-lo-ás e perdê-lo-ás. Ele pisará o teu coração ao prosseguir o seu destino. As mudanças que ele te trará não podem ser previstas nem controladas. Mas não deves desesperar. Mesmo que ele traga sofrimento. o crescimento, a mudança e a alteração fazem parte do Meu plano, e tudo o que se perder regressará um dia ...”

Eu já estava com dores e não podia compreender. Só sabia da necessidade de fazer nascer o meu filho. Fiz um qualquer gesto de

assentimento e, abruptamente, estava de novo no meu corpo. Márcia chegou-me aos lábios uma beberagem, cujo amargor era perceptível até mesmo através do mel que lhe tinham misturado. Tentei identificar as ervas, mas captei apenas o sabor adstringente de milefólio e cedro vermelho.

Fosse o que fosse, mal chegou ao meu estômago vazio, começou a actuar imediatamente. As contracções regressaram com uma despedaçadora agonia que venceu a minha intenção de não gritar. Fui invadida vezes sem conta pelas dores, mas agora conseguia discernir nelas uma espécie de ritmo. Márcia sentou-me no banco dos partos e deu-me um pedaço de pano para morder. Drusilla agarrou-me por detrás e cada uma das servas se encarregou de um braço meu. Fiquei a saber mais tarde que apertara os seus pulsos com tal força que deixara marcas, mas na altura não tive consciência de o ter feito.

Senti o sangue quente a correr e o azeite aquecido com que Márcia me untava. - Estás a ir bem - disse-me ela. - Quando sentires vontade, empurra com toda a força que puderes!

Depois a mão gigantesca apertou-me de novo e fiz força, e sem me importar que me ouvissem gritar. Voltou uma e outra vez, até eu pensar que iria ser rasgada ao meio.

- Já tenho a cabeça - disse Márcia, e então apoderou-se de mim uma última convulsão e o resto da criança deslizou para fora. Uma forma arroxeadada que se debatia passou diante da minha visão, quando ela a ergueu, inconfundivelmente do sexo masculino, e então ressoou pela sala um grito de protesto que por certo terá sido tão alto como qualquer dos meus.

Tive vagamente consciência de ser levada de novo para o leito. Havia mulheres atarefadas à minha volta, enchendo-me de panos para deter a hemorragia, lavando-me, mudando-me a roupa da cama. Não prestei atenção à sua tagarelice. Que me importava estar excessivamente rasgada para poder ter outra criança - aquela estava viva! Podia ouvir os seus gritos vigorosos na outra sala.

Um rosto apareceu debruçado sobre mim. Era Sopater com um homem que envergava as vestes de um sacerdote caldeu, que me lembrava de ter ouvido dizer ser astrólogo.

- O teu filho nasceu na quinta hora depois do meio-dia - disse Sopater. - Já temos um horóscopo preliminar. Marte está em Touro e Saturno em Leão. Esta criança será um guerreiro, obstinado na derrota e inflexível na vitória. Mas Júpiter reina no signo de Caranguejo e lá se situa também a sua lua - o teu filho cuidará vigorosamente da sua família. Mas, acima de tudo, Aquário governará, erguendo-se com a sua Vénus e o seu Sol.

Acenei afirmativamente com a cabeça e ele afastou-se, ainda excitado. Ouvi o tilintar de taças e percebi que estavam a beber à saúde do bebé na sala ao lado. Que injustiça, pensei então. Todo o trabalho tinha sido feito por mim! Mas era esse o costume, quando um homem reclamava o direito ao seu filho, e deveria dar-me por feliz com isso.

Eu era, segundo a lei romana, uma filha ilegítima, e, apesar de o meu pai me ter reconhecido à maneira britânica, nunca se tinha dado ao trabalho de preencher os documentos da adopção legal, uma vez que sempre me destinara a Avalon. De acordo com a lei romana, eu era a concubina de Constâncio, uma relação que estava legalmente reconhecida, mas cuja posição era inferior à de um casamento formal. Mas, mesmo que estivéssemos casados [confarreatio](#)¹⁸ segundo o mais antigo e formal dos estilos patrícios, teria ainda cabido ao meu marido reclamar o direito à criança como sua, e decidir se ela deveria ou não viver.

Deitada no leito, demasiado exausta para abrir os olhos, mas ainda tensa de excitação, pareceu-me errado que o homem tivesse tal poder. Não era ele que tinha formado a criança a partir da sua própria carne, nem ele que a amamentaria. Veio-me uma recordação de Avalon, quando me sentara a escutar, com as outras raparigas, os ensinamentos de Cigfolla acerca das artes das parteiras.

A mulher dos tempos antigos era possuidora de uma força que nós já não tínhamos. Se ela tivesse filhos de mais, ou não tivesse forças suficientes para criar mais um filho, ou se alimentá-lo privasse a tribo na altura errada do ano, ela podia olhar para o rosto da criança e estender a mão e enviar essa criança de regresso ao nada, como se nunca tivesse nascido.

Deitada no meu leito, escutando o murmúrio das conversas dos homens na sala ao lado, compreendi o que Cigfolla queria dizer como não compreendera ao escutá-la quando era ainda uma rapariga! Compreendi então que uma mulher nunca é livre de ter um filho, a menos que seja também livre de abortar. Um homem devia saber que respirava porque a sua mãe olhara para o seu rosto e vira que era bom, e decidira livremente amamentá-lo. Aquela criança, que vivia porque eu desistira de tanta coisa para a conceber e a dar à luz, nunca deveria esquecer que me devia a sua vida.

E então os homens regressaram ao quarto e o meu pequeno filho foi colocado nos meus braços. Constâncio olhou para nós. O seu rosto ostentava as marcas da angústia que suponho ter sido o eco do meu próprio sofrimento, mas os seus olhos cintilavam de alegria.

- Dei-te um filho - murmurei.

- É um belo rapaz - respondeu Constâncio - mas não o trocarias por ti! Vamos chamar-lhe Constantino.

Olhei para a penugem dourada na cabeça do meu filho, cuja curva repetia o redondo do seio a que ele se agarrava, já faminto. Pela lei, podia pertencer ao pai, mas seria eu, com os meus cuidados ou a minha incúria, quem determinaria a sua sobrevivência.

E ele havia de sobreviver! Por amor daquela criança, tinha sofrido durante o parto, tinha abandonado Avalon e todas as pessoas que amava. Teria que valer a pena salvá-lo, para justificar tanto

sofrimento! Não obstante, ao dar-lhe o peito, senti uma secreta satisfação em pensar que cada mulher tem dentro de si esse tremendo poder de dar a vida... ou de a negar.

CAPÍTULO DEZ

282 d. C.

No ano em que Constantino completou dez anos, fomos residir no antigo palácio de Sirmium. Desde o seu nascimento, tínhamo-nos mudado regularmente, à medida que Constâncio passava de um posto para outro, conseguindo não só sobreviver como subir de categoria, no meio da confusão que se seguiu ao assassinato do imperador Aureliano, quando Constantino tinha dois anos. Aquela primeira morte imperial chocara-me, pois tinha começado a respeitar o pequeno homem cujas ordens nos haviam arrancado de Britânia e trazido para esta nova vida. Mas, depois de a Aureliano se ter sucedido Tácito, e a Tácito, Floriano, e, a Floriano, Probo, já todos tínhamos aprendido a não conceder ao actual portador da púrpura mais do que uma prudente cortesia.

Probo estava a revelar-se um eficaz imperador, reprimindo as invasões bárbaras na Gália e recrutando os Borgundos e os Vândalos derrotados como forças federadas que enviara para a Britânia, a fim de dominar uma revolta conduzida pelo seu governador. A minha mente compreendia a necessidade militar, mas o meu coração chorava à ideia de que um romano lançara uma horda bárbara contra a minha terra natal. Quando Probo escolheu Constâncio como um dos seus tribunos e nos ordenou que fôssemos para Sirmium, achei difícil regozijar-me.

Constantino ficou muito excitado ao saber que íamos viver num palácio. Mas, por essa altura, eu já tinha alguma experiência da administração de uma casa e teria ficado muito mais satisfeita com uma pequena villa confortável nos arredores da cidade. Uma villa recém-construída. O palácio que Probo escolhera como seu quartel-general tinha sido edificado por Marco Aurélio um século antes. Não se sabia quando teria sido reparado pela última vez. Os frescos das paredes estavam desfigurados por alarmantes manchas nos sítios por onde a humidade penetrara, e as tapeçarias suspensas tinham buracos onde os ratos haviam feito o mesmo.

Mas era ali, decretara o imperador, que ele e o seu estado-maior iriam viver, e, uma vez que Constâncio era o oficial mais antigo cuja mulher estava com ele, coubera-me tornar o local habitável para todos nós. Enxuguei a transpiração da testa, porque estávamos num dos dias mais cálidos de um Verão excepcionalmente quente, e

mandei as servas mudarem a água com que estavam a esfregar a parede.

- Quando eu for homem, ordenarei a construção de palácios novos - dissera-me Constantino quando nos mudámos. Acreditei nele. Quando era pequeno, tinha construído fortalezas com o mobiliário. Nesses tempos, forçava os filhos dos outros oficiais a ajudá-lo a construir edifícios nos jardins pavilhões e casas de recreio, guardadas por fortificações erguidas com uma precisão militar.

Ouvi o som de vozes jovens e de risos, e o grito de comando do meu filho sobrepondo-se a tudo. Ático, o grego que tínhamos comprado para ser preceptor de Constantino, tinha-lhes dado uma tarde livre, dizendo que estava demasiado calor para aulas dentro de casa. Brincar era, aparentemente, outra coisa. Os rapazes pareciam estar a trabalhar com mais vontade do que os soldados que o imperador mandara escavar fossos nos paúis abaixo da cidade.

- Talvez ele venha a ser engenheiro das legiões - comentara Constâncio ao regressar a casa na noite anterior, avaliando o projecto com o seu olhar experiente.

Mas não me parecia que o nosso filho se contentasse com construir muralhas segundo especificações militares, ou sequer com drenar paúis. Aquilo que Constantino criasse reflectiria a sua própria visão do mundo.

As portas da sala de jantar tinham sido abertas para os jardins, na esperança de deixar passar um pouco de ar. Pelo menos ali, no terreno mais elevado, no extremo sul da cidade, poderíamos esperar uma brisa. Para lá do muro do jardim, o terreno descia até ao rio Savus. Lá em baixo, onde várias centenas de legionários suavam ao sol, o calor devia ser abafador. Pelo menos Constâncio não tinha de trabalhar com uma pá. mas eu sabia que ele estaria cheio de calor e de sede quando voltasse.

Mesmo os rapazes gostariam decerto de interromper a brincadeira durante o tempo suficiente para beberem qualquer coisa fresca. Disse às servas que descansassem um pouco, e mandei uma delas levar-lhes a bilha de barro com água de cevada, da cozinha.

Constantino estava junto do muro ao fim do jardim, dirigindo dois outros rapazes que erguiam uma estrutura de vime para servir de telhado à já construída. Como sempre, a súbita visão do meu filho

fez-me reter a respiração e, naquele momento, com a luz forte do sol incidindo sobre os seus cabelos louros, parecia um jovem deus. Iria ser alto, como o meu pai mas tinha os ossos fortes de Constâncio - já era maior que a maioria dos rapazes da sua idade.

Viria a ser um homem magnífico. Drusilla tentara consolar-me, quando se tornou claro que eu não poderia ter mais filhos. Mas, com o tempo, ao ver mulheres da minha idade avelhantadas por gravidezes sucessivas, apercebi-me de que deveria sentir-me grata por isso. E para que queria eu mais filhos, quando tinha um como aquele?

- Não, não está perfeito... - Constantino tinha as mãos apoiadas nas ancas e a cabeça inclinada para o lado. - Temos de o retirar.

- Mas Con... - protestou o mais novo dos seus ajudantes, filho de um dos centuriões que se chamava Pólio - acabamos de o montar!

Sorri, ao ouvir o diminutivo. Era um óbvio encurtamento do nome latino, mas na minha língua con significava cão.

- E está calor - acrescentou o outro rapaz, Marinus, que vinha de uma família de mercadores da cidade. - Podemos descansar à sombra até ao pôr do Sol e, depois acabá-lo.

- Mas não está perfeito... - Constantino fitou-os, num olhar de incompreensão. - A inclinação tem de fazer um ângulo, senão fica desequilibrado...

O meu coração estava com ele. O meu filho conseguia ver claramente o resultado pretendido na sua mente e a realidade não estava a acompanhar os seus sonhos. Bom, a vida ensinar-lhe-ia em breve que nem sempre se consegue ordenar o mundo a nosso gosto, pensei, recordando-me da minha própria infância. Deixá-lo gozar as suas ilusões enquanto podia.

Mas estava calor Até mesmo Hylas, que geralmente brincava aos meus pés como um cachorrinho quando saíamos de casa, se tinha deixado cair à sombra do discutido telhado e ofegava.

- Trouxe-vos um pouco de água de cevada para vos refrescar - interrompi, com pena dos dois mais novos. - Depois de a terem bebido, talvez a tarefa vos pareça mais fácil.

Despejei taças para os rapazes, do conteúdo da bilha que suava, e levei a minha para o muro do jardim, detendo-me para verter algumas gotas diante da imagem da ninfa do jardim no seu santuário. Tinha levado algum tempo a acostumar-me à preocupação dos Romanos para com as imagens, como se eles precisassem de marcas indicando que algo era sagrado. Mas o santuário servia para o lembrar e, por vezes, à noite, descia ao jardim para passar meia hora na sua companhia.

Para além do muro, o terreno descia num emaranhado de verdura. Entre a encosta e a brilhante curva do rio, os pântanos tremeluziam na névoa do calor, distorcendo as formas dos homens que trabalhavam nos fossos e a alta coluna da torre de cercos que o imperador mandara vir para poder observar o progresso deles. Com aquele tempo, nem mesmo a torre revestida de ferro poderia oferecer grande conforto.

Podia imaginar Probo, de pé, magro e enérgico e tão obcecado com o seu projecto de drenagem dos pântanos como o meu filho estava com a sua obra no jardim. Outro idealista - toda a gente sabia do plano do imperador de contratar auxiliares estrangeiros para guardar as fronteiras. Se Probo levasse a sua avante, não haveria necessidade de o império tributar os seus cidadãos para manter o exército. Sendo assim, talvez eu conseguisse persuadir Constâncio a retirar-se para Britânia, para onde tinham ido a minha amiga Vitélia e o seu marido.

À sombra da tília, os ladrilhos que encimavam o muro estavam suficientemente frescos para me poder debruçar, embora o sol que se filtrava por entre as folhas ainda me fizesse transpirar por baixo do vestido fino. Nem mesmo os escravos deveriam ser obrigados a trabalhar com tanto calor, pensei, projectando sombra com a mão sobre os olhos. Perguntei a mim mesma como havia Probo persuadido os seus homens a fazê-lo.

Mas os homens nos pântanos movíam-se com surpreendente vigor, era difícil ver claramente, mas parecia haver um certo movimento em volta da torre. O meu coração acelerou-se, apesar de nada ver de errado. De repente, notei que a oscilação da torre se tornava mais pronunciada. inclinou-se por um momento e ergueu-se uma nuvem de pó quando caiu.

- O que foi? - perguntou Constantino junto do meu cotovelo, visto que aquele sentido que nos ligava desde o seu nascimento lhe transmitira a minha inquietação.

- Escuta... - O clangor das chapas de ferro que haviam coberto a torre ainda reverberava no ar pesado. Mas agora um outro som crescia, um rugido saído de inúmeras gargantas que eu tinha ouvido na única vez em que fora com Constâncio assistir aos jogos de gladiadores no anfiteatro de Naissus, o som que a multidão produz quando um homem cai.

Pareceu-me que a multidão em movimento se dirigia para a estrada. Subitamente voltei-me.

- Pólio, Marino, há problemas nos pântanos. Quero que volteis para vossas casas agora mesmo! - Sem pensar, tinha tomado a voz de comando que treinara em Avalon. O meu filho olhou-me, enquanto os rapazes, de olhos muito abertos, pousavam as suas taças e partiam.

- Não podemos ficar aqui - disse a Constantino, pensando em voz alta. - Eles sabem onde o imperador guarda a arca dos pagamentos. Vai... faz uma trouxa com uma muda de roupa e os livros que puderes guardar. - Eu já estava a chamar Drusilla e as servas.

- Mas porque vamos fugir? - protestou Con. enquanto eu encaminhava a minha gente pela estrada abaixo. As servas choravam, agarradas às suas trouxas, mas Drusilla mostrou-se sombria. - Decerto o imperador já terá acabado com a revolta antes que ela chegue até aqui.

- Eu penso que o imperador está morto, e é por isso que os soldados estão amotinados - respondi. Filipe fez o sinal da cruz, e recordei-me de que ele frequentava a igreja cristã na cidade.

Constantino deteve-se. a olhar, e eu estendi a mão para o arrastar. Ele sabia, em teoria, que a maior parte dos imperadores não reinava muito tempo, mas Probo era o único imperador de que

ele realmente se podia lembrar, um homem que, nos seus raros momentos de lazer, tinha jogado com ele jogos de tabuleiro.

- Mas e o Pai? - disse. Agora era ele que me empurrava para diante. O meu filho estava tão próximo de mim como o bater do meu coração, mas Constâncio era o seu ídolo.

Forcei um sorriso, embora essa fosse a pergunta que estava a apertar-me o ventre desde que me tinha apercebido do que se passara.

- Não foi ele que os mandou trabalhar com este calor. Tenho a certeza de que não lhe farão mal - disse eu resolutamente. - Vam-nos embora, agora. A basílica tem paredes resistentes e pouca coisa que valha a pena saquear. Lá, estaremos seguros.

Foi mesmo a tempo. A revolta explodiu com uma rapidez vulcânica e, quando chegámos ao fórum, os primeiros bandos de soldados enlouquecidos já estavam a assaltar a cidade. Alguns deles pertenceriam ao comando do meu marido - homens que eu tinha

tratado quando a diarreia varrera o acampamento no Inverno anterior. Mas já tinham irrompido pelo menos numa taberna, e o vinho sem água nas garrafas que transportavam estava a afogar rapidamente toda a razão que o desejo de sangue lhes deixara.

Quando o meu pequeno grupo emergiu do claustro de colunas que rodeava a praça, um bando de cerca de vinte homens vinha a descer a rua principal, com as suas sandálias cardadas a ressoar nas lajes do chão. Num instante, ficámos cercados. Hylas começou a ladrar furiosamente, tentando saltar dos braços de Drusilla.

“Devíamos ter ficado no palácio! ” pensei desesperadamente. “Poderíamos ter-nos escondido nos estábulos ... ” E então vi Con prestes a desembainhar a adaga parta que o pai lhe oferecera no seu último aniversário, e coloquei-me em frente dele.

- Não te mexas! - silvei, quando um dos soldados estendeu a mão para mim, rasgando-me a túnica a partir da fivela que a segurava no ombro, de modo que ela caiu, desnudando-me um seio.

Abruptamente, os homens ficaram imóveis, transfigurados pelo desejo, ao olhar-me. Mais um momento e matariam o rapaz, deitando-me no chão de pernas abertas. Poderia suportar o estupro, mas não a perda do meu filho.

por quem tinha trocado Avalon!

Deusa! - clamei em língua britânica - salva a tua Eleita! - E, quando os meus braços se ergueram numa invocação, pareceu-me que um forte vento descia sobre mim e me arrebatava a consciência.

Como se viesse de uma grande distância, ouvi uma voz excessivamente ressonante para ser humana, lançando pragas, vinda de uma figura que parecia uma cabeça e uns ombros mais alta que os seres diminuto, que a rodeavam, uma figura que irradiava luz. Havia junto dela um enorme cão, rosnando como a trovoadas. Estendeu os braços, e os seus minúsculos atacantes recuaram, tropeçando uns nos outros e caindo na pressa de fugir. A Deusa chamou então aqueles que estava a defender e conduziu-os para a basílica. Quando chegou junto da porta voltou-se, traçando um círculo no ar como se proclamasse o local como seu.

No momento seguinte senti que estava a cair, que toda a força abandonava os meus membros, no momento em que voltei ao meu corpo e me deixei descair para o chão.

Com grandes exclamações, os meus servos arrastaram-me para dentro, quase ao colo. Levei algum tempo a recuperar o fôlego e a acalmá-los o suficiente para poder falar com Constantino.

- Eles queriam matar a minha mãe! - disse ele, com voz rouca, abraçando-se a mim como não fazia desde pequeno.

Não me pareceu oportuno explicar-lhe que matar não era de forma alguma o que os revoltosos tinham em mente. - Agora está tudo bem - disse eu, reconfortando-o. - Estamos em segurança...

- Ninguém está seguro quando o imperador perde o controlo - murmurou ele. - Isto não devia ter acontecido. Eu sou pequeno e

eles eram fortes de mais para mim, mas juro-te, mãe, que tais coisas não serão permitidas quando eu for homem!

Abanei a cabeça, pensando em quanto ele ainda tinha de aprender, e depois passei um braço em volta dos seus ombros e apertei-o contra mim. - Quando tu fores um homem, corrigirás as coisas! - murmurei, para o consolar. e só depois de ter dito isto me ocorreu que isso talvez fosse possível ao Filho da Profecia.

A noite chegou, e com ela veio o resto da legião, procurando afogar a noção do que havia feito em vinho e violência. Se os oficiais tinham sobrevivido, como nós, talvez tivessem encontrado um buraco onde se esconder. Eu acreditava que Constâncio estaria entre eles. Por certo teria sabido, se a morte tivesse quebrado o elo entre nós. A sul, na zona onde os ricos tinham construído as suas casas em volta do palácio, podíamos ver chamas, e pensei que tinha feito bem, afinal, em trazer para ali a minha gente. Alguns dos vendedores e funcionários que trabalhavam na basílica já ali se encontravam quando da nossa chegada, por isso éramos cerca de trinta pessoas, no total.

Quando, durante algum tempo, houve uma pausa nos sons de destruição e folia, pude ouvir os cânticos que se elevavam da igreja cristã.

- Kyrie eleison, Christe eleison...

- Senhor, tende misericórdia - murmurou Filipe atrás de mim.

Eles não tinham mais defesa do que o cordeiro que tanto cantavam, mas até mesmo os soldados ébrios sabiam que nada havia ali que valesse a pena saquear. Senti pena das pobres almas que não tinham refúgio algum, e dos legionários romanos que eram capazes de lutar como heróis quando havia disciplina e que, sem ela, estavam mais próximos dos animais do que qualquer bárbaro.

Passámos a noite acolhidos na basílica, sentados no chão, com as costas apoiadas na parede e, embora fosse a estação em que as horas de escuridão eram menores, a noite pareceu-nos a todos muito longa. Mas, por fim, devo ter dormido, com o sólido torso de Constantino deitado sobre o meu regaço, como se, naquela situação extrema, ele tivesse voltado a ser uma criança pequena. Ao abrir os olhos, vi uma luz pálida que se filtrava pelas janelas altas. A cidade estava, havia muito, silenciosa.

Con mexeu-se nos meus braços e endireitou-se, esfregando os olhos.

- Tenho sede - disse, olhando para os outros que começavam também a acordar.

- Eu vou - disse Filipe e, quando abri a boca para o deter, abanou a cabeça. - Os soldados devem ter adormecido e estão a curtir a bebedeira. Porque havia alguém de incomodar-me?

Suspirei e assenti com a cabeça. Filipe ganhara um pouco mais de peso, agora que estava mais velho, mas a má nutrição em pequeno deixara-o raquítico e, com o seu nariz torcido e os cabelos vermelhos espetados, não me parecia susceptível de convidar a um ataque de qualquer tipo.

- Ainda estás com medo dos soldados, Mãe? - perguntou Con. - Estive a pensar. e tenho a certeza de que agora estaremos seguros. Há uma deusa que te protege, como vi, e sei que não estou destinado a morrer aqui, pois não me disseste já tantas vezes que sou o Filho da Profecia?

Olhei para o meu filho, perguntando a mim mesma se teria sido sensata. Quando os revoltosos nos tinham rodeado, no dia anterior, recordara-me subitamente de que as visões só mostravam como as coisas poderiam passar-se. Tinha sido o meu próprio desespero a invocar o poder da Senhora, não o destino. Ainda acreditava que Constantino nascera com um potencial de grandeza, mas os seus próprios actos teriam que determinar se, e como, esse potencial seria realizado.

Quando Filipe regressou, a maior parte dos outros já tinha acordado. Ele tinha pegado numa ânfora vazia e enchera-a na fonte e descobrira uma taça também. A água sabia levemente a vinho.

- Surpreende-me que tenhas encontrado alguma coisa inteira - disse eu, passando a taça a Drusilla. - Como estão as coisas lá fora?

- Como a manhã depois de uma batalha, excepto que o que mancha o chão não é sangue mas vinho. Até um tribuno na sua primeira campanha conseguiria comandá-los agora, de tal forma estão envergonhados. Ouvi um homem a soluçar, dizendo que Probo tinha sido um bom general e que deveriam erigir-lhe um monumento. - Abanou a cabeça, enojado.

A meio da manhã, os comerciantes sentiram-se com coragem suficiente para começar a varrer os destroços, e os proprietários de bancas de comida, cujo material não era tão quebrável, estavam novamente a fazer negócio. Muitos dos legionários tinham acabado a sua revolta no fórum e estavam agora a acordar e, à medida que a manhã avançava, mais vieram juntar-se-lhes, reunindo-se em grupos que discutiam. Eu não estava muito disposta a voltar para casa, no entanto, partindo do princípio de que o palácio ainda lá estivesse à nossa espera, por isso estávamos sentados nos degraus da basílica a comer enchidos envoltos em pão azedo, quando a marcha ritmada e o retinir das armas dos soldados em formação chamou a atenção de toda a gente - amotinados e habitantes da cidade por igual.

Não tinha sido um jovem oficial que os reunira, mas o prefeito pretoriano Caro. Quando ele entrou a cavalo no fórum, o meu coração acelerou-se, porque, atrás dele, com um rosto que parecia cinzelado em pedra, vinha Constâncio. Pus-me de pé, com o meu filho ao meu lado, e o seu olhar, que se movia sobre a multidão, alcançou o pórtico da basílica e descobriu-me. "Estão bem", por

momentos as suas feições contorceram-se. "Posso voltar a viver." Não era de surpreender - ele tinha duas pessoas com quem se preocupar. No meu caso, eu sabia que, pelo menos, o nosso filho estava salvo. Depois o rosto de Constâncio recompôs-se, mas já não parecia feito de pedra.

Decerto o meu próprio rosto teria apresentado uma transformação sernelhante, se alguém estivesse a observar-me, mas todos os olhares estavam cravados em Caro, que montava tão calmamente como se estivesse a caminho do Senado, onde servira antes de retomar a sua carreira militar. Aparentemente, tinha andado a recolher os tresmalhados por toda a cidade, pois mais soldados o seguiam, apinhando-se na praça. No centro do forum havia uma fonte erguida sobre três degraus. Caro desmontou e, enquanto lhe seguravam o cavalo, subiu para o amplo rebordo da fonte. de onde podia ver e ser visto. Devia ter perto de sessenta anos, mas era ainda forte e capaz, com uma cabeça calva que protegia com um chapéu informe, e a preferência pelos trajos simples da antiga república.

- Soldados de Roma - principiou Caro - que deus vos enlouqueceu? Provocastes a morte do imperador que era para vós um pai bondoso, tornastes-vos órfãos, desonrastes os espíritos dos vossos irmãos caídos no campo de batalha e os emblemas que ergueis.

Durante algum tempo prosseguiu num discurso deste género, falando com uma elegância comedida que revelava uma excelente educação. Daí a pouco, os homens que tinham começado a escutá-lo num silêncio sombrio, estavam a chorar. Mas Con deixara o abrigo do meu braço e avançara, para observar tudo com os olhos a brilhar.

- Centuriões! Um passo em frente. Os restantes reúnam-se aos seus comandantes' - ordenou Caro. e o cenário caótico transformou-se em algo semelhante a uma formação militar. - Ides regressar às vossas tendas, lavar-vos. limpar os vossos equipamentos, e apresentar-vos em formação no terreno da parada na segunda hora depois do meio-dia.

Calculei que mesmo ficar em sentido com o equipamento completo debaixo do sol escaldante seria melhor do que escavar lama. mas, felizmente, uma brisa vinda do norte estava a baixar um pouco a temperatura.

Mas talvez, na sua actual condição, mesmo essa disciplina fosse de mais para os homens, porque estava a crescer um murmúrio entre as fileiras. Vi Constâncio segurar as rédeas de um cavalo subitamente inquieto, e Caro franzir o sobrolho.

Um dos centuriões avançou. - Senhor! - Levou o braço ao peito, numa saudação. - Como dizes, somos órfãos que precisam da mão forte de um pai. Quem será agora o nosso comandante?

- O Senado, em Roma... - principiou Caro., porque Probo não nomeara um herdeiro, mas a sua voz, agora, já não parecia tão segura.

- Que se dane o Senado - disse alguém entre as fileiras, e houve um eco de risadas.

Con abanou a cabeça e, inclinando-me, ouvi-o murmurar: - O Senado não tem poder, só o exército. Ele não vê isso?

Pensei que talvez Caro visse, porque havia uma tensão na sua postura que não existia antes, enquanto esperava que eles fizessem

silêncio de novo. Seria esperança ou resignação? Não podia ter a certeza.

- Meu senhor, nós precisamos de um imperador! - O centurião ergueu o braço, numa saudação. - Ave. César!

- Ave, César! - responderam os homens num rugido gutural. - Caro será imperador! - Subitamente avançaram, gritando o seu nome até as colunas do pórtico da basílica estremecerem com o som. Tive a certeza de que os revoltosos tinham saqueado o palácio quando vi púrpura nas suas mãos e colocaram uma das togas do imperador morto sobre os ombros de Caro. Pelo menos um dos homens tinha o seu escudo, e a multidão que rodeava Caro colocou-o sobre ele e ergueu-o, bem alto.

- Quereis realmente que seja vosso imperador? - Caro podia ter preferência pela república, mas devia saber que, se recusasse agora, eles o abateriam tão depressa como haviam feito a Probo.

- Ave! Ave! - gritaram todos.

- Não vou tratar-vos com brandura... Castigarei aqueles que mataram Probo, e depois retomarei a guerra na Pártia, que já espera há tanto tempo...

As aclamações redobraram de volume.

“Porque estão eles tão felizes?” perguntei a mim mesma. “Ele acaba de lhes prometer conduzi-los para a guerra numa terra que é tão mais quente do que a Dalmácia quanto esta é mais quente do que a Britânia.” Mas as terras do Oriente continham riquezas e, se o calor os matasse, pelo menos não morreriam como escravos, mas como soldados.

O ruído que faziam, ao transportar Caro em cortejo em volta do forum, ensurdecia tanto a mente como os ouvidos. Os outros oficiais tinham recuado para o abrigo da colunata. Caro pertencia aos legionários, agora.

- Ave Caro! - ouvi gritar atrás de mim. Constantino estendera o braço, numa rígida saudação, e fitava a figura do novo imperador com visões no olhar.

O novo imperador, sem mais do que uma concisa declaração da sua nomeação ao Senado de Roma, começou a estabelecer a sua autoridade. Os habitantes de Roma revoltaram-se, em protesto, mas, desde que o exército o apoiasse, Caro não parecia preocupar-se com isso. Probo tinha avaliado de tal forma a sua capacidade que solicitara ao Senado lhe concedesse um palácio de mármore e uma estátua equestre. Agora, com excepção do palácio de Sirmium, que não passava de uma ruína queimada, tinha palácios em abundância, e sem dúvida estavam já a ser feitas estátuas, juntamente com os panegíricos que vinham de todos os recantos do império.

Caro não tinha tempo para os ler. Prometera ao exército glória na Pártia, mas, antes que a expedição se pudesse iniciar, havia muito a fazer. Se se sentia grato aos legionários de Sirmium por o terem elevado à púrpura, isso não o impediu de executar os homens que tinham sido os primeiros a atacar Probo, um acto que, aparentemente, não o prejudicou aos olhos dos sobreviventes, porque nesse Outono o seguiram de boa vontade numa batalha

contra uma horda de sármatas que haviam descido a Ilíria, e alcançaram uma vitória retumbante.

Tratou também da sua sucessão. Caro tinha dois filhos, ambos já homens, que ergueu à categoria de Césares. Carino, o mais velho, foi encarregado de lidar com os últimos assaltos dos bárbaros na Gália, ocupando-se depois de Roma, enquanto o seu irmão Numeriano se tornou o segundo comandante do imperador, na campanha parta.

Não ousei falar, receando que o imperador arrastasse Constâncio consigo, mas a Deusa deve ter ouvido as minhas preces, porque, pouco antes da partida do exército, o meu mando regressou a Sirmium com a notícia de que Caro o nomeara governador da Dalmácia.

No meu sonho, eu seguia pelo Caminho das Procissões em Avalon. Sabia que era um sonho, porque me parecia ver tudo alguns metros acima do solo, e porque, quando falava, ninguém dava por mim. Mas, sob todos os outros aspectos, estava inteiramente presente. Sentia o frio húmido da noite e o odor da resina dos archotes. Tremia às reverberações do grande gongo que era usado para convocar as iniciadas às cerimónias maiores.

Tinha-me convocado, compreendi então, apesar de estar em Sirmium. Aquilo não era um sonho nas uma viagem em espírito. Mas. qual seria a cerimônia?

Com capas e capuzes, pretos os das sacerdotisas e brancos os dos sacerdotes, passaram pelos últimos pilares e iniciaram a subida em espiral do Tor. No meio deles, não conseguia atrasar-me nem adiantar-me. Em breve reconheci Cigfolla e algumas das outras, e percebi que me encontrava no lugar da fila que me competiria se o meu corpo ali estivesse. Soube que, nas profundezas da minha mente, eu nunca deixara de ser uma sacerdotisa de Avalon, e por isso respondera à chamada.

Finalmente chegámos ao topo e, no meio do círculo de pedras, vi os toros intrincadamente dispostos de uma pira funerária. O corpo estava envolto num sudário, mas parecia pequeno, no meio de uma tal cerimônia. Todavia, apenas uma suma sacerdotisa ou um arquidruída tinham direito a um funeral como aquele.

Erguendo um archote ao lado da pira, vi Ceridachos, usando o colar de ouro de arquidruída. Ele ensinava música aos rapazes quando eu estava em Avalon. Não era, pois, o arquidruída que jazia sobre a pira, mas a Senhora de Avalon.

Por momentos, fiquei surpreendida por, no fim, Ganeda ser tão pouco, quando o seu espírito fora uma presença gigantesca, dominando-nos a todas. E agora tinha partido. Perguntei a mim mesma quem teriam escolhido para a substituir.

“Eu tinha razão! Repara, tive o meu filho e o meu marido continua a amar-me!”, apeteceu-me gritar, como se ainda estivéssemos em disputa, mas nunca teria oportunidade de lho dizer, a menos que o seu espírito pudesse ouvir.

O gongo deixara de soar. Ceridachos afastou-se da pira, voltando-se para ela, e vi outro archote do outro lado. Era uma sacerdotisa que o empunhava: não, era a nova Senhora de Avalon.

porque, por baixo da abertura da capa, brilhavam os ornamentos de pedras da lua e pérolas do rio. Depois, o seu capuz descaiu e reconheci os cabelos flamejantes de Dierna.

Mas ela era apenas uma criança! Olhei-a melhor e, pensando bem, apercebi-me de que Dierna já devia ter vinte e cinco anos. Quando eu a vira pela última vez era realmente uma criança. mas, se nos encontrássemos agora, seríamos ambas mulheres. Vi-a erguer os braços, numa invocação.

- Nós te saudamos, Mãe Negra que és a Senhora das Almas! Nesta noite vimos lembrar-te Ganeda, que vai passar pelo Teu reino. O seu sangue corre pelas águas, o seu hálito é como o vento. O sagrado Tor acolherá as suas cinzas e a centelha da sua vida voltará ao fogo que a tudo dá vida.

Os guerreiros e os reis que eram guardiões de Avalon estavam sepultados na Colina da Vigia, mas os grandes sacerdotes e sacerdotisas, cujos espíritos ascendentes podiam sentir-se constrangidos com excessiva adulação, eram enviados aos deuses pelo fogo.

Ceridachos ergueu o archote. - Que o fogo sagrado transforme o que era mortal, e que o teu espírito voe, liberto! - Um cintilante fio de centelhas acompanhou o archote, quando ele o passou pela pira, tocando, a intervalos, nos toros embebidos em óleo. A madeira incendiou-se rapidamente e, em poucos instantes, a figura envolta no sudário ficou oculta por detrás de um véu de chamas.

- Peçaço algum dela será desperdiçado, nada se perderá - disse Dierna, enquanto o seguia em volta da pira. A sua voz soava calma, como se se tivesse transposto para um estado alterado para executar a cerimônia. onde desgosto algum poderia perturbar a sua serenidade. - Mesmo o seu espírito, ensinado pelos sofrimentos da vida, ainda evolui para a sua verdadeira identidade. - Tirou de uma bolsa que trazia à cintura um punhado de incenso e lançou-o sobre os toros.

Ceridachos voltou-se para os outros. - Mas nós, recordando aquele conjunto especial de corpo e espírito em que ela caminhou pelo mundo, pedimos-Te que a guies e a guardes no caminho que agora percorre. - A sua voz soava rouca, como se tivesse estado a chorar, e compreendi como ele, sendo arquidruída, devia ter trabalhado estreitamente com a Senhora ao longo dos anos. Apurou a voz e prosseguiu:

- Nós não esquecemos - suporta o nosso amor por ela e pede-lhe que ore por nós com a sabedoria que agora possui. E quando, com o tempo, também partirmos para junto de Ti, recebe-nos ternamente, ó Mãe Negra. como se adormece uma criança, e acorda-nos para a Luz.

Em redor do círculo, as cabeças curvaram-se. Curvei também a minha, apesar de ninguém poder ver-me. Durante tantos anos temera a minha tia. e lutara contra ela, e, por fim, tentara esquecê-la. No entanto, ela tinha feito, e bem, o seu trabalho por Avalon. Tendo gerido a minha casa durante uma dúzia de anos, podia agora apreciar por experiência própria o que ela realizara. Haveria coisas que Ganeda poderia ensinar-me?

Dierna estendeu a bolsa de incenso a Ceridachos e ele lançou também um punhado sobre a pira, que agora ardia bem.

- Os mortos libertam-se e obtêm a resposta para todas as suas dúvidas - disse ela gravemente. - É quem fica que sofre agora a perda, a recordação, o remorso por coisas que não disse ou não fez. Oremos agora pelos vivos que ficaram... - A sua mão descreveu um largo círculo, envolvendo-nos a todos.

“Ora por mim!”. pensei sombriamente, surpreendida por descobrir que até mesmo o meu corpo astral podia derramar lágrimas.

- Oh Tu, Senhora das Trevas, ergue a escuridão que cobre as nossas almas. Tal como cortaste o fio da vida, quebra os laços que constroem os nossos espíritos, para que os nossos sentimentos não prendam aquela que deve ser libertada.

Ocorreu-me nesse momento ser eu a única a poder experimentar sentimentos mistos em relação à Senhora de Avalon, e o espírito de qualquer adepta poderia constituir um espírito perigoso. A comunidade tinha bons motivos para se certificar de que nada a retivesse ali.

Agora o incenso era passado de mão em mão ao longo do círculo. À medida que cada um lançava uma pitada nas chamas, escutava as palavras “Assim eu te liberto”, por vezes seguidas de uma mensagem murmurada de despedida mais pessoal. O fumo e as centelhas erguiam-se para as estrelas. E. apesar de os meus

dedos não poderem segurar o incenso, também eu me aproximei da pira e, com toda a sinceridade do meu ser, ofereci à mulher que tinha, de tantas formas, moldado a minha vida, perdão e despedida.

- A Senhora une a vida à morte, e da morte cria vida nova - disse Dierna. quando todos terminaram. - Nós somos os filhos da terra e do céu estrelado. Pela nossa reacção a esta perda possamos nós transcendê-la. Inspirou profundamente. - Uso agora os ornamentos da suma sacerdotisa. Peço à Deusa que me dê força e sabedoria para conduzir Avalon!

Ao longo da noite, todos foram fazendo os seus votos, afastando-se depois para verem a pira transformar-se numa estrutura de linhas brilhantes e o seu núcleo central, que tinha sido construído com material que ardia mais rápido, ser reduzido a cinzas. E, quando o céu a oriente começava a empalidecer com a aproximação do Sol, aproximei-me do monte de carvão e cinzas que restavam.

- Senhora. foste tu que me exilaste, mas foi a Deusa que me mostrou o meu caminho. Por exemplo e por oposição, ensinaste-me muito. Embora eu agora caminhe num mundo para além das brumas, fá-lo~ei como uma sacerdotisa de Avalon!

Recuei, porque subitamente o mundo se encheu de luz quando o Sol recém-nascido se ergueu por detrás dos montes orientais. E, nesse momento, o vento da madrugada fez erguer as cinzas num remoinho de fumo e varreu-as para o exterior, fazendo-as cair como uma bênção sobre a relva verde do Tor.

Tinha-me feito estremecer, por vezes, quando tomei conhecimento daquele costume. a ideia de que poderia estar a pisar o que restava de Cailleán ou Sianna ou de qualquer das lendárias sacerdotisas que as tinham seguido. Mas, na verdade, a terra do Tor era tão sagrada como elas. A sua terra acolhia-as, e elas abençoavam-na. Eram uma e a mesma coisa.

Os sacerdotes e as sacerdotisas moveram-se, saindo da imobilidade da sua vigília como que libertos de um encantamento. Quando Dierna ergueu o olhar, os seus olhos abriram-se mais e compreendi que ela era a única, no meio daquele grupo, que me podia ver ali de pé.

- Este deveria ser o teu lugar - sussurrou ela, tocando nos ornamentos que usava. - Voltas para nós agora?

Mas eu abanei a cabeça, sorrindo, e, com o sinal de completa obediência imperial com que sempre honrara a Senhora de Avalon, curvei-me numa vénia.

Ao pequeno-almoço, estava silenciosa, ainda a pensar nas visões daquela noite. O palácio queimado durante a revolta havia sido reconstruído, e quase todas as manhãs tomávamos a nossa primeira refeição numa agradável sala que se abria para o caminho sombreado circundando os jardins. Constâncio, terminando as suas papas de aveia, perguntou-me se me sentia bem.

Abanei a cabeça. - Não é nada... tive sonhos estranhos.

- Bom, então há uma coisa sobre a qual preciso de falar contigo. Já devia ter falado disso antes.

Forcei-me a prestar-lhe atenção, afastando-me das minhas preocupações e perguntando a mim mesma de que poderia tratar-se. Desde a subida de Caro ao poder, tinha-se passado mais de um ano. Os relatos do Oriente foram gloriosos - as cidades de Selêucia e Ctesifonte tinham-se rendido quase sem resistência, e o inimigo, ocupado com a guerra nas suas próprias fronteiras orientais, parecia incapaz de resistir ao avanço romano. Parecia possível que os Partos, que tinham sido uma ameaça latente desde os tempos do primeiro Augusto, pudessem ser finalmente vencidos. Mas que teria tudo isso a ver com Constâncio e comigo?

- O imperador pensa que tu podes, de alguma forma, refrear Carino?

Nos meses anteriores, tornara-se claro que a concessão do poder imperial na cidade dos Césares tinha subido à cabeça do jovem. Tinha escutado os conselheiros que o seu pai lhe dera e substituíra-os pelos seus companheiros de bebida. Em poucos meses, casara-se e divorciara-se nove vezes, deixando a maior parte das mulheres grávidas, isso além dos seus outros divertimentos. Se Constâncio tentasse aconselhá-lo, era provável que seguisse o caminho dos outros. Por certo não haveria dedicação ao dever que lhe exigisse um tão inútil sacrifício.

- Não... o imperador sempre foi mais um homem de justiça que de misericórdia, e receio que tenha perdido as esperanças de que o seu filho mais velho venha a mostrar-se respeitável. Por isso, procura um substituto... - a sua voz tornou-se mais lenta, enquanto andava com a colher em volta da tigela vazia. - Quer adoptar-me.

Fitei-o. Aquele era o meu Constâncio, com a linha do cabelo um pouco mais alta e o corpo mais pesado do que o do jovem que me roubara o coração treze anos atrás, mas os seus sinceros olhos cinzentos continuavam iguais. Vi as feições do homem que fora meu companheiro durante uma dúzia de anos, sobrepostas pelo esplendor que as envolvia quando viera ao meu encontro à luz das fogueiras de Beltane. Se ele se tornasse César, tudo mudaria.

- Não é uma honra que se possa facilmente recusar.

Acenei afirmativamente com a cabeça, pensando que sempre soubera, desde o início, que Constâncio possuía um potencial de grandeza. Era esse o significado do meu voto ao espírito de Ganeda?

Eu nunca seria a Senhora de Avalon, mas podia vir a ser, um dia, imperatriz.

- Mas porquê tu? - exclamei. - Ninguém poderia ser mais digno, mas quando teve ele oportunidade de ficar a conhecer-te tão bem?

- Na noite da revolta, depois de Probo ter morrido. Caro e eu escondemo-nos na cabana de um pescador à beira do pântano, enquanto os homens se sublevavam, e, como os homens fazem quando a situação é desesperada, desnudámos as nossas almas. Caro queria fazer regressar as antigas virtudes da república sem perder a força do império. E eu... falei-lhe do que achava estar errado agora em nós e do que, com um governo honesto. Roma poderia ser.

Estendi a mão para pegar na sua, naquela carne quente que conhecia tão bem como a minha.

- Oh, meu querido, compreendo! - Com os poderes de um César, ele poderia fazer tanta coisa... uma tal oportunidade deveria

sobrepôr-se a quaisquer considerações quanto ao seu conforto ou ao meu.

- Até o imperador regressar da Pártia, terei que decidir - disse Constâncio, forçando-se a sorrir. Mas ambos sabiam que só haveria uma decisão possível quando chegasse a altura.

Ouvi um ruído de sandálias sobre as lajes do caminho, e a porta abriu-se subitamente. Por momentos, Con ficou parado, arquejante.

- Pai, já ouviste as notícias? - exclamou, quando conseguiu recuperar o fôlego. - Dizem que o imperador morreu na Pártia... atingido por um raio durante uma tempestade, e Numeriano vai trazer o exército de volta!

CAPÍTULO ONZE

284-285 d. C.

Tal como o império chorava Caro, também eu o chorava, embora o meu desgosto se devesse mais à oportunidade de grandeza perdida por Constâncio do que à morte do imperador, que conhecera durante pouco tempo. Se compreendesse bem as inevitáveis consequências da elevação do meu marido, eu deveria até ficar radiante. Por Caro ter morrido naquela altura, tive Constâncio para mim durante mais dez anos.

O imperador falecera em consequência da diarreia, que era um perigo constante em campanha. Mas a sua morte ocorrera durante uma tempestade e, quando a tenda do imperador se incendiou, os soldados convenceram-se de que ele fora atingido por um raio, o mais terrível dos presságios. As nossas forças estavam no bom caminho para conquistar finalmente a Pártia, mas havia profecias. dizia-se, de que o rio Tigre marcaria para sempre os limites da expansão de Roma para oriente. Na verdade, houve muitos sinais, presságios e portentos. que fizeram falar as pessoas, naquelas primeiras semanas de horror, depois da chegada das notícias.

Os soldados aclamaram Numeriano como coimperador com o seu irmão Carino, mas recusaram-se a continuar a guerra. E, assim, o Exército do Oriente estava a fazer o seu lento caminho de regresso, enquanto Carino andava à solta em Roma. Saberia ele que Caro pretendia que Constâncio o suplantasse? Subitamente, a Dalmácia parecia excessivamente próxima da Itália, e, quando Maximiano, agora detentor do comando na Gália, pediu a Constâncio que fizesse parte do seu estado-maior, concordámos que seria prudente desistir do seu lugar de governador da Dalmácia e aceitar o convite.

O nosso novo lar era uma villa nas colinas acima de Tréveris. Não era Britânia, mas a gente da região falava uma língua não muito diferente da língua britânica, e mesmo duzentos anos depois de Júlio César os ter suprimido, os Druidas eram recordados. Algum dos servos que tínhamos contratado para ajudar os nossos escravos deve ter reconhecido o crescente azul que começava a desaparecer na minha testa, porque em breve descobri que me tratavam com um respeito que ultrapassava o dever. Quando ia passear pelo campo, as pessoas curvavam-se diante de mim e, de vez em quando, apareciam à minha porta oferendas de frutas e flores.

Constâncio achava aquilo divertido, mas deixava Constantino inquieto e, de vez em quando, apanhava-o a observar-me com um

olhar perturbado por baixo da madeixa de cabelos louros. Era da idade, dizia a mim mesma, fingindo despreocupação. Ele tinha agora doze anos, com pernas compridas como um jovem cão de caça, com os grandes ossos desproporcionados. e a soberba coordenação que mantivera durante a infância ameaçava agora abandoná-lo de tempos em tempos. Se conseguisse rir-se de si próprio, seria mais fácil, mas Constantino nunca tivera grande sentido de humor. Com a aproximação da adolescência, estava a tornar-se introvertido, receando expor-se ao ridículo.

Mas nada havia de errado com a sua mente, e Ático descobriu subitamente que tinha um aluno predisposto ao estudo, ansioso por cravar os dentes na carne da filosofia e da literatura gregas. Naquela altura estudavam as obras de Luciano. Enquanto orientava as raparigas que estavam a limpar o mosaico de Dionísio com os golfinhos, no chão da sala de jantar, ouvia o murmúrio de vozes que vinha do estúdio. A voz insegura de tenor de Constantino subia e descia ao traduzir a passagem que o seu tutor lhe designara.

No dia seguinte principiava o mês a que os Romanos tinham dado o nome da mãe de Mercúrio, Maia. Na Britânia, pensei, sorrindo, estariam a preparar o festival de Beltane. Se eu estivesse a interpretar devidamente os sinais, iriam celebrá-lo ali também. O tempo, que tinha estado frio e chuvoso, aquecera subitamente, e as colinas verdes estavam salpicadas de flores silvestres.

Inspirei profundamente o ar suave e parei para escutar. quando as servas abriram uma porta e a voz de Con soou subitamente mais alta.

- Eles viram que... a coisa de que tanto aqueles que temiam como os que tinham esperança necessitavam e, an... queriam mais era conhecer o futuro. Era esta a razão por que Delphi e Delos e Clarus e Didyrna havia muito se tinham tornado ricos e famosos...

Parei para escutar, com curiosidade de saber o que estariam a ler e o que o meu filho pensaria daquilo.

- Não compreendo - disse Constantino. - Luciano diz que este homem, Alexandre, era uma fraude, um impostor, mas parece pensar que Delphi e os restantes oráculos eram igualmente maus.

- Tens de introduzir a declaração no seu contexto - disse Ático calmamente. - É verdade que Luciano foi um dos mais importantes

sofistas do último século, e naturalmente prefere basear as suas conclusões mais na razão do que na superstição, mas o que suscitou a sua ira neste ensaio foi o facto de Alexandre ter decidido intencionalmente enganar as pessoas, fingindo descobrir a serpente no ovo e substituindo-a por outra, grande, com a cabeça escondida por uma máscara no ritual. Depois disse a toda a gente que era Esculápio renascido e que ele lhe dava os oráculos que ele próprio escrevera. Mas é verdade que ele enviou clientes aos grandes santuários para impedir que os sacerdotes o denunciasssem.

Recordava-me de ter ouvido falar dessa história. Alexandre tinha sido muito famoso nessa altura, e Luciano não só tinha escrito acerca dele, como tentara activamente desmascará-lo também.

- Queres dizer que nenhum dos oráculos são verdadeiros? - perguntou Constantino, desconfiado.

- Não, não... a minha opinião é que deves absorver o pensamento crítico, para poderes julgar por ti mesmo se uma coisa é razoável ou não, em vez de aceites cegamente o que te dizem - respondeu Ático.

Acenei afirmativamente com a cabeça: aquilo era mais ou menos o que nos tinham ensinado em Avalon. Era tão tolo negar que os oráculos podiam ser falsos como acreditar cegamente neles.

- Isso não faz sentido - protestou Constantino. - Aqueles que são sensatos deveriam decidir o que é verdadeiro ou não e contentar-se com isso.

- Não deveria cada homem ter o direito de decidir por si próprio? disse Ático razoavelmente. - Aprender a pensar deveria fazer parte da educação de toda a gente, tal como toda a gente tem de aprender a cuidar dum cavalo ou a usar os números.

- Para coisas simples, sim - respondeu Constantino. - Mas quando o cavalo adoece, chama-se um curandeiro, e utiliza-se um matemático para altos cálculos. Por certo, no reino do sagrado, que é muito mais importante, deveria ser a mesma coisa.

- Muito bem, Constantino, mas pensa nisto... a carne é tangível e os seus males podem ser percebidos através dos sentidos. Os números simbolizam artigos que podem ser fisicamente contados, e são sempre e em toda a parte os mesmos. Mas cada homem vê o mundo de forma diferente. O seu nascimento é governado por diferentes estrelas, e tem uma história única... Será assim tão despropositado permitir-lhe que tenha a sua própria percepção dos deuses? Este mundo é tão rico e variado - decerto necessitamos de miríades de formas para o entender. Assim, temos os sofistas, que duvidam de tudo, os seguidores de Platão, que acreditam que apenas os arquétipos são reais, os míticos pitagóricos e os lógicos aristotélicos. Cada filosofia dá-nos um instrumento diferente para entender o mundo.

- Mas o mundo continua a ser o mesmo - objectou Constantino - e os deuses também!

- Achas que sim? - Ático parecia divertido. Tinha sido vendido como escravo pelo seu tio, e eu suspeitava de que ele achava mais cómodo não acreditar em deus algum. - Então como podemos reconciliar todas as histórias acerca deles, ou as afirmações de todos os diferentes cultos, cada um dos quais declara que a sua divindade é a suprema?

- Descobrimos qual é o mais poderoso e ensinamos a todos como adorá-lo respondeu imediatamente Constantino.

Abanei a cabeça. Como tudo parecia simples a uma criança. Quando eu tinha a sua idade, não existia outra verdade que não fosse a de Avalon.

- Repara - dizia Ático - nem mesmo os Judeus, cujo deus não lhes permite adorar outros, pretendem que os outros deuses não existem.

- O meu pai é amado pelo maior de todos os deuses, cujo rosto é o Sol, se eu me mostrar digno, Ele estenderá a mim a sua bênção.

Ergui uma sobrancelha. Sabia que Constantino tinha ficado impressionado com o culto solar da Dalmácia, ao qual pertencia a maior parte dos oficiais com quem Constâncio servira, mas não me tinha apercebido a que ponto chegara o seu esforço de se modelar segundo o pai. Tinha de encontrar uma maneira de lhe falar também da Deusa.

Constantino prosseguiu. - Há um imperador na terra e um Sol no céu. Parece-me que o império seria muito mais pacífico se todos adorassem da mesma forma.

- Bom, não há dúvida de que tens direito à tua opinião, mas não te esqueças de que o profeta Alexandre emitia os seus oráculos em nome de Apolo. Só porque um homem fala em nome de um deus, isso não quer dizer que esteja a dizer a verdade.

- Então as autoridades deveriam impedi-lo - respondeu Constantino obstinadamente.

- Meu caro rapaz - disse Ático - o governador Rutiliano foi um dos mais dedicados apoiantes de Alexandre. Casou-se com a filha do profeta, só porque Alexandre afirmou que a sua mãe tinha sido a deusa Selene!

- Continuo a achar que as pessoas deveriam ser protegidas dos falsos oráculos.

Talvez, mas como podes fazer isso sem lhes retirar o direito de decidir por si próprias aquilo em que acreditam? Vamos continuar a tradução, Constantino, e talvez as coisas se tornem mais claras...

Pela primeira vez, perguntei a mim mesma se teria sido sensato deixar Constantino estudar filosofia. Ele tinha tendência para levar as coisas muito à letra. Mas a flexibilidade de espírito que caracterizava a cultura grega far-lhe-ia bem, pensei, secretamente aliviada por ser Ático que tinha a tarefa de lhe fazer ver as coisas, não eu. No entanto, disse a mim mesma, enquanto abria a porta para deixar entrar o doce ar primaveril, estava a chegar a altura em que teria de falar de Avalon ao meu filho.

Para o adormecer, tinha-lhe cantado as canções didácticas que aprendera em pequena, e ele divertia-se com histórias maravilhosas. Sabia como os cisnes regressavam ao lago no início da Primavera, e como os gansos selvagens cantavam nos céus de Outono. Mas nada lhe tinha dito quanto ao significado subjacente aos contos, nem do grande padrão em que estavam inseridos tanto os cisnes como os

gansos. Esses assuntos eram ensinados às iniciadas nos Mistérios. Se Constantino houvesse nascido em Avalon, como Ganeda planeava, teria aprendido essas coisas como parte da sua iniciação. Mas eu quisera que as coisas fossem diferentes, por isso era minha a responsabilidade de o ensinar.

Constantino era uma criança, pensei ao escutar as duas vozes. Era natural que se focasse na superfície das coisas. Mas era a face exterior do mundo a mais variada e cheia de contradições. À superfície, havia verdade em todos os diferentes cultos e filosofias. Era apenas a um nível mais profundo que se poderia encontrar uma única verdade por trás deles.

“Todos os deuses são um só e todas as deusas uma única Deusa, e há um Iniciador.” Tinha ouvido este lema vezes sem conta quando estava em Avalon. Fosse como fosse, teria que fazê-lo compreender a Constantino.

A brisa que penetrava pelas portas abertas vinha carregada com os odores da Primavera e, subitamente, senti que não suportava mais ficar dentro de casa. Saí para o caminho que passava entre duas fileiras de faias até à estrada alta. Poderia dizer a Ático que desse um dia de folga ao seu aluno... O dia estava belo de mais para se passar o tempo fechado em casa a debater filosofia. Esse era o

erro que alguns dos pitagóricos tinham cometido, apesar do seu conhecimento dos Mistérios, ancorar as suas mentes tão firmemente na eternidade que deixavam escapar a Verdade proclamada por este verde e amável mundo.

Da nossa colina, avistava campos e vinhedos, e o brilho do Moscla. A cidade aninhava-se ao longo do rio, protegida pelas suas muralhas. Tréveris era um local de certa importância, um centro de produção de tecidos de lã e cerâmicas, com bons contactos tanto com a Germânia como com a Gália. Póstumo fizera dela a capital do seu império gálico, e agora Maximiano também ali instalara a sua base de operações. Estavam a reparar de novo a ponte; a pedra avermelhada local exibia a sua cor ao sol brilhante, mas o templo de Diana, mais acima na encosta da colina, tinha um brilho alvo no meio das árvores que o abrigavam.

Uma boa estrada subia a colina e passava pela nossa villa. Um cavaleiro avançava rapidamente por ela, ultrapassando uma carroça e continuando a subir. O meu interesse aguçou-se quando se aproximou suficientemente para lhe reconhecer o uniforme e compreender que se dirigia a minha casa.

Teria havido algum acidente? Não via qualquer movimento pouco habitual na cidade. Fiquei à espera, de testa franzida, até o homem

desmontar, atando o lenço de pescoço com que limpava o suor da testa. Reconheci um jovem da companhia de Constâncio e retribuí a sua saudação.

- Que mandou o meu marido dizer-me com tanta pressa? Há alguma emergência?

- De forma alguma. O Senhor Docles chegou, senhora, e o teu marido pediu-me que te dissesse que eles jantariam aqui com ele esta noite.

- O quê, todos eles? - abanei a cabeça. - Isso é uma emergência para mim! Estávamos a contar passar o dia a fazer as limpezas de Primavera, não a preparar um banquete.

O jovem sorriu. - É verdade... Maximiano também vem! Mas já ouvi falar dos teus jantares, senhora, e estou certa de que sairás vitoriosa.

Nunca me tinha ocorrido ver um banquete como um recontro militar, mas ri-me e acenei-lhe em despedida. Depois voltei para dentro a fim de me reunir com Drusilla.

Apesar das minhas palavras, uma refeição para três homens habituados à comida dos acampamentos militares não iria fazer exigências especiais à minha cozinha. Eles podiam não ser tão devotos da austeridade como Caro fora, mas sabia por experiência que todos três prestariam mais atenção à conversa do que ao que estavam a comer. Era Drusilla quem achava que tanto a comida como o serviço deveriam ser, se não complicados, pelo menos realizados com uma restrita perfeição.

Felizmente era uma estação em que os alimentos frescos abundavam. Quando Constâncio e os nossos convidados chegaram a cavalo, subindo a colina. estávamos preparadas para eles, com uma salada de legumes primaveris temperada com azeite, ovos cozidos e pão acabado de cozer, e um cordeiro assado, guarnecido com ervas e servido sobre uma cama de cevada.

A tarde estava amena, e abrimos as longas portas da sala de jantar para que os nossos convidados pudessem gozar a vista dos canteiros e da fonte no atrium. Enquanto me deslocava de um lado para o outro entre os convidados e a cozinha, supervisionando o serviço, podia ouvir o tom profundo das vozes masculinas tornar-se mais suave à medida que era servido o aromático vinho branco da região.

Era evidente que se tratava de um jantar de negócios, não de um evento social, e por isso não me juntei a eles. Na verdade, apesar de já se terem passado muitos anos desde que celebrara a Véspera de Beltane, um hábito antigo fazia-me jejuar. Os homens falavam de forças militares e das lealdades das cidades, mas, à medida que a noite ia avançando, eu sentia com uma intensidade cada vez maior as energias que fluíam da terra. Drusilla queixou-se de alguns dos servos da cozinha terem desaparecido mal havia sido servido o primeiro prato. Pensei saber para onde tinham ido, porque, quando saí para a tranquilidade do jardim, pude sentir o palpitar da terra e escutar os tambores que o ecoavam, e na colina acima da cidade brilhavam as fogueiras de Beltane.

O meu sangue começou a aquecer, em reacção ao som do tambor. Sorri, pensando que, se os nossos convidados não ficassem até muito tarde, talvez Constâncio e eu tivéssemos tempo para festejar o feriado à maneira tradicional. Os risos na sala de jantar tinham aumentado. Talvez os homens não reconhecessem a energia daquela noite, mas parecia-me que estavam a reagir a ela, apesar de tudo. Quanto a mim, o perfume do ar nocturno já me deixara

semiembriagada. Quando ouvi Constâncio chamar, coloquei uma palla sobre os ombros e fui ao encontro deles.

O meu marido chegou-se para o lado, para que eu pudesse sentar-me no leito e ofereceu-me um pouco do seu vinho.

- Então, meus senhores, já decidistes o futuro do império?

Maximiano sorriu, mas as fortes sobrancelhas de Docles, sempre surpreendentes ao fundo daquela fronte alta e calva, uniram-se.

- Para isso, senhora, precisávamos de uma vidente como Veleda, para nos predizer os nossos destinos.

Ergui uma sobrancelha. - Ela lia o oráculo?

- Era a mulher sagrada das tribos perto da foz do Rhenus, no reinado de Cláudio - respondeu Constantino. - Um príncipe da Batávia, chamado Civilis, que tinha sido oficial dos auxiliares, iniciou uma rebelião. Diz-se que as tribos não davam um passo sem o seu conselho.

- Que foi feito dela?

- Por fim, penso que temíamos mais Valeda do que Civilis. - Constâncio abanou a cabeça tristemente. - Ele era o tipo de inimigo que conseguíamos entender, mas ela tinha o ouvido dos poderes eternos. Terá sido capturada, acabando os seus dias no Templo de Vesta, segundo ouvi dizer.

Na pausa que se seguiu, o cricrilar dos grilos pareceu-me de súbito muito alto. Por baixo do ritmo audível, sentia, mais do que ouvia, o ritmo dos tambores.

- Ouvi dizer - comentou Docles, no meio do silêncio - que tu também foste iniciada na arte das videntes.

Olhei para Constâncio que encolheu os ombros, como a dizer não ter sido ele a espalhar o boato. Não me surpreenderia que Docles tivesse as suas próprias fontes de informação. Os seus pais eram escravos libertos que se haviam tornado clientes do senador Anulino, seu antigo proprietário. O facto de Docles ter ascendido de tão humilde origem ao comando da guarda de corpo do jovem imperador indicava que era um homem de capacidades excepcionais.

- É verdade que fui iniciada como sacerdotisa de Britânia - respondi, perguntando a mim mesma se se trataria apenas de uma conversa ociosa ou se haveria nela um significado mais profundo.

Foi a vez de Maximiano erguer um sobrolho. Também havia sido criado no campo e eu tinha reparado que os seus dedos acompanhavam o ritmo do tambor, embora não me parecesse que ele desse por isso.

- Senhora, eu sei que poderes se atribuem no estrangeiro a esta data disse ele solenemente. - É uma noite em que se abrem as portas entre os mundos. Não desperdicemos este momento, rapazes - ergueu a taça num gesto levemente ébrio e reparei que eles tinham deixado de misturar água no vinho. - Vamos deixar a bruxa usar os seus poderes e mostrar-nos o caminho de saída do labirinto em que nos encontramos.

Recuei, surpreendida com a sua linguagem - na minha terra não se falava assim de uma sacerdotisa de Avalon - e Constâncio pousou uma mão protectora no meu braço.

- Cuidado, Maximiano... a minha mulher não é uma bruxa para te fazer encantamentos em frente de um caldeirão.

- Nem eu disse que ela o era. - Fez-me uma pequena vénia, a desculpar-se. - Deverei chamar-lhe então sacerdotisa druida?

Todos se riram, recordando de que forma César lidara com os Druidas da Gália. Mas eu tinha-me recomposto: era apenas a verdade, afinal, e valia mais que eles considerassem a minha arte como sobrevivente da perdida sabedoria celta do que suspeitassem da existência de Avalon. A mão de Constâncio apertou-me com mais força o braço, mas o meu medo súbito tinha desaparecido. Talvez fosse o poder da Véspera de Beltane, como um fogo no meu sangue. Senti a cabeça a girar como se tivesse aspirado o fumo das ervas sagradas. Tinha-se passado tanto tempo, tanto, tanto tempo, desde que entrara em transe pela última vez. Como uma mulher que reencontra um antigo amante ao fim de muitos anos, estremeci de desejo renovado.

- Senhora - acrescentou Docles com a sua habitual dignidade - seria uma honra e um privilégio se consentisses em adivinhar o nosso futuro.

Constâncio tinha ainda um ar inseguro, e apercebi-me de que ele se habituara a ver-me como a sua companheira, a mãe do seu filho, e se esquecera de que eu fora alguma coisa mais. Mas os outros dois sobrepuseram-se-lhe. Ao fim de um momento, suspirou. - Ela que decida...

Endireitei-me, olhando-os, um por um. - Não posso prometer coisa alguma... já se passaram muitos anos desde que pratiquei essa arte. Nem vos darei instruções sobre a forma de interpretar aquilo que ouvirdes, nem saberei dizer-vos se se trata apenas de divagações minhas ou da voz de algum deus. Só posso prometer que vou tentar.

Agora os três homens olhavam para mim, como se, tendo conseguido aquilo que pretendiam, perguntassem a si mesmos se queriam realmente ouvir-me. Mas, a cada inspiração, os elos que prendiam o meu espírito ao mundo iam-se soltando. Agitei o pequeno sino para chamar Filipe e pedi-lhe que fosse buscar a taça de prata que se encontrava no estúdio de Constâncio, a enchesse com água e no-la trouxesse. Hylas, que tinha conseguido escapar-se do meu quarto, instalou-se sobre os meus pés, como se compreendesse que eu precisava de algo que me prendesse ao chão, ao viajar entre os mundos.

Depois de a taça ter sido trazida e as lamparinas posicionadas de modo a que a sua luz se reflectisse no líquido e cintilasse sobre ele, dei instruções a Filipe para que não fôssemos perturbados. Vi-o fitar-me, com um ar de desaprovação, e recordei-me de que os cristãos estavam proibidos de consultar oráculos pagãos, embora constasse

que, nas suas reuniões. por vezes os jovens de ambos os sexos tinham visões e faziam profecias.

Depois da saída dele, desatei a fita que ocultava o crescente na minha testa e soltei os cabelos, que me caíram sobre os ombros. Maximiano engoliu em seco, abrindo muito os olhos. “Esta está ainda próxima da terra”, pensei, baixando o olhar. “A sua alma recorda-se dos costumes antigos.” Os olhos de Docles estavam velados, as suas feições eram ilegíveis. Admirei o seu autocontrolo. Mas Constâncio olhava-me como me olhara na primeira vez em que fui ao seu encontro, junto da fogueira de Beltane. “Olha-me bem”, disse eu intimamente. “Pois há quinze anos que governo a tua casa e partilho o teu leito. Esqueceste-te de quem e do que eu sou?” Envergonhado, afastou o olhar e eu sorri.

- Muito bem, meus senhores, estou pronta. Quando tiver abençoado a água, olharei para as suas profundezas e, quando eu começar a oscilar, podeis fazer as vossas perguntas.

Deitei um pouco de sal na água, consagrando-a na língua antiga dos feiticeiros que tinham chegado a Avalon, vindos da sua terra submersa. Depois inclinei-me para diante, de modo a que os meus cabelos caíssem em volta da taça como um sombrio cortinado, e deixei que os meus olhos se desfocassem, fitando o seu interior.

A luz ondulava na superfície escura que o meu sopro agitava. Com um esforço de vontade, controlei a respiração, inspirando e expirando cada vez mais lentamente, mergulhando no ritmo do transe. Agora a luz sobre a água tremeluzia segundo a minha respiração. A minha consciência estreitou-se àquele círculo de luz em escuridão, água e fogo. Suponho que, por essa altura, o meu corpo tivesse começado a mover-se também. porque, vindo do que me pareceu uma imensa distância, ouvi alguém chamar-me.

- Diz-me então, vidente, o que será do império nos tempos que estão para vir. Numeriano e Carino governarão bem?

A luz cintilou na água. - Vejo chamas... - disse eu lentamente. Vejo exércitos que devastam a terra. Irmão contra irmão, a pira funerária de um imperador... Morte e destruição provirão do seu reinado.

- E o que vem depois? - disse uma nova voz que parte da minha mente reconheceu ser a de Docles.

Mas o cenário diante de mim já estava a mudar. Onde vira derramamento de sangue, via agora campos pacíficos. As palavras saíram da minha boca.

- Todos saúdam o imperador bafejado pela Fortuna. Um torna-se quatro, mas o primeiro é ainda o maior. Durante vinte anos reinará em glória, com Júpiter e Hércules a seu lado, servido por Marte e Apolo.

- O filho de Júpiter está aqui, mas usarás outro nome. O teu forte braço direito dará testemunho disso. e haverá outro que brilha como o Sol. Só falta Marte, mas quando precisares dele, aparecerá. Não receies aproveitar o momento quando ele chegar. Governarás em esplendor, Augusto, e morrerás muito velho, tendo por fim entregue o ceptro a mãos mais jovens...

- E o que vem depois? - Esta voz era de outro. brilhando na minha mente com luz própria.

- O filho do Sol governa em esplendor, mas põe-se cedo de mais. No entanto, seguir-se-á uma alvorada mais brilhante e um novo Sol se erguerá, cuja luz inundará o mundo.

A luz desabrochou na minha visão, formando um rosto que eu conhecia. Constâncio, pensei, porque uma barba loura rodeava a linha forte do queixo. Mas o rosto tinha uma estrutura mais maciça, com um nariz longo e olhos profundamente encovados sob a curva da fronte, um rosto de tal força obstinada que me deixou um pouco receosa.

Depois a visão desapareceu. Deixei-me cair para diante, e os meus cabelos tocaram na água. Então Constâncio envolveu-me nos seus braços. amparando-me enquanto eu estremecia. Abri os olhos e tentei focá-los, enquanto a imagem da minha visão se sobrepunha numa figura que emergia da escuridão da porta.

Pestanejei e apercebi-me de que era Constantino. Quanto tempo estivera ele ali? Quanto teria escutado? Endireitei-me, subitamente

consciente do aspecto que teria para ele, com os cabelos soltos, os olhos velados pelo transe. Estendi uma das mãos para ele, numa súplica silenciosa. Permaneceu ali de pé, por um momento mais, com uma expressão meio ávida, meio surpreendida no rosto. Pensaria ele que eu era como o profeta Alexandre? Os meus olhos encheram-se de lágrimas quando ele deu meia volta e desapareceu.

- Senhora - disse Docles. na sua voz profunda - estás bem? Proporcionaste-nos uma grande bênção. - O seu rosto revelava a calma habitual, mas os seus olhos brilhavam. No rosto de Maximiano vi algo que era quase medo. Olhei-os a todos, sabendo agora que todos os três um dia usariam a púrpura.

- Só se fizerdes por isso - sussurrei, recordando-me de como tinham morrido os dois últimos imperadores.

- Disseste-me o que eu precisava de saber - respondeu Docles. Constâncio. leva a tua senhora para o seu quarto. Prestou-nos um grande serviço esta noite e deve repousar.

- E tu. o que farás" - inquiriu Maximiano.

- Regressarei para junto de Numeriano e ficarei à espera. Júpiter sorri-me e mostrar-me-á o caminho.

Nos meses que se seguiram, tudo parecia confuso. Em Novembro desse ano, Numeriano morreu. Docles aproveitou a oportunidade, acusando o prefeito pretori ano, um homem chamado Arrius Aper, de o ter envenenado, e executando-o de imediato. Soubemos logo em seguida que o exército o tinha aclamado imperador. Mas mudara de nome, e agora chamava-se Diocleciano.

Carino, que era um bom comandante quando a isso se decidia, ergueu-se do seu deboche para defender o seu trono e, uma vez mais, romanos lutaram contra romanos. Maximiano e Constâncio declararam-se a favor de Diocleciano e prepararam-se para defender o Ocidente contra Carino. Mas quando a estação das campanhas abriu na Primavera seguinte, os deuses, ou talvez Némesis, decretaram contra mais uma prolongada guerra civil. Na confusão duma batalha, um tribuno, cuja mulher Carino havia seduzido, aproveitou a oportunidade para matar o seu comandante e vingar-se dele.

Diocleciano era agora o chefe supremo. O seu primeiro acto foi nomear Maximiano seu colega menor. E, nesse Verão, quando o novo César, que nomeara Constâncio seu prefeito pretoriano, estava ocupado a enfrentar a última incursão dos Germanos, Diocleciano enviou uma carta solicitando que o meu filho Constantino passasse a fazer parte da sua casa em Nicomedia.

O quarto de Constantino estava cheio de vestuário e diversos objectos espalhados. Parei junto da porta, com os braços cheios de roupas interiores de linho acabadas de secar. No meio daquela balbúrdia, parecia-me impossível que tudo pudesse estar embalado e pronto na madrugada do dia seguinte. Uma breve fantasia com um assalto a meio da noite para roubar a bagagem passou-me pela mente. Mas qualquer tentativa de atrasar a partida do meu filho nada mais conseguiria do que uma momentânea confusão, e Constantino estava na idade em que os pais o embaraçavam, mesmo quando agiam sensatamente. Nem mesmo Constâncio, se estivesse em casa, teria podido resistir a uma ordem imperial.

- O teu servo já embalou as pernas de lã? - perguntei, entregando à serva as túnicas que deveria juntar à pilha já feita.

- Oh, Mãe, não vou precisar dessas coisas velhas. Só os camponeses as usam: pareceria um camponês deambulando pelos salões de mármore de Diocleciano.

- Recordo-me muito nitidamente do frio que passámos na Bitínia. no ano em que vivemos em Drepanum, e os palácios imperiais têm geralmente muitas correntes de ar. Se estiver frio suficiente para usares as perneiras. garanto-te que também usarás roupa exterior suficiente para as esconder.

O jovem gaulês que tínhamos comprado para ser o servo pessoal de Constantino, quando ele fizera treze anos, olhava de um para o outro. comparando as nossas expressões, e depois voltou-se para a arca que continha as coisas que o seu senhor decidira deixar ficar.

- Vem comigo, Constantino, e deixemos os escravos entregues ao seu trabalho. Aqui só estamos a atrapalhá-los. - Na verdade, preferia ter sido eu a própria preparar a sua bagagem, com uma bênção para cada peça de roupa que lá metesse, mas isso era algo que os outros

poderiam fazer. Ninguém mais poderia dizer ao meu filho o que ia no meu coração.

O cascalho rangia levemente debaixo dos nossos pés quando o conduzi para o jardim. e sentámo-nos num banco feito de pedra vermelha local. O Verão tinha sido bom, como se os deuses abençoassem o reinado de Diocleciano, e o jardim estava cheio de flores.

Mas em breve elas morreriam. E, pela manhã, o meu filho teria partido. Tinha pensado ter mais cinco anos, antes de perder Constantino em favor do exército, tempo suficiente para Ático preparar a sua mente, e para eu acordar a sua alma. Con estava alto para a idade, os seus músculos desenvolviam-se com o exercício. Seria capaz de satisfazer todas as exigências físicas que lhe fossem feitas.

Mas ele continuava a ver o mundo com as convicções rígidas duma criança em relação ao bem e ao mal. Diocleciano podia ser o mais virtuoso dos imperadores desde Marco Aurélio, mas a sua corte seria um cadinho de intrigas. Como poderia eu defender disso o meu filho sem eu própria comprometer a sua inocência?

- Não fiques triste, minha mãe...

Eu não me tinha apercebido de como o meu rosto me traía. Consegui sorrir. - Como posso não estar? Sabes quanto te amo. És um homem e eu sabia que irias deixar-me um dia, mas parece-me cedo de mais. - Estava a escolher as palavras cuidadosamente, pois de nada servia assustar a criança, uma vez que esta separação teria mesmo de acontecer.

- Quando a carta chegou, também eu fiquei assustado, mas agora quero ir - disse Constantino. - Mas nunca te esquecerei, Mãe. Vou escrever-te todas as semanas, tão certo como o Sol brilhar lá em cima! - Ergueu a mão como que a tomar Apolo por testemunha.

Olhei-o, surpreendida, porque aquele voto tinha sido feito com uma sinceridade adulta.

- Não vai ser fácil - disse eu. - Haverá novas coisas e novas pessoas, coisas excitantes para fazer...

- Eu sei... - Fez uma pausa, procurando palavras. - Mas os parentes são importantes e, uma vez que não tens mais filhos, serei eu toda a tua família.

Os meus olhos encheram-se de lágrimas. - Terias gostado de ter irmãos e irmãs?

Constantino acenou afirmativamente com a cabeça. - Quando for homem, quero ter uma grande família.

- Sinto muito não ter podido dar-tos - disse eu, com dificuldade. Mas sempre achei que o propósito dos deuses ao pôr-me no mundo tinha sido dar-te à luz.

Os seus olhos abriram-se muito, porque eu nunca lhe tinha falado antes de forma tão explícita. - Acreditas que as minhas estrelas me prepararam um destino grandioso?

Acenei afirmativamente com a cabeça. - Acredito. Por isso me tenho preocupado tanto com a tua educação.

- Talvez viver na corte de Diocleciano seja parte dela - disse Constantino ponderadamente.

- Oh. estou certa de que assim será. - Tentei falar sem amargura. Mas será aquilo de que precisas? Eu tinha esperado ensinar-te algo sobre os Mistérios em que eu própria fui iniciada quando era jovem.

Constantino abanou a cabeça. - Não me parece que esteja destinado ao sacerdócio. Quando crescer, entrarei para o exército e

comandarei tropas, ou talvez mesmo uma província, a seu tempo. Penso que me sairei bem nisso, não achas?

Reprimi um sorriso. Decerto não lhe faltava autoconfiança. Perguntei a mim mesma se também ele se veria a usar a púrpura um dia. Carino tinha sido um terrível exemplo dos perigos de colocar o poder imperial nas mãos de um homem mal preparado. O meu filho poderia ter razão ao pensar que iria aprender muito com o imperador, se fosse esse o seu destino.

- Se subires muito alto, Constantino, nunca deverás esquecer-te de que os deuses estão ainda mais acima do que tu, nem do Theos Hypsistos, o Poder que está para além dos deuses. Deverás procurar cumprir a sua vontade ao serviço das pessoas que governares.

- Compreende - disse em tom confidente. - O imperador vela pelos seus como um pai pela sua família.

Ergui uma sobrancelha. Parecia que o rapaz tinha pensado naquilo, e talvez tivesse razão. O seu pai quase se tornara herdeiro

do império, afinal. Constantino bem podia sonhar com um diadema imperial.

- O Sol vela por mim. tal como vela pelo meu pai. - Constantino deu-me uma palmadinha no ombro. - Não receies por mim.

Peguei-lhe na mão e encostei-a à minha face. O meu filho tinha, sem dúvida, confiança suficiente para seguir o seu caminho pelo mundo. Só mais tarde me ocorreu desejar que ele tivesse possuído também um pouco mais de humildade.

CAPÍTULO DOZE

293-296 d. C.

A corte tem-se tornado cada vez mais esplendorosa. A caligrafia larga de Constantino ocupava a página de um lado ao outro. Durante aqueles oito anos, desde que tinha ido viver na casa do imperador, tinha, sem dúvida, aprendido muitas coisas, mas uma letra elegante não estava entre elas. Mudei a posição da página de modo a que a luz da lamparina incidisse sobre ela. A casa que Constâncio tinha alugado para mim em Colonia Agrippinensis era elegante, mas não inteiramente à prova dos ventos de uma Primavera germana.

Já não basta uma simples saudação quando nos aproximamos do imperador. O nosso deus et dominus, Diocleciano, exige agora uma prostração total, como se fosse o Grande Rei da Pártia em vez do Augusto de Roma. Mas devo confessar que tudo isso é muito impressionante e os embaixadores estrangeiros parecem sentir o respeito adequado.

Maximiano, graças aos deuses, continuava a ser o mesmo soldado rude e sincero que sempre fora, apesar de agora ser co-Augusto com Diocleciano. Mas ninguém poderia pôr em dúvida qual dos dois era o mais importante. As moedas de Diocleciano ostentavam a imagem de Júpiter, ao passo que as de Maximiano estavam adornadas com a forma musculosa de Hércules.

Mas mesmo que Maximiano se sentisse inclinado a aceitar as cerimónias, teria estado excessivamente ocupado para isso. No ano em que se tornou Augusto, Caráusio, o almirante menapiano que tinham nomeado para defender a Britânia dos atacantes saxónicos, fora acusado de se apropriar indevidamente dos despojos. Não querendo ser julgado em Roma, tinha-se revoltado e proclamado imperador de Britânia. Era um brilhante marinheiro, que derrotara redondamente não só os piratas saxões, como também a frota que Maximiano enviara contra ele. Depois disso, as nossas forças tiveram de defrontar incursões de Francos e Alamanos a leste, e rebeliões de escravos no ocidente da Gália, sem tempo para se ocupar da Britânia.

Senti a falta do meu jardim de Tréveris, mas Colónia, nas margens do Rhenus, na Germânia Inferior, estava suficientemente perto da frente para Constâncio poder ir visitar-me entre campanhas. A nossa casa ficava perto da muralha oriental, entre o pretório e o templo de Mercúrio Augusto. e tinha sido ocupada pelas famílias de muitos comandantes antes de nós.

Pelo menos de momento não tinha de me preocupar com a segurança do meu marido, porque ele fora convocado para Mediolanum, que Maximiano tornara a sua capital, para conferenciar

com ele e com Diocleciano. Por vezes perguntava a mim mesma se, durante aqueles meses passados longe de mim, Constâncio permaneceria fiel, mas, na verdade, se eu tinha uma rival, não era outra mulher, mas o império. Quando nos conhecemos, amei-o pelos seus sonhos. Não podia queixar-me de ele ter agora uma oportunidade de realizar alguns deles. No entanto, com o meu marido longe, na guerra, e o meu filho junto do imperador, pouco havia para eu fazer, por isso comecei a sentir falta das responsabilidades que teria tido em Avalon.

De momento, Diocleciano e Maximiano tinham aceite Caráusio como imperador irmão. Eu perguntava a mim mesma quanto tempo iria isso durar. Quando ouvi o boato de que Caráusio estava casado com uma princesa britânica que tinha sido iniciada em Avalon, fiquei surpreendida. Ganeda sempre rezeira e desencorajara os contactos entre Avalon e o mundo exterior. Essa política de isolamento tinha sido um dos motivos pelos quais eu partira. Mas agora não podia deixar de pensar que, se eu me tivesse tornado suma sacerdotisa, teria sido eu, não Dierna, a decidir agora o papel que Avalon deveria desempenhar neste mundo em rápida mudança. Por vezes desejava poder voltar a Britânia e descobrir o que se estava a passar por lá, mas essa viagem era improvável, enquanto Caráusio dominasse o mar Britânico.

Num belo dia de meados de Março, quando o vento, vigoroso como um lobo à caça, perseguia as pequenas nuvens pelo céu, Constâncio regressou de Itália. A princípio, ao ver o seu rosto talhado em pedra, como o vira um dia após uma batalha perdida,

pensei que o imperador lhe tivesse dado alguma reprimenda, embora não conseguisse compreender por que razão Diocleciano poderia estar insatisfeito. Tinha sido decerto Maximiano, se é que havia um, o culpado de não se terem livrado de Caráusio. Se Diocleciano estava descontente, pensei, irritada, enquanto tratava de mandar abrir as arcas da sua bagagem, poderia vir até à Gália e tentar resolver a situação.

Mas os Germanos, chefiados por Croco, que se tornara o guarda de corpo permanente de Constâncio, estavam de bom humor, enchendo o pátio com os seus risos profundos, e decerto estariam mais tristes se alguma coisa tivesse corrido mal. Estavam, na sua maior parte, aquartelados nas casernas do pretório, evidentemente mas havia sempre uma dúzia deles em volta da nossa casa quando Constâncio lá estava.

Eu tinha-me habituado aos seus tamanhos e aos seus humores, por vezes sombrios. Estava um pouco surpreendida, para falar verdade, por Croco não ter vindo saudar-me, pois tratara-me sempre com a deferência devida a uma das videntes do seu povo, desde o nosso primeiro encontro. Ter-lhe-ia sucedido alguma coisa? Isso poderia explicar a disposição do meu marido.

Eu estava no quarto, separando as túnicas da bagagem de Constâncio, para ver se algumas precisavam de ser reparadas, quando o meu marido apareceu à porta. Olhei-o, sorrindo, e vi-o estremecer. O seu rosto tornou-se ainda mais sombrio ao olhar em volta do quarto.

- Constâncio - perguntei com suavidade - aconteceu alguma coisa?

- Vem dar um passeio comigo - disse ele rudemente. - Precisamos de conversar e não posso fazê-lo. .. aqui.

Eu poderia ter-lhe assegurado que nenhum dos nossos servos nos espreitaria, mas pareceu-me melhor trocar os meus chinelos por umas sandálias resistentes, e embrulhar-me num xalle quente, sem discutir. E, na verdade, até deveria sentir-me satisfeita por sair de casa num dia tão bonito e ventoso.

Desde a rebelião de Civilis, nos tempos do primeiro Agripina, cujo nome a cidade tomara, Colónia era uma cidade de fronteira. Outras

idades poderiam negligenciar as suas defesas, mas as muralhas de Colônia tinham sido reconstruídas com intervalos regulares até se erguerem bem altas e fortes, pontuadas a intervalos regulares por torres de vigia. Nos tempos de paz, os cidadãos subiam os degraus do portão norte e passeavam em volta, para oriente, até ao portão do pretório. Ali, as margens do rio já eram altas, e as muralhas proporcionavam uma vista espectacular da ponte sobre o Rhenus e a Germania Libera do outro lado.

Subi as escadas atrás de Constâncio, tranquilizando-me com a ideia de que o problema não era a sua saúde, porque ele subia sem fazer uma pausa para respirar, com os duros músculos das barrigas das pernas salientando-se a cada passada. Eu, por outro lado, começava a desejar ter feito exercício com mais regularidade, porque, quando chegámos ao caminho para peões, estava ofegante e tive de parar para recuperar o fôlego. Constâncio estendeu uma mão para me amparar, e depois recuou para junto da muralha, onde ficou com os braços apoiados nas ameias, a olhar para norte, onde as barcas deslizavam pelo rio, até que fui Juntar-me, a ele.

Por essa altura, a apreensão já estava a causar-me um nó no estômago. Ao fim de tantos anos, conhecia as disposições de Constâncio tão bem como as minhas, e emanava dele uma furiosa confusão de emoções, de modo que parecia envolto em sombra, apesar de estar ao sol. Quando comecei a falar, recomeçou a caminhar. e eu segui-o, reconhecendo que teria de deixá-lo chegar onde queria, a seu tempo e a sua maneira.

As muralhas da fortaleza na outra extremidade da ponte brilhavam, e a luz solar cintilava das águas azuis do rio, muito largo naquele ponto e correndo céleres para o mar. Nas vésperas dos festivais, eu costumava deitar um pouco de vinho no rio. pedindo aos deuses das águas que o levassem até Britânia. Quando passámos pela torre do canto e voltámos na direcção do pretório, recebemos em cheio o vento que vinha do rio, e apertei o xalle contra mim.

Os passos de Constâncio abrandaram e percebi que ali. a meia distância entre a torre e o portão onde o caminho pavimentado entre a muralha e os claustros do pretório era mais largo, devia ser o melhor lugar de Colónia para falarmos sem que nos escutassem.

- Tenho a certeza - disse eu em voz alta - de que não me trouxeste aqui para falar de traição ao imperador! - detive-me, surpreendida pela forma como a ansiedade tornara aguda a minha voz.

- Não estejas tão segura disso! - respondeu Constâncio asperamente. - Ele colocou-me numa posição em que tenho de trair alguém. É só uma questão de escolher quem...

- Que queres dizer? - Toquei-lhe no braço e a sua outra mão cobriu a minha, apertando-a de tal forma que estremei de dor. - Que te disse ele?

- Diocleciano teve uma ideia... uma forma de alargar o poder imperial por igual através do império e assegurar uma sucessão pacífica. Jura que, quando ele e Maximiano tiverem reinado durante vinte anos, se retirarão em favor dos seus Césares. que tomarão então o título de Augusto e nomearão mais dois.

Olhei-o. surpreendida com a ideia de um homem ceder voluntariamente o poder supremo. Mas talvez resultasse, se os quatro imperadores permanecessem leais uns aos outros. A ideia de um império que não fosse devastado pelas guerras civis da sucessão parecia uma fantasia.

- Então ele tenciona nomear dois Césares... - sugeri, quando o silêncio já se tornara longo de mais.

Constâncio acenou afirmativamente com a cabeça. - Para o Oriente, será Galério. É outro homem da Dalmácia, um bom lutador. Chamam-lhe "o Pastor", porque o seu pai guardava vacas... - Apercebeu-se de que estava a falar desnecessariamente e fez uma pausa. - Para o Ocidente... quer-me a mim.

Tive a sensação de já o saber antes que ele o dissesse. Era o sonho de uma vida inteira, aquela dádiva do imperador. Ou talvez não fosse uma dádiva, senão porque estaria Constâncio tão triste? Olhei para o seu rosto, permanentemente avermelhado pela exposição ao sol, para o seu cabelo cor de linho que começava agora a tornar-se prateado e a recuar no cimo da ampla fronte. Mas, para mim, ele continuava a ser o belo rapaz que conhecera em Britânia.

- Mas há um preço - disse ele, em resposta à pergunta que não pude formular. - Ele quer que tanto Galerius como eu nos casemos com mulheres das famílias imperiais.

Senti o sangue abandonar-me as faces e estendi a mão para a pedra, para evitar cair. Constâncio tinha os olhos cravados no horizonte, como se receasse olhar-me. Eu tinha ouvido dizer que, quando uma pessoa fica gravemente ferida, sente primeiro o choque e só mais tarde a dor. Durante essa pausa entre o golpe e a agonia, achei um momento para sentir pena de Constâncio, que tivera de suportar esta ideia durante todo o caminho desde Mediolanum. E compreendi por que razão Croco não fora ver-me. Era um homem cujos pensamentos se liam claramente no rosto. e eu teria lido nos seus olhos a verdade desta desgraça.

- Galério casará com a filha de Diocleciano, Valéria - disse ele inexpressivamente. - E querem que eu me case com a enteada de Maximiano, Teodora.

- Eu nem sabia que ele tinha uma enteada - sussurrei. e depois acrescentei: - Eles querem que tu cases com ela? Quer dizer que ainda não aceitaste?

Ele abanou violentamente a cabeça. - Não sem falar contigo! Nem mesmo o imperador poderia exigir isso de mim. E Maximiano recorda-se de ti com ternura... deu-me este prazo, para que eu

pudesse falar contigo, antes de tudo ser combinado... - Reteve a respiração num soluço. - Jurei dedicar o sangue do meu coração ao serviço de Roma, mas não o meu coração! Não tu! - Voltou-se finalmente para mim e agarrou-me nos ombros com tal força que no dia seguinte encontraria nódoas negras neles.

Encostei a cabeça ao seu peito e, durante um longo momento, ficámos assim, abraçados. Durante mais de vinte anos a minha vida tinha girado em volta daquele homem; por vezes perguntava a mim mesma se não seria por ter desistido de tudo por ele, que não ousava sentir de outra forma. E decerto ele, com tanta coisa para ocupar a sua mente, deveria depender menos de mim. Mas agora apercebia-me de que não era assim, Talvez porque a sua carreira lhe exigira que fosse um homem de carácter e de vontade, todo o seu coração me fora dado.

- Ao fim deste rio fica o mar - murmurou ele, com a boca encostada ao meu cabelo - e do outro lado do mar fica a Britânia. Poderia levar-te para lá, oferecer os meus serviços a Caráusio e o resto do império que fosse para Hades! Pensei nisso, enquanto tentava dormir nas estalagens de posta, a caminho de casa...

- Constâncio - murmurei. - Esta é a oportunidade com que sempre sonhaste. Toda a tua vida te preparaste para ser imperador...

- Contigo ao meu lado, Helena, mas não sozinho!

Os meus braços apertaram-no com força e então, como uma lança que se enterrasse no meu coração, apercebi-me de uma coisa.

- Terás de o fazer, meu querido. Não podes desafiar Diocleciano...
- A minha voz cedeu. - Ele tem Constantino em seu poder. - E, ao dizer isto, o gelo que me servira de armadura estalou subitamente e comecei a chorar nos seus braços.

A noite caía já quando regressámos a casa, com os olhos inchados de chorar, mas, de momento, vazios de lágrimas. Puxei a palla para baixo e desviei o rosto ao dizer à minha serva que nos servisse a refeição no quarto. Drusilla teria percebido imediatamente que algo se passara, mas Hrodling era nova, uma rapariga germana que ainda estava a aprender latim.

Constâncio e eu estendemo-nos sobre o leito, mas a comida ficou intacta. Eu não tinha retirado a paila porque estava gelada até à alma. Se me matasse, pensei aturidamente. As coisas não melhorariam para Constâncio, mas, pelo menos, eu não sofreria. Nada disse, mas Constâncio tinha tido em seu poder a outra metade da minha alma durante tempo de mais para não perceber o que eu estava a sentir, ou talvez fosse a sua própria experiência a dizer-lho.

- Helena, tens que viver - disse em voz baixa. - Em todas as campanhas, quando o perigo me ameaçava, foi saber que estavas segura em casa que me deu coragem para prosseguir. Só poderei cumprir o dever que está a ser imposto se souber que tu continuas viva, algures.

- Não estás a ser leal. Tu vais estar rodeado de pessoas, constantemente distraído pelas responsabilidades. Quem precisará de mim, quando te fores?

- Constantino... - O nome ficou suspenso na escuridão entre ambos, a minha esperança e a minha condenação. Por causa dele deixara o meu lar para seguir Constâncio, e por sua causa teríamos de nos separar agora.

Ficámos deitados em silêncio durante longo tempo, enquanto Constâncio me afagava os cabelos. Eu nunca teria pensado que, com os nossos espíritos tão exaustos, o corpo poderia fazer exigências, mas, ao fim de algum tempo, apesar do meu desespero, o seu calor familiar começou a descontraí-me. Voltei-me nos seus braços e ele afastou-me os cabelos do rosto e, quase hesitante, beijou-me.

Os meus lábios estavam ainda rígidos de desgosto, mas, sob o seu terno beijo, senti-os abrandar, e em breve todo o meu corpo aquecia e se abria. ansiando por, uma última vez, acolher o dele.

De manhã, quando acordei, Constâncio tinha partido. Sobre a mesa, deixara uma carta.

Adorada, Chama-me covarde, se quiseres, mas só assim, quando os teus belos olhos estão fechados pelo sono, consigo deixar-te. Informarei o pessoal da casa da mudança que vai ocorrer na nossa situação, para te poupar à necessidade de lhes explicares o que me parece, até mesmo a mim, um pesadelo.

Estarei no pretório por um curto tempo, mas acho melhor para minha paz e tua, que não voltemos a encontrar-nos. Vou transferir esta casa para teu nome, com todos os escravos. Além disso, os meus banqueiros receberam instruções para continuar a levantar da minha conta tudo aquilo de que precisares, e, caso desejes mudar-te para algum lado, para transferir fundos em teu nome.

Estarei em contacto com o nosso filho, evidentemente, mas espero que também possas escrever-lhe. O seu coração chorará por ti, mesmo que, segundo suponho, a lealdade o force a felicitar-me. Mas, na verdade, ele deveria chorar também por mim.

Espero, se a generosidade do teu coração to permitir que consigas uma forma de me dar a saber para onde fores e se estás bem. Suceda o que suceder acredita que, enquanto o meu coração bater será teu...

A sua assinatura geralmente cuidadosa arrastava-se, como se, no final, a sua resolução tivesse falhado. Deixei cair o pedaço de papiro,

olhando para a cama vazia, o quarto vazio, e a infindável sucessão de dias vazios que teria de aprender a viver sozinha.

Durante a maior parte da semana mal saí da cama, tão deprimida como me havia sentido depois de ter perdido o meu primeiro filho. Não tive mais notícias de Constâncio, embora tivesse chegado uma mensagem mal escrita de Croco, assegurando-me a continuação da sua lealdade. Comia quando Drusilla me forçava a fazê-lo, mas não deixei Hrod Lind pentear-me nem mudar as roupas da cama que me pareciam reter ainda a marca do corpo de Constâncio e o odor da sua pele.

A dedicação silenciosa de Hylas era a única simpatia que conseguia suportar, e penso agora que foi o corpo quente do cão encostado ao meu. e o toque do seu nariz frio quando queria festas, que me impediu de perder completamente o contacto com o mundo exterior. Ele tinha agora o focinho branco e movia-se rigidamente quando o tempo esfriava, mas o seu coração continuava quente. Teria sido fácil, sob o choque da minha perda, retirar-me para a loucura. Mas enquanto uma criatura precisasse de mim. enquanto Hylas ainda me oferecesse o seu amor incondicional, não estaria totalmente só.

Ainda não tinha consciência de qualquer lógica para o meu luto, mas, quando Filipe veio ter comigo, uma tarde, para me dizer que Constâncio tinha partido de Colónia para Mediolanum, para se casar. apercebi-me de que essa era a notícia pela qual esperava. Agora estava verdadeiramente só. Era bastante fácil, afinal, dissolver a nossa união. Não eram precisas negociações para o retorno de um dote, pois tudo o que eu lhe levava eram os meus talentos de sacerdotisa e o meu amor, que não tinham preço; nem sequer a custódia dos filhos, pois o nosso único filho estava sob a custódia do imperador. Em Roma, nunca nos tínhamos casado verdadeiramente, só em Avalon.

A minha mente parecia mover-se mais lentamente, mas, gradualmente, fui permitindo a Hrodhind que me banhasse e me vestisse, e que os servos fossem limpar o quarto. Mas não saía de casa. Como poderia sair quando d alguém que passasse por mim na rua poderia apontar a concubina rejeitada do novo César e rir-se?

- Senhora - disse Drusilla, pousando uma travessa com primícias da Primavera temperadas com um pouco de azeite, bolos de cevada quentes e alguns queijos novos - não podes viver assim. Voltemos para Britânia. Sentir-te-ás melhor em casa!

“Casa é Avalon. ..” pensei, “e não posso ir para lá, onde teria de confessar perante todos que Constâncio me abandonou.” Mas, apesar de as relações com a ilha-império de Caráusio serem tensas, Britânia e Roma não estavam em guerra. Os navios ainda atravessavam o mar Britânico até Londinium. Lá poderia, decerto, uma mulher abastada viver sozinha num respeitável anonimato.

Filipe fez os preparativos para embarcarmos no porto de Ganuenta logo após o primeiro dia de Verão. A minha primeira acção, assim que emergi do meu quarto, foi libertá-lo, a ele e aos outros escravos que Constâncio me deixara. A maior parte daqueles que tínhamos comprado para tratar da casa de Colónia aceitaram a sua alforria com gratidão, mas fiquei surpreendida ao constatar que muitos dos membros mais antigos da minha casa preferiram ficar. Assim foi que Filipe e Drusilla, bem como Hrod lind, cujo pai tinha sido o próprio a vendê-la como escrava, e Décio, o rapaz que tratava do meu jardim, além de duas servas da cozinha, partiriam comigo para Londinium.

No dia anterior ao da partida, segui a estrada até ao antigo templo de Nehalennia. Hrod lind seguiu-me, levando Hylas num cesto, porque ele já não conseguia caminhar tanto, embora ganisse lamentosamente quando ficava separado de mim.

Talvez houvesse mais pedras cobertas com líquenes e as telhas tivessem um brilho mais doce, mas, de resto, o local parecia-me imutável. E a Deusa. quando me postei diante dela no interior do templo, olhou-me com a mesma serenidade. Apenas eu estava diferente.

Onde estava a jovem que fizera as suas oferendas naquele altar, com o sotaque britânico ainda a tornar musical o seu latim, um olhar apreensivo ao enfrentar aquela nova terra? Ao fim de vinte e dois anos, o sotaque desaparecera, eu era muito mais eloquente, e seria Britânia que eu olharia com os olhos de uma estrangeira.

Quanto àquele templo, como poderia esperar que me impressionasse, depois de ter visto os grandes santuários do império? E como poderia a Deusa falar comigo, agora que eu perdera a minha alma?

Mas tinha levado uma grinalda de flores primaveris para depor diante dela e, depois de o ter feito, permaneci de cabeça curvada. E, apesar da minha depressão, a paz daquele lugar começou a penetrar na minha alma.

O templo estava tranquilo, mas não totalmente silencioso. Algures, nos beirais dos telhados, as aves faziam os seus ninhos, e os seus chilreios e trinados reduziam-se a um doce murmúrio que acabei por identificar com o som da Primavera. E, subitamente, não necessitei de descer até às águas porque o som delas me cercou, numa esmagadora sensação de Presença que me disse que a Deusa penetrara no seu templo e eu estava em terreno sagrado.

- Onde estiveste? - murmurei, com as lágrimas a brotar por baixo das pálpebras fechadas. - Porque me abandonaste?

E, ao fim de algum tempo de espera, senti uma resposta. A Deusa estava pronta, como sempre estivera, nas águas que corriam e nos caminhos do mundo, para atender aqueles que sabiam escutar com as suas almas. Hylas tinha espreitado pelo rebordo do cesto e olhava para um local perto da estátua com aquele olhar que geralmente me reservava quando do meu regresso a casa, depois de um passeio. Achei que o local estava mesmo por cima da Primavera oculta.

Voltei-me, erguendo as mãos numa saudação. - Elen dos Caminhos, escuta o meu voto. Já não sou uma esposa, e fui expulsa

de Avalon, mas serei a Tua sacerdotisa se me mostrares o que desejas que eu faça...

Fechei os olhos, e talvez o Sol, que descia no céu, tivesse escolhido aquele momento para brilhar através das altas janelas, ou talvez uma das servidoras do templo tivesse trazido uma luz para o recinto. mas, subitamente, vi um clarão. E, apesar de ter os olhos ainda fechados, esse clarão brilhou nas trevas que tinham engolfado o meu espírito quando Constâncio me deixara, e percebi que iria sobreviver.

Londinium era a maior das cidades de Britânia, ainda maior do que Sirmium e Tréveris, se não tão grande como Roma. Comprei uma casa confortável na zona nordeste da cidade, junto da estrada principal que levava a Camulodunum. Tinha pertencido a um comerciante de seda antes de o seu negócio ter sido interrompido pelas guerras de Caráusio. e, naquela área da cidade, ainda havia bastante terreno livre para hortas e pastagens, de modo que era quase como viver no campo.

Instalei-me na vida sossegada que competia à viúva que a maior parte dos meus vizinhos pensava que eu fosse. Não me dei ao trabalho de os corrigir, mas fazia um circuito regular até aos banhos, ao teatro e aos mercados. E, pouco a pouco, o meu torvelinho

interior acalmou. Como um legionário que tivesse perdido um membro numa batalha, aprendi a compensar a falta, e mesmo, por vezes, a apreciar as coisas que tinha - sem me recordar imediatamente daquelas que nunca mais teria.

De vez em quando, chegavam-nos notícias de Roma. Constâncio tinha recebido Flavia Maximiana Teodora em casamento no idos de Maio, um mês que se dizia ser infeliz para os casamentos. Eu não podia deixar de ter esperanças de que, neste caso, a tradição se revelasse verdadeira. Mas, se Constâncio ainda chorava por mim, isso não o impediu de cumprir os seus deveres conjugais, porque, no final do ano, ouvimos dizer que Teodora lhe dera um filho, a que chamaram Dalmácio.

Teodora não só era mais nova do que eu, como parecia ser do tipo de identidade mulheres que engravidam mal o marido pendura o cinturão na coluna da cama, porque, depois de Dalmácio, nasceram, em rápida sucessão, outro filho, Júlio Constâncio, e duas filhas, Constância e Anastácia. Nunca cheguei a ver Teodora, por isso não sei se era bela, como os panegiristas tinham de afirmar.

Eu estava agora afastada dos mexericos do exército, mas não podia deixar de escutar as conversas no mercado, e a situação política estava a degenerar. Depois de engravidar Teodora,

Constâncio tinha regressado ao exército e usado a sua nova autoridade como César para organizar um ataque a Gesoriacum, o porto no qual Caráusio mantinha um pé no Norte da sua Gália. A fortaleza naval era inexpugnável, mas, construindo um molhe através da entrada do porto, Constâncio cortou-lhe o apoio marítimo e, pouco depois de meados do Verão, a guarnição rendeu-se.

O seu passo seguinte foi um ataque aos Francos, que eram os aliados de Caráusio na foz do Rbenus. O comércio já estava a sofrer com isso e agora, pela primeira vez, as pessoas começavam a murmurar contra o seu automeado imperador. Dizia-se que a sua esposa Teleri, a tal que tinha e sido iniciada em Avalon, regressara para junto do seu pai, o príncipe de Durnovaria. Teria ela amado o seu esposo romano, pensei, ou teria sido o casamento um acordo político de que se libertara com satisfação? E, se assim fosse, teria a aliança sido feita pelo príncipe de Durnovaria ou pela suma sacerdotisa de Avalon? Teleri deveria ser a única mulher na Britânia capaz de me compreender. Teria gostado de conversar com ela.

E então, pouco antes do festival que dá início à colheita, surgiram homens a gritar nas ruas a notícia de que Caráusio morrera, e o seu ministro das Finanças, Alecto, reclamara o trono, recompensando ricamente os auxiliares francos do seu antigo chefe para que apoiassem a sua reivindicação. Quando foi anunciado que ele se casaria com Teleri, abanei a cabeça. Alecto poderia autoproclamar-se imperador, mas pretendia nitidamente vir a ser rei à maneira antiga, casando-se com a rainha, e, através dela, com o país.

Misturei-me com as multidões que os viram tomar o caminho do festim nupcial. Alecto acenava com a mão numa aleoria febril, apesar de haver certa tensão na forma como apertava as rédeas. Quando a carruagem em que seguiam Teleri e o seu pai passou por mim, captei um relance de um rosto branco por baixo de uma nuvem de cabelos escuros, e achei que ela parecia encaminhar-se para a execução, não para o leito nupcial.

Por certo, pensei, Constâncio poria em breve fim às pretensões de Alecto. Mas passou-se um ano, depois outro, sem um repto de Roma. Alecto fez circular uma emissão de moedas cunhadas à pressa e depois baixou os impostos. Eu poderia ter-lhe dito que essa popularidade a curto prazo seria um mau negócio para as reparações e as fortificações quando os Pictos atacassem ou Roma decidisse reivindicar a sua província tresmalhada.

Mas eu tivera o cuidado de fazer com que ninguém conhecesse a minha identidade. Constantino escrevia-me regularmente, cartas cheias de uma robusta animação, mas poucas opiniões pessoais, como se suspeitasse de que alguém, na casa do imperador, andasse a ler a sua correspondência. Eu duvidava de que alguém lesse a minha. Não era invulgar ter um filho em serviço no estrangeiro,

afinal. Não era a minha ligação com Constantino que constituía um perigo.

Não tinha tido notícias de Constâncio desde que ele me deixara, mas, por vezes, via-o nos meus sonhos e não me parecia que ele me tivesse esquecido. Eu teria sido uma refém preciosa, se Alecto soubesse que estava a viver na sua capital.

No terceiro ano desde que chegara a Britânia, no princípio do Outono, tive uma série de sonhos. No primeiro deles, vi um dragão que emergia das ondas e se enroscava ao longo dos rochedos brancos de Dubris, guardando a costa. Apareceu uma raposa e pôs-se a adúlá-lo, até o dragão deixar de lhe prestar atenção, e então a raposa deu um salto e cravou os dentes na garganta do dragão, fazendo morrer a enorme fera. E então a raposa cresceu e envolveu-se num manto de púrpura, com uma coroa de ouro, e começou a viajar num carro dourado pelo país.

Este sonho não era difícil de interpretar, embora não percebesse por que razão os deuses me tinham enviado uma visão de algo que já se passara. No entanto, pensei que talvez se aproximasse alguma mudança, e mandei Filipe ao fórum para saber as notícias.

O sonho seguinte surgiu com mais premência. Vi que atravessavam o mar dois bandos de águias. O primeiro bando foi repellido pelo vento, mas o segundo serviu-se das brumas e das nuvens para ocultar a sua aproximação e pousou. Ergueu-se então um bando de corvos para o combater, e vi que estavam a proteger a raposa, mas as águas dominaram-nos e mataram a raposa, e os corvos retiraram-se, a guinchar, para Londinium. Então reapareceu o primeiro bando de águias, descendo dos céus mesmo a tempo de derrotar os corvos de uma vez por todas. E, quando terminaram, apareceu um leão entre elas, e o povo da cidade aclamou-o, com grande regozijo.

Quando acordei, uma tempestade fustigava os telhados. Mau tempo para os marinheiros, pensei, sonolenta, e, de repente, sentei-me na cama, com a súbita convicção de que Constâncio estava no mar, sujeito ao vendaval. Mas estaria seguro, se o meu sonho não mentisse. Era Londinium que corria perigo. se as tropas francas, que eu vira na forma de corvos, fossem derrotadas e, como retaliação, atacassem a cidade.

Disse a Drusilla que armazenasse comida suficiente para nos dar para vários dias. Ao pôr do Sol, soubemos que o exército romano vinha finalmente a caminho. Uns diziam que as legiões atacariam

Portus Adurni, onde a frota de Alecto os esperava, enquanto outros achavam que elas viriam a Rutupiae, marchando sobre Londinium. Mas, se o meu sonho era verdadeiro, Constâncio dividira as suas forças e atacaria em ambos os lugares. Nessa noite dormi mal, à espera do que a manhã traria.

Durante todo o dia seguinte, a cidade foi percorrida por informações e boatos. A tempestade tinha repellido os Romanos, diziam alguns, enquanto outros falavam de um avanço para norte de Clausentum e de batalhas perto de Calleva. A escuridão já tinha caído quando Filipe voltou do fórum para nos dizer que chegara um cavaleiro com a notícia de que Alecto morrera e que os seus bárbaros francos, que tinham morrido, na sua maior parte, estavam a retirar para Londinium, jurando fazer a cidade pagar pelas suas baixas.

Filipe era da opinião de que devíamos fugir, tendo assistido ao saque de uma cidade quando era criança, mas, até então, tudo o que eu sonhara saía certo, e tinha fé em que Constâncio chegaria a tempo. Ainda não decidira o que faria, quando ele chegasse. Conseguiria resistir à tentação de voltar a vê-lo uma vez mais, e, se o fizesse. o que seria da minha serenidade tão dificilmente conquistada? Fui para a cama nessa noite como habitualmente, em parte para tranquilizar os meus, e, com alguma surpresa, voltei a sonhar.

A raposa jazia morta no campo de batalha. Ao seu lado ergueu-se um cisne negro que começou a voar desesperadamente pelo céu tempestuoso, perseguido pelas águias e pelos corvos. Quando finalmente pousou junto do palácio do governador, foi o leão que o ameaçou. Mas, de uma rua lateral surgiu um cão cinzento, que deteve o leão até o cisne ganhar forças para fugir.

Quando acordei, a primeira luz da manhã filtrava-se através dos cortinados do leito. Ouvi gritos no exterior, mas alguém teria vindo acordar-me se houvesse perigo imediato. Permaneci deitada, revendo os pormenores do meu sonho, até ter a certeza de que não o esqueceria.

Quando finalmente me levantei, fui encontrar o pessoal reunido na cozinha.

- Oh, Senhora - exclamou Drusilla - houve uma batalha às portas da cidade. Ascleplódoto, o prefeito pretoriano, derrotou Alecto em Calleva. e agora a frota do Senhor chegou de Tanatus para nos salvar dos bárbaros francos!

“Ele está aqui. ..” pensei, “ou em breve estará.” Senti que o meu coração se acelerava e que começava a desmoronar-se a muralha que me protegera das minhas recordações. Se nos encontrássemos, ainda me acharia bela? Eu 'à passava dos quarenta anos, agora o meu corpo tornara-se mais maciço, com o tempo, e já havia prata nos meus cabelos.

- Diz-se que esta tarde a legião dele entrará na cidade - disse Filipe. - A guarnição que Alecto aqui deixou já fugiu, e os seus ministros, funcionários e servidores estão a arrumar os seus pertences e a preparar-se para partir antes que Constâncio chegue. - Riu-se.

Mas no meu sonho, pensei então, o cisne não tinha conseguido fugir. Terminei as minhas papas de aveia e afastei a tigela.

- Filipe, quero a carruagem pronta daqui a uma hora, contigo e Decius para caminharem ao seu lado. Trazei os vossos bastões para desencorajar qualquer ataque da multidão.

O rosto dele revelou espanto, mas já tinha aprendido que as ordens dadas com aquele tom de voz não admitiam discussão. Um pouco antes do meio-dia estávamos a sair pelo portão para a estrada. O carro era mais adequado para transporte pelos campos, mas a parte de cima tinha cortinados de couro que podiam ser corridos. Pelo espaço entre eles, podia ver que as ruas estavam cheias de pessoas em festa. Algumas construíam um arco de ramos de árvores na rua principal que levava ao fórum e adornavam-no com flores.

Passei nervosamente os dedos pela minha túnica. Comprara-a muitos anos atrás, porque era quase do azul de Avalon e, pelo mesmo motivo, raramente a usava. A minha fina palla de lã, de um azul mais escuro, deixava o meu rosto na sombra, como um véu. Filipe não ousara interrogar-me. Se voltássemos para casa de mãos vazias, pensaria que eu estava louca, embora ainda pudesse duvidar mais da minha sanidade se nos saíssemos bem.

Ninguém guardava os portões do palácio. Indiquei ao meu cocheiro uma porta lateral de que me recordava, da única vez em que fora visitar a Britânia na companhia de Constâncio, descí da carruagem e entrei. Os corredores mostravam sinais de uma partida apressada. Dirigi-me rapidamente aos quartos que eram

normalmente destinados ao governador, de que, segundo suspeitavam. Alecto se apoderara.

E aí, sentada, sozinha sobre o enorme leito, semivestida, olhando em frente, encontrei o meu cisne-fêmea negro.

Como eu esperava, era muito bonita, com uma pele branca e cabelos negros encaracolados que lhe caíam sobre os ombros. E não tão jovem como me parecera a primeira vista, pois viam-se rugas de amargura aos cantos dos seus lábios cheios. e tinha sombras por baixo dos olhos escuros.

- Teleri...

Levou algum tempo a mover-se, como se o seu espírito andasse perdido. Mas o seu olhar vago focou-se, ao ver a túnica azul.

- Quem és tu?

- Uma amiga... Tens de vir comigo, Teleri. Reúne tudo aquilo que quiseres levar contigo.

- As servas levaram as minhas joias - murmurou ela - mas não eram minhas, eram dele. Eu nada tenho... nada sou, sozinha.

- Então vem como estás, mas depressa. O César não te fará mal, mas não me parece que queiras ser um troféu da sua vitória.

- Porque hei-de confiar em ti? Todos me traíram, incluindo Avalon.

Fiquei satisfeita ao ver que ela conservava algum sentido de autopreservação, mas não era altura de hesitar. À distância, ouvia-se

um som semelhante ao da rebentação na praia e sabia que era o povo de Londinium a aclamar. Deixei cair a palla para que ela pudesse ver o crescente semiapagado na minha frente.

- Porque também eu fui em tempos uma sacerdotisa. Em nome da Grande Mãe de todas nós, rogo-te que venhas comigo.

Ficámos a olhar-nos durante um longo momento. Não sei o que ela leu nos meus olhos, mas quando lhe estendi a mão e me voltei para partir, Teleri pegou numa das cobertas para lhe servir de manto e seguiu-me.

Foi mesmo a tempo. A minha carruagem gemeu ao passar o portão e voltar para a estrada lateral, afastando-se do forum, quando ouvi o toque das trombetas militares e o batimento rítmico das sandálias cardadas. As minhas mãos apertaram o assento de madeira, até as articulações ficarem brancas. O povo gritava... as palavras iam-se tornando mais claras à medida que avançávamos:

- Redditor Lucis, Redditor Lucis!

Restaurador da Luz...

Os meus olhos fechados não conseguiam afastar o clarão que se abria na minha consciência. Constâncio chegara, a sua presença irradiava na minha alma. Teria ele sentido que eu estava perto, ou as responsabilidades do seu cargo e o tumulto à sua volta constituiriam uma distracção suficiente?

Enquanto o povo de Londinium aclamava o seu salvador, as minhas faces humedeciam-se de lágrimas silenciosas.

CAPÍTULO TREZE

296-305 d. C.

Durante as semanas que Constâncio passou na Britânia, mantive-me fiel ao meu voto, e não fiz qualquer tentativa para o ver, mas a minha autodisciplina fez-se pagar. Os meus períodos menstruais, que nunca tinham sido regulares, haviam quase cessado, e agora vinha juntar-se ao meu sofrimento uma série de outros sintomas, desde palpitações até ondas de calor que me deixavam encharcada, como se até o meu corpo chorasse.

Entretanto, a cidade rejubilava perante a notícia de que Teodora dera mais um filho a Constâncio. Eu sabia que ele tinha ficado arrasado com a nossa separação, mas, naquela altura, já devia estar a apreciar as vantagens de uma mulher que era imperial, jovem e fértil. A prudência, que me conservara longe da sua vista, cedeu lugar ao desespero.

Os conselhos de sabedoria que tencionava dar a Teleri ficaram por proferir. Por sua causa, tinha perdido a oportunidade de o ver sequer de relance, embora na altura eu tivesse achado isso muito insensato. Constantino escreveu a dizer-me que ia para o Egipto com Diocleciano para combater alguém chamado Domício, que se tinha

revoltado por lá, pelo que, aos meus outros problemas, juntava-se agora a ansiedade pela sua segurança.

E então Constâncio partiu de Britânia, e conheci o verdadeiro significado do desespero. Deitada no meu quarto, com os cortinados corridos, recusei-me a levantar-me e a vestir-me, e nem as receitas mais delicadas de Drusilla, nem as súplicas de Hrodlind conseguiam fazer-me comer. Permaneci assim durante quase uma semana, não aceitando mais companhia que a de Hylas, agora tão velho que passava os seus dias a dormir junto da braseira, embora, quando eu estava em casa, ainda insistisse em seguir-me de sala em sala. Alegrava-me a minha crescente fraqueza, porque, apesar de ter prometido a Constâncio que não me mataria, aquele suave deslizar para o esquecimento parecia-me uma forma bem-vinda de pôr fim ao meu sofrimento.

À medida que a fraqueza ia soltando as grilhetas da minha mente, surgiu uma visão.

Pareceu-me que vagueava numa paisagem nebulosa como as margens de Avalon. Tinha ido ao encontro da Deusa, para conhecer o passo seguinte da minha passagem pela vida, para ultrapassar a Mãe e conhecer a Velha. Anteriormente, nunca conseguira ver para

além da Mãe, que devia ser o rosto central da Deusa, sendo as duas aos seus lados, a Ninfa e a Velha, apenas as Suas servidoras.

Mas aquilo por que eu estava a passar era o parto supremo, a prova máxima de força e de coragem. Agora, ao contemplar a minha própria transição do estado da maternidade, era forçada a ver a tragédia mundial das mães. Até mesmo Jesus, segundo os cristãos, tinha uma mãe. e vi-o repetidas vezes apoiado no seu braço, e, quando a vida o abandonou e o derrotou, chamou por ela. Comentei: - É mesmo de um homem; morreu corajosamente e deixou atrás de si as mulheres para recuperarem a sua obra. - O receio pela vida do meu filho invadiu-me e exclamei, amargamente: - A Mãe terá de permitir que os seus filhos sejam crucificados?

Perguntei o que viria depois. Uma vez e outra, recebi apenas a sensação de ser uma figura de proa, abrindo caminho pela água em direcção ao desconhecido.

Pareceu-me então compreender a tragédia central da mulher. Tinha perdido a minha própria mãe antes de poder sequer conhecê-la, e ficara sozinha, perdida, desesperada, chorando por consolo. Era uma situação em que nós, as mulheres, continuávamos a encontrar-nos durante toda a vida. Éramos forçadas a incutir força aos homens, a dar à luz e a alimentar os nossos filhos. Quem me via de

fora achava-me forte, mas eu era uma criança a chorar por consolo no escuro, e a minha mãe partira e nunca mais poderia consolar-me.

E depois, o retorcer da faca na ferida. Antes que eu tivesse idade para tomar conta de mim mesma, antes de ter tido tempo de saber quem era. haviam colocado uma pequena mão na minha, e a Voz dissera: "Toma. Esta é a tua priminha. Cuida dela." E essa era a confrontação com a Vida. a primeira consciência de que talvez devêssemos gritar "Não" e espancar aquela pequena forma até jazer morta e fria e sem exigências, e fugir livre, sem amarras, a gritar: "Mãe. espera, sou eu." Ou então far-se-ia a outra escolha, a de ser privada da Mãe, de se tornar mãe, e levantar a criança quando cai, enxugar as suas lágrimas, embalá-la para adormecer. ficar abraçada a ela no escuro porque ela precisa tanto de consolo como a sua pseudomãe, mas esta é mais forte, por isso cabe-lhe dá-lo...

E isso, apercebi-me de tal enquanto a imagem brilhante se desvanecia na bruma, tinha sido o que eu fizera por Becca e Dierna, e mais tarde por uma série de servas e mulheres de soldados e jovens oficiais sob o comando do meu marido. E por Teleri, apesar de finalmente ter falhado em relação a ela.

Apercebi-me então de que havia alguém comigo no quarto. Tinha dado ordens estritas para que não me incomodassem, mas naquele

momento estava fraca de mais até para me zangar. Abri os olhos.

Teleri estava sentada ao lado da minha cama, um pouco descaída na cadeira, como se já ali tivera permanecido durante algum tempo. Tinha no colo uma tigela de papas de aveia. Ainda fumegava, e o odor trouxe-me recordações do palácio das sacerdotisas numa manhã gelada, quando todas nos tínhamos reunido para a nossa refeição do dia em volta da fogueira central. Tinha sido aquele odor, apercebi-me então, que me fizera regressar da minha visão, a fragrância das papas de aveia com mel e maçãs secas, como eram preparadas em Avalon.

- As tuas servas não ousaram incomodar-te - disse ela suavemente - mas eu não vou acrescentar aos pecados que já cometi o de te deixar morrer quando posso fazer alguma coisa por ti.

Procurei de novo a sombria segurança do desespero, mas o meu estômago começou a protestar. Aparentemente, o meu corpo decidira viver, e não valia a pena discutir com ele. Com um suspiro, estendi a mão para a tigela.

- Quando estiveres bem - disse Teleri - deixar-te-ei. Vou voltar para Avalon. Nunca deveria ter saído de lá e, se Dier-na me expulsar, vaguearei até que a morte me leve nas Brumas entre os mundos.

Isso era o que eu tinha andado a fazer, pensei sombriamente, e sem me dar ao trabalho de viajar até ao País do Verão, mas pareceu-me que tinha perdido o direito de criticar.

- Vem comigo. Helena. Não conheço a tua história, mas és sem dúvida uma sacerdotisa de Avalon.

Engoli algumas colheres de papas, pensando no assunto. Teria sido já esquecida? Ganeda poderia ter ficado raivosa ao ponto de apagar o meu nome da lista das sacerdotisas. Mas talvez a explicação fosse mais simples.

- Quando vivia na Ilha Sagrada chamava-me Eilan - disse lentamente e vi os seus olhos abrirem-se.

- Tu és aquela que fugiu com um oficial romano! Nunca, desde os tempos da primeira Eilan que foi summa sacerdotisa em Vernemeton, houve um escândalo semelhante. Mas Dierna disse que tu foste boa para ela quando era pequena, e dizia sempre bem de ti. O teu romano morreu, então? Os teus servos não falam dele.

- Não está morto, excepto para mim - disse eu, com os lábios rígidos. - É Constâncio Cloro, pai do meu filho Constantino.

Os olhos de Teleri encheram-se de lágrimas. - Eu fui casada com Caráusio, que era um bom homem embora eu nunca conseguisse amá-lo, e com Alecto, que amei, apesar de ele não ser bom nem para a Britânia nem para mim.

- Foi a vontade de Dierna? - Afinal, parecia que Ganeda tinha preparado bem a sua neta.

- Ela queria unir o Defensor da Britânia a Avalon.

Acenei afirmativamente com a cabeça, compreendendo que essa era a mesma esperança que inicialmente me enviara em busca de Constâncio.

- Dierna é uma grande sacerdotisa, por muito mal que as coisas corresse para mim - disse Teleri seriamente. - Tenho a certeza de que ela te acolheria...

"E depois tentaria servir-se de mim, tudo para bem de Avalon", pensei amargamente. Em tempos, eu poderia ter tido tanto direito a ser Senhora da Ilha Sagrada como ela, mas tinha estado afastada durante tempo demasiado, e, apesar de Constâncio me ter abandonado, o seu filho, cuja última carta se encontrava sobre a mesa ao lado do meu leito, tinha mais necessidade dos meus conselhos do que as sacerdotisas de Avalon.

- A Dierna, mas apenas a ela, poderás dizer que estou ainda viva, e que lhe mando todo o meu amor. Mas penso que a Deusa ainda poderá ter tarefas para mim no mundo.

Uma semana depois, quando descí para tomar o pequeno-almoço, disseram-me que Teleri tinha partido. Tinha o que restava do dinheiro que lhe dera para comprar roupas, e tudo o que podia fazer por ela agora era pedir a bênção da Senhora para a sua viagem.

A Primavera chegara a Londinium. O Tamesis corria forte com a chuva que caía, e novas folhas brotavam de cada ramo, acolhendo as aves que regressavam. A vida voltava aos meus membros, e subitamente senti vontade de estar ao ar livre, de caminhar pelos pastos e junto da corrente que dividia a cidade. Noutras alturas ia até ao fórum e aos banhos, ou ainda mais longe, ao templo de Ísis que havia sido construído perto da porta ocidental da cidade. A cada dia ficava mais forte e menos disposta a permanecer em casa a alimentar o meu desgosto. Sentia a falta de patinhas junto dos meus calcanhares, pois, assim que comecei a recuperar, Hylas tinha morrido, como se sentisse que o seu dever estava cumprido. Tinha tido uma longa vida para um cão, mas não conseguia pensar em arranjar outro.

Havia uma oficina de canteiro entre o Isaeum e o templo de Diana, e concebi a ideia de lhe encomendar um relevo das matronae, o trio de mães ancestrais que eram veneradas em todo o império. Mas tinha-me ocorrido que a minha escultura seria diferente. por isso, além das três figuras habituais, duas delas com cestos de fruta e uma com uma criança, pedi ao escultor que criasse uma quarta Mãe, esta com um cão no regaço.

Talvez as Mães ficassem gratas, porque, dentro de uma lua, conheci três pessoas que iriam provocar uma grande alteração na minha vida durante os restantes anos que passei em Londinium.

Encontrei a primeira logo que terminei as negociações com o escultor. Tinha ido procurar uma casa de comida onde pudesse comer um pouco de pão com enchidos antes de voltar para casa. Mas, ao voltar a esquina, quase tropecei em qualquer coisa peluda. e. olhando para baixo, dei comigo rodeada de gatos. Se era um presságio, não o entendi. Devia haver duas dúzias deles, de todos os feitios e cores, aguardando impacientemente diante de um edifício bastante instável que tinha sido acrescentado nas traseiras do templo de Ísis.

Ouvi uma série de palavras numa língua estrangeira, voltei-me e vi uma mulher pequena e arredondada, vestindo várias túnicas e

uma palla com cores muito contrastantes, e apoiada numa bengala. Os seus cabelos escuros estavam em parte cobertos com entrançados cor de púrpura e trazia no braço um cesto com um intenso cheiro a peixe.

Ergueu o olhar e viu-me. - Oh, peço desculpa - disse em latim. Eles são muito insistentes, estes gatinhos esfomeados, mas, sabe, sou a única pessoa que lhes dá de comer.

Quando abriu o cesto e começou a extrair cabeças de peixe, reparei que os seus olhos escuros tinham sido alongados com kohl e a sua pele tinha um tom quente que nunca seria obra do sol britânico. Trazia pendurado ao pescoço um pendente em forma de gato ao estilo egípcio.

- És sacerdotisa? - perguntei.

- Sou Katlya, e sirvo a Senhora Bast. - Ia levar uma mão à testa em sinal de respeito, apercebeu-se de que tinha um bocado de peixe

na mão, riu-se e atirou-o a um grande gato cor de laranja que esperava a um lado.

- Olhando para oriente, vemos Bast, a Rainha-Gata - entoou ela suavemente. - No oriente procuramos a alma de Ísis, portadora da Luz, mãe da Lua, gentil protectora. Ao santuário de Per-Bast dirigimos as nossas preces... Mas eu sou a única em Londinium a fazê-lo - acrescentou, abanando a cabeça. - No Egipto, toda a gente sabe que o gato é consagrado à Deusa. mas os mercadores trazem gatos para Britânia e abandonam-nos, e ninguém parece preocupar-se com isso. Apenas os sacerdotes de Ísis me deixam ficar aqui porque sabem que Bast e Ísis são irmãs. Faço o que posso.

- A minha deusa favorece os cães - disse-lhe eu - mas suponho que Bast também é irmã dela. Aceitas uma oferenda?

- Em nome da minha Senhora - respondeu ela, e, do meio das suas roupas pescou uma bolsa de rede, que cheirava um pouco menos a peixe que o cesto, na qual pude deitar algumas moedas. - Alimento os meus pequeninos e faço canções. Vem ter comigo quando estiveres triste, nobre Senhora. que eu animo-te.

- É muito provável que aproveite o teu convite - respondi, sem conseguir deixar de rir. E, depois disso, enquanto vivi em Londinium, fui visitar Katiya mais ou menos todas as semanas e fazer-lhe uma oferenda. Mas para manter equilibrados os pratos da balança, no entanto, fazia um donativo ao templo de Diana, que ama os cães, para que tomasse conta dos cães perdidos da cidade. De vez em quando, levava um desses animais comigo, mas, embora gostasse de ouvir o ruído das suas patas pela casa, com nenhum deles consegui ter os laços que criara com Hylas e Eldri.

O segundo encontro ocorreu num dia em que reparei no nome "Coríntio" numa tabuleta por cima de uma porta e parei, recordando o velho grego que tinha sido meu preceptor quando eu era criança. Do interior da casa vinha o som de vozes jovens declinando verbos gregos. Coríntio tinha-me dito que tencionava abrir uma escola. Pedi a Filipe, junto a mim, que batesse e se informasse, e daí a pouco estava eu a beber vinho com um jovem que me disse ser filho do meu antigo preceptor, que se tinha casado ao chegar a Londinium e gerado aquele filho para um dia herdar a sua escola.

- Oh, sim, minha senhora, o meu pai falava de ti muitas vezes - disse Coríntio, o Jovem, mostrando os dentes tortos ao sorrir. - Dizia que eras mais inteligente do que qualquer rapaz seu discípulo, especialmente quando eu não aprendia bem as minhas lições.

Não pude deixar de sorrir. - Ele era um bom professor. Gostaria de ter estudado mais tempo com ele, mas já tive sorte em o meu pai achar que uma rapariga devia ter alguma educação. - Não lhe disse que os meus estudos com o velho grego tinham sido seguidos por uma educação muito mais alargada em Avalon.

- Oh, é bem verdade - disse Coríntio, acenando afirmativamente com a cabeça. - Tenho tanta pena, às vezes, quando vejo os meus alunos com as suas irmãs, por não poder ensinar as raparigas também. Penso que alguns dos pais até gostariam, mas não lhes agrada enviar as filhas a um professor do sexo masculino, e, evidentemente, não há tantas mulheres cultas aqui como em Roma ou Alexandria... - Serviu mais vinho.

- Sabe uma coisa - disse eu, a certa altura - sempre desejei ter tido uma filha a quem pudesse transmitir alguns dos meus conhecimentos. Talvez pudesse sugerir às mães de alguns desses rapazes que têm irmãs que me fizessem uma visita. O meu marido deixou-me bastante com que viver, mas sinto-me um pouco solitária e gostaria de ter um... círculo... de amigas.

- Serás como Safo nos prados de Lesbos - exclamou Coríntio amada pelos deuses!

- Talvez não como Safo - respondi, sorrindo, porque quando vivia em Drepanum tinha lido alguns dos seus poemas que o meu professor nunca me mostrou. - Mas diz às mulheres e logo veremos.

Coríntio cumpriu a sua palavra, e quando o baixo-relevo das matronae acabou de ser esculpido e foi instalado num santuário, já um grupo de mães e filhas vinham a minha casa nas luas novas e cheias, e se aquilo que eu lhes ensinava devia mais a Avalon do que a Atenas, isso só a nós interessava. Mas nem a estas, as primeiras irmãs em espírito que tinha desde que deixara a Ilha Sagrada, confiei de quem tinha sido mulher.

O terceiro encontro ocorreu nos banhos, onde havia a certeza de encontrar toda a gente da cidade, durante as horas reservadas às mulheres. Através das nuvens de vapor ascendente, todas as pessoas parecem misteriosas, mas pareceu-me reconhecer a voz que se queixava tão alto do preço do trigo, assim como o rosto escuro e ossudo.

- Vitélia, és tu? - perguntei, quando ela se calou finalmente para recuperar o fôlego. Através do vapor, pude ver que o peixe dourado continuava suspenso de um fio ao seu pescoço.

- Pelas bênçãos do céu, é Helena! Quando soube... do casamento... pensei...

- Silêncio! - ergui uma mão. - Eu não falo disso aqui. Herdei bastante dinheiro, e as pessoas pensam que sou uma viúva rica com um filho a servir no estrangeiro.

- Muito bem, então, sejamos viúvas juntas! Vem, vamos comer qualquer coisa, e contar-me-ás o que sucedeu desde que o teu filho nasceu!

Enxugámo-nos, vestimo-nos e saímos pelo pórtico de mármore. Quando passámos pela estátua de Vénus, observei que Vitélia a olhava nervosamente, mas nada havia ali que justificasse o ar enojado com que ela se apressou a sair daquele local, apenas uma grinalda de flores que alguém colocara sobre o pedestal.

- Estou certa de que as pessoas não fariam "aquilo", se soubessem como é difícil para nós - murmurou, enquanto saíamos para a rua. - Eu sei que tu não pertences à verdadeira fé, mas nos tempos em que os nossos maridos serviam juntos, todos os oficiais prestavam culto ao Deus Supremo, por isso talvez possas compreender. É-nos proibida a idolatria, mas estamos rodeados por imagens de ídolos e sacrifícios.

Apontou a rua e eu vi, como vira centenas de vezes sem prestar grande atenção, que estávamos rodeadas por deuses. Uma imagem de Neptuno erguia-se de uma fonte, ninfas e faunos sorriam dos ornatos das casas. e os cruzamentos de ruas eram assinalados por um santuário a qualquer espírito local que tinha recentemente recebido um prato de comida e um ramo de flores como oferenda. Recordo-me de ter ficado impressionada com toda aquela exibição quando viera de Avalon, onde eu sabia que toda a terra era sagrada, mas não via motivo para salientar o facto com todas aquelas decorações, mas, ao fim de mais de vinte anos, tinha-me habituado àquilo.

- Mas ninguém te pede que as veneres - disse eu lentamente porque já se tinham passado anos desde que algum imperador tentara forçar as pessoas a fazê-lo.

- O simples facto de lhes tocar, de as ver. conspurca-nos - disse Vitélia, suspirando. - Só na igreja que construímos nos bosques fora das muralhas podemos sentir-nos verdadeiramente livres.

Ergui uma sobrancelha. Tinha passeado pela estrada do norte, no Beltane, quando até mesmo os campos de Londinium me pareciam muito confinados.

Julgava recordar-me do edifício, uma modesta estrutura de adobe e canas com uma cruz simples por cima da porta. Mas o bosque que a cercava palpitava com o poder dos espíritos soltos desse dia, e as marcas de relva espezinhada e achatada indicavam os locais onde os casais jovens, na véspera, tinham venerado o Senhor e a Senhora à sua maneira. Como podiam os cristãos imaginar que conseguiam evitar os deuses antigos. deslocando-se para o exterior da cidade?

No entanto, não me competia abrir-lhes os olhos para aquilo que eles manifestamente não desejavam ver. Vitélia estava ainda a falar:

- E um dos nossos membros mais antigos doou um edifício perto dos portos, que transformámos num albergue para os pobres. O nosso Senhor ordenou-nos que cuidássemos das viúvas e dos órfãos, e assim fazemos, sem lhes perguntar qual a sua fé, desde que não mencionem os nomes dos demónios dentro das nossas paredes.

- Parece-me uma boa acção - disse eu. Era, sem dúvida, mais do que os magistrados faziam.

- Estamos sempre a precisar de ajudantes, para tratar os seus males e ser-vir alimentos - disse Vitélia. - Recordo-me de ouvir dizer que conhecias tratamentos com ervas, quando estávamos na Dalmácia.

Contive um sorriso. Ensinar era uma bênção, mas não preenchia completamente os meus dias. Talvez fosse interessante, pensei, trabalhar algum tempo com aqueles cristãos.

E foi, realmente, pois, durante os sete anos seguintes. A minha vida tornou-se simultaneamente rica e cheia, mais útil, suponho, do que fora quando as minhas únicas responsabilidades eram tratar da casa de Constâncio e partilhar o seu leito.

Foi no final de Fevereiro do terceiro ano do novo século que chegaram as notícias que iriam mudar tudo. Eu ia a caminho de casa, depois da minha visita semanal à sacerdotisa de Bast, quando ouvi um tumulto na praça do mercado. Quando voltei nessa direcção.. Filipe, que nesse dia me acompanhara, deteve-me.

- Se houver uma desordem, Senhora, talvez não consiga proteger-te. Fica aqui... - Fez um esgar ao constatar que nos encontrávamos em frente do Mithraeum. - Aqui estarás a salvo, e eu vou ver que agitação é aquela' Sorri um pouco, ao vê-lo descer a

rua, recordando o rapaz magrizona que ele tinha sido quando chegara à nossa casa. Continuava a ser pequeno, mas agora tinha uma presença muito sólida. Tentei recordar se essa mudança ocorrera quando se tornara cristão, ou quando Constância o libertara. Pensava que tivesse sido sobretudo a primeira dessas coisas, que havia libertado o seu espírito antes de o seu estatuto legal ter sido alterado. Talvez fosse por isso que, recebida a alforria, ele tivesse decidido permanecer comigo.

Pareceu-me que se passara longo tempo antes do seu regresso. Sentei-me num banco em frente do Mithraeum, observando o relevo do deus matando o touro. Perguntei a mim mesma se Constância teria visitado o local quando estivera na Britânia. Sabia que ele tinha continuado a subir de categoria dentro do culto, porque me recordava de vezes em que estivera ausente para iniciações adicionais, mas, evidentemente, no culto de Mitras não havia lugar para mulheres, e ele estava proibido de me dizer o que aí se passava. No entanto, sentar-me ali era quase como estar sob a sua protecção. Fiquei satisfeita ao constatar que a ideia me fazia doer apenas um pouco o coração, agora.

Ouvi então passos rápidos e vi Filipe que voltava, com o rosto pálido de choque e ira.

- O que sucedeu?- - pus-me de pé e fui ao seu encontro.

- Um novo édito! Diocleciano, que Deus o amaldiçoe, recomeçou as perseguições!

Franzi a testa, correndo para o acompanhar pela rua fora, porque o murmúrio da multidão estava a tornar-se assustador. Recordava-me de ter ouvido boatos de distúrbios, alguns anos antes, quando se dissera que a presença de cristãos tinha estragado o ritual do imperador. Alguns oficiais do exército tinham sido executados por se recusarem a tomar parte nos sacrifícios. e outros haviam sido expulsos, mas nada mais ocorrera então. Na maior parte dos locais, os cristãos, embora considerados estranhos, davam-se bem com os seus vizinhos.

Como podia Diocleciano ser tão estúpido? Eu tinha lidado com cristãos durante o tempo suficiente, por aquela altura, para saber que, longe de recearem o martírio, eles o acolhiam como uma forma fácil de anular todos os pecados e conquistar os favores do seu sombrio deus. O sangue dos mártires, diziam eles, era o alimento da Igreja. Matá-los só reforçava a crença na sua própria importância, tomando o culto mais forte.

- Que diz o édito? - perguntei, ao alcançar Filipe.

- O cristianismo foi banido por lei. Todos os exemplares das escrituras deverão ser entregues e queimados, todas as igrejas destruídas. - Falava como se cuspiasse as palavras.

- E quanto às pessoas?

- Até agora, só falaram dos padres e dos bispos. Terão de oferecer sacrifícios na presença de um magistrado ou serão encarcerados. Tenho de te levar a casa, Senhora., a guarnição vai sair às ruas, e estas não estarão seguras.

- E tu' - perguntei., ofegante.

- Com tua permissão, vou à igreja oferecer a minha ajuda. Talvez se consiga salvar alguma coisa se formos a tempo.

- És um homem livre, Filipe - disse eu - e não pretendo orientar a tua consciência, mas peço-te em nome do teu deus, que tomes cuidado!

- Se também fizeres o mesmo! - Forçou um sorriso, ao aproximarmo-nos da minha porta. - Mantém os restantes dentro de casa. Apesar de ainda seres uma adoradora de demónios, o Deus Supremo ama-te muito!

- Obrigada! Penso eu. - Vi-o correr pela rua abaixo. As bênçãos eram sempre bem-vindas, viessem de onde viessem. Abanando a cabeça, entrei.

Durante um dia e uma noite, o destacamento da fortaleza marchou pelas ruas, em busca dos chefes e dos bens dos cristãos. Enquanto isso ocorreu, o bispo da igreja de Vitélia foi preso e a pequena igreja nos bosques da estrada do norte ardeu por completo. Os livros sagrados, no entanto, tinham sido escondidos em segurança, mas uma rima de contas da igreja foi entregue para destruição às autoridades.

O fumo dos incêndios foi levado pelo vento, mas o seu odor, tanto físico como metafórico, permaneceu por mais tempo. Diocleciano tinha governado sensatamente durante quase vinte anos, mas, nos seus esforços para preservar a nossa sociedade, o imperador estava efectivamente a dividi-la. Como eu previra, a perseguição tornou apenas os cristãos ainda mais obstinados, e eles eram mais do que a maior parte das pessoas imaginara.

Nesses dias, os cristãos reuniam-se em segredo nas suas casas. Filipe disse-me que cartas recebidas da região oriental do império falavam de prisões e execuções. Mas, com grande alívio meu, Constâncio não foi mais além do que fazer cumprir a nova lei, nas áreas do império sob o seu controlo. E, uma vez passado o primeiro momento de agitação, o povo em geral mostrou pouco entusiasmo na perseguição aos seus vizinhos. De que forma esses vizinhos cristãos nos viam a nós não foi uma questão que, de momento, se pusesse.

Todavia, pareceu-me que, em tempos como aqueles, eu deveria proporcionar às jovens que estava a ensinar algo mais relevante do que Homero e Virgílio e, por isso, de vez em quando, encaminhava as nossas conversas para as questões que actualmente dividiam os homens.

- É necessário - disse eu, numa certa manhã - que a pessoa culta compreenda não só aquilo em que acredita, mas a razão por que acredita. Por isso, pergunto-vos. quem é o Deus Supremo?

Durante um longo momento, as jovens entreolharam-se, como se não tivessem a certeza do que eu queria significar com aquela pergunta, e muito menos dirigida a elas. Finalmente, Lucrecia, cuja família exportava lã, ergueu a mão.

- Júpiter é o rei dos deuses, é por isso que o imperador põe a sua imagem nas moedas.

- Mas os cristãos dizem que todas as divindades, com exceção do deus dos Judeus, são demónios - objectou Tércia, a filha do sapateiro.

- Isso é bem verdade, e por isso vos pergunto, quantos deuses há?

Gerou-se uma grande discussão, até que ergui a mão para impor silêncio de novo. - Têm todas razão, segundo a nossa maneira de pensar. Cada terra e cada distrito tem as suas próprias divindades, e, no império, a nossa prática tem sido respeitar todos. Mas pensem nisto: os maiores dos nossos filósofos e poetas falam de uma divindade suprema. Alguns chamam a esse Poder "Natureza" e outros "Éter"; outros ainda, chamam-lhe "o Deus Supremo". O poeta Maro diz-nos:

Sabei primeiro que o céu, a terra, o mar
A pálida orbe lunar o curso das estrelas,
Todos são por uma Alma alimentados,
Um Espirito, uma chama celestial
Que brilha em cada membro da estrutura,
E move o todo grandioso.

Mas. e quanto à Deusa? - perguntou a pequena Pórcia, apontando para o altar ao canto da sala soalheira que usávamos para dar as aulas, onde sempre ardia uma lamparina diante do baixo-relevo das Mães. Por vezes, quando ninguém estava presente, eu acariciava a cabeça do cão no regaço da quarta Mãe e sentia-a quente e macia sob a minha mão, como se Hylas tivesse voltado para mim.

Sorri, pois tinha esperanças de que alguém levantasse essa questão.

- Faz, sem dúvida, mais sentido ver o Poder supremo como feminino, se quisermos dar um género à Divindade, visto que é a mulher que dá a vida. Mesmo Jesus, que os cristãos dizem ser filho de Deus ou mesmo o próprio Deus, teve de nascer de Maria antes de poder tomar forma humana.

- Evidentemente! - respondeu Pórcia. - É o que sucede com os heróis e os semideuses - Hércules e Eneias. e todos os outros.

- Mas os cristãos dizem que o seu Jesus foi o único - observou Lucrecia. As restantes raparigas pensaram nesta falta de lógica e abanaram as cabeças.

- Voltemos à pergunta original - disse eu, quando a discussão chegou ao fim. - Pitágoras diz-nos que o Poder supremo é "uma alma que perpassa de um lado para o outro e se difunde por todas as partes do Universo, e por toda a natureza, da qual deriva a vida de todas as criaturas vivas que são engendradas." Isto é mais ou menos o mesmo ensinamento que recebi entre os Druidas, excepto que, como já disse, nós tendemos para pensar nesse Poder como sendo feminino, quando lhes damos um género.

Sendo assim - apontei de novo para as matronae - porque nos sentimos impelidos a fazer imagens daquilo que não pode, na verdade, ser representado, e o dividimos em deuses e deusas e lhes atribuímos histórias e nomes? Até mesmo os cristãos o fazem - dizem que o seu Jesus é o Deus Supremo e, no entanto, as histórias que contam acerca dele são como as histórias dos nossos heróis!

Houve um longo silêncio. De certa forma, pensei, era injusto pedir àquelas jovens que respondessem a uma pergunta cuja

solução tinha escapado a teólogos e filósofos. Mas talvez, precisamente por serem do sexo feminino, elas achassem mais fácil de compreender.

- Tendes bonecas em casa, não é verdade? - acrescentei. - Mas sabeis que não são bebês verdadeiros. Porque gostais delas?

- Porque... - disse Lucrecia, hesitante, depois de outra pausa - posso agarrar nelas. Finjo que são os bebês que hei-de ter quando crescer. É difícil amar uma coisa que não tem rosto nem nome.

- Eu acho que é uma boa resposta, não vos parece? - perguntei, olhando em volta para o círculo. - Nas nossas mentes podemos compreender o Deus Supremo, mas enquanto vivermos nos nossos corpos humanos, neste mundo rico e variado, precisamos de imagens que possamos ver, tocar e amar. E cada uma delas mostra-nos uma parte do Poder supremo, e todas as partes juntas dão-nos uma ideia do todo. Por isso, as pessoas que insistem em que há apenas Um Deus, têm razão, tal como aquelas que veneram os muitos deuses, mas de maneiras diferentes.

Elas acenavam afirmativamente com as cabeças, mas pude ver um olhar de incompreensão em alguns olhos, e outros voltavam-se para o jardim, como se encontrassem mais verdade no jogo de luz sobre as folhas. No entanto, eu tinha esperanças de que algo do que eu dissera permanecesse dentro delas. Rindo, mandei-as sair para brincarem.

Durante mais dois anos, o édito de Diocleciano permaneceu em vigor na Britânia. No ano que se seguiu à sua publicação, quando todos eram obrigados a fazer sacrifícios. um soldado chamado Albano foi condenado à morte em Verulamium por se recusar a fazê-lo, e um dia fui encontrar Vitélia a chorar porque tinha ouvido dizer que o seu sobrinho de catorze anos, Pancrato, tinha sido morto em Roma, mas em Londinium não houve execuções, apesar de o bispo ter sido preso e ficado sob custódia.

Os cristãos continuaram a reunir-se nas suas casas e, quando isso se tornou demasiado perigoso, permiti-lhes que fizessem o seu culto na minha. Ou antes, no meu atrium, porque mesmo com véus a cobrir as imagens e os altares, o seu interior era considerado excessivamente conspurcado para poderem expor os objectos sagrados do seu deus. Ficavam satisfeitos, no entanto, por me acolherem às partes do seu culto abertas aos não iniciados.

Nataniel, o cordoeiro, que, por ser apenas um diácono da igreja, tinha escapado à prisão, dirigia-se a sua congregação, com os homens de um lado do jardim e as mulheres do outro, com as cabeças cobertas e os olhos piedosamente baixos.

- Oh Deus, os pagãos apoderaram-se da tua herança - entoava ele, acompanhando com o dedo a linha dos escritos.

Vitélia sentava-se na primeira fila, com os olhos fechados, movendo os lábios. Porque não a deixavam falar, perguntei a mim mesma, sendo óbvio que ela conhecia as sagradas escrituras tão bem como ele?

- Eles profanaram o teu templo sagrado; deixaram Jerusalém em ruínas. Eles deram os corpos dos teus servidores às aves do ar como alimento ...

Enquanto ele prosseguia, eu ia reflectindo na propriedade daquelas palavras que haviam sido escritas, segundo me disseram, por um dos antigos reis judeus.

- Tornaste-te um motivo de escárnio para os nossos vizinhos, troçado e escarnecido pelos que nos rodeiam...

Manifestamente, aqueles que serviam o deus dos Judeus sempre tinham tido dificuldade em dar-se bem com os seus vizinhos. Seria por estarem errados ou porque, como eles criam, se encontravam adiantados para o seu tempo? Eu tinha sugerido que, uma vez que os cristãos não acreditavam nos nossos deuses, não lhes poderia fazer mal executar os movimentos de uma oferenda, mas Vitélia reagiu com horror. Apercebi-me então de que os cristãos acreditavam nos deuses e os consideravam maléficos. Não compreendi o raciocínio dela, mas tive de admirar a sua integridade.

- ... que a tua compaixão desça sobre nós, porque fomos rebaixados. Ajuda-nos, ó Deus da nossa salvação, para glória do teu nome...

Durante os últimos minutos, eu tinha começado a tomar consciência de um murmúrio distante. Quando Nataniel se calou, ele tornou-se mais forte - era o som de muitos pés e muitas vozes. Os cristãos também o ouviram.

Suavemente, uma das mulheres começou a cantar:

As dádivas eternas de Cristo Rei

E os feitos gloriosos dos nossos mártires cantamos;

E todos, com os corações repletos de alegria, erguemos

Nossos hinos de grata adoração e de louvor...

Captei o olhar de Filipe e acenei-lhe afirmativamente com a cabeça, e ele ergueu-se e dirigiu-se, por dentro de casa, até a porta.

Ouvimos então uma forte pancada e até a própria voz de Nataniel falhou. Algumas das mulheres choravam, mas outras ficaram sentadas, muito direitas, com os olhos ardentes, como se esperassem pelo martírio. E continuaram a cantar.

Eles enfrentaram os terrores do tempo,

Tormento algum abalou a sua sublime fé;

A morte bendita em breve lhes trouxe a paz e o repouso

E a luz eterna brilhou para os abençoados.

Pus-me de pé. - Não temais. Eu vou recebê-los.

Quando cheguei à porta, Filipe abriu-a, enfrentando a multidão. Saí e, quando o primeiro homem abriu a boca para falar, fi-lo calar com um olhar.

- Eu sou Júlia Célia Helena. Durante vinte anos fui esposa de Constâncio que é hoje o vosso César, e sou mãe do seu filho primogénito. E garanto-vos que a sua ira cairá sobre vós se ousardes invadir a minha casa!

Atrás de mim, os cristãos continuavam a cantar:

Redentor escuta-nos em teu amor

Para que, junto da hoste dos mártires no céu,

Os teus servidores encontrem seu lugar

E reinem para sempre na tua graça.

- Oh, Senhora! - o chefe do grupo abanou a cabeça e vi que estava a rir-se. Agora conseguia perceber que muitos no meio da multidão traziam grinaldas de flores nas cabeças ou empunhavam odres de vinho, e comecei a compreender que as almas fervorosas que cantavam atrás de mim iriam sentir-se frustradas no seu desejo de martírio.

- Nunca tivemos essa intenção! Em nome de Júpiter e Apolo, não queremos matar ninguém, mas sim festejar! Não ouviste as notícias? Diocleciano e Maximiano abdicaram, e o teu Constâncio é agora Augusto!

CAPÍTULO CATORZE

305-306 d. C.

No meu sonho, passeava com Constâncio pelas margens do rio. Não sei dizer se era o Rhenus ou o Tamesis, porque o céu tinha um tom cinzento, difuso e incaracterístico. Pouco importava, visto que o meu amado estava comigo. As suas feições estavam sombrias, mas o meu corpo conhecia a força da sua mão que o apertava. Era

inesperadamente doce, depois de até as minhas próprias recordações ter negado, ter a sua companhia.

- Onde me levas? - perguntei.

- A ver-me partir de viagem...

- Outra vez, não! - Detive-me, tentando retê-lo. mas o seu firme avanço arrastou-me. - Por favor, não me deixes outra vez!

- Desta vez - disse ele - é apenas deixando-te que poderei vir a estar contigo de novo.

A noite está a chegar? - perguntei, entre lágrimas.

- Não, minha amada. repara... é a manhã!

Pestanejei, porque o seu rosto ia ficando mais e mais radioso à medida que o Sol subia no horizonte. E depois todo ele era luz, escapando-se-me por entre os dedos quando estendi os braços para abraçar a alvorada...

A luz brilhava através das minhas pálpebras, e alguém batia à porta. Libertei-me das cobertas, esfregando os olhos, enquanto a realidade vulgar do meu quarto, com frescos representando ninfas dos bosques e das fontes, substituía o impreciso esplendor do meu sonho. Não podia correr perigo apesar de Vitélia ainda estar a viver comigo, numa ala nova que tínhamos construído para a casa, onde ninguém havia jamais venerado os deuses. Desde que Constâncio se tornara Augusto, até mesmo os indícios de perseguições aos cristãos tinham cessado. Mas o Sol da Primavera entrava a jorros pelas janelas. Era óbvio que não conseguiria dormir mais, e era altura de começar o meu dia.

Enquanto despia a roupa de dormir e me lavava na bacia, ouvi vozes lá em baixo. O meu cabelo ostentava alguns fios prateados nas fronteiras, mas eu continuava a ir a pé a todo o lado, em vez de usar carruagem ou liteira, e o meu corpo continuava firme. Hrodind apareceu à porta e, vendo que eu já estava a pé, apressou-se a ir buscar uma camisa lavada e uma das minhas melhores túnicas, a de seda cor de açafão com espigas de trigo bordadas na bainha.

Ao ver a surpresa no meu rosto, sorriu. - Tens um visitante, Senhora. Hoje vais querer estar muito bonita!

Pensei na hipótese de lhe arrancar a verdade, mas, a primeira vista, não se tratava de nada de mal. Estendi os braços para ela me prender a túnica, sem uma palavra, contendo um sorriso ao ver a sua expressão. Não esperava que eu aceitasse tão facilmente.

Quando me aproximei da sala de jantar, colocando uma palla leve, de lã creme, sobre os ombros, por causa da frescura matinal, senti o tentador aroma do pudim de nozes que Drusilia costumava fazer nos dias feriados, quando Constantino era pequeno. Detive-me, percebendo então quem, para além de todas as minhas esperanças e expectativas, poderia ser o meu visitante.

O coração entrou em sobressalto no meu peito e inspirei profundamente, grata ao sentido do olfacto que é a chave de recordações, e que me tinha avisado. Constantino não podia vir trazer-me más notícias, pensei, senão os servos não estariam tão alegres. Esperei um pouco mais, convocando toda a minha coragem para enfrentar aquele filho que não via desde uma visita que fizera a casa aos dezoito anos. Ele tinha-me escrito, é certo. mas prudentemente, como se suspeitasse de que as suas cartas eram interceptadas. Já não sabia quais eram as suas ideias, e perguntei a mim mesma se aqueles treze anos o teriam mudado mais do que a mim.

Depois ajeitei a minha palla e entrei na sala de jantar.

Um estranho oficial estava sentado junto da janela, numa posição em que o sol da manhã brilhava na sua couraça de bronze trabalhada. Pelo menos tinha tido a cortesia de retirar o elmo. Reparei nos seus cabelos louros que usava um pouco longos e levemente encaracolados, e a minha visão desdobrou-se, de súbito, na imagem do desconhecido e no reconhecimento de que se tratava de Constantino. Ele tinha aberto a janela e olhava para os pássaros que tomavam banho no laguinho que eu fizera para eles no atrium. Não me tinha ouvido chegar.

Demorei-me um pouco mais a contemplá-lo. De baixo da armadura saía uma túnica branca de mangas compridas, orlada a vermelho, e trazia uns calções bastante usados de camurça bege. Na verdade, todo o seu traje. apesar de ser da melhor qualidade, revelava os efeitos do longo uso. Talvez Constantino não desejasse exhibir-se e tivesse vindo ao meu encontro de armadura por não ter outra coisa decente para usar. Mas tenho, pensei, de consentir-lhe esse orgulho.

- O uniforme fica-te bem, meu filho - disse suavemente.

Voltou-se rapidamente e pôs-se de pé de um salto, com a surpresa a transformar-se imediatamente numa alegria que lhe iluminou o rosto, como se o sol tivesse irrompido na sala. No momento seguinte, estava a ser esmagada num forte abraço, afastada para ele poder olhar o meu rosto, e esmagada de novo.

Espero que essa couraça seja mais confortável no interior - disse eu, sorrindo levemente quando me soltou e esfregando o corpo nos

pontos em que armadura me magoara.

- Uma pessoa acostuma-se - disse ele distraidamente, ainda segurando a minha mão. Ao fim de um momento, senti-me corar sob aquele olhar intenso. - Oh, minha mãe, sabes quantas vezes sonhei com este dia? E não mudaste nada!

Isso não era verdade, pensei, sorrindo-lhe. A imagem que ele tinha de mim seria tão forte que não conseguia ver o meu aspecto, ou a maior parte das minhas modificações seriam interiores?

- Senta-te, Drusilla vai trazer-te o pequeno-almoço que estive a fazer para ti - disse eu, por fim. - Que fazes por cá e quanto tempo vais poder ficar?

- Apenas um dia - disse ele, respondendo à última pergunta enquanto se sentava. A cadeira rangeu sob o seu peso, porque ele se tornara tão alto e de ossos tão largos como o meu pai, sendo tudo nele um pouco maior e mais sólido do que nos outros homens. "Não há dúvida", pensei com satisfação, observando-o, "de que ele é

digno de ser o Filho da Profecia! - O Pai deu-me permissão especial para desembarcar aqui em vez de em Eburacum, e amanhã tenho de seguir para norte, ao encontro da minha legião. Os Pictos não esperam pelo que me possa apetecer ou não.

Senti o coração começar subitamente a palpitar no meu peito. Constâncio estava em Britânia! Suponho que já devia estar à espera disso. Ao fim de vários anos de paz, as tribos selvagens do Norte estavam uma vez mais a tentar atravessar a fronteira, e, em diversos locais, tinham dominado as forças estacionadas junto da Muralha. Era da responsabilidade do soberano do Ocidente defender a Britânia.

Abanei a cabeça, tentando negar o súbito e traiçoeiro desejo de que Constâncio tivesse vindo com o seu filho a Londinium.

- Mas como podes estar aqui? Pensava que servias no Oriente com Galério...

O rosto de Constantino tornou-se carrancudo, mas era óbvio que tinha aprendido a controlar o temperamento. Se não tivesse aprendido, disse a mim mesma, não teria vivido durante o tempo suficiente para estar agora sentado na minha sala de jantar.

- Oh. estive lá - disse sombriamente. - Tomei parte naquela horrível marcha pela planície a leste de Carrhae, aquela que matou Crasso e dez legiões há duzentos anos. Apenas um décimo dos nossos homens regressou a casa depois dessa campanha. Surpreendeu-me que o próprio Galério tivesse sobrevivido à ira de Diocleciano quando chegámos a Antioquia - sabe que ele teve de caminhar uma milha atrás do carro de Diocleciano?

Abanei a cabeça. Sentia-me satisfeita por jamais ter sabido que o meu filho estivera envolvido em tal catástrofe.

- Não me escreveste a contar isso.

Constantino ergueu uma sobrancelha, um hábito que eu reconhecia ser meu.

- Minha querida mãe, o meu pai é um homem digno. e sempre houve confiança entre ele e Maximiano. Não se passa o mesmo na parte oriental do império. Mesmo quando estava na corte de Diocleciano, um dos seus libertos lia o nosso correio, e Galério tinha ainda menos motivos para confiar em mim.

Suspirei, pensando que as minhas próprias cartas, talvez como reacção à restrição das dele, se tinham tornado, ao longo dos anos, cada vez mais superficiais, daí resultando que nenhum de nós conhecesse verdadeiramente o outro.

Drusilla trouxe o pudim, e Constantino ergueu-se para a abraçar. Havia lágrimas nos olhos da mulher quando ele a soltou.

- Também foste com ele na segunda campanha? - perguntei depois de ele ter comido um pouco.

- Por essa altura, eu servia na sua guarda pessoal. Devo dizer que Galério aprende com os próprios erros. O imperador deu-lhe um exército de veteranos ilírios e auxiliares godos, e tomámos a estrada a norte, através das montanhas da Arménia, onde os povos eram nossos amigos. Devo confessar também que o homem tem coragem - fez uma batida ao acampamento do inimigo só com dois homens para o guardar, e chefiou o ataque quando os atacámos. Nesse dia, houve glória que chegasse para todos. Narses pôs-se em fuga, e o tratado que finalmente fizemos vai garantir as nossas fronteiras orientais pelo menos durante uma geração.

- Galério devia apreciar-te bastante, para te conservar na sua guarda. Pousei a colher.

Constantino sorriu. - Oh, eu sei lutar. Não te vou contar as vezes que escapei por pouco - isso só serviria para te assustar - mas sei que os deuses me protegem, porque passei por ambas as campanhas sem uma arranhadura sequer. No entanto, continuo a pensar que Galério queria ter-me por perto para não me perder de vista. Pensa que vai viver mais tempo que o Pai e obter o poder supremo, e eu sou uma ameaça para os seus planos. - Abruptamente, o seu olhar tornou-se sombrio. - Quantas notícias houve sobre a abdicação transmitidas às províncias, Mãe?

Olhei-o, surpreendida. - Apenas a de que tinha ocorrido, e que dois homens de que nunca ouvi falar tinham sido nomeados Césares.

- Galério fez duas escolhas - disse Constantino secamente. - Não sei que pressão exerceu sobre Diocleciano para o conseguir - talvez o tenha ameaçado com a guerra civil. Sabia que a casa da moeda de Alexandria chegou a cunhar moedas com o meu nome? Eu estava pronto a pedir a Maximiano que marcasse uma data para o meu casamento com a sua filha Fausta, que me estava prometida quando o Pai foi feito César, e finalmente alcançou a idade de se casar. Toda a gente tinha a certeza de que a escolha iria recair no filho de Maximiano, Maxêncio. e em mim.

- Ficámos à espera naquela maldita colina, por baixo da coluna de Júpiter, e Diocleciano pôs-se de pé e começou a queixar-se de que se sentia muito frágil e precisava de repouso depois de tantos esforços, e por isso o meu pai e Galério tornar-se-iam Augustos, e, para os auxiliar, nomeava Césares Máximo Daia e Severo! As pessoas murmuravam, pensando que eu tinha mudado de nome, até Galério me afastar e apresentar Daia, o filho da sua irmã!

- Há quem diga que foi por tu e Maxêncio serem filhos de imperadores que fostes ultrapassados, para evitar o estabelecimento de uma monarquia hereditária - disse eu suavemente.

Constantino engoliu uma praga. - Poderia apontar-te uma dúzia de homens que seriam mais dignos dessa honra! Homens que eu teria orgulho em servir. Severo é o melhor amigo de Galério, e nem ele nem Daia comandaram alguma vez coisa maior que um destacamento. Galério não quer colegas, mas servos, e tudo o que Diocleciano deseja é paz e tranquilidade para continuar a pensar que salvou o império! - disse ele furiosamente. - Galério era um bom servo, mas, pelos deuses, dará um péssimo senhor. Vai continuar a perseguir os cristãos nos seus domínios, quando a perseguição claramente fracassou.

Inspirei profundamente. - Estou surpreendida por ele te ter deixado vir.

Constantino começou a rir. - Também ele! O Pai tinha-lhe escrito, queixando-se de estar doente e solicitando a minha presença. Galério levou o seu tempo a responder, e é espantoso como depois disso me tornei propenso a acidentes. As minhas patrulhas sofreram emboscadas, os batedores que deveriam cercar o javali que estávamos a caçar falharam não sei como, fui atacado por

salteadores à saída de uma taberna. As coisas tornaram-se tão más que comprei um escravo para provar a minha comida.

Mordi o lábio. Nem valia a pena perguntar-lhe por que motivo ele não me escrevera a contar-me esses perigos - a carta nunca teria chegado às minhas mãos. Mas todas as manhãs, desde que ele me deixara, eu orava pela sua segurança quando fazia a minha oferenda diária.

- Finalmente Galério deu-me permissão - prosseguiu Constantino. Foi ao fim do dia e obviamente ele esperava que eu partisse na manhã seguinte. Mas nesse momento já eu perguntava a mim mesmo se viveria até essa altura. Arranjei um amigo no gabinete dos funcionários para franquear o passe para os cavalos de posta, e fiz o possível para evitar não só que me perseguissem como que fossem avisados, especialmente porque ía viajar por terras de Severo. - Fez um sorriso à maneira de um lobo, e depois dedicou-se à comida.

Recostei-me na cadeira com um longo suspiro, revendo a sua história enquanto esperava que o ritmo do meu coração abrandasse.

- E então vieste ao encontro do teu pai - disse eu, por fim. - Era uma artimanha, quando ele disse que te queria ver por estar doente?

Constantino endireitou-se, com a testa franzida. - Bem, não sei. Ele diz que sim, mas perde o fôlego facilmente e não me parece estar muito bem. Esse é o outro motivo por que insisti em vir ter contigo. Ele não permite que os médicos o examinem, e pensei que talvez tu...

Abanei a cabeça. - Meu querido, esse direito pertence agora a outra mulher. Só traria sofrimento a ambos, se eu fosse agora ter com o teu pai.

O sobrolho do meu filho carregou-se mais e compreendi que, apesar de ou por isso mesmo - ele ter tido que desempenhar durante tanto tempo o papel de leal subordinado, detestava não levar a sua avante. Mas uma mãe tem certas vantagens. Fixei-me no seu olhar e, por fim, foi ele que desviou os seus olhos cinzentos.

Depois disso, as coisas tornaram-se mais fáceis e, quando ele acabou de comer, mostrei-lhe a minha casa e apresentei-o a Vitélia, e depois, de braço dado, demos uma volta pela cidade. Constantino fartou-se de falar e eu estava encantada por redescobrir aquele glorioso jovem que os deuses tinham feito meu filho. Quando regressámos ao jantar que Drusilla fizera com todo o amor, a noite caía. E, desta vez, Constantino aguardou pela manhã para partir.

Nesse Verão segui as notícias militares com mais interesse do que nunca, desde os tempos em que fora esposa de um militar na Dalmácia, e a guarnição de Londinium, que tinha ficado extremamente impressionada com Constantino, mantinha-me ao corrente do que se ia passando. Asclepiódoto, o prefeito que servira Constâncio tão bem na campanha contra Aleto, era uma vez mais o segundo comandante do seu exército. Recordava-me dele quando era ainda um jovem e sério oficial, estacionado em Sirmium.

O homem que havia sido meu marido tinha sempre sido capaz de inspirar dedicação. Eu, afinal, tinha saído de Avalon atrás dele. E Constantino continuava a idolatrar o pai. Se Galério tivesse feito Constantino César, o meu filho tê-lo-ia apoiado como fazia com o pai. Assim, o Augusto, do Oriente tinha feito dois importantes inimigos.

As tropas que Constâncio trouxera da Germânia tinham desembarcado em Eburacum e haviam-se juntado a destacamentos seleccionados das guarnições da Muralha. À medida que a Primavera foi dando lugar ao Verão, foram avançando para norte através do território dos Votadini, perseguindo um inimigo sempre em retirada, passando o Bodotria às proximidades de Mons Graupius, onde Tácito derrotara os seus antepassados havia pouco mais de dois séculos. E aí, segundo nos diziam os relatos, o imperador alcançou uma grande vitória.

Esta notícia foi proclamada no forum e afixada nos portões do palácio do Governador. A sacerdotisa de Bast, que foi uma das pessoas a quem apresentei Constantino, deu-me as suas felicitações. Agradei-lhe, mas, apesar da alegria geral, sentia-me inquieta e fui até ao templo de Isis para fazer uma oferenda.

A deusa do santuário estava representada à maneira romana, com uma coroa de trigo e flores encimada por um crescente, e roupas que caíam em pregas fluidas. Os sons do comércio no exterior pareceram apagar-se quando lancei olíbano sobre as brasas ardentes, no braseiro diante do altar.

Deusa - sussurrei - por amor do teu filho Hórus, o poderoso guerreiro que é o Falcão do Sol, vela pelo meu filho e trá-lo de volta em segurança. Aguardei um momento, contemplando o jogo da luz da lamparina sobre as suas feições de mármore, e depois lancei uma segunda mão-cheia sobre as brasas. - E vela pelo imperador também, como velaste pelo Faraó.

Qualquer cidadão poderia fazer oferendas pelo imperador, mas eu já não tinha o direito de orar por ele como meu marido, e mesmo que tivesse, a fidelidade de Isis é recordada porque Osíris morreu. Fui para casa, mas continuava a sentir-me inquieta. No entanto, as notícias continuavam a ser positivas. "Estou a ficar velha". pensei. "Não há motivo para me preocupar desta maneira ... " No final de Junho, recebi uma carta de Constantino.

O meu Pai sofreu um colapso no regresso de Alba. Já está de novo a pé e chegámos a Eburacum, mas ele parece estar a sofrer. Os médicos pouco dizem, e receio por ele. Por favor, vem. Ele chama por ti.

Constantino tinha enviado uma ordem para os cavalos de posta. Viajando de carruagem e mudando de cavalos em cada mansio governamental, levei pouco mais de uma semana a chegar a Eburacum. Um corpo de cinquenta e cinco anos não é feito para este

tipo de viagens. Quando cheguei à fortaleza, estava cheia de equimoses e exausta pelas constantes oscilações e sacudidelas da carruagem, mas embora a notícia da doença do imperador se tivesse espalhado por todo o campo e visse muitos rostos preocupados, em cada paragem me diziam que Constâncio continuava vivo, pelo que a esperança me susteve durante toda a viagem.

Apercebia-me agora de que o desgosto da nossa separação tinha sido um pouco suavizado por eu saber que Constâncio continuava neste mundo.

Todavia, enquanto viajava, não podia impedir-me de recordar a imagem de Ísis chorando pelo seu marido. Se até mesmo os deuses perdiam aqueles que amavam, porque havia eu de considerar-me imune?

A notícia da minha chegada precedera-me. Constantino saiu do praesidium¹⁹ quando passámos ruidosamente o portão e, mal a carruagem parou, ergueu-me e pousou-me no chão. Por momentos fiquei agarrada a ele, recuperando as forças.

- Como está ele? - perguntei, assim que pude ficar de pé sozinha.

- Insiste todos os dias em vestir-se e tentar trabalhar um pouco. Mas cansa-se muito facilmente. Disse-lhe que vinhas e, de hora a hora, mais ou menos, perguntava-me onde pensava eu que tu estarias. - Forçou um sorriso. - Mas persuadimo-lo a deitar-se há pouco tempo e agora está a dormir.

Escoltou-me até ao edifício e indicou-me o quarto que me tinham reservado e a escrava que se ocuparia de mim. Depois de me ter lavado e mudado de roupa, fui encontrar Constantino à minha espera na sala adjacente, onde tinha sido posta uma mesa com vinho e bolos de mel.

- E tu, como estás? - perguntei, reparando nas suas olheiras. Fisicamente, eu podia estar mais esgotada, mas ele também estava a sofrer.

- É estranho. Quando vou para a guerra, não sinto receio. Mas este é um inimigo que não posso defrontar, e tenho medo.

“É verdade”, pensei tristemente. “até mesmo a força de um jovem que não acredita que poder morrer é impotente contra certos inimigos.”

- Recordo-me - disse ele lentamente, sem me olhar de frente - de quando era criança... Por vezes tu consegues fazer estranhas coisas. Tens de ajudá-lo, mãe, senão estamos perdidos.

- Chamaste-me aqui como tua mãe, ou como sacerdotisa?

Ergueu o olhar para mim e, por momentos, pensei que iria abraçar-me e encostar a cabeça ao meu peito como quando era pequeno.

- Eu preciso da minha mãe, mas o meu pai precisa da sacerdotisa.

- Então é como sacerdotisa que te respondo. Vou fazer o que puder, Con, mas deves compreender que há um ritmo natural nas nossas vidas que nem os deuses podem negar.

- Então são maus deuses! - murmurou Constantino.

- O meu coração grita contra isso tão alto como o teu, mas talvez seja tudo o que posso fazer para o ajudar a partir.

A cadeira raspou ruidosamente pelo chão quando ele se pôs de pé e me pegou na mão. - Vem... - Fez-me pôr de pé e, mal esperando que colocasse a minha palla, levou-me dali.

- Ele moveu-se há um momento - disse o médico de vigia quando aparecemos à porta. - Creio que está prestes a acordar.

O imperador jazia na cama, com a parte superior do corpo apoiada em almofadas. Fiz uma pausa, esforçando-me por me recompor. Constantino tinha razão. A mulher e mãe dissolver-se-ia em lágrimas, ao ver o seu amado jazer ali imóvel. Era da sacerdotisa de que necessitava agora.

Aproximei-me da cama e estendi as mãos sobre o corpo de Constâncio, projectando a minha consciência para sentir o seu fluxo de energia. Por cima da cabeça e da frente, a força vital ainda fluía vigorosamente, mas a aura sobre o seu peito palpitava debilmente, e mais abaixo, embora ainda firme, não se mostrava muito forte. Inclinei-me para lhe escutar a respiração e ouvi o som áspero da congestão interior.

- Ele tem febre? - Não me parecia, pois não tinha a pele congestionada, mas antes anormalmente pálida; no entanto, preferia que a tivesse, pois uma febre pulmonar, apesar de grave, era algo que eu sabia combater. O médico abanou a cabeça e suspirou. - E quanto ao coração?

- Fiz uma infusão de dedaleira, para quando ele sente dores - disse o médico.

- Isso é bom, mas talvez possamos arranjar qualquer coisa para o fortalecer. Tem um homem de confiança que possa mandar buscar as seguintes ervas? - Quando ele acenou afirmativamente com a cabeça, comecei a ditar a minha lista: matricária e espinheiro-alvar, urtigas e alho. O rosto de Constantino tornou-se menos sombrio.

Nessa altura, o homem deitado sobre o leito mexeu-se e suspirou, e eu ajoelhei-me ao seu lado, esfregando-lhe as mãos frias entre as minhas.

Com os olhos ainda fechados, Constâncio sorriu. - Ah, a deusa regressa...

- A Deusa sempre esteve contigo, mas agora também eu estou aqui.

Com esforço, mantive a minha voz firme. - O que andaste a fazer contigo para te encontrar neste estado? Não compete a Augusto sentar-se no seu palácio e deixar as lutas para os mais jovens?

- Ainda nem sequer abri os olhos e já está a ralhar comigo! - disse ele, mas, na verdade, creio que ainda não estava seguro de que eu fosse real.

- Talvez isto expulse o mal. - Inclinei-me para o beijar nos lábios e, após tê-lo feito, ele ergueu o olhar para mim.

- Senti a tua falta - disse simplesmente, e leu a resposta nos meus olhos.

Durante toda a semana que se seguiu, mediquei Constâncio com as minhas poções, mas, apesar de Constantino falar em voz alta das suas melhoras, comecei a suspeitar de que ele tivesse gasto as forças que lhe restavam a aguentar-se até à minha chegada. Constantino e eu fizemos turnos para ficar junto dele, segurando-lhe a mão enquanto repousava, ou falando sobre os anos que tínhamos passado separados.

Um dia, quando lhe dava banho, reparei numa cicatriz na sua coxa e perguntei-lhe quando se tinha arriscado tão estupidamente.

- Ah, isso foi na Gália, há três verões, e garanto-te que não fiz de propósito para correr esse perigo!

Há três anos, pensei, e a cicatriz ainda estava avermelhada e irritada.

Não tinha sarado rapidamente nem bem, sinal de que já nessa altura a sua circulação funcionava mal. Eu poderia ter-lhe dado remédios para lhe fortalecer o coração, se tivesse sabido. Mas talvez não tivesse resultado.

Não era Teodora a minha rival. Constâncio tinha entregue o seu coração ao império antes de mo ter oferecido. Julho ia avançando, e mesmo em Eburacum os dias estavam quentes. Abrimos as janelas para deixar entrar o ar fresco e cobrimos o doente com um pano leve de lã. O cricilar dos grilos misturava-se com o sibilar da sua respiração.

Certa tarde, quando eu estava sozinha com ele no quarto, Constâncio acordou de um breve sono e chamou por mim.

- Estou aqui, meu querido. - Peguei-lhe na mão.

- Helena... Sinto que esta é uma batalha que não vou ganhar. O Sol brilha forte, mas vai declinando, e eu também. Fiz a maior parte daquilo que me tinha proposto fazer neste mundo, mas receio pelo império, à mercê de Galério e dos seus Césares fantoches.

- Sem dúvida, Augusto pensou o mesmo, mas Roma subsiste - disse eu. - A sua segurança, no final, depende dos deuses, não de ti.

- Suponho que tens razão - quando o império recebe honras divinas, torna-se por vezes difícil notar a diferença. Mas os deuses não morrem. Diz-me, Senhora minha, este corpo pode curar-se?

Por momentos fitei-o, pestanejando para evitar as lágrimas. O seu olhar era claro e directo, e tinha havido sempre verdade entre

nós. Não podia negar-lha agora.

- Passou-se muito tempo desde que estudei a arte de curar - disse eu finalmente. - Mas cada dia passas mais tempo a dormir. A força vital do teu corpo vai-se reduzindo. Se continuar assim, penso que estarás connosco uma semana, não mais.

Surpreendentemente, o seu rosto iluminou-se. - Isso é mais do que consegui fazer dizer aos meus médicos. Um bom general precisa tanto de informações exactas para planear uma retirada bem ordenada como quando procura a vitória.

Eu não teria pensado nas coisas dessa forma e, apesar das minhas lágrimas, retribuí o seu sorriso.

- Constantino pediu-te que me curasses, mas agora eu peço-te uma coisa mais difícil, minha amada sacerdotisa. Passei tempo de mais da minha vida a tentar sair vivo das batalhas, e é difícil desistir. Agora terás de ensinar-me a morrer.

- Só o posso fazer se me transformar inteiramente em sacerdotisa e, quando o fizer, a mulher que te ama não estará aqui.

Ele acenou afirmativamente. - Compreendo. Quando mandei Constantino para a guerra, foi o imperador, não o pai, que lhe ordenou que corresse riscos. Mas temos um pouco de tempo, minha querida. Sê a minha amada Helena hoje, e festejemos as nossas recordações.

Apertei-lhe a mão. - Recordo-me da primeira vez que te vi, numa visão que recebi quando tinha apenas treze anos de idade. Brilhavas como o Sol, e ainda brilhas.

- Mesmo agora, quando o meu cabelo perdeu a cor e as minhas forças se foram? - gracejou ele.

- Um sol de inverno, talvez, mas para mim ilumina o mundo da mesma forma - garanti-lhe.

- Na primeira vez que eu te vi, parecias uma gatinha molhada - disse ele então, e eu ri-me.

Passámos o resto do dia a conversar, recordando cada um dos nossos encontros à luz suave da memória. Durante algum tempo, Constantino esteve connosco, mas era óbvio que aquilo era algo em que ele tinha apenas um papel periférico, de modo que saiu para repousar antes da sua vigia. Quando voltei para o meu quarto nessa noite, chorei durante longo tempo, sabendo que aquela tinha sido a nossa despedida.

De manhã fui para junto de Constâncio envergando uma túnica azul e envolta na invisível majestade de uma sacerdotisa. Quando ele abriu os olhos, reconheceu a diferença imediatamente. Os outros reagiram à mudança sem compreender, excepto Constantino, que olhava para mim com o pânico de uma criança que perde a mãe que julgava conhecer.

“És um adulto, agora”, tentei dizer-lhe com o meu olhar firme. “Tens de aprender a ver os teus pais como companheiros de viagem na estrada da Vida.” Mas suponho que não era surpreendente que ele nos visse com olhos de criança, tendo sido separado de nós apenas com treze anos de idade.

- Senhora. eu te saúdo - disse Constâncio em voz baixa. - O que tens para me ensinar acerca dos Mistérios?

- Todos os homens que nascem de mulheres têm de chegar um dia ao fim da vida - murmurei - e, agora, o tempo está a chegar para ti. De alma para alma, terás de escutar e não te deixar distrair. O teu corpo serviu-te bem, e nesse serviço foi-se desgastando. Deves preparar-te para o libertar, para te separares dele, para te ergueres do reino do tangível, que está sujeito a mudança e a decadência, até àquele lugar onde tudo é Luz, e onde são reveladas as naturezas reais e eternas de todas as coisas...

Tinham-se passado muitos anos desde que eu aprendera aquelas palavras, e só as dissera uma única vez, quando as outras noviças e eu tínhamos feito turnos para as ler a uma idosa sacerdotisa

moribunda; mas agora a necessidade obrigava-mo a recordá-las, completas e perfeitas.

Durante todo esse dia repeti as instruções, explicando como o corpo se tornaria um peso excessivo para ser movido, e toda a sensação desapareceria. Quando isso acontecesse, a alma deveria estar pronta para subir e sair pela coroa da cabeça, procurando a sua união com a Fonte de Tudo. Os cuidados do mundo e o afecto por aqueles que a pessoa amou conspiram para arrastar o espírito para trás, mas é necessário ser firme na determinação de os deixar ficar.

- Passarás por um longo e escuro túnel, como aquele por onde foste forçado a passar ao sair da escuridão do útero. É a viagem do teu nascimento em espírito, e, no fim dela, emergirás, não para a luz do dia, mas para um esplendor que é a verdadeira fonte do Sol...

Constâncio adormecera, mas eu continuei a falar, sabendo que uma parte do seu espírito ainda me escutava. Parecia-me que os deuses tencionavam proporcionar-lhe uma morte suave e que, de um desses sonos, não acordaria. e a alma partiria do corpo, e por fim a carne, sem um espírito para a orientar, acabaria por desistir também.

Por essa altura, já se ia tornando claro para toda a gente que o imperador estava a morrer. Na cidade, segundo me disseram, o clamor do mercado era abafado e ardia incenso em todos os altares. O povo de Eburacum sempre considerara Constâncio como um dos seus: ele tinha-os salvo dos Pictos e estavam-lhe gratos por isso. Na fortaleza, os soldados faziam guarda em volta do praesidium, e Croco e os seus guerreiros de maior patente tinham-se aglomerado no corredor, no exterior do quarto do imperador, aguardando com a paciência irracional dos bons cães.

Nessa noite, Constâncio esteve acordado durante o tempo suficiente para conversar um pouco com Constantino. Exausta, eu tinha ido deitar-me, mas na hora cinzenta antes da alvorada, um soldado foi buscar-me. Salpiquei a cara com água, procurando acordar, mas, na verdade, não estava surpreendida. Tinha dado a Constâncio permissão para partir e instruções sobre a forma de o fazer. Não havia razão para ele se demorar.

- Está a perder a consciência a intervalos - sussurrou-me o médico quando cheguei à porta. - E a respiração está difícil.

- Está aqui a Mãe, que veio ver-te - disse Constantino, um pouco desesperadamente, enquanto eu me sentava no banco baixo ao lado do leito. Constâncio esforçou-se por respirar, ficou sufocado por um momento e depois exalou o ar.

- Ponham mais almofadas por baixo dele - disse eu, destapando o frasquinho de essência de rosas que trazia pendurado ao pescoço. Vi as suas narinas fremirem e a respiração seguinte saiu mais fácil. Então abriu os olhos e os seus lábios contorceram-se, num esforço para sorrir.

Por momentos, bastou-lhe simplesmente respirar. Depois reuniu forças e voltou o olhar para Constantino. - Lembra-te... - sussurrou. - Cuida... da tua mãe... e dos teus irmãos... e irmãs... - O seu olhar focou-se em concentração. - Roga ao Deus Supremo... para que preserve o império...

Os seus olhos fecharam-se, mas estava ainda nitidamente consciente, ainda a lutar. As janelas estavam fechadas, mas eu pude sentir uma mudança no ar. Fiz sinal a um dos médicos.

Abre as janelas!

Quando as persianas foram dobradas para trás, uma luz pálida encheu o quarto. A claridade tornava-se maior a cada momento. O Sol estava a nascer; vi nas faces daqueles homens fortes as marcas brilhantes das lágrimas, Momento a momento, o rosto de Constâncio tornava-se mais claro. Inclinei-me para a frente e pousei-lhe as mãos unidas sobre o peito.

- O mundo desvanece-se à tua volta... - sussurrei. - É tempo de avançares para a Luz...

O seu olhar voltou-se para mim, mas eu não sabia ao certo o que ele procurava, porque, naquele momento, as suas feições estavam transfiguradas por uma expressão de surpreendida alegria. - Deusa.. . - A palavra pairou no limite do som. Depois os seus olhos abriram-se mais, já sem ver, o corpo lutou por uma última respiração sem o conseguir, e ele ficou imóvel.

Durante os oito dias que decorreram entre a morte de Constâncio e a sua cremação, Constantino fechou-se no seu quarto, comendo pouco, sem falar com pessoa alguma. Para mim, esses dias foram como um pesadelo, em que as recordações que me invadiam quando acordada eram piores que os sonhos. Mas, quando chegou o oitavo dia, vesti as roupas brancas de luto e acompanhei o corpo do meu marido até à pira funerária. Constantino aguardava, banhado e barbeado, envolto numa alva túnica, e, apesar de haver sombras profundas em volta dos seus olhos, tinha nitidamente recuperado o seu autodomínio.

Recordo-me dessa noite, agora, como uma série de imagens - chamas dos archotes ao vento, pálidas no crepúsculo que caía, e o mármore branco do túmulo acabado de fazer, brilhando vagamente à sua luz. Não haveria para Constâncio um funeral ao longo da estrada, fora da cidade - os magistrados de Eburacum tinham-no reivindicado e, se já não os podia proteger em vida, as honras prestadas a um túmulo no fórum talvez persuadissem o seu espírito a pairar sobre a cidade e a dar-lhe a sua bênção.

Tenho outra imagem - o corpo de Constâncio, envolto em púrpura e coroado com a coroa de ouro, jazendo sobre uma pira bem alta de bom carvalho britânico, cravado com ervas aromáticas.

Recordo-me da luz dos archotes nos rostos sombrios de Asclepiódoto e Croco, que nos escoltaram, e do fulgor das suas armaduras. E do silêncio de Constantino, como se tivesse sido esculpido no mesmo mármore que o túmulo.

Há um som, um lamento que se eleva da multidão quando Constantino enfia o seu archote entre os toros de madeira. Os soldados que enchem um lado inteiro da praça murmuram entre si, mas a disciplina mantém-se, e, à medida que o fumo vai subindo em espirais para o céu, ocultando a figura imóvel do imperador, tudo fica silencioso de novo, com excepção do choro das mulheres. Já tinha visto aquilo antes, na visão da minha passagem à idade adulta, mas vira-me vestida de púrpura e isso nunca acontecera, por isso, como podia ser verdade?

Recordo-me de a pira começar a transformar-se em brasas enquanto as primeiras estrelas despontavam no dossel de veludo do céu, e da voz profunda de Asclepiódoto dizendo a Constantino que deveria agora falar ao povo. Como um sonâmbulo, Constantino volta-se, e agora os seus olhos ardem. Ergue os braços e tudo fica num silêncio absoluto.

- Meus irmãos e irmãs, companheiros de armas e filhos do império. O meu pai e vosso pai está morto e a sua alma ascende aos

céus. Ficámos órfãos do nosso protector, quem olhará agora por nós?

Ergue-se o lamento das mulheres, logo sobreposto por um grito profundo, saído das gargantas de muitos homens.

- Constantino! Constantino irá proteger-nos! Constantino. imperador!

Constantino ergue de novo as mãos como para os silenciar, mas os gritos sobem de tom, e agora os soldados avançam para ele, com Croco à frente, um deles segurando uma túnica púrpura, e Asclepiódoto toma-me o braço e leva-me com ele.

Não me recordo de como regressámos ao praesidium. Mas pareceu-me que, durante toda a noite, os céus ecoaram o grito:

Constantino para imperador!

PARTE III - O CAMINHO PARA A SABEDORIA

CAPÍTULO QUINZE

307-312 d.C.

Em todos aqueles anos em que viajara pelo império como mulher de Constâncio, nunca tinha ido a Itália. Faltava-me ainda ver Roma, mas dizia-se que Mediolanum, a nova cidade de Maximiano na planície do Norte da Itália era quase tão magnificente como ela. Naquele dia, com as ruas recém-lavadas pelas chuvas da Primavera e todos os arcos enfeitados com grinaldas de flores, bem podia acreditá-lo, pois os senhores do império tentavam forjar mais uma

aliança através do casamento de Fausta, a jovem filha de Maximiano, com o meu filho Constantino.

Estavam comprometidos desde o ano em que Constâncio se tornara César. Na altura, Fausta era ainda uma criança e, durante os longos anos em que Constantino foi refém, primeiro de Diocleciano e depois de Galério. ninguém ficaria surpreendido se aquele potencial relacionamento tivesse sido esquecido por todos, incluindo Constantino, mas eu começava a perceber que Constantino nunca se esquecia de coisa alguma que considerasse sua. Eu esperava que o autointeresse o predispusesse ao afecto, e que o facto de Fausta ter crescido para ser sua esposa a inclinasse ao respeito, embora fosse esperar de mais do acasalamento de uma rapariga de catorze anos com um homem de trinta e cinco.

Os últimos nove meses tinham, sem dúvida, sido perturbadores. Apesar de as tropas, chefiadas por Croco, terem saudado Constantino como Augusto, ele tinha considerado mais político não exigir mais do que o lugar de César quando informou Galério de que tinha um novo colega. Entretanto, o filho de Maximiano, Maxêncio, tinha decidido seguir o seu exemplo, e o próprio Maximiano tinha abandonado o seu retiro para o ajudar. Agora todos se consideravam Augustos.

Eu teria preferido aguardar no palácio, mas Constantino insistiu em que toda a sua família, incluindo os seus meios-Irmãos e irmãs, os filhos de Teodora que trouxera connosco de Tréveris, tomasse parte no cortejo. Por isso, eu estava a ver Mediolanum do alto de um carro triunfal, engrinaldado e dourado, com um dossel de seda cor-de-rosa que chocava com a palla de púrpura que eu usava, embora eu esperasse que favorecesse a minha compleição.

Pelo som dos aplausos, Maximiano e Constantino, cavalgando lado a lado, tinham passado sob o arco de triunfo que levava à praça principal. Mais aclamações atrás de mim proclamaram a chegada da noiva, que vinha num carro puxado por quatro póneis brancos como o leite, que foram equipados com asas, de modo que cada um deles lembrava um Pégaso em miniatura. O rosto da jovem estava oculto pela seda cor de fogo do seu véu.

Eu ainda não sabia ao certo se a aclamação de Croco tinha apanhado Constantino de surpresa, ou se ele próprio a havia planeado. Em exame retrospectivo, era inevitável que o filho mais velho de Constâncio reivindicasse o imperium. Se ele não o tivesse feito, suponho que Galério teria armado algum golpe preventivo contra ele, e porque haveria eu de censurar o meu filho por fazer aquilo para que fora concebido e para que nascera?

Efectivamente, Constantino tinha agido com sabedoria e decisão, fixando-se na capital do seu pai, Trévenis. Tanto quanto se sabia, a sua ambição ia apenas ao extremo de governar os territórios do pai, e agora toda a gente o cortejava.

Houve dias em que tudo aquilo me pareceu um sonho. Com Constâncio, eu teria apreciado a situação, mas, assim, custava-me a crer que fazia parte daquele cenário, junto de um filho que amava, mas que mal conhecia. No entanto, tinha alugado a minha casa em Londinium e trazido toda a minha gente para Tréveris, onde Drusilla se ocupou das minhas cozinhas e Vitélia da gestão de tudo o resto, como se tivessem ambas nascido para viver em palácios. Sentia a falta das minhas alunas, de Katiya e dos meus outros amigos de Londinium, mas o entusiasmo de Constantino era contagioso. Constâncio tinha cumprido o seu dever, mas Constantino desfrutava o exercício do poder.

O clamor do povo começava a provocar-me dores de cabeça quando chegámos ao palácio, e eu estava mais do que pronta a sentar-me em qualquer sítio que não se movesse. Vi Constantino observar as orlas de mármore do palácio como se pensasse em copiá-las na sua nova basílica. Eram magníficas - lajes polidas, em cor-de-rosa e cinzento, fazendo padrões na parte inferior das paredes e no chão. Mas, apesar de o edifício em si ser impressionante, um exame atento revelava ter sido posto ao uso um pouco à pressa. As longas mesas tão belamente cobertas de brocados eram feitas de madeira simples, e as argolas de onde

deveriam pender tapeçarias para cobrir as paredes estavam ainda vazias.

Os convidados ricamente vestidos que se sentavam às mesas não pareciam dar por isso. Croco estava presente, com dois dos seus oficiais superiores, e um homenzinho rotundo chamado Óssio, que era bispo de Córdova. Apesar de o casamento ter sido uma cerimónia romana tradicional. Constantino pedira ao bispo que lhe desse a sua bênção, o que agradara, sem dúvida, aos cristãos.

Não obstante, uma vez feitos os sacrifícios, lidos os presságios e assinado o contrato de casamento, o festim a que assistimos foi memorável, apesar de a pequena noiva ainda não ter perdido a sua gordura infantil e estar inconvenientemente afogueada - devido à excitação, esperava eu, não ao vinho. Fausta tinha um belo cabelo ruivo, que as servas tinham enchido excessivamente de caracóis, e olhos cinzentos. Quando crescesse, talvez viesse a ser bonita, mas, de momento, com as bochechas cheias de comida, fazia lembrar um esquilo de olhos brilhantes.

Durante uma das pausas das diversões, quando os convidados andavam a circular, Constantino aproximou-se do meu leito.

- Meu querido - disse-lhe, erguendo o olhar para ele - ultrapassas em beleza a tua noiva! - Por certo, mulher alguma tinha jamais sido abençoada com um filho tão magnífico. Naquele dia, todos os meus sofrimentos me pareciam justificados.

Constantino sorriu. A sua túnica creme de seda oriental estava bordada e debruada a ouro, que fazia salientar os seus cabelos brilhantes. - É bastante bonita quando não está carregada de ornamentos como uma bezerra num festival. Mas a verdade é que é ainda muito jovem. Importas-te de dirigir a minha casa, Mãe, até Fausta ter idade suficiente para se encarregar disso?

Fingi pensar no caso, mas ele sabia que eu não poderia recusar, pelo que pegou na minha mão e a beijou quando lhe sorri.

- E há um outro pedido que queria fazer-te, ainda mais caro ao meu coração. - Fez uma pausa, como se procurasse as palavras. - Quando estive no Oriente, tive uma ligação... com uma mulher chamada Minervina, e, há dois anos, ela deu-me um filho.

Ergui uma sobrancelha, compreendendo por que motivo ele se sentia pouco à vontade para falar daquele assunto, quando, do seu ponto de vista, a história daquela Minervina se assemelhava muito à minha.

- E que fizeste dela, agora que tens uma mulher legítima? - perguntei acerbamente, e vi que o rubor do seu rosto o traía.

- Morreu de febre há um ano - respondeu com alguma dignidade. Não tive outra alternativa senão deixar o rapaz com o tio quando fugi a Galério. mas agora mandei buscá-lo. Chama-se Crispo, mãe. Podes cuidar dele por mim?

- Paterfamilias - gracejei. - Estás a tomar todos os teus parentes sob a tua protecção. Desagradou-te assim tanto que eu não pudesse dar-te irmãs e irmãos?

Por momentos, pareceu confuso, e depois dirigiu-me aquele sorriso adorável de que eu me recordava desde os tempos em que ele era um rapazinho. Um neto! Fiquei surpreendida por a ideia me excitar tanto.

- Não te preocupes - disse eu então. - Traz-me o teu filhinho. Se ele me sorrir dessa maneira, estou certa de que vou gostar muito dele.

- Avia! Avia! Vê... Bóreas vai saltar para mim!

Voltei-me, sorrindo, quando a criança de cabelos dourados segurou o ramo. O galgo ainda cachorro, o macho do par que Constantino me enviara recentemente, saltou sobre ele, enquanto a fêmea, Favóma, saltava em volta de ambos, a ladrar.

- Ainda são pequenos, meu querido... não os excites muito - avisei, embora, na verdade, estivesse na natureza de um cachorro viver num permanente estado de excitação, tal como sucedia com as crianças pequenas.

Crispo sentia curiosidade em relação a tudo, e encantava toda a gente. Constantino nunca falava da mãe do rapaz, mas era óbvio que ela o educara durante tempo suficiente para lhe dar a certeza de que era amado. Mesmo Fausta, embora tivesse mais idade para ser sua irmã, brincava com ele como se fosse um boneco e jurava que havia de adoptá-lo como seu.

Durante os três anos que se haviam passado desde que Crispo viera para Tréveris, eu tinha-me habituado ao grito Avia!. "Avó!". Parecia-me. por vezes, durante os primeiros anos do reinado de Constantino, que tinha vivido três vidas, e que a terceira era a mais feliz de todas.

Na primeira, tinha sido uma donzela de Avalon, lutando por sobreviver à hostilidade de Ganeda e adquirir o meu próprio poder. A segunda dera-me a alegria da realização de ser mulher, e a dor das paixões feminis. mas, mesmo durante os anos em que estivéramos separados, como uma flor sempre voltada para o Sol, a minha identidade tinha sido determinada pelo meu relacionamento com Constâncio. Mas agora o meu corpo encontrara um novo equilíbrio, já não à mercê das luas, e eu tinha uma nova existência, como imperatriz-mãe, a mais inesperada de todas as identidades.

Cansado daquela brincadeira, Crispo correu para trepar para o meu colo, e os cães, ofegantes, deixaram-se cair ao nosso lado. Tirei um figo caramelado do prato pintado sobre o banco que estava junto a mim e meti-o na boca do rapazinho, aninhando-o contra o meu peito.

Pela primeira vez na minha vida não precisava de fazer economias e tinha servos em abundância para fazer todo o trabalho

da casa imperial. Estava livre para passar a maior parte do meu tempo com Crispo, que possuía toda a inteligência do pai e, segundo me parecia, mais ternura, embora isso pudesse ser uma visão parcial de avó, que pode amar os netos mais abertamente, porque o sucesso ou o fracasso deles não se reflecte directamente sobre ela.

- Conta-me uma história de quando o Pater era pequeno! - murmurou Crispo, mastigando o figo.

- Bom... - pensei por um momento - quando ele tinha a tua idade, adorava figos, tal como tu. Nessa altura vivíamos em Naissus, e tínhamos um vizinho que se orgulhava muito da figueira do seu jardim. Ora, nós também tínhamos um cão chamado Hylas, que adorava fruta e chegava a trepar às árvores para a alcançar. Por isso, Constantino fez um açaimo para Hylas, e, de manhã muito cedo, passou-o por cima do muro do vizinho e encorajou-o a subir à figueira e a derrubar os figos maduros. Em seguida, introduziu-se no jardim com um cesto, apanhou-os e levou-os para a casa de brincar que tinha construído no jardim, para os comer.

- Comeu-os todos? - perguntou Crispo. - Não deu nem um ao cãozinho?

- Oh, sim, e lambuzou o focinho de Hylas com eles, e, quando o vizinho descobriu a sua perda e veio pedir-nos satisfações, agitando o punho fechado e exigindo que castigássemos o nosso filho, Constantino apontou para o cão e jurou por Apolo que tinha sido ele a fazer aquilo, o que, evidentemente, era verdade. Como o homem não acreditasse, insistiu em ir com Hylas até à figueira e deixá-lo trepar de novo, e, desta vez, evidentemente, ele não estava açaimado e conseguiu abocanhar um dos figos que lhe tinham escapado.

- O que disse o vizinho?

- Bom, primeiro queria que déssemos cabo do cão, mas depois contentou-se com a promessa de que não o deixaríamos ir de novo para o seu jardim. Assim jurámos também por Apolo, e pagámos ao homem o valor dos figos em prata, de modo que ele lá voltou para casa.

- Ainda bem que o cão se salvou - disse Crispo. - Mas o Pater não se meteu em sarilhos?

- Oh, claro, porque, bem vê, Hylas tinha sido ensinado a não saltar aquele muro. Constantino pensou que estava a ser muito esperto, até que lhe explicámos a diferença entre dizer a verdade e ser honesto, e o fizemos ajudar o nosso jardineiro a cavar os canteiros de flores até ter ganho o preço que pagámos pelos figos.

Vi os olhos da criança arredondarem-se, enquanto revolia a ideia de que o seu pai tinha sido um dia menos que perfeito. Nos últimos anos, Constantino tinha desenvolvido um nítido gosto pelo esplendor, e achei que não faria mal a Crispo aperceber-se de que o pai também era humano.

Se alguma coisa me preocupava era o contínuo torvelinho político em que Constantino se envolvia com os seus concorrentes pela supremacia. Não tinha dúvidas de que ele acabaria por triunfar, pois não era ele o Filho da Profecia? No entanto, aguardava avidamente as cartas do meu filho e, encontrando na mãe a sua mais segura confidente, Constantino escrevia-me muitas vezes.

Quando Crispo saltou do meu colo para ir brincar de novo com os cães, peguei na sua última carta, enviada de um ponto qualquer perto de Massilia. Depois do casamento, Maximiano tinha discutido com o filho e, durante algum tempo, refugiara-se junto de nós. Galério, não tendo conseguido rectificar a situação pela força, fizera outro tratado e instalara um homem chamado Licínio para substituir Severo, que Maxêncio havia executado.

E agora Maximiano, que, em minha opinião, apresentava sintomas de senilidade, apoderara-se do tesouro e enterrara-se em Massilia, depois de ter escrito uma carta a Fausta, proclamando que em breve seria de novo o único soberano do Ocidente.

Constantino estava, na altura, a passar revista às tropas no Rhenus, e Fausta, que o idolatrava, tinha-lhe escrito imediatamente para lhe dizer o que se estava a passar. Por essa altura, talvez Constantino estivesse a lutar contra o seu sogro. Não tínhamos recebido notícias depois daquela carta, escrita no templo de Apolo em Grannum, onde Constantino se instalara três noites atrás.

Grannum ficava no caminho, por isso aproveitei a oportunidade para passar a noite no santuário. E o deus deu-me um sonho. O

próprio Apolo veio ao meu encontro, acompanhado pela Vitória, e ofereceu-me quatro coroas de louros. Talvez tu saibas interpretar este portento melhor do que eu, mas penso que cada uma delas representa um período de anos durante os quais reinarei. O Sol Todo Poderoso sempre favoreceu a nossa família, por isso reivindico a Sua protecção. Se Apolo me der a vitória no conflito que se aproxima, inscreverei "sol 1 invicto comiti" na próxima emissão de moedas em Seu nome. Pede por mim, mãe, para que o que sonhei seja verdade e alcance realmente esta vitória...

Um som, como o murmúrio distante das árvores durante uma tempestade, chamou a minha atenção, mas não havia vento - o som provinha da cidade. Os jardins anexos ao palácio eram extensos. Se eu conseguia ouvir o ruído da rua para além dos nossos portões, onde a basílica se erguia acima das árvores, tinha de ser um som muito alto. Senti um nó no estômago, quando me pus de pé, mas dobrei cuidadosamente a carta de Constantino e meti-a no decote da minha túnica, no sítio onde descaía sobre o cordão da cintura.

Crispo e os cães perseguiam-se pelo jardim. Se fossem boas notícias, disse a mim mesma, poderia esperar para as ouvir, e não precisava de apressar o desgosto se fossem más.

No entanto, não foi um mensageiro militar coberto de poeira, mas Fausta, que saiu a correr do palácio para o Jardim, como se as fúrias a perseguissem. O nó do meu estômago apertou-se mais quando vi o seu rosto contorcido e as suas faces manchadas de lágrimas.

- Mater! Mater! Ele matou-se e a culpa foi minha!

Abruptamente, o meu terror dissolveu-se. O meu filho acreditava demasiado no seu destino para se matar, independentemente da calamidade que tivesse podido ocorrer. Abracei a jovem e apertei-a contra mim até ela parar de soluçar.

- Quem, Fausta? Que sucedeu?

- O meu pai... - lamentou-se ela. - Apanharam-no em Massilia e agora está morto, tudo porque eu contei a Constantino o que ele me tinha escrito.

- O teu dever era para com o teu marido, tu sabes isso - murmurei, acariciando-a - e Constantino teria sabido em breve, de qualquer forma, e o final viria a ser o mesmo. - Fora um suicídio muito conveniente, observei silenciosamente, perguntando a mim mesma se Maximiano teria tido ajuda na expiação do seu crime. Gradualmente, o choro de Fausta foi cessando.

- Chora o teu pai, Fausta, porque no seu tempo foi um grande homem, e teria detestado viver quando fosse fraco e velho. Usa branco por ele, mas não deixes que os teus olhos estejam inchados e vermelhos quando Constantino voltar a casa.

Ela acenou afirmativamente com a cabeça. Constantino gostava de ver toda a gente feliz à sua volta. Por vezes perguntava a mim mesma se teriam sido as incertezas da sua infância que lhe tinham incutido o desejo de uma família perfeita, ou se simplesmente o acharia necessário para poder desempenhar devidamente o seu papel de imperador.

Quando Constantino estava em casa, era seu hábito passar uma hora comigo ao fim da tarde. Umaz vezes falávamos da família, outras do império. Suponho que eu era a única conselheira em quem ele confiava absolutamente, mas, mesmo a mim, raramente abria a sua mente por completo. Por vezes eu lamentava a perda do rapaz franco que ele era antes de ir para a corte de Diocleciano, mas sabia que a inocência nunca teria sobrevivido aos perigos e intrigas que rodeavam um imperador.

Eu tinha uma pequena sala entre o meu quarto e os jardins, com portas que se podiam abrir no calor do Verão, e uma lareira à moda britânica para os dias de Inverno e as frialdades outonais. Agora, no final do Verão, sentava-me diante da lareira a fiar. O trabalho já não era a necessidade que havia sido em Avalon, mas constatei que ele focava e acalmava a minha mente.

- Como consegues fazer o fio tão fino e igual, Mãe? Por mais que te observe, quando experimento, a lã parte-se sempre nas minhas mãos desajeitadas' - Constantino estava sentado com as suas longas pernas estendidas para o fogo, os olhos encovados semicerrados enquanto via o fuso rodar.

- Nesse caso, é uma boa coisa que não tenhas nascido rapariga - respondi eu, segurando o fuso com o pé enquanto puxava mais lã da

roca e ajustava a tensão. Depois, uma torção experiente pô-lo a girar de novo.

- Oh. sim - disse ele. rindo. - Mas o destino, que determinou o curso da minha vida desde o berço, não iria errar num aspecto tão fundamental. Eu nasci para ser imperador.

Ergui uma sobrancelha. Havia algo de perturbante numa tal certeza, mas não podia negar que também eu acreditava que isso era verdade.

- E para prosseguir uma dinastia' Crispo está a tornar-se um belo rapaz. mas um filho só não é grande família. Fausta já tem dezanove anos e está pronta para ser engravidada. Ainda se mete em sarilhos se não lhe dás filhos.

- Ela tem-se queixado? - Riu-se. - Tens razão, evidentemente, mas não quero mais filhos sem ter a certeza de estar em casa o tempo suficiente para supervisionar a sua educação. A morte de Galério desequilibrou a balança do poder. Tenho motivos para pensar que

Maximino Daia fez uma aliança com Maxêncio. Eu próprio estive em comunicação com Licínio, que também reivindica o Oriente, e ofereci-lhe a mão da minha irmã Constância.

Dirigiu-me uma rápida olhadela, como se pensasse como aceitaria eu esta referência à sua meia-irmã, mas eu tinha aceitado havia muito o facto de Constância ter pedido a Constantino que velasse pelos filhos de Teodora. Ela podia ter tido um berço melhor que o meu, mas era o meu filho que era imperador.

- Então, as linhas foram traçadas...

- Maxêncio desfigurou as minhas estátuas. Ele diz que é a resposta ao tratamento que dei às imagens do seu pai Maximiano, mas Maximiano morreu como um rebelde, ao passo que eu devo ser considerado coimperador com Maxêncio. Vou ter de o defrontar, e em breve, antes que a neve feche as passagens dos Alpes. É um pretexto tão bom como qualquer outro.

- Se os boatos que eu ouvi forem verdadeiros, o Senado aplaudir-te-á. Ele tomou liberdades com demasiadas esposas e filhas dos patrícios e aplicou impostos excessivos. Mas tens forças que cheguem para enfrentar os homens que ele juntou à Guarda Pretoriana, e às tropas trazidas de África?

- Em qualidade... - sorriu, mostrando os dentes brancos. - Em quantidade? Não, mas eu sou melhor general. O número superior não importa quando não é bem conduzido.

- Que as bênçãos de todos os deuses estejam contigo - disse eu, franzindo a testa.

O riso abandonou o seu rosto. - Se eu soubesse que deus me garantiria a vitória, prometer-lhe-ia um templo... tornaria o seu culto o primeiro do império. Tenho de lutar contra Maxêncio, e isso tem de ser feito agora, mas tens razão em pensar que o resultado dependerá do favor dos deuses. Pede por mim, Mãe... Os deuses ouvem-te'

- Tu estás sempre nos meus pensamentos e nas minhas orações
- respondi, quando o silêncio ameaçou tornar-se longo de mais. Eu amava Constantino. Era o centro da minha vida. Mas havia alturas em que ele parecia precisar de mais do que eu sabia dar-lhe.

No dia seguinte partiu, com as suas tropas fiéis, do Rhenus, segundo presumi, embora não tivesse sido feita qualquer comunicação que pudesse alertar o inimigo. Mais tarde eu viria a saber que Maxêncio, antecipando um movimento de Constantino, tinha confiado a defesa do Norte a Rurício Pompeiano. ficando ele próprio em Roma para o caso de Licínio concluir um acordo com os Persas a tempo de o atacar. Mas, naquela altura, eu estava incapaz de apreciar as notícias que recebíamos, porque Crispo tinha apanhado uma doença qualquer dos filhos do jardineiro e, apesar de ele se recuperar rapidamente, eu, que tinha estado a tratar dele, contraí-a também.

Primeiro veio a erupção vermelha e depois a febre, que parecia fazer arder os meus próprios ossos. Se era uma doença existente na Britânia, o facto de ter crescido em Avalon tinha-me protegido dela. E, como sucede muitas vezes quando um adulto apanha uma doença infantil, fiquei muito mais doente do que Crispo estivera.

Enquanto o mês de Outubro ia chegando ao fim, eu sofria alternadamente de estupor e delírio. Nos meus momentos de lucidez, ouvi nomes de cidades: Segusio, Taun'norum, Mediolanum, e, mais tarde, Veroria, Brixia, Aquileia, Mutina. Mais tarde, viria a saber que eram as cidades que Constantino tomara. Recusando-se a permitir aos seus soldados que pilhassem a primeira, tinha conseguido a rápida rendição das que se seguiram. Mas eu estava a travar a minha própria batalha e, à medida que os dias iam passando, sentia estar a perdê-la.

Os acontecimentos passavam à minha volta como um sonho perturbado, mas, naquele estado intermédio em que pairava - nem o mundo da humanidade nem o mundo do espírito - sentia as marés das estações avançarem para Sambain, onde os Bretões diziam que o ano velho termina e principia a gestação de um ano novo. Então, surge um momento em que se abre uma porta entre os mundos e os mortos regressam.

Uma boa altura, pensei vagamente, para a minha própria partida. Só lamentava não ter tido oportunidade de me despedir de Constantino. Todavia, não era a minha vida, mas uma era, que estava a terminar, embora ainda se passassem muitos anos antes que eu compreendesse claramente o significado daquela maré Samhain.

Houve um dia em que a febre subiu uma vez mais, e o meu espírito, libertando-se de um corpo enfraquecido, começou a viajar entre os mundos. Parecia-me ver a terra estendida diante de mim, e o amor levou-me para oriente, onde o meu filho estava prestes a defrontar o seu inimigo. Vi uma grande cidade junto de um rio e soube que devia ser Roma. Mas as forças de Maxêncio tinham atravessado o Tibre a montante da cidade e estavam dispostas em formação, enfrentando o exército menor chefiado por Constantino. O Inverno chegara cedo e, no ar frio, o Sol parecia dividir-se, enviando uma refração através do horizonte que irradiava uma cruz luminosa.

As forças de Constantino carregaram sobre o inimigo, com a sua cavalaria gaulesa a escapar-se aos cavalos italianos mais pesados e a esmagar os Númidas mais levemente armados. Pude ver Constantino na sua armadura dourada, e a sua guarda de corpo, todos com as letras gregas Qui Ró pintadas nos escudos, para lhes dar sorte.

Os pretorianos de Maxêncio morreram de imediato, e o resto do exército perdeu a coesão e pôs-se em fuga. A ponte quebrou-se sob o súbito peso, precipitando homens e cavalos nas rápidas águas cinzentas. Os atacantes correram atrás deles, reparando os danos, e, ao pôr do Sol entravam em Roma.

À medida que a sombra invadia a terra, também eu penetrei nas trevas. A doença tinha percorrido o seu curso, mas eu estava terrivelmente enfraquecida. Comia e bebia quando me acordavam, mas passava a maior parte do tempo a dormir. Por vezes, semiconsciente, ouvia conversas à minha volta.

- Ela não melhora - dizia a voz do médico grego. - É preciso avisar o imperador.

- Não ousamos desconcentrá-lo. Se Constantino for derrotado, nenhuma das nossas vidas valerá mais que um denário. Maxêncio tratar-nos-á como Maximiano tratou a mulher e a filha de Galériio. - Era a voz de Vitélia. Parecia ter estado a chorar. Quis dizer-lhe que Constantino tinha triunfado, mas não consegui que o corpo obedecesse à minha vontade.

- Mesmo que enviemos já uma mensagem, o meu senhor talvez não chegue a tempo - disse Fausta. Era irmã de Maxêncio e esperava decerto ser poupada se ele triunfasse, a menos que ele a culpasse pela morte do pai comum. Os primeiros imperadores não tinham hesitado em matar os parentes. Porque deveria eu lutar pela vida num mundo onde tais coisas podiam acontecer?

Mas, na manhã seguinte, chegou um mensageiro a confirmar a minha visão, e, no meio da alegria geral, o pequeno Crispo introduziu-se no meu quarto e, quando ele me abraçou, rindo de satisfação pelas notícias e chorando por me ver tão magra e pálida, senti um lampejo de força passar do seu corpo jovem e forte para o meu, e percebi que os deuses, afinal, não iriam levar-me naquele Samhain.

Foi depois da festa da Saturnália que Constantino regressou a Tréveris. Por essa altura eu já estava a recuperar as minhas forças, apenas com uma ocasional falta de fôlego a recordar-me a minha luta para respirar. mas o meu cabelo, que até então apresentara apenas algumas madeixas grisalhas. tinha embranquecido durante a doença. Pensei que isso faria com que ele não notasse as outras mudanças, porque não tinha permitido que lho dissessem como eu estivera perto da morte.

Decidi recebê-lo na minha sala, onde a luz que se reflectia das paredes pintadas de vermelho me daria uma cor mais saudável. Mesmo assim, senti-me feliz por estar sentada quando ele veio ter comigo, porque a aura de poder que dele irradiava era como um sopro de calor de um violento incêndio.

- Ave, Sol Invictus! És por certo o Sol em todo o seu esplendor agora!

Ergui uma mão, em sinal de saudação, ou talvez para o afastar, porque naquele momento me parecia um gigante, tornando pequeno tudo o que enchi a sala. Mais tarde, quando vi a estátua que ele mandara fazer em Roma, cuja cabeça tinha a altura de um homem, percebi que o escultor tinha pressentido nele a mesma qualidade que eu, de algo que ultrapassava a escala humana.

Constantino sorriu, inclinou-se para me beijar, e depois começou a andar em volta da sala, como se o poder que o enchia o impedisse de estar parado. Não comentou o meu aspecto; talvez ainda estivesse transfigurado pelas suas visões para poder concentrar-se no mundo exterior.

- Oh, Mãe, gostaria que lá tivesses estado, pois decerto o Deus da Luz esteve comigo naquele dia! - Deu mais uma volta à sala e postou-se de novo junto de mim.

- Ouvi dizer que houve muitos sinais e coisas maravilhosas. Que sucedeu, Constantino? Que viste tu?

- Oh, sim, agora todos dizem que a minha vitória estava prevista, mas, naquela altura, os profetas de ambos os lados prediziam que o seu lado venceria. Os Livros da Sibila profetizavam que um inimigo de Roma iria perecer no dia da batalha, e, evidentemente, Maxêncio dizia ser eu, e os astrólogos murmuravam obscuramente acerca de uma conjunção de Marte, Saturno, Júpi ter e Vénus em Capricórnio. Mas eu sou o Filho da Profecia, e sabia como fazer com que até os meus inimigos me servissem!

Olhei-o, surpreendida. Constantino sempre possuía autoconfiança, mas agora falava com o fervor de um sacerdote em transe.

- Maxêncio tornou-se um tirano, e Roma teria que ver em mim um libertador. Ele estava na ponte quando ela caiu, e o peso da sua armadura arrastou-o para a lama, afogando-se. Quanto às estrelas,

na noite antes da batalha, sonhei que uma figura brilhante me mostrava um rolo com as letras gregas que os escribas usam para salientar uma passagem que é boa, e disse-me que aquele era o Sinal pelo qual eu venceria. Quando acordei, disse aos escravos que afixassem o Qui e o Ró num estandarte militar, e à minha guarda que desenhasse o Sinal nos seus escudos, e depois o Sol nasceu e dividiu-se numa cruz de luz, e eu soube que a vitória seria minha. Sopater acredita que eu vi Apolo, mas o bispo Óssio assegura que a visão me foi dada pelo Christos.

- E em que acreditas tu? - perguntei.

- O Jesus dos Judeus, que crucificámos, é um deus para escravos - disse Constantino. - Mas o grande Pai que os cristãos adoram, o Rei e Criador de todo o mundo, é o mesmo que o deus dos filósofos, e é digno de ser patrono de um imperador. Não creio que impor-te o nome que as pessoas Lhe deem, desde que reconheçam que o Deus único é supremo nos céus e na terra, tal como um único imperador.

- O Senado pode ter-te aclamado Augusto sénior - observei suavemente - mas no Oriente, Licínio ainda governa e está prestes a tornar-se teu cunhado...

- Isso é verdade. - Constantino franziu a testa. - Não sei como o deus irá arranjar as coisas, mas, no meu coração, sei que o que disse é verdadeiro. É o meu destino.

- Acredito em ti - disse suavemente, porque, naquele momento, com os restos do sol de Inverno a banhá-lo num clarão dourado, parecia efectivamente tocado por um deus. E, sem dúvida, depois das desordens civis dos últimos anos, uma única mão forte nas rédeas do império seria bem-vinda.

As profecias de Avalon tinham predito uma criança que iria mudar o mundo, e, a cada ano que passava, tornava-se mais evidente que Constantino era o predestinado. A minha rebelião tinha sido justificada. Só não compreendia porque sentia aquela inquietação latente, mesmo quando rejubilava com a vitória do meu filho.

A Primavera que se seguiu foi uma das mais belas de que me conseguia recordar, como se o mundo inteiro celebrasse a vitória de

Constantino. Uma maravilhosa mistura de sol e chuva fez nascer as flores, e o trigo de Inverno produziu uma abundante colheita.

Eu estava no jardim, a falar com o homem que se ocupava das roseiras, quando Vitélia saiu a correr do palácio, agarrada a um rolo, com as faces marcadas pelas lágrimas.

- O que foi? - exclamei, mas, quando ela se aproximou, vi que os seus olhos brilhavam de alegria.

- Ele salvou-nos! - exclamou. - O teu filho. abençoado por Deus. preservou-nos!

- De que estás a falar? - Tirei-lhe o pedaço de papiro da mão.

- Isto chegou de Mediolanum... os imperadores estabeleceram uma política quanto à religião...

Desenrolei o papiro, lendo as palavras que se referiam ao primeiro édito de tolerância de Galério e acrescentando-lhes; ... a ninguém deverá ser negada a liberdade de seguir a religião dos cristãos ou qualquer outro culto que, de sua livre vontade, alguém considere ser o mais adequado, para que a Divindade suprema, a cujo serviço prestamos a nossa livre obediência, possa conceder-nos em todas as coisas os seus habituais favores e a sua benevolência.

Os parágrafos que se seguiam restituíam aos cristãos as propriedades e as liberdades que lhes tinham sido extorquidos pelas perseguições. estipulando que todos os cultos deveriam ter uma liberdade de religião igualmente livre e desimpedida. Não admirava que Vitélia estivesse a chorar, pensei então. A sombra que pendera sobre ela e a sua igreja tinha sido levantada, e os cristãos poderiam agora emergir, ao lado dos seguidores das religiões tradicionais, sob a abençoada luz de um novo dia.

Eu não vira aquele reconhecimento de uma Verdade que ultrapassa os cultos e os credos em todos os meus anos passados entre os Romanos, cujos deuses pareciam competir pelo favor dos seus adoradores como magistrados durante as eleições, ou como os

filósofos. que denunciavam as outras escolas como erros, ou entre os cristãos. que simplesmente declaravam que todas as outras religiões estavam erradas.

Este reconhecimento de um poder sob cuja luz todas as crenças poderiam ser iguais recordou-me os ensinamentos que recebera quando criança em Avalon, e, ao pensar nisso, senti os meus olhos encherem-se de lágrimas de gratidão.

CAPÍTULO DEZESSEIS

316 d.C.

Sentar-me na praia de Baiae era como estar no coração do Sol. A luz reflectia-se com ofuscante intensidade da areia branca que

bordejava a baía, cujas águas cintilavam num azul límpido, apenas um pouco mais escuro que o azul do céu. Para uma filha do Norte, aquela luz era irresistível, banindo toda a escuridão não só do corpo como da alma. Reclinada no leito do terraço, situado entre o mar e a piscina de água doce, sentia o calor dissipar as dores que um Inverno em Roma deixara nos meus ossos.

Pareceu-me que as ansiedades dos últimos anos se dissipavam igualmente. Ainda havia quem desafiasse a autoridade do meu filho, mas ele revelara-se um brilhante general e eu não duvidava de que um dia seria o senhor supremo do império.

Durante vários anos, a corte imperial estivera instalada em Roma. -Mas a grande cidade, que era atormentada por um frio gélido no Inverno. era igualmente má no Verão, quando um calor húmido e pegajoso cobria como um lençol as suas sete colinas. Fausta, que estava agora na última lua da sua primeira gravidez, queixara-se de que o calor a sufocava. por isso eu tinha trazido a casa imperial para ali, para o palácio que o imperador Severo tinha construído junto da baía de Puteoli no golfo de Neapolis, cinquenta anos antes.

Fausta estava reclinada num leito ao meu lado com duas escravas a abaná-la, e um toldo para proteger a sua pele clara. Mas eu tinha apenas um chapéu para me proteger os olhos. Para mim, o

calor em qualquer parte da Itália era igualmente intenso, mas na costa o ar tinha uma pureza que revigorava, mesmo quando subjucando, pelo que passava a maior parte do meu tempo ao sol, escutando o suspiro das cintilantes ondas na praia.

De vez em quando chegavam até mim risos provenientes da piscina, onde Crispo brincava com os filhos de nobres famílias romanas que tinham vindo fazer-lhe companhia. Se me voltasse, podia ver os seus jovens corpos lisos, dourados pelo sol. Crispo tinha agora catorze anos, com ossos grandes como os do pai e uma voz que era, na maioria das vezes, a de um homem.

Quando o meu filho fizera quinze anos, já estava na corte de Diocleciano havia dois anos. Cada ano que Crispo ficava comigo era uma bênção, como se estivessem a ser-me restituídos os anos em que perdera Constantino.

Quanto ao próprio Constantino, pouco o via. A derrota de Maxêncio fizera dele o senhor indiscutível do Ocidente. Licínio era agora seu cunhado, mas o pacto que os dois imperadores firmaram não durou muito. Dois anos depois iniciaram uma série de conflitos que iriam prosseguir por uma década. Todavia, o meu filho sentia-se agora suficientemente seguro para levar Fausta para o seu leito e, aos vinte e três anos, ela ficara finalmente grávida. Jurou-me que

isso não iria alterar o seu afecto por Crispo e. efectivamente, adoptou-o como seu filho e de Constantino. No entanto, eu não podia deixar de pensar se a sua atitude não mudaria quando tivesse um filho seu.

O ruído da piscina aumentou em crescendo quando as crianças começaram a sair dela, brilhantes sob o sol forte. Bóreas e Favónia, que dormiam à sombra do meu leito, ergueram as cabeças para os observar, com as caudas a bater suavemente contra as lajes do chão. Os escravos acorreram com toalhas para enxugar os rapazes, enquanto outros traziam travessas com frutas, doces e jarros de água com hortelã, arrefecida com gelo trazido dos Alpes e armazenado numa pequena cave, envolto em palha. Drusilla ter-se-ia rido de tal extravagância, mas morrera um ano depois da grande vitória de Constantino. Sentia a falta das suas comidas simples, rodeada como estava por tantos luxos.

Ainda a rir, Crispo conduziu os outros para o terraço, e eu endireitei-me, sorrindo quando os cães começaram a saltitar aos seus pés. À medida que crescia, ia-se parecendo cada vez mais com o seu avô Constâncio, excepto que, enquanto o meu amado tinha uma pele tão clara que se queimava ao mínimo contacto com o sol, Crispo herdara o tom de pele da sua mãe, e o sol que lhe branqueava o cabelo só dava à sua pele um tom dourado mais escuro. Com excepção da toalha por cima de um dos ombros, estava nu como uma estátua grega, revelando os músculos treinados, belo como um jovem deus. "Mas é apenas um rapaz". disse a mim mesma, cruzando sub-repticiamente os dedos num sinal contra o

mal, irracionalmente receosa de que uma daquelas divindades pudesse escutar o meu pensamento e ficar ressentida.

“Já estou entre os Romanos há tempo de mais”, pensei, porque os deuses do meu povo não eram tão propensos a cobiçar os mortais, nem à inveja. Não obstante, Crispo estava a aproximar-se daquela idade que, nas terras do Sul, era considerada como o apogeu do esplendor. Fausta observava-o com um apreço tão grande como o meu, e dei comigo a evitar um estremecimento.

- Avia, Avia! Gaio diz que o lago do outro lado da colina é o local por onde Eneias desceu ao Mundo Inferior. Vamos formar um grupo para ir lá ver. Podemos levar almoço e fazer um piquenique na praia, e ler passagens da Eneida. Vai ser educativo.

- Quem as lerá" - perguntou Fausta, rindo. - Não Lactânio! Tentou sentar-se, mas o grande volume do ventre impediu-a, e estendeu uma mão para que a serva a ajudasse.

Sorri. O eminente retórico tornara-se, para o fim da vida, um ardente cristão e tinha sido recentemente enviado por Constantino para ser o preceptor do seu filho. O imperador tinha tomado bem claro que o Christos era agora a sua divindade patrona, e aqueles que queriam ascender na sua corte tinham achado vantagens em converter-se também ao cristianismo. Até então, ele não tinha insistido num compromisso formal da sua família, embora se esperasse de nós que assistíssemos aos serviços abertos aos não iniciados. Sentia a falta de Vitélia, que regressara a Londinium para reconstruir a igreja em honra do seu sobrinho.

- Não estejas assim tão certa! - replicou Crispo. - Lactâncio é um grande admirador de Virgílio e diz que ele é um dos pagãos virtuosos que predisseram a vinda do nosso Senhor.

- Nesse caso, suponho que ele não proibirá essa expedição - disse eu. - Muito bem. Vamos planear a saída de manhã cedo, amanhã, de modo a chegarem antes do calor do meio-dia.

Para minha surpresa, Lactâncio não só não opôs qualquer objecção, como decidiu ir também, com um rolo da Eneida firmemente seguro na mão. Fausta ficou no palácio, a repousar, mas o velho e eu viajámos em liteiras, enquanto os rapazes montavam em pequenos burros da aldeia próxima, aptos a subir o caminho

sinuoso. Atrás de nós seguia uma carroça cheia com os apetrechos para o piquenique.

Mesmo no Norte de Itália conseguia encontrar cenários que me recordavam a minha terra, mas ali sabia que estava noutra região. onde o ar aquecido cheirava a artemísia e ao perfume das flores que cresciam em grande profusão no rico solo vulcânico. Quando chegámos ao cimo da colina acima de Baiae, mandei parar para repouso dos carregadores e dos burros. e voltei o olhar para as brilhantes águas azuis da baía de Neapolis e para o cone perfeito do Vesuvius. Naquele dia não saía fumo do seu cume, embora as encostas do forrizz de Vulcano, a dois dias de jornada. projectassem fumos com diversos odores desagradáveis. Chamavam àquele local os "Campos de Fogo", e eu podia sentir o fogo da terra por baixo da superfície, uma eterna advertência de que nada era eterno, nem mesmo o chão sólido por baixo dos nossos pés.

Depois recomeçámos a nossa expedição, descendo em direcção ao redondo espelho azul lá em baixo. As colunas brancas dos banhos termais construídos na margem pelos primeiros imperadores brilhavam ao sol de Verão, mas nós detivemo-nos num pomar frondoso ao abrigo de uma colina. e os escravos começaram a dispor a refeição. Os rapazes já andavam a correr por toda a área, experimentando a água, desafiando-se uns aos outros para mergulhar.

- Tens a certeza de que este é realmente o Lago Avernus? - perguntou Crispo, quando Lactâncio e eu nos instalámos nas nossas cadeiras de verga. - Repara, há pássaros que o sobrevoam sem perigo e, embora a água pareça um pouco estagnada, não nos fez mal.

- Virgílio devia saber que era boa - disse um dos outros rapazes. Dizem que o próprio Júlio César visitou estes banhos.

- Bom, talvez as coisas fossem diferentes quando Roma foi fundada - disse eu, sorrindo. - Afinal, já lá vão mais de oitocentos anos. E estamos num belo Verão, não se esqueçam. No Inverno, com uma tempestade, este local poderá parecer muito mais ameaçador.

- Mas onde fica a "caverna de larga boca" de que Virgílio nos fala? perguntou Crispo.

- Talvez houvesse em tempos um abismo que agora está fechado
- respondeu Lactâncio - porque se diz que esta é uma terra sempre em mudança. - Estendeu um dos braços, numa pose de orador. Mesmo com aquele calor, usava uma túnica longa e, com a barba branca caindo sobre o peito, parecia desempenhar o papel de um sábio antigo, quando desenrolou o livro e começou a declamar:

Havia uma caverna de larga boca, profunda, vasta e acidentada, protegida por um lago sombrio e pomares frondosos; as suas mandíbulas negras exalavam vapores que se elevavam para a abóbada celeste; pássaro algum podia sobrevoá-la sem perigo...

- E quando a terra começou a tremer, foi um terramoto e não Hécate a sair? - perguntou Crispo.

Lactâncio assentiu com a cabeça, sorrindo. - Esses espíritos maus não passam de sonhos e ilusões, que os receios dos homens tomaram demoníacos. Quando a terra treme é pela vontade do Senhor Deus que a criou, mas era necessário que Eneias, que viveu muito antes de a luz do Christos vir ao mundo, fosse levado a fundar Roma.

- Todavia, Virgílio era pagão - observei.

- Era - respondeu Lactânncio - mas de alma tão nobre que a luz de Deus pôde chegar até ele, como sucedeu com muitos dos nossos grandes poetas, possuidores do mais alto génio. Séneca, Maro e Cícero, entre os nossos autores romanos, e Platão, Aristóteles, Thales e muitos outros entre os Gregos, todos eles alcançavam a verdade, por vezes, e apenas o costume dos seus tempos, que insistia em que Deus não era único, mas muitos, os levou a venerar falsos deuses.

- Se havia aqui um abismo, talvez tenha sido fechado quando Cristo nasceu - disse o jovem Galo, cujo pai era um dos poucos senadores que se tinham convertido de alma e coração à nova religião.

- Na verdade, poderia ter sido assim - aprovou Lactânncio.

Por essa altura a comida já estava pronta e os rapazes, que se encontravam naquela idade em que uma refeição é sempre bem-vinda, estavam a atacá-la com o seu habitual entusiasmo. Além de pão, azeitonas e queijo, os cozinheiros tinham incluído uma vasilha dacaldeirada de mariscos que era uma especialidade de Balae, contendo diversos crustáceos estufados com urtigas-do-mar e ervas aromáticas. Olhei-a, com desconfiança, mas os cozinheiros tinham-no acondicionado com o gelo das caves, e parecia estar bom.

- Que templo é aquele cuja cúpula vejo a brilhar por cima daquelas árvores? - apontei para o cimo da colina atrás de nós.

- É o templo de Apolo que coroa a colina de Cumae - respondeu um dos escravos.

- Cumae! - exclamou Lactâncio, olhando para cima com interesse. Evidentemente, teria de ser, porque a Sibila deu, da sua caverna, o seu oráculo a Eneias e depois conduziu-o ao lago para descer ao Mundo Inferior.

- Ainda lá existe uma vidente? - perguntei, recordando-me de como Héron tinha profetizado a chegada de Constâncio, e perguntando a mim mesma, com uns restos de curiosidade profissional, como seria conduzido ali o oráculo.

- Oh. não - respondeu Lactâncio. Nunca ouviste contar a história? No tempo de Tarquínio, o último rei de Roma, a sétima vidente de Cumae levou-lhe nove livros de profecias. Quando ele, chamando-lhe louca, se recusou a pagar o seu preço, ela queimou três dos livros, e depois mais três, até que, por fim, o rei comprou os restantes três pelo preço que ela pedira inicialmente pelos nove. E, depois disso, as palavras de outras sibilas foram recolhidas em todas as cidades de Itália e da Grécia, especialmente as da Eritreia, e os senhores de Roma têm-se guiado por elas desde esse dia até agora.

- Então não há uma sibila residente no santuário de Cumae?

- Não, Nobre Senhora - respondeu o escravo. - Apenas a sacerdotisa que cuida do templo de Apolo. Mas a caverna onde a Sibila fez os seus oráculos ainda lá está.

- Gostaria de ir vê-la - disse eu então - se os carregadores já tiverem terminado a sua refeição. - Cunoarda, a pequena albanesa que se tornara minha serva depois de eu ter libertado fiodlind, foi até à beira da água, onde os escravos estavam a comer, e regressou com os oito vigorosos germanos que Constantino me dera. O cabelo ruivo da rapariga recordava-me Dierna, a minha pequena prima que eu amara havia tanto tempo.

- Deve ser bastante seguro - disse Lactâncio seriamente. - Não há vento, e o demónio Apolo deve estar sossegado. E talvez o espírito da Sibila que proclamou a unidade de Deus fale contigo. Eu fico aqui a vigiar os rapazes.

Refreei o impulso de erguer uma sobrancelha. Ao fim de tantos anos, o crescente de Avalon quase desaparecera da minha frente, e eu não sentia desejo algum de explicar ao velho por que motivo não receava o daimon de Cumae, quer se tratasse de um espírito ou de um deus. Lactâncio nunca me interrogara acerca da minha fé, mas sabia que eu não comungava da sua igreja, e Crispo confessara-me que o seu preceptor se preocupava com o estado da minha alma.

Nunca me ressentira com as preces de alguém que me queria bem, independentemente do deus ao qual rogasse por mim, e Lactâncio era uma boa alma, além de ser uma pessoa culta. Se o meu neto havia de ser cultivado por um cristão, tinha sorte em ter sido escolhido aquele velho.

Uma hora de viagem levou-nos até um rochedo nu de arenito dourado, perfurado por um túnel sombrio que era a entrada para Cumae.

- Não lhes digas quem eu sou - avisei Cunoarda, quando ela me ajudou a descer da liteira. - Diz ao porteiro que sou uma viúva da Gália chamada Júlia, e que farei uma oferenda se me mostrarem a caverna da Sibila.

Sentei-me num banco por baixo de um carvalho, satisfeita por estarmos a altitude suficiente para captar a brisa marinha, e fiquei a ver o sol brilhando na trança ruiva da rapariga, enquanto ela se dirigia para o portão. No regresso, vinha a sorrir.

- Mandaram chamar a própria sacerdotisa de Apolo para te guiar. Penso que já não recebem muitos visitantes no santuário.

Momentos depois, uma mulher de meia-idade, envergando uma túnica branca, emergiu do túnel. Quando se aproximou, reparei que a sua roupa estava quase no fio, mas escrupulosamente limpa.

- Mulher Sagrada, vou oferecer esta pulseira de ouro ao deus, em nome do meu marido, que o venerou. mas o meu mais profundo interesse é a caverna da Sibila. Poderás levar-me até lá? - Não trouxera uma bolsa comigo, mas a pesada pulseira que trazia no pulso continha ouro suficiente para alimentar a mulher durante muito tempo.

- Com certeza, domina. Vem comigo. - A sacerdotisa voltou-se para as sombras frescas do túnel e eu seguia-a, com Cunoarda atrás de mim. Quando saíamos para a luz, ela puxou o véu de gaze para cobrir a cabeça, e eu fiz o mesmo.

Diante de mim havia um pátio coberto com lajes desgastadas de arenito e um plinto com uma estátua da Sibila, de braços erguidos, com os cabelos ondulando ao vento.

- Quando Eneias aqui chegou, pediu o oráculo. A Sibila estava além. diante das portas, quando o poder do deus desceu subitamente sobre ela disse a sacerdotisa. Apontou para uma porta de formato estranho na encosta do monte, semelhante a um triângulo alongado a que tivessem cortado a ponta.

- Ela parecia mais alta - prosseguiu a sacerdotisa - e a sua voz tornou-se retumbante. É da natureza dos seres humanos resistirem quando um tal poder tenta apoderar-se deles - dizem que a Sibila começou a correr de um lado para o outro, como uma égua assustada, até o deus a dominar. E então, dizem, o Seu poder correu pela caverna como um grande vento. e todas as suas portas se abriram, levando as palavras dela aos homens que aguardavam.

- Cem portas, não era, segundo Virgílio? - perguntei.

- Não há assim tantas, mas há aberturas por todo o caminho - disse a mulher, sorrindo - Vem e verás.

Levantou a tranca, encostou um pedaço de madeira à lamparina que iluminava a entrada, serviu-se dele para acender um archote e empurrou a porta. Pude então ver que não se tratava de uma caverna natural, mas de uma passagem escavada na pedra sólida. Do lado direito, uma série de vãos tinha sido aberta na superfície inclinada da colina. Filtrava-se um pouco de luz através das suas aberturas cobertas.

Do lado esquerdo, havia uma longa calha ao lado da passagem, por onde corria água. Enquanto avançávamos, a luz bruxuleante do archote brilhava sobre a água e projectava estranhas sombras que dançavam pelo chão empoeirado. Depois do forte calor no exterior, o ar ali dentro parecia húmido, fresco e parado.

Apolo talvez não estivesse presente, pensei enquanto caminhava. mas sentia um poder de outra natureza à espera, no interior da pedra silenciosa. Teria sido realmente Apolo que falara outrora pela boca do oráculo, perguntei a mim mesma, ou teria Virgílio, escrevendo quinhentos anos depois de ter partido a última das sibilas de Cumae. simplesmente presumido que ela servia o deus que se apoderara da maior parte dos outros oráculos do mundo

mediterrânico? Projectei os meus sentidos que não usava havia muito, pensando se a força que outrora ali residira ainda mantinha coerência suficiente para reagir.

Entre uma respiração e outra, senti o habitual desvio da consciência que assinalava a aproximação do transe. Cunoarda agarrou-me pelo cotovelo quando tropecei, mas eu abanei a cabeça e apontei para o vão escuro ao fundo do túnel.

- Sim. diz-se que era ali que a Sibila se sentava quando dava as respostas - disse então a sacerdotisa. - Não sei que tipo de assento ela teria, mas mantivemos sempre ali uma tripeça, como têm em Delphi.

Eu avançava apesar de os meus pés mal tocarem o chão, mas a tripeça ao fundo da passagem parecia brilhar com luz própria. "A crença de séculos tomou-o sagrado", pensei.

- Vou sentar-me ali - disse eu, numa voz que não parecia a minha. Tirei a pulseira do outro pulso e estendi-a à sacerdotisa. Por

momentos, ela ficou desorientada, olhando nervosamente para a tripeça, mas aquele não era o templo do seu deus, que teria a obrigação de defender de qualquer possível sacrilégio. Era óbvio que ela não conseguia sentir o poder que começava a fazer rodar a minha cabeça.

Tremendo, sentei-me na tripeça e o meu véu deslizou, deixando-me a cabeça descoberta. A posição despertou recordações ocultas nos meus ossos; o meu tremor transformou-se em convulsão quando o meu corpo tentou ajustar-se ao influxo do poder.

- Senhora. não te sentes bem? - exclamou Cunoarda, estendendo os braços para mim, mas a sacerdotisa impediu-a, e a parte da minha mente que ainda era minha constatou com alívio que, apesar de a mulher não ser vidente, possuía a preparação suficiente para reconhecer o que se passava comigo.

- Não lhe toques - preveniu e acrescentou: - Tudo isto é altamente irregular. Ela devia ter-me dito que possuía o Dom, para eu ter tomado precauções, mas agora não há nada a fazer.

Mas na verdade, ocorreu-me um pensamento rapidamente empurrado para o fundo da mente, eu própria não sabia que as artes do transe em que fora iniciada havia tanto tempo iriam acordar tão rapidamente ali.

“Então. filha, vais deixar-Me entrar?” disse uma voz dentro de mim e, com um longo suspiro, deixei-me levar por aquela brilhante obscuridade como se estivesse nos braços ternos de uma mãe.

Apercebia-me vagamente de que o meu corpo ficara rígido, de que os meus cabelos se haviam soltado dos ganchos. Os meus braços estenderam-se, os dedos flectiram-se, como se Alguém estivesse a redescobrir as sensações de usar a carne uma vez mais. Só lamentava que aquele corpo, que já tinha aguentado sessenta e sete anos, fosse tudo o que eu tinha para oferecer.

- Quem és tu? - sussurrou a sacerdotisa.

- Eu sou a Sibila... - responderam os meus lábios. - Eu sou sempre a Sibila. Em Eritreia falei, e na Frígia, em Samos e na Líbia, bem como em muitos outros lugares sagrados das terras dos homens. Mas já se passou tanto. tanto tempo. desde que alguém Me deu voz neste santuário.

- Falas com a voz de Apolo? - perguntou a sacerdotisa, desconfiada.

- Vai para o teu templo que se ergue nas alturas e abre as tuas portas ao vento e ao sol e Ele falará contigo. Mas o meu poder provém das profundezas e das trevas da terra, e das águas eternamente ascendentes da fonte sagrada. Eu sou a Voz do Destino. Procuras um oráculo?

Houve um silêncio desconfortável, e depois o riso da Sibila.

- Mulher, serviste os deuses durante uma vida inteira. Porque estás tão surpreendida por um Poder falar contigo? Ah, bem... leio na mente desta velha mulher que me recebeu que muitas coisas

mudaram. Roma continua a existir, mas entre a sua gente há quem tenha abandonado os seus deuses antigos.

- É culpa dos cristãos - exclamou a sacerdotisa. - Eles dizem que só há um deus...

Senti a minha consciência mudar uma vez mais, aprofundando-se e expandindo-se, enquanto o ser que me invadira era igualmente ocupado por um clarão deslumbrante que varria toda a consciência mortal.

- Na verdade, a Fonte Divina é uma única divindade de poder proeminente, que fez os céus, o Sol, as estrelas e a Lua, a Terra frutuosa e as ondas das águas do mar. Esse é o único, que existiu e existe sozinho pelos séculos dos séculos.

- Estás a dizer-me que os cristãos têm razão? - A voz da sacerdotisa tomara um tom agudo de horror. - E o seu deus é o único?

- Nenhum mortal, excepto nos máximos transportes do êxtase, pode tocar a divindade máxima. Tu, que vives na carne, vês com os olhos do mundo, uma coisa de cada vez, por isso vês Deus sob muitos aspectos, tal como diferentes imagens são reflectidas pelas muitas facetas de uma pedra preciosa. A cada faceta deste uma forma e um nome - Apolo ou Ámon, Cibele ou Hera, que outrora disseram oráculos neste santuário. O Jeová dos Judeus vela por um só povo, e esse Jesus abençoa os que clamam por ele. Eles desejam tocar o único, mas as suas limitações humanas só lhes permitem ver um único rosto, que identificam como o todo. Estás a compreender?

Naquele momento apreendi o que ela estava a dizer e desejei que me fosse permitido recordar aquelas palavras.

- Então eles estão errados! - exclamou a sacerdotisa.

- Eles fazem bem em servir o Christos, se seguirem realmente os seus ensinamentos, como tu fazes bem em servir o radiante Apolo. Eles só estão errados ao supor que não existe outra verdade que

não seja a que veem. Mas posso dizer-te uma coisa... a visão deles é poderosa, e prevejo um tempo em que o templo do teu Apolo cairá em ruínas, o seu culto será tão esquecido como o da deusa que era aqui venerada antes de ele chegar.

Lamentai-vos, vós, altos deuses, chorai por vós, habitantes do Olimpo, porque chegará um tempo em que os vossos altares serão derrubados e os vossos templos serão encimados pela Cruz. - A visão alargou-se num mosaico de cenas, enquanto eu via a Cruz erguida sobre edifícios cheios de dignidade e esplendor, ou ostentada nas capas dos homens que cuidavam dos doentes ou se atacavam uns aos outros com espadas sangrentas. A visão continuou a desenrolar-se, enquanto a Sibila pronunciava palavras que já não conseguia ouvir, e a sacerdotisa se agachava aos seus pés a chorar.

Por fim, as imagens cessaram e apercebi-me de que a Sibila voltara os olhos para Cunoarda.

- E tu, minha filha... há alguma coisa que queiras perguntar-me?

Cunoarda baixou os olhos, e em seguida ergueu-os com um clarão de esperança que a transformou. - Por quanto tempo continuarei a ser escrava?

- Quando a tua ama for livre, serás livre também, e uma terra distante concederá refúgio a ambas. Mas antes que isso suceda, ela terá de suportar grandes desgostos e fazer uma grande viagem.

- Agradeço-te - murmurou a rapariga. Tinha a cabeça curvada, mas pude ver que as lágrimas brilhavam nas suas faces.

- Há mais coisas que poderia dizer, mas este corpo começa a fatigar-se. Tenho pena, pois sei que se passarão muitos séculos antes que venha outra pessoa através da qual ela permita falar.

A minha cabeça descaiu e, por um momento, fui dois seres num só corpo: o Oráculo imortal e uma velha com dores em todos os ossos. Cansava-me agarrar-me à consciência da Sibila, mas era

como tentar deter a maré alta. E, de súbito, aquela presença vital que me invadira desapareceu, e eu caí nos braços de Cunoarda.

Quando regressámos ao palácio de Baiae, eu já estava de novo na posse de todas as minhas faculdades, embora o meu corpo, esforçado para além da sua capacidade normal pelo poder que o habitara, se sentisse tão frouxo como um odre vazio. Assim que pude falar, avisei Cunoarda de que não deveria dizer a ninguém o que tinha acontecido, mas que recordasse o que fora dito e o anotasse, porque os pormenores já se iam escapando da minha memória, tal como um sonho se esvai com o dia. No respeitante às pessoas livres do palácio, obedeceu-me, mas penso que deve ter dito qualquer coisa aos meus portadores de liteira germanos, pois a partir dessa altura passaram a tratar-me com uma reverência que ultrapassava o dever, e ouvia-os sussurrar Haliruna quando eu passava.

Crispo e os outros ficaram preocupados comigo, mas acharam que o meu colapso não passara da debilidade de uma senhora idosa que se esforçara de mais, e pediram-me desculpa por me ter arrastado para aquela expedição num dia tão quente. Mas eu assegurei-lhes que tinha corrido o risco voluntariamente, apesar de eles nem imaginarem quão grande esse risco tinha sido. E, na verdade, assim era, porque, apesar de me doer o corpo todo, o meu espírito parecia pairar no ar, tendo constatado que a capacidade de tocar o Outro Mundo que me tinha encantado na juventude, não estava ainda perdida para mim.

Passámos pelos portões do palácio quando o crepúsculo começava a descer, mas havia luzes por toda a parte.

- O que foi? - perguntei, afastando os cortinados da liteira. - O imperador chegou? Haverá algum festim que eu tenha esquecido?

- Oh, senhora! - exclamou o eumuco que era nosso intendente.

O imperador não, mas talvez um César... A Senhora Fausta entrou em parto esta tarde! Tem chamado por ti, domina. Peço-te... vai acudir-lhe.

Recostei-me, com um suspiro, desejando que aquilo não tivesse sucedido naquele dia, quando eu estava tão fatigada.

- Não lhe servirei de nada antes de me ter banhado e comido. É o seu primeiro filho. Temos muito tempo.

Quando cheguei à câmara de parto, encontrei Fausta sozinha, choramingando a cada dor.

- Porque mandaste embora as tuas servas, minha filha? Elas só querem ajudar-te.

- Andavam só à minha volta, não me largavam, até que não pude suportá-las mais! Oh, Avia, dói tanto! Vou morrer?

- Tu és jovem e saudável, Fausta - disse eu encorajadoramente, pegando-lhe na mão. - Bem sei que isso não é agradável, mas levará algum tempo até que o teu útero se abra para deixar passar a criança. - Eu tinha tido apenas um filho, mas posteriormente

assistira aos partos das mulheres dos oficiais sob o comando de Constâncio, e acrescentara a essa experiência os ensinamentos das parteiras de Avalon.

Olhei para a porta de onde a parteira espreitava e fiz-lhe sinal para que entrasse.

- Ela está a ir muito bem - disse a mulher cautelosamente. Gostaria de saber o que Fausta lhe tinha dito.

Os dedos de Fausta apertaram dolorosamente os meus quando surgiu outra dor. O seu cabelo cor de cobre estava escuro, devido à transpiração, e tinha o rosto manchado pelas lágrimas, acima do ventre disforme. Era bom, pensei então, que o seu marido não estivesse ali para a ver.

- Fala para mim, Avia - disse ela, quando conseguiu articular as palavras de novo. - Um poema, uma anedota ou uma história sobre Constantino quando era pequeno. qualquer coisa que me distraia das dores.

- Muito bem... - dei-lhe uma palmadinha na mão. - Ele nunca te contou a história de como ganhou os seus primeiros louros? Foi quando Probo era imperador e vivíamos em Naissus.

Ela abanou a cabeça. - Ele fala-me por vezes de coisas que vai fazer no futuro. mas nunca me falou dos seus tempos de rapaz.

- Então cabe-me a mim fazê-lo, para que tu, por tua vez, possas contar essas histórias aos teus filhos. - Esperei que uma nova dor passasse, mas penso que a minha presença tinha aliviado a sua tensão, e as contracções eram agora mais suportáveis.

- Constantino tinha acabado de fazer sete anos. embora sempre tivesse sido grande para a sua idade e parecesse mais velho, e o imperador Probo tinha oferecido um prêmio para as corridas a pé na festa de Apolo. Enquanto falava, tornei a minha voz mais profunda, fazendo as palavras subir e descer de tom conforme as contracções que comprimiam o ventre de Fausta.

- Constantino começou a praticar, correndo todas as manhãs com Hylas. o nosso cão na altura. Eu tinha o pequeno-almoço pronto e à espera, quando eles voltavam, ofegantes da corrida.

Gradualmente, Fausta ia-se descontraindo. seguindo os meus ritmos na tentativa de encontrar os seus, mesmo ofegando por entre as palavras.

- Ele ganhou essa corrida facilmente, porque entre os rapazes da sua idade, era o alto e forte. Mas no ano seguinte passou para outra divisão e, apesar de ser da altura de muitos, eles eram mais fortes e mais experientes. Acabou numa posição respeitável, mas não foi o vencedor e, como sabes, o meu filho não gosta de perder.

- Que fez ele?

- Recordo-me de que ficou muito silencioso, com aquele franzir de sobrolho obstinado que todos lhe conhecemos. E pôs-se a praticar, da manhã à noite, durante toda a Primavera. O meu filho sempre foi um sonhador, mas dos práticos, capaz de fazer todos os esforços necessários para que os seus sonhos se tornem realidade. Quando o Verão voltou, foi novamente o vencedor.

Fausta soltou um grande suspiro e depois fez um esgar, lembrando-se de que a sua corrida ainda estava a decorrer. - E no ano seguinte?

- No ano seguinte, fomos transferidos para Sirmium, e, nesse Verão, o imperador foi assassinado antes que as corridas fossem marcadas.

- Conta-me mais coisas sobre Constantino, apressou-se Fausta a dizer. - Que jogos gostava ele de fazer?

Franzi um pouco a testa, tentando recordar-me. Dizem que a criança é pai para o homem. Ocorreu-me então que não deveria

culpar Diocleciano pelo que fizera do meu filho - os sinais do seu futuro carácter já lá estavam na infância, se tivéssemos olhos para os ver.

- Ele gostava de reunir os filhos dos outros oficiais e fazer paradas no jardim, fingindo que estavam a celebrar um triunfo. Recordo-me de que, certa vez, tentou treinar dois gatos do estábulo para puxarem um carro. Essa foi uma das vezes em que falhou, e teve de usar o cão. Não creio que ele aceitasse inteiramente o facto de por vezes. não se conseguir obter o consenso de todos.

E essa era, sem dúvida, uma das características que ele ainda tinha. E agora era imperador, com poder para forçar a sua vontade, incapaz de compreender por que razão as facções cristãs em disputa, depois de lhes ter concedido o seu favor, ainda se agarravam às suas inimizades. Os donatistas em África e os seguidores do egípcio Àrio noutros locais, eram injuriados pelos ortodoxos com maior energia do que a usada contra os pagãos, pagando-se na mesma moeda.

- O meu marido é corajoso, perseverante e seguro de si - disse Fausta - e o seu filho vai ser exactamente como ele.

- Tens assim tanta certeza de que vai ser um rapaz? - perguntei, sorrindo, mas, na verdade, eu não tinha o direito de a torturar, eu que tinha estado tão certa de dar à luz o Filho da Profecia. Ouvi o som das persianas a serem abertas e, voltando-me, vi, pela janela, a primeira luz da madrugada.

À medida que o novo dia ia avançando, as dores de Fausta começaram a ser mais rápidas e os seus lamentos transformaram-se em gritos. A parteira tentou encorajá-la, dizendo que agora já faltava pouco, mas Fausta tinha chegado àquele ponto em que as mulheres em trabalho de parto gritam pelas mães e amaldiçoam os maridos.

- Diz a essa mulher que não me minta! - arquejou Fausta. - Vou morrer. Sei que vou morrer. Em breve estarei com o meu pai e o meu irmão entre as sombras, e hei-de dizer-lhes que foi Constantino que me mandou para lá! - Gemeu quando o seu ventre se contraiu de novo. - Mas ficas junto de mim, não ficas, Avia?

- Fico contigo, sim, minha querida. - Inclinei-me para alisar os cabelos húmidos que lhe caíam sobre a fronte. - E vou rejubilar contigo quando o teu filho vier ao mundo. Lembra-te de que as dores que sentes fazem parte do trabalho da Grande Mãe... não são dores, são poder.

Os olhos de Fausta fecharam-se de exaustão, mas eu continuei a acariciar-lhe os cabelos, e nunca a amara tão verdadeiramente como naquela hora. Podia sentir as forças poderosas que trabalhavam dentro de si e procurei a Deusa, em busca da Sua harmonia.

Daí a um momento, o ventre de Fausta contraiu-se uma vez mais, mas, desta vez, os seus olhos abriram-se de surpresa.

- Avia, sinto vontade de fazer força... é mau?

A parteira começou a sorrir, e eu dei uma palmadinha na mão de Fausta. - Isso quer dizer que está tudo bem - disse eu. - O bebé está quase pronto para sair. Vamos colocar-te na cadeira do parto e, quando sentires vontade de fazer força, faz...

No momento seguinte, o poder da Mãe cresceu dentro dela uma vez mais. Quando a dor passou, levámos Fausta para a cadeira de assento estreito e a parteira ajoelhou-se entre os seus joelhos, enquanto eu a prendia. Toda a minha fadiga anterior desaparecera na alegria do milagre que esperávamos.

- Tragam água quente - ordenei às servas - e vejam se as faixas para envolver a criança estão prontas. Já não falta muito.

Grunhindo, Fausta contorcia-se contra as minhas mãos. Agora que chegara o momento de dar provas, tinha parado de choramingar e estava a revelar a coragem da família de soldados de que provinha. Fez força uma, duas, três vezes, e depois deixou-se cair com um suspiro, quando a criança a contorcer-se, vermelha de sangue e já a gritar o seu protesto, deslizou para as mãos da parteira que a apararam.

Continuei a segurar Fausta enquanto as outras mulheres se atarefavam à sua volta, cortando o cordão e ajudando-a a expulsar a

placenta, enquanto as servas lavavam e enfaixavam a criança. Depois, a nova mãe foi transportada para uma cama limpa e eu pude finalmente parar, trémula de emoção.

- Onde está ele? - gritou Fausta. - Quero ver o meu filho!

- Ele aqui está - respondeu a parteira. - O mais lindo rapaz que eu já vi. - Entregou-me a criança enfaixada, ainda a chorar.

“O meu neto...”, pensei. olhando para o rostozinho contorcido. Todos os recém-nascidos se pareciam com os avôs, mas eu não via ali sinais de Constâncio. Vermelho de frustração, com cabelos escuros, a criança que eu tinha nos braços parecia-se com o seu outro avô, Maximiano.

Cuidadosamente, transferi o bebê para os braços da mãe.

- Um filho? - perguntou ela. - Perfeito?

A parteira assentiu com a cabeça. - É perfeito em todos os aspectos.

Fausta descontraíu-se com um suspiro, e o bebé sossegou, embora as suas feições ainda estivessem franzidas.

- O meu Constantino... - Beijou a cabeça do bebé e apertou-o contra si. O filho legítimo do imperador.

- Há quem conteste a validade da minha relação com o pai do imperador - disse eu secamente. - Aconselho-te a não falares nesses termos com Constantino, se não queres que ele pense que estás a duvidar da sua legitimidade. E, de qualquer forma, a tradição romana tem sido a de que é o homem mais qualificado quem usa a púrpura, não necessariamente um parente, muito menos o mais legítimo dos filhos. - "E será decerto Crispo, com a vantagem da maturidade e o seu brilho natural, que será escolhido quando chegar a altura", pensei então.

Perdida na contemplação da maravilha que tinha produzido, não creio que Fausta me tenha ouvido sequer. Fui eu, recordando histórias que ouvira de lutas fratricidas entre os Persas quando um novo Grande Rei subia ao trono, que senti o primeiro arrepio de medo.

CAPÍTULO DEZESSETE

321-324 d. C.

- Domina... chegou uma carta de Crispo... - Cunoarda parou à porta da minha sala.

- Fecha a porta, por favor, e vamos lê-la.

A braseira estava a fazer o que podia para combater o frio húmido do Fevereiro romano, e eu tinha os pés pousados sobre o flanco de Bóreas, filho do primeiro cão a que dera esse nome. Mas, mesmo depois das renovações que tinha mandado fazer quando Constantino me ofereceu a Domus Sessorianum, o palácio continuava sujeito a correntes de ar. Eu tinha feito o possível para lhe dar um aspecto confortável, com esperanças na restauração da relativa simplicidade da villa suburbana que este palácio em tempos fora, mas os arquitectos estavam influenciados pelas novas noções de grandeza de Constantino, e só naquela sala, cujas paredes estavam cobertas com tapeçarias britânicas, e onde tapetes britânicos de riscas cobriam o chão de mosaico, me sentia suficientemente quente para evitar os ataques periódicos de falta de ar que me atormentavam durante o Inverno.

- Senhora, que está a fazer? - perguntou Cunoarda, estendendo-me o rolo dentro da sua caixa.

-A fiar... - Corei um pouco enquanto enrolava a lã solta em volta da roca e a pousava, juntamente com o fuso, bem consciente de que

aquele era um comportamento peculiar por parte da mãe de um imperador. - Quando era rapariga, tinha quase sempre o fuso na mão. Queria ver se ainda era capaz.

- Eu também fiava, quando era criança, em Alba - disse Cunoarda, cuja voz se tornou mais suave.

- Então vamos arranjar um fuso só para ti e poderás sentar-te a fiar comigo junto à lareira - respondi. - Mas primeiro vamos ver o que o meu neto tem para me dizer.

O rolo estava escrito com a letra cuidadosa de Crispo. Tinha agora dezanove anos, com o título de César, e, durante os últimos dois anos residira em Tréveris, como delegado de Constantino, entre campanhas na fronteira germana. No Verão anterior, as suas tropas tinham alcançado uma importante vitória contra os Alamanos. Sentia a falta dele, porque Fausta e os filhos viviam com a mãe dela em Mediolanum. e eu raramente os via. Apesar de ter começado tarde, ela revelara-se excepcionalmente fértil. Um segundo filho, Constâncio, nascera um ano depois de Constantino, e um terceiro, Constante, neste último ano.

Avia Nobilissima, principiava ele. Tenho grandes e felizes novidades. Vou casar-me com uma rapariga encantadora, filha do magistrado sénior de Tréveris. O seu nome é Helena também! Não achas que é uma grande coincidência? Chamo-lhe Lena. Comecei a amá-la durante este último Inverno, mas não sabia se tínhamos permissão para casar. Agora o meu pai deu-me essa permissão, e vamos realizar a nossa festa no próximo mês, antes de eu partir ao encontro da minha legião no Rhenus. Espero que possas estar connosco para a cerimónia, mas, se isso não for possível, peço a tua bênção.

Que o Deus supremo te conserve de boa saúde, queridíssima Avia. O teu Crispo que te adora.

- Abençoada criança, mas que seja castigado por se casar com tanta pressa. Ele devia saber que as estradas e os mares vão estar maus nesta época para eu poder ir lá! - exclamei.

- Bem, a sua pressa é compreensível, uma vez que vai para a guerra. Sem dúvida instalará a noiva em Colonia ou Argentoratum, enquanto estiver com as tropas - disse Cunoarda, apanhando o fuso que, na minha excitação, eu tinha derrubado do banco.

- Como é que o meu pequeno Crispo pode estar para casar-se? - Abanei a cabeça. - Parece que ainda ontem se sentava nos meus joelhos.

- Talvez a faça bisavó num instante - disse Cunoarda, sorrindo.

Suspirei. Custava-me a ver Crispo como pai, mas naquela estação, quando todas as maleitas dos pântanos em volta da cidade pareciam instalar-se nos meus ossos, sentia-me suficientemente velha para ser até mesmo trisavó. Tinha sido um Inverno muito severo, e eu tinha ouvido dizer que grassava uma nova peste nos bairros mais pobres de Roma.

- Vou oferecer-lhes o meu palácio de Tréveris - disse então - e mandar redecorar o meu quarto para a noiva. E vou enviar-lhe o meu colar de pérolas mais longo. Ficará melhor junto da sua pele jovem que junto da minha.

- Oh, senhora, não deve dizer isso. Não sabes que se diz por aí que os deuses te concederam um prolongamento da juventude?

Ergui uma sobrancelha. - Cunoarda, nunca imaginei que fosses capaz de me lisonjear! Traz-me o meu espelho... talvez tenha havido um milagre desde a última vez que olhei para a minha imagem!

Corando um pouco, trouxe-me o círculo de prata polida cujo cabo tinha a forma das Três Graças, com os braços entrelaçados. Voltei o rosto para a luz e ergui o espelho. O rosto que me olhava estava aureolado por cabelos prateados, puxado para trás e preso num nó, com dois bandós lisos, seguros com uma fita entrelaçada. A carne que outrora se agarrara, lisa, aos meus ossos fortes, estava agora descaída, e os meus olhos estavam encovados e ocultos na sombra por baixo das sobrancelhas.

- O que eu vejo, minha querida, é o rosto de uma mulher saudável de setenta e dois anos. Se não é propriamente a imagem de uma bruxa é porque eu tomo cuidado com a minha alimentação e

me forço a fazer exercício. Mas só porque vivo num palácio, não é motivo para ignorar as realidades da vida - disse asperamente. - Agora leva daqui essa coisa. A hora das audiências está a chegar. Quantas pessoas esperam na sala de recepção?

- Não tantas como é habitual, mas uma delas é Silvestre, o bispo-patriarca da Sé de Roma.

- Muito bem, suponho que é altura de pôr de parte o fuso e tornar-me uma Nobilissima Femina, apesar de ser velha. Vou usar a minha túnica de seda verde floresta e por cima dela o pallium verde-mar.

- Sim, senhora, e os brincos e o colar de esmeraldas e pérolas?

Acenei afirmativamente com a cabeça, estendi a mão para a minha bengala e pus-me de pé com a sua ajuda, suspirando como se já sentisse o peso do brocado e das joias.

Desde que tomara posse da Sessoriana, tinha adquirido o hábito de ouvir petições antes da refeição do meio-dia. Surpreendia-me verdadeiramente ver quantas pessoas atravessavam a cidade até à minha domus, aninhada no ângulo sudeste das muralhas que o imperador Aureliano tinha construído para proteger os subúrbios de Roma em expansão.

Naquele dia, apesar do mau tempo, a sala estava cheia. Acima do odor aromático das ervas colocadas sobre as brasas, senti o cheiro da lã molhada e sorri, porque me trazia recordações da Britânia. Escoltada por Cunoarda, com os meus galgos ao lado, tomei lugar na cadeira de madeira entalhada sobre o estrado, e observei a multidão.

Reconheci Júlio Maximiliano que estava a supervisionar a reconstrução dos banhos no terreno da domus. Era minha intenção abri-los ao público. depois de prontos, pois só para manter uma velha limpa não era preciso um estabelecimento daquelas dimensões.

Maximiliano encontrava-se ali, sem dúvida, para me informar sobre o progresso dos banhos, que havia sido atrasado pelas chuvas de Inverno e por doenças entre os trabalhadores. Alguns dos outros eram meus clientes e tinham vindo simplesmente por cortesia. Mas o que estava a fazer ali o patriarca cristão da cidade?

Silvestre aguardava com surpreendente paciência. Era um homem pequeno e vigoroso, com uma franja de cabelos avermelhados tornando-se grisalhos em volta da tonsura, e envergava uma simples túnica branca e uma capa. A única marca da sua posição era uma grande cruz sobre o peito, em ouro trabalhado. Era o jovem padre que o escoltara que se inquietava e murmurava contra o atraso.

Se alguns dos outros estavam aborrecidos com a pressa com que eu atendia as suas petições, não ousavam dizê-lo, e, ao fim de uma hora, apenas restava Silvestre para ser atendido.

- Meu caro e senhor bispo, estou certa de que apenas uma questão de grande importância poderia ter-te trazido até mim num dia destes. No entanto, eu já sou velha e não estou habituada a jejuar. Para que tenhas tempo suficiente para expor o que desejas, quererás partilhar comigo a refeição do meio-dia?

Pude ver um sorriso divertido a cintilar-lhe nos olhos, mas assentiu com uma gravidade igual à minha. O bispo Óssio tornara-se um dos conselheiros de Constantino em que ele mais confiava, mas eu nunca tinha conseguido gostar muito dele. Silvestre parecia-me diferente. Sentia curiosidade em conhecer melhor este padre que era o sucessor do apóstolo Pedro e patriarca da Sé de Roma.

Depois de Cunoarda ter levado o jovem padre para comer nas cozinhas, Silvestre e eu fomos escoltados ao triclinium. Vi-o olhar em volta para os adornos de mármore das paredes inferiores e para as pinturas acima delas, e senti um certo embaraço. apesar de as cenas representarem ninfas e pastores do romance de Dáfnis e Cloé e serem bastante inocentes.

- Peço desculpa pela grandeza e pelo frio - disse eu, fazendo-lhe sinal para que se reclinasse no leito do outro lado da braseira. Na enorme sala, nós os dois parecíamos um par de ervilhas numa enorme tigela. - Nunca tomo aqui as minhas refeições quando estou sozinha, mas o meu pessoal ficaria mortificado se eu lhe dissesse que nos servisse na minha pequena sala.

- Estamos todos à mercê dos nossos servidores - respondeu Silvestre. - A minha governanta manda impiedosamente em mim.

- Se houver alguma coisa que não possas comer, avisa-me - disse eu, um pouco nervosa, e vi-o sorrir.

- Não é dia de jejum e, de qualquer forma, o próprio São Pedro disse que não é o que entra na boca de um homem, mas o que sai dela que o desonra.

- É bem verdade - concordei. Todavia, sussurrei a Cunoarda que instrísse o cozinheiro para servir algo simples.

Não sei se foi a minha ordem ou o respeito pelo patriarca que o inspirou, mas, pouco depois, foi-nos servido caldo de cevada e um prato de lentilhas com acanto, acompanhadas com ovos, pão e queijo. O apetite do bispo era bom e, subitamente, pensei que aquela talvez fosse a sua primeira refeição daquele dia.

- Então - disse eu, depois de termos matado a fome, quando estávamos a beber vinho aromático - que desejas de mim?

- Tens assim tanta certeza de que vim como peticionário?

- És um homem excessivamente ocupado para seres tu mesmo a fazer esta viagem, se uma simples mensagem ou um delegado bastassem.

- É verdade - disse Silvestre com um suspiro. - A necessidade é grande, senão não teria vindo ter contigo. Já debes ter ouvido dizer que grassa uma doença na cidade, mas talvez não saibas que proporções atingiu. Não é uma daquelas febres que aparecem todos os verões, mas algo de novo, em que a vítima cospe sangue ou morre sufocada na sua própria fleuma. Há quem diga tratar-se de um sinal precursor dos Dias Finais, e se tenha estendido na cama à espera da vinda de Nosso Senhor, mas eu penso que é mais uma provação que nos foi enviada para nos experimentar.

- Parece horrível - disse eu. - Que posso fazer?

- Pelos doentes, pouco. Transformei a igreja de Latrão em hospital, e estamos a cuidar deles o melhor que podemos. Mas há tantos doentes ou mortos que estamos com dificuldades em certas partes da cidade. Já esvaziei o meu próprio tesouro. Precisamos de autorização para distribuir cereais dos celeiros da cidade e para requisitar outras coisas aos mercadores para os pobres.

- E os cônsules não a concedem?

Ele a cenou com a cabeça. - Pensei que talvez a mãe do imperador conseguisse persuadi-los mais eloquentemente que eu.

- Posso tentar - disse eu, pensativamente. - Vou envergar os meus vestuários de ouro e visitá-los amanhã. E talvez me ocorram

outras ideias para vos ajudar, depois de ter visto o teu hospital.

Aquele era um homem, pensei, que raramente se surpreendia com as extravagâncias da natureza humana, para o bem ou para o mal. Mas satisfez-me constatar que a minha reacção o tinha surpreendido.

O meu caminho para o templo de Saturno, onde iria reunir-me com os cônsules, passava pelo centro de Roma, e pareceu-me que, efectivamente, o coração da cidade estava menos apinhado do que me recordava. Quando passámos pelas ruas, vi, pendurados nas portas, alhos e amuletos ou coisas piores, numa tentativa desesperada de manter à distância o espírito da doença. Depois do anfiteatro de Flávio, abri os cortinados da liteira e pedi aos carregadores que parassem junto do arco que Constantino ali erguera, no antigo caminho triunfal entre as colinas Celiana e Palatina. Não me surpreendera saber que era o maior arco do triunfo de Roma.

Mas, apesar de as suas dimensões poderem suscitar admiração, a sua decoração tinha divertido muita gente, porque apenas o friso superior se referia a Constantino, celebrando a sua vitória sobre Maxêncio. Os restantes painéis, relevos e medalhões tinham sido retirados de monumentos a imperadores mais antigos, como

Adriano, Trajano e Marco Aurélio. O arquitecto justificara aquela usurpação, proclamando que Constantino era a sùmula e a personificação do génio imperial, mas, ao observar o monumento, não pude deixar de notar que os painéis de Constantino eram visivelmente inferiores aos restantes.

“Tiveste pressa de mais, meu filho”, observei silenciosamente. “Não precisavas de roubar a glória a outros homens.”

Como Silvestre previra, a palavra da imperatriz-mãe era uma ordem que nenhum magistrado de Roma ousou ignorar. No regresso ao meu palácio, coloquei um véu para me proteger do contágio, e ordenei aos carregadores que fizessem um desvio para poder visitar o hospital.

Constantino não passava muito tempo em Roma, mas tinha sido generoso na concessão de igrejas. Em vez de se apoderar de propriedades da aristocracia, que era, na maior parte, ainda pagã, tinha construído a maior parte delas em terrenos imperiais, fora das antigas muralhas da cidade. Mas, no ano do seu casamento com Fausta, tinha oferecido o palácio imperial de Latrão, onde ela nascera, ao patriarca de Roma. Depois de arrasar as casernas da cavalaria de Maxêncio, tinha construído a sua primeira catedral ao lado do palácio.

Recordei-me do rapazinho que tanto gostava de construir fortalezas no nosso jardim e apercebi-me de que, para ele, uma das atracções do cristianismo consistia na oportunidade de construir coisas novas...

Coisas novas e em grande escala. Quando entrei, pude ver a imensa fileira de colunas que suportavam a nave, e os pilares de mármore verde sob as arcadas inferiores dos corredores laterais. A luz jorrava das altas janelas por cima da abside, cintilando na filigrana do crucifixo de prata, e as estátuas de Cristo Ressuscitado e de Jesus Ensinando, flanqueadas por anjos, velavam por todo o cenário interior.

Mas, olhando melhor, esqueci todo aquele esplendor. A nave e as coxias laterais por baixo das colunas, de ambos os lados, estavam cobertas com fileiras de toscas enxergas. e em cada enxerga jazia um ser humano, na sua maior parte tossindo e sufocando horrivelmente ou sinistramente imóvel. Alguns tinham família que cuidasse deles, mas na sua maioria eram tratados por padres e mulheres idosas da comunidade cristã, que circulavam entre eles, dando água aos que queriam beber e confortando os moribundos. O fedor a sangue humano e a excrementos ofendia as narinas.

Silvestre tinha-se mostrado duvidoso quando eu falara em tentar ajudar, e eu via agora que, até a doença ter feito o seu percurso, não havia ajuda possível, nem haveria outro milagre para além do facto de alguém se mostrar disposto a tratar daquela gente. Decerto nem todos eram cristãos. Para Silvestre, bastava-lhe que fossem seres humanos e necessitassem de ajuda.

Compreendi então por que razão, apesar das lacunas e incongruências da sua teologia, a nova fé se tornara tão forte.

Não fiquei ali durante muito tempo. O patriarca, que me saudara à chegada, não esperava que eu ficasse, e regressou logo ao trabalho, mal deixei a basílica. Durante a curta viagem de regresso, ao longo das paredes da domus, nada disse, e retirei-me cedo, mas o sono custou a chegar.

Como a maior parte das classes mais cultas de Roma, eu tinha desprezado o fervor simples do cristianismo. Mas aquela gente tinha mais compaixão e mais coragem do que eu, que fora iniciada em

Avalon. Compreendi então quão envergonhada me sentia. Mas, mesmo assim, não sei se foi a vergonha ou o orgulho o que me impulsionou na manhã seguinte, quando pedi emprestados um pano de cabeça e uma túnica a uma das escravas da cozinha, e, dando instruções a Cunoarda para dizer a toda a gente que estava a repousar, fiz a curta caminhada até à basílica. Mal tinha virado a esquina, porém, quando ouvi passos atrás de mim e vi Cunoarda. As suas feições revelaram obstinação quando lhe ordenei que voltasse para casa.

- Senhora, eu devo obedecer, mas, se me mandares para casa, garanto-te que vou dizer a toda a gente onde foste! Por favor eu vi a tua expressão que quando regressaste de visita à catedral. Não posso deixar-te ir sozinha para aquele horror!

Mostrei-me zangada, mas tinha aprendido havia muito a aceitar a peculiar tirania que os servos podem exercer sobre aqueles que ostensivamente os possuem. e o bom senso disse-me que talvez fosse aconselhável ter alguém jovem e forte ao meu lado.

Pensei que, se conseguisse evitar Silvestre, não recearia ser reconhecida, porque tinha levado um véu quando visitara o local. E ninguém perguntou sequer quem nós éramos - estavam todos demasiado aflitos e sentiam-se gratos por cada par de mãos. E,

assim, eu, que durante dez anos tinha sido a mais poderosa mulher do império, trabalhava como não o fazia desde que fora rapariga em Avalon, transportando água e tentando conservar os pacientes limpos. E Cunoarda trabalhava ao meu lado.

Fiquei surpreendida com a rapidez com que nos habituamos não só ao cheiro como ao horror. O sangue e as fezes eram algo para ser limpo, apenas isso. Mas a exaustão agudiza os maus temperamentos mesmo entre as melhores pessoas, e rapidamente se me tornou evidente que, apesar de serem altruístas, arriscando as suas vidas para cuidar dos doentes, uma vez que as autoridades já não lhes proporcionavam o martírio, nem todos os cristãos eram santos.

Estava eu a lavar cuidadosamente o peito de um velho que quase expulsara os pulmões pela boca, quando ouvi uma exclamação mesmo atrás de mim. Um homem que transportava um balde tinha aparentemente sido abalroado por uma mulher com os braços cheios de trapos limpos. e uma parte da água espalhara-se pelo chão.

- Não vês por onde andas? Era só o que faltava, alguém escorregar nisto e torcer um tornozelo! - A voz dele soava fraca de cansaço, mas a mulher parecia um pouco melhor.

- Quem és tu para me censurares? Toda a gente sabe que, durante as perseguições, queimaste incenso aos demónios a que os pagãos chamam deuses.

- E não fiz já penitência por esse pecado? - Fez um gesto em volta, apontando os doentes. - Não arrisquei a minha vida todos os dias aqui? Se o Senhor Deus quiser castigar-me, ser-lhe-á fácil fulminar-me. Mas tu eras tão pouco importante que nunca se deram ao trabalho de te perseguir. Toma cuidado, para não seres condenada pelo pecado do orgulho!

- Deviam ter vergonha de estar para aí a discutir diante dos moribundos! - disse eu, na voz habituada a dar ordens durante cinquenta anos. - Tu, mulher, dá-me um pano limpo e tu, homem, água para o molhar, para que esta pobre criatura possa, pelo menos, passar os seus últimos momentos limpa! - Mas, nesse instante, o doente arqueou o corpo num convulsivo esforço final para respirar. Cambaleando, enquanto os músculos rígidos se queixavam, pus-me de pé e fiz sinal aos homens que levavam os cadáveres para que o viessem buscar.

Os primeiros dias tinham sido de horror e, em autodefesa, ergui um escudo psíquico contra o sofrimento. Durante o dia, trabalhava sem pensar, e, ao fim da tarde, esgueirava-me para casa para afastar o contágio nos meus banhos e dormir uma noite sem sonhos até de manhã. Talvez porque os meus pensamentos estavam tão focados nas necessidades dos outros, prestava pouca atenção às minhas próprias dores.

Gradualmente, fomos nos apercebendo de que nem todos os nossos pacientes morriam. Um pequeno número deles, se bebesse bastante água, conseguia manter as secreções suficientemente húmidas para as expulsar pela tosse em vez de sufocar. Acabavam por recuperar, embora ficassem tão enfraquecidos que qualquer outro contágio poderia levá-los. Sombriamente, redobrámos os nossos esforços, mas os padres que trabalhavam junto de nós continuavam muito ocupados a dar a extrema-unção quando falhávamos. Por vezes, via Silvestre a trabalhar com os outros, usando uma túnica manchada e um cruz de madeira simples em vez da de ouro, mas consegui sempre manter-me fora do seu caminho. Na verdade, duvido que ele me tivesse reconhecido mesmo que estivesse à minha frente. A visão da maior parte das pessoas está limitada àquilo que esperam ver.

Só no final da segunda semana, quando a epidemia pareceu começar a ceder, ocorreu algo que abalou a minha compostura. Tinha sido trazida uma jovem - uma escrava síria chamada Marta,

que tinha tratado dos seus amos até eles morrerem, e contraíra ela própria a doença, sem ter quem a ajudasse. Era cristã e, apesar de saber o que lhe estava reservado, eu não tinha ainda encontrado outra pessoa que enfrentasse a morte com maior serenidade.

- O Nosso Senhor suportou sofrimentos maiores para nos redimir
- sussurrou ela, quando pôde falar. - Ofereço-Lhe este martírio.

Eu imaginara-me para além de todas as emoções, mas, quando vi a esperança que brilhava nos seus olhos, senti acordar em mim uma obstinada determinação.

- A água do baptismo pode ter salvo a tua alma - murmurei sombriamente - mas a que está nesta taça salvará o teu corpo. Bebe-a como uma boa menina... eu não vou deixar-te morrer!

Forcei Marta a beber água até a sua urina voltar a correr transparente, mas sentia o seu coração a latejar sob a minha mão e sabia que a batalha poderia correr-me mal. Para avaliar a sua

condição, teria de abandonar as minhas defesas e, através do elo entre enfermeira e paciente, toquei o puro fervor da sua alma.

A sua força vital interior estava a apagar-se como a chama de uma vela ao vento. Dizem que, para os velhos, o passado está mais vivo do que o presente e, naquele momento, não era uma escrava síria que eu segurava nos meus braços, mas a minha querida Aelia, que morrera quando eu estava longe. Fechei os olhos, e os poderes que não usava havia tanto tempo que julgava esquecidos acordaram dentro de mim.

Inspirei profundamente e, quando expirei, fiz fluir força vital de dentro de mim e projectei-a sobre ela. "Senhora!" roguei. "concedei vida à vossa filha!" Tentei isto repetidas vezes, como se estivesse a soprar vida para dentro dos seus pulmões, mas era algo menos tangível e mais poderoso que fluía do meu corpo astral para o seu.

E, por fim, a respiração dela começou a tornar-se mais fácil. Por momentos, dominei o medo de que ela estivesse a deixar-me. Depois abri-os e fitei-a com espanto, porque Marta tinha adormecido e a sua respiração era tranquila.

Com o coração aos saltos, em reacção, pus-me de pé. Só então me apercebi de que não estávamos sozinhas.

Cunoarda estava ao meu lado, com os olhos muito abertos, mas, ajoelhado do outro lado da enxerga vi Silvestre, com o jovem padre que aparentemente fora chamá-lo, ao perceber que afinal não teria de dar a extrema-unção.

- Quem és tu? - sussurrou ele, apertando a sua cruz de madeira. Os nossos olhares cruzaram-se e vi o simples respeito nos seus olhos ceder lugar ao espanto ao reconhecer-me. - Senhora, que fazes tu aqui?

Pensei por um momento, procurando uma razão que ele compreendesse.

- Faço o trabalho da Altíssima Divindade - respondi, decidindo que ele não precisava de saber se eu chamava a esse Poder Deusa

ou Deus.

- Cristo seja louvado, estás realmente a fazê-lo! - disse ele calorosamente.

- Não fales disto a ninguém! - exclamei. A etiqueta que me rodeava como imperatriz-mãe já era suficientemente constrangedora sem lhe acrescentar esperanças ou receios supersticiosos.

O ardor nos seus olhos arrefeceu, quando também ele começou a pensar nas implicações políticas. - Compreendo, mas, senhora, não deves ficar aqui! Promete-me que voltas para casa e ficas lá. Não poderia enfrentar... o teu filho... se alguma coisa te acontecesse.

- Não acreditas que Deus me preserva? - disse eu, um pouco amargamente, porque me apercebi de que sentiria falta daquele tempo em que estava a ser inteiramente ocupada e útil, agora que ele chegava ao fim. - Não te preocupes. Farei o que dizes. Mas quando esta jovem se recuperar, leva-ma. Se o amo dela tiver herdeiros, pagarei o seu preço e ficarei com ela na minha casa.

Cambaleei, ao levantar-me, porque tinha despendido mais forças do que julgava, e Silvestre tomou o meu braço. As lamparinas tinham sido acesas e compreendi que era tempo de partir.

- Obrigada. Se me ajudares até à porta, Cunoarda ajudar-me-á durante o resto do caminho. Como sabes, a Minha casa fica ao fundo da rua.

- Louvarei o Senhor esta noite nas minhas orações - disse Silvestre com voz suave, enquanto nos encaminhávamos para a porta - porque Ele me mostrou um milagre.

Suspirei, suspeitando de que ele não se referia à cura de Marta. Mas a antiga tatuagem na minha testa estava a latejar e senti que também eu tinha experimentado um milagre, o de saber que, ao fim de todos aqueles anos, ainda era uma sacerdotisa.

- Ouvi grandes louvores do Patriarca a teu respeito - disse Constantino. Estávamos àgora no pino do Verão e os últimos atingidos pela praga tinham morrido ou recuperado alguns meses atrás, mas Silvestre e eu tínhamos continuado a trabalhar juntos em prol dos pobres da cidade, e eu esperava que fosse a isso que o meu filho se referia.

- Mas não deveri' as ter-te arriscado - prosseguiu ele. - Se eu tivesse sabido, tê-lo-ia proibido. Não te apercebes de como és importante.

"Uma velha, importante?". pensei. E então apercebi-me de que era a mãe do imperador que contava, não a verdadeira Helena. Ele não estava a ver-me a mim, mas a um ícone com o meu nome. Era perfeitamente natural uma criança pensar na sua mãe apenas em relação a si própria, pensei então. mas era sinal de maturidade poder ver os pais como pessoas, com vidas próprias. Naqueles tempos começava a compreender Gameda, apesar de ainda não lhe ter perdoado. Contive uma resposta que poderia tê-lo irritado, pensando que devia estar grata por Silvestre não ter dito mais.

Constantino tinha vindo da campanha na fronteira da Dácia e, à luz forte da manhã, aparentava bem os seus quase cinquenta anos. O meu filho tornara-se mais corpulento com a meia-idade, como se se esforçasse por igualar as dimensões heroicas da estátua que estava a ser feita para a sua basílica. Mas os seus cabelos louros, embora começassem a ganhar um tom entre o linho e a prata, ainda eram espessos e fortes.

- A necessidade era grande - respondi. - Não tive outro remédio senão dar toda a ajuda que podia.

- Tinhas outro remédio - corrigiu ele. - Quantas mulheres nobres desta cidade trabalharam com os doentes para além de ti?

Pensei por um momento e citei alguns nomes.

- Elas já são cristãs, e só precisavam de um exemplo - respondeu ele.

Não se encontra tal autossacrifício entre os pagãos. Percebes agora porque prefiro o Deus cristão?

Acenei afirmativamente com a cabeça, porque entre os Romanos isso era verdade, mas nós tínhamos tentado dar toda a ajuda possível a quem nos ia procurar a Avalon.

Já há muito tempo que não temos uma oportunidade de conversar, minha mãe, e tenho muita coisa a dizer-te - prosseguiu Constantino. A cada ano que passa, torna-se mais evidente que os costumes antigos não possuem virtude. É à vontade do Deus Único e Verdadeiro que devemos obedecer se queremos conservar o império, e a família do imperador é um modelo para todos. Foi por isso que permiti a Crispo que se casasse tão novo.

- Deves estar muito orgulhoso dele - respondi, a pensar nas vitórias do ano anterior contra os Germanos. Em Crispo, eu via Constantino renascido. e ainda mais glorioso, sem as suspeitas que o meu filho aprendera a ter com Diocleciano.

- Sim. Vou nomeá-lo a ele e ao pequeno Constantino cónsules por este ano.

- Licínio não vai gostar disso - observei. - No ano passado nomeaste-te a ti e a Constâncio, sem mencionar Licínio ou o seu filho. E se continuares a passar tanto tempo em Serdica, tão perto da fronteira dele, Licínio pode pensar que planeias atacá-lo.

Constantino encolheu os ombros. - Acreditaste realmente que poderíamos partilhar o império para sempre? Se os cristãos da Arménia apelarem para mim, irei ajudá-los, e se os Visigodos atacarem a Trácia, terei de repeli-los. Licínio objectará, sem dúvida, e haverá outra guerra.

- Espero que a consigas demorar mais um ano ou dois, até Crispo ter experiência suficiente para ser um comandante realmente eficaz
- respondi.

- Sim, o rapaz está a desenvolver-se bem...

Pareceu-me que havia um pouco de relutância na sua resposta e, nesse momento, veio-me ocasionalmente à memória o ritual da corrida do veado que o pequeno povo dos pântanos perto de Avalon por vezes fazia quando havia necessidade. E pareceu-me ouvir ainda o eco sussurrado do seu grito: Que será do Rei Veados quando o Veados Pequeno crescer?

Mas estamos em Roma, disse a mim mesma, e Constantino era um homem civilizado. Com um arrepio, fiz com que a recordação mergulhasse nas trevas de onde saía.

- ... mas ainda é jovem - prosseguiu Constantino - e está sujeito aos apetites da carne, que levam os homens a envolvimento pecaminosos.

Reprimi um sorriso. - Nem todos esses chamados envolvimentos são ilícitos, senão tu nunca terias nascido. E o facto é que o teu pai e eu teríamos vivido em pecado.

- Não! - exclamou Constantino. - Tu eras a verdadeira mulher do meu pai! Foi ele quem mo disse!

Suspirei, apercebendo-me de que não valeria a pena tentar explicar que o nosso casamento tinha sido mais válido no mundo do espírito do que segundo a lei romana. Recordei-me então de que Constantino sempre se apegara obstinadamente à sua própria versão da realidade.

- Os dias de imoralidade pagã estão a chegar ao fim! Em breve o cristianismo será a única fé, e a família imperial tem de dar o exemplo. Estou a construir uma basílica em honra dos mártires Marcelino e Pedro, na estrada adjacente ao terreno do teu palácio. Serás a sua patrona.

- Constantino! Nem mesmo o imperador pode comandar a consciência dos outros, como Diocleciano e Galério aprenderam à sua custa. Vais renegar o teu édito, aquele que concedeu tolerância para todos?

- Oh, não vou perseguir os pagãos. - Fez um gesto de negação. - Quando eles virem a glória da Igreja irão pedir a sua entrada! Mas para que Deus abençoe o meu reino, a minha família deverá servi-Lo apenas a Ele!

- Realmente... - a minha voz tornou-se mais suave. - E quando foste tu baptizado? Gostaria de ter assistido...

Ele calou-se subitamente, e perguntei a mim mesma se o arrepio que me percorreu teria sido de medo. Estava a falar com um imperador, e sabia-se que os imperadores já tinham executado parentes próximos, até mesmo mães, em tempos passados. Ele sorriu de imediato, e eu disse a mim mesma que tinha sido uma loucura pensar numa coisa daquelas. Aquele era Constantino, o filho que eu tinha trazido ao mundo para o modificar. E realmente estava a fazê-lo, embora a forma como o fazia estivesse muito longe de tudo aquilo que teríamos podido imaginar em Avalon.

- O baptismo é um rito muito sagrado - disse ele, numa voz tão suave como a minha. - Tão sagrado que só pode ser executado uma vez, para lavar todos os pecados e deixar a alma limpa e pronta para o Paraíso. Mas eu sou um imperador, e tenho de governar num mundo muito imperfeito e cheio de pecado...

"E suspeitas que ainda terás de cometer alguns pecados...", pensei tristemente, mas não dei voz a este pensamento.

- Eu vivo no mesmo mundo - limitei-me a dizer. - Até tomares esse compromisso, não podes exigí-lo de mim, Mas tomarei a tua nova igreja sob a minha protecção, e receberei instrução sobre a fé como uma catecúmena.

Inspirada pelo fervor de Marta, Cunoarda já estava a fazê-lo. Tinha libertado ambas quando recebi Marta na minha casa, porque não podia tratar a jovem albanesa como uma escrava depois de termos trabalhado juntas, como duas sacerdotisas, no hospital.

- Então és cristã! - exclamou Constantino.

- Chama-me o que quiseres - respondi fatigadamente. - A Verdade não muda. - Não lhe disse que não tinha o seu exemplo a inspirar-me, mas a simples fé de uma escrava síria.

- Louvado seja Cristo, por cujo Nome seremos salvos!

Os olhos encovados de Constantino brilhavam de convicção, e dei comigo a olhar para o meu interior, tentando recordar-me de onde tinha visto antes um olhar daqueles. Só à noite, quando estava a preparar-me para me deitar, me ocorreu. Com aquela expressão, Constantino tinha sido a imagem de Ganeda, determinando a lei com virtuosa segurança.

325-326 d. C.

- Pelo santo nome de Cristo, porque não estão todos de acordo? exclamou Constantino. - Convoquei este concílio para que os bispos acabassem com as suas diferenças.

- Sim, Augusto - disse o bispo Óssio, ruborizando-se - mas estas matérias são simultaneamente subtis e importantes. Uma única sílaba pode constituir a diferença entre salvação e condenação. Temos de proceder cuidadosamente.

O bispo Eusébio de Cesareia, que tinha vindo com ele para relatar as deliberações, franzia a testa. Os pagãos da sala pareciam confusos, e o meu antigo perceptor. Sopater, que se tornara um

notável professor de retórica e membro da corte de Constantino, reprimia um sorriso. Os dois mil bispos que tinham vindo ao Concílio de Niceia, no princípio de Maio já estavam a discutir a natureza e a relação de Deus com o Seu Filho.

Começava a sentir dores nos ossos das ancas e tentei mudar disfarçadamente de posição na minha cadeira de marfim. Na primeira vez em que tinha entrado na sala de audiências do imperador, no palácio de Nicomedia. sentira-me esmagada pelo seu esplendor. Mas isso tinha sucedido mais de cinquenta anos antes. Agora que me habituara às ideias de Constantino quanto ao estatuto que competia a um imperador, a sala do trono de Aureliano parecia-me clássica e sóbria. Apenas os seus ornamentos humanos revelavam o gosto da época de Constantino.

Enquanto Aureliano permitia que a vistosa púrpura da sua toga o proclamasse imperador e se contentava com uma simples cadeira curul, o trono dourado de Constantino estava erguido sobre um estrado, e as suas túnicas que eram de tecido de ouro sobre púrpura e adornadas com pedras preciosas, brilhavam ainda mais. E, enquanto Aureliano presidia sozinho, Constantino estava flanqueado pelas suas duas imperatrizes, porque nos dera, a Fausta e a mim, o título de Augustas no ano anterior, quando finalmente derrotara Licínio.

Eu tinha sido colocada ao lado direito do imperador, resplandecente de ametistas e tecidos prateados, e à sua esquerda estava Fausta, cintilante de esmeraldas e tons de bronze. Aprisionados nas nossas pesadas túnicas, lembrávamos as imagens de Júpiter ladeado por Juno e Minerva no templo de Roma, embora eu soubesse que não devia dizer isso a Constantino.

- Eles não compreendem que a unidade da Igreja é essencial para a unidade do império? -exclamou ele.

Não valia a pena salientar que o império tinha florescido durante mais de dois séculos, tolerando uma ampla variedade de cultos e de credos. Os bispos que tinham vindo ao concílio representavam aquela gente que preferia deixar-se matar a lançar uma pitada de incenso para o fogo de um altar. Por vezes perguntava a mim mesma se eles se teriam habituado de tal forma à perseguição que, sendo agora os favoritos do imperador, se viam forçados a atacar-se uns aos outros.

Mesmo ao fim de diversos anos de instrução cristã, eu, tal como Constantino, tinha dificuldade em compreender as subtis distinções

sobre as quais os bispos discutiam. Importante deveria ser o que Jesus dissera, não se ele era Deus ou homem.

- Efectivamente - objectou Óssio, transpirando - mas se o império não for fundado sobre a verdade, cairá. Se o Filho e o Pai não forem um e o mesmo, igualmente Deus, então não somos melhores que os politeístas.

- Não somos melhores que os tolos se negarmos a lógica' - exclamou Eusébio, com a serenidade intelectual das suas feições animada por um rubor. Uma testa alta juntava-se à tonsura e usava uma longa barba, como um filósofo. - Se o Pai gerou o Filho, terá havido uma altura em que o Filho não existiu.

- Mas eles eram da mesma substância! - replicou Óssio - Homoousios.- Acrescentou o termo grego. - Luz de Luz, Deus Verdadeiro de Deus Verdadeiro!

- Não poderíamos antes dizer Homoiouosios? De substância semelhante? - sugeriu Eusébio, desesperado. Tinha ouvido dizer que

ele era famoso pelos seus escritos de história da Igreja, um sábio que se preocupava com cada pequeno pormenor de um significado.

Constantino abanou a cabeça. - Consubstantialis... "da mesma substância", tem servido para nós em Roma. Os homens que interpretem como quiserem. Assim, já poderemos tratar de objectivos mais dentro da nossa capacidade. Todas essas belas palavras estão a distrair-nos da realidade, e não somos melhores do que filósofos dissertando sobre uma coisa sem a ver sequer.

Se os bispos, que são os pastores do povo, se combatem entre si, o povo começará a combater também - prosseguiu. - Nunca deveriam ter levantado tais questões e, sendo levantadas, nunca deveriam ter sido respondidas! Isso é frivolidade filosófica! Com os Persas junto das nossas fronteiras orientais e os Germanos a norte, já tenho bastante com que me preocupar sem esses jogos de palavras. Peço-vos... devolvi-me as minhas noites tranquilas para que eu possa viver na pura luz do Espírito e usar a minha energia para a protecção do império' Durante este discurso.

Ambos os bispos tinham empalidecido.

- Consubstantialis? - disse Eusébio debilmente. - Bom, talvez consigamos fazê-los concordar com isso. Meu senhor, levarei a tua palavra aos meus irmãos.

- Não... eu próprio a levo - disse o imperador. - Talvez se eu discutir o assunto pessoalmente com eles, eles compreendam'.

Os dois bispos curvaram-se diante dele, tocando com a testa o chão de mármore e afastaram-se, recuando, da presença imperial. Constantino sorriu como se os tivesse persuadido, e penso que tinha, porque, apesar de talvez não ser um mestre em lógica, o seu poder era decerto superior ao deles.

Pelo menos, o meu filho não me exigia que me curvasse diante de si. Mudei de novo o peso do corpo para a outra anca e dirigi uma prece ao Filho, independentemente de qual fosse a Sua relação com o Pai, rogando que a audiência imperial não demorasse muito mais tempo.

Área alguma do palácio de Nicomedia poderia ter o aspecto de um lar, mas a sala de jantar vermelha era suficientemente pequena para que as nossas vozes não ecoassem quando nela se reunia uma dúzia de pessoas. Fausta estava reclinada num leito estofado de carmesim que contrastava com a túnica cor de púrpura que envergava. Nenhuma daquelas cores convinha ao seu tom de pele, mas talvez o avermelhado do seu rosto se devesse ao vinho. Depois de ter dado a Constantino três filhos, gerara duas filhas, Constantina e uma bebé que recebera o meu nome. O seu aspecto tinha sofrido com os partos, e corria no palácio o boato de que ela já não partilhava o leito com o imperador. Por outro lado, Constantino não dormia com outra mulher, mas se tal acontecia por moralidade ou por incapacidade era coisa que ninguém se atrevia a afirmar.

Ocorreu-me que, agora que estava velha, me tornara cínica, e fiz sinal a um servo para que me trouxesse também vinho. Naqueles tempos começava a achar que subir e descer de um leito de jantar dava trabalho de mais, e tinha exigido uma confortável cadeira almofadada. No entanto, todos tínhamos de nos levantar quando o imperador entrava.

O seu leito gemeu um pouco, quando Constantino se reclinou, mas o seu volume continuava ainda a ser mais de músculo do que de gordura. Rapidamente, os servos dispuseram mesas diante de nós e começaram a trazer a comida.

- Pensas que os bispos conseguirão acordar na redacção do credo? - perguntei. Naquele tempo tinha pouco apetite e algumas dentadas nos croquetes de chocós em liquamen²⁰ tinham-me bastado.

- É necessário que o façam. Tenho de tornar isso bem claro - respondeu Constantino.

- Se eles souberem o que é melhor para eles, hão-de concordar! disse Fausta, rindo. Houve um silêncio desconfortável, pois todos pensaram imediatamente em Licínio e no seu jovem filho que, apesar da promessa de Constantino à sua meia-irmã (que estava casada com Licínio) de os poupar, tinham sido executados algumas semanas atrás.

Referia-me, evidentemente, ao bem das suas almas - acrescentou Fausta, e toda a gente reprimiu um ataque de riso, porque a imperatriz, ao contrário do resto da família imperial, continuava a ser assumidamente pagã. Constantino franziu a testa, mas continuou a comer a perna recheada de javali que tinham acabado de lhe trazer.

- Houve mais notícias dos Visigodos? - perguntou Sopater, tentando mudar de assunto. Não com grande sucesso, pois a suspeita de comunicação com os bárbaros tinha sido uma das razões alegadas para executar Licínio. Constantino tinha-os derrotado na Trácia dois anos atrás, entrando no território de Licínio para o fazer e provocando a última guerra civil.

- Bom. se eles causarem problemas, podes mandar Crispo tratar deles, - Fausta riu-se um pouco alto de mais. - Não lhe chamam Invictus, o Invencível?

Senti um prurido de inquietação. Durante a guerra contra Licínio, Crispo tinha sido encarregado da frota egeia, e, derrotando o almirante inimigo, permitira a Constantino a tomada de Bizâncio. Só no ano anterior o imperador cunhara um medalhão que representava Crispo e o jovem Constantino juntos, mas, desde então, Crispo tinha sido transferido de Tréveris para a fronteira da Dácia. O velho Croco morrera havia muito, e a sua tribo continuava a enviar jovens guerreiros para servir na guarda pessoal do César. Talvez fosse a isso que Fausta estivesse a referir-se, mas havia algo que me desagradara no seu riso.

Aqueles bispos preocupam-se de mais com as palavras - disse Constantino, afastando o prato. Perguntei a mim mesma se ele não teria ouvido ou se apenas fingira não ouvir. - Esquecem-se da necessidade da fé. As palavras dividem, mas os símbolos da religião inspiram a alma.

- Que queres dizer? - perguntou Óssio.

- Os pagãos têm santuários onde veneram os tesouros que creem terem sido oferecidos pelos seus deuses. Se quisermos afastar o povo de tais ilusões, teremos de oferecer-lhes qualquer coisa que tome o seu lugar. Como podem os verdadeiros crentes caminhar em pureza, quando cada recanto e cada cruzamento foi dedicado a um deus pagão?

- Que terias então para lhes dar como culto em vez disso' - perguntou Fausta.

- Os locais onde o nosso Deus Se mostrou aos homens. Porque não temos uma basílica para venerar o túmulo vazio de Cristo?

- Alguém sabe ao certo onde fica> - perguntei.

- É precisamente esse o problema! - exclamou o imperador. - Tenho a ideia de enviar uma expedição para escavar o local. Sabes o que se ergue agora na colina do Gólgota? - acrescentou, indignado.
- Um templo a Áfrodite, essa cortesã'

- Que abominação! - exclamou Óssio.

Mas, sem dúvida, pensei, a abominação era o local. ele mesmo, da execução. perguntando a mim mesma que ironia do destino o teria transformado num templo à Senhora do Amor.

- Oh, realmente... - murmurou Fausta. - Todos nós sabemos que Ela já não tem poder...

Em Julho, o Concílio de Niceia terminou com a criação de um credo que todos, até mesmo Ário, estavam dispostos a subscrever, respeitando, se não a vontade de Deus, pelo menos os desejos do seu imperador. No início do ano seguinte, Constantino, eufórico na sua convicção de que o seu poder de chefia tinha conduzido os cristãos desavindos a um estado de unidade, mudou a sua corte para Roma, para celebrar o vigésimo ano do seu reinado.

A nossa entrada na cidade foi, se não um Triunfo no sentido tradicional, pelo menos triunfal. Todas as janelas tinham pendentis brancos, e cada arcada estava engrinaldada com flores primaveris. Lentamente, descemos o antigo caminho ao longo da Via Triumphalis, entre o Palatino coroadado de pinheiros e o Circus Maximus até à colina de Célio, onde voltámos para o anfiteatro de Flávio sob o arco que Constantino erguera vinte anos atrás. Aí, a procissão deteve-se para permitir que uma delegação de rapazes e raparigas apresentasse um panegírico e uma canção.

Atrás do cortejo de senadores e de um grupo de tocadores de flauta, vinham diversas cortes de tropas de elite de diversas partes do império. A primeira pessoa da família imperial a aparecer era Fausta, entronizada com os seus filhos mais novos num carro baixo que fora criado como representação do império, com um estandarte que a proclamava a saúde e a esperança da república. uma legenda que aparecia na moeda cunhada com a sua imagem no ano anterior. O seu filho mais velho. Constantino, agora com dez anos, seguia-a montado num pónei branco.

Vinha em seguida um carro de eixo baixo representando a batalha de Helesponto em que a armada chefiada por Crispo destruíra as forças muito superiores de Licínio. Era muito perfeito, achei eu, com modelos de barcos sobre um mar de prata. O próprio Crispo vinha a seguir. resplandecente como Apolo, com a armadura completa, montado numa irrequieta égua hispânica que dançava e agitava a cabeça a cada nova onda de aplausos.

O meu carro mais parecia um santuário, com colunas e um frontão triangular dourado, porque eu tinha insistido numa protecção contra o sol, antes de consentir em tomar parte na procissão. A sua legenda continha as palavras *Securitas Republicae*.

Eu sentia-me cada vez menos como Segurança do Estado, à medida que a manhã ia avançando, porque as oscilações do carro me causavam dores em todos os ossos, apesar das espessas almofadas que revestiam o meu trono. Pelo menos, naquela altura do ano, o tempo ainda era suficientemente fresco para eu não sufocar nos meus trajos rígidos, mas parecia-me que uma estátua pintada teria produzido o mesmo efeito.

Num Triunfo tradicional, ter-se-iam seguido carros baixos com os animais enfeitados para o sacrifício, mas Constantino substituíra esse costume pagão por duas filas de jovens de ambos os sexos vestidos de branco, entoando hinos e agitando palmas, e pelo clero superior cristão da cidade, chefiado pelo patriarca Silvestre, com os seus trajos festivos. A guarda imperial que os escoltava ostentava o labaruni, a lança dourada com uma barra transversal que era simultaneamente uma bandeira religiosa e um estandarte militar. No seu topo havia uma coroa enfeitada com pedras preciosas rodeando as letras gregas Qui e Ró, que, nos anos que se seguiram à vitória de Constantino na Ponte Milviana tinham passado a significar o início do nome de Cristo.

Até então, a primeira parte do cortejo tinha feito o seu cuidadoso percurso pela Via Sacra, passando pela basílica que Maxêncio iniciara e Constantino completara, e pelos antigos santuários que se aninhavam na base da Colina do Palatino, e começava a subir a colina coroada com o templo a Júpiter Capitolino. Para suportar as incessantes sacudidelas e os balanços, dei comigo a entrar num estado de transe em que me parecia não ser eu a mover-me, sendo

antes as glórias estioladas da antiga Roma passando diante dos meus olhos.

Quando descrevemos a curva em direcção ao palácio no Palatino onde o festim estava a ser preparado, ouvi a crescente maré de som atrás de mim, quando o imperador surgiu, num carro puxado por dois cavalos cor de neve, brilhando como o deus-Sol no seu traje de ouro.

- Constantino! - gritava-se. - [Io²¹](#) Constantino!

“Vinte anos...” pensei vagamente, “passaram-se vinte anos desde que Constâncio morreu. Oh, meu querido, olha lá do alto, entre os espíritos abençoados, e rejubila com o triunfo do nosso filho!”

O Verão chegou nesse ano cedo, trazendo consigo uma colheita de boatos tão abundante como o grão em crescimento. Eu tinha declinado acompanhar o progresso triunfal de Constantino pelo resto do império, e ele deixara-me como sua delegada em Roma, com autoridade para usar o Tesouro. Mas mesmo no meu palácio fiquei a

saber que se predizia que o imperador, tendo reinado vinte anos, seguiria o exemplo de Diocleciano e abdicaria a favor do seu glorioso filho mais velho.

Mas outros negavam-no, salientando que Crispo ficava amarrado ao pai enquanto o governo da Gália era entregue ao jovem Constantino. Um jovem patrício chamado Celónio Rúfio Albino tinha sido preso por seduzir uma rapariga, e Crispo, que era seu amigo, havia sido acusado de cumplicidade.

Achei difícil acreditar nisso, pois sabia que o meu neto continuava apaixonado pela mulher, que lhe tinha dado um filho que morrera e depois uma filha. Mas havia outros murmúrios mais inquietantes. O crime de Crispo era ser excessivamente bem sucedido, bom de mais. E eu não conseguia esquecer-me do dia do cortejo em que o povo o aclamara tão fortemente como a Constantino.

Por isso, não foi tanto com surpresa mas como com o choque que um homem que sofre há muito de uma doença ouve o médico sentenciá-lo à morte, a sensação que experimentei ao saber que Crispo tinha sido preso e levado para a cidade de Pola, que fica na Ilíria, à entrada do mar Adriático.

A ordem de prisão dos rapazes tinha sido enviada de Sirmium, mas Constantino movia-se rapidamente quando queria, e ninguém sabia ao certo onde se encontrava naquele momento. A minha reacção imediata foi escrever uma apaixonada carta a suplicar ao imperador que reconsiderasse, e enviá-la por um mensageiro de confiança.

“Por certo”, pensei. “Constantino não fará mais do que manter Crispo preso durante algum tempo.” Mas porque tivera o rapaz de ser preso? Crispo era o seu próprio filho, mas eu não conseguia deixar de me recordar de que a sua irmã Constantina suplicara ao imperador que poupasse as vidas do marido e do filho. Ele prometera-lhe a segurança deles... e depois executara-os. Senti um nó no estômago ao considerar a possibilidade de a minha carta não chegar às mãos do imperador, ou, pior ainda, de não o demover.

Mas, se não sabia onde se encontrava Constantino, pelo menos sabia onde Crispo se encontrava preso, e tinha a Tábua da Autoridade que o imperador me dera ao deixar Roma. Sentia dores nos ossos só de pensar em viajar, mas, quando o Sol nasceu na manhã seguinte já estava dentro de uma carruagem rápida com uma escolta de guardas germanos atrás de mim e Cunoarda ao meu lado, seguindo para norte de Roma.

No calor do Verão, foi uma viagem terrível, porque a nossa rota mais curta era a Via Flamínia sobre o dorso da Itália. Mudando de cavalos em cada estalagem de posta, foi uma semana de viagem e eu estava meio-morta quando chegámos a Ancona no mar Adriático. A visão da Tábua Imperial e de algumas moedas de ouro comprou-me os serviços de uma rápida galé liburna e, ao fim de um dia e uma noite e mais um dia sobre o mar, avistei finalmente a acidentada costa da península da Ístria.

“Vou exigir ver o meu neto e chegar ao fundo da questão”. disse a mim mesma, enquanto a liteira que tínhamos alugado no porto oscilava pelo caminho. “Se Crispo fez algo que o imperador interpretou mal...” Detive esse pensamento. Tinha passado uma semana a imaginar coisas que pudessem ter levado Constantino a pensar que o seu filho o estava a trair. Mais especulações eram agora inúteis.

Pola era uma cidade típica de província, com um gradeado de ruas construídas em volta dos cruzamentos, um anfiteatro, banhos nos arredores e templos, lojas e residências mais adiante. Passámos pelo portão do fórum e avançámos pelo meio da multidão até à basílica. Enquanto esperava que o oficial que comandava a minha guarda encontrasse alguém com autoridade, apercebi-me de que as

peças que podia ver através dos cortinados da liteira não eram pessoas vulgares reunidas num dia de mercado.

Os homens, na sua maior parte envergando togas de proprietários de terras, formavam grupos sombrios como se estivessem a discutir. Havia no ar uma tensão que não podia ser atribuída à súbita aparição de uma tropa de legionários.

“Não, vou permitir que o medo me invada”, disse a mim mesma, “nem tirar conclusões precipitadas. Já que vim até aqui, posso esperar um pouco mais.” Daí a pouco, o meu comandante apareceu com um magistrado transpirado a reboque. “É do calor”, pensei. mas, por baixo do suor, o rosto do homem estava branco de medo. Eu tinha colocado o diadema de pérolas com que era sempre representada nas moedas. Afastei os cortinados para que ele me visse.

- Eu sou Flávia Helena Augusta e tenho a autoridade do imperador. Quero ver o meu neto... sei que se encontra aqui.

- Sim. Augusta. mas... - guinchou o homem.

- Leva-me até ele. - Passei as pernas sobre o rebordo da liteira e preparei-me para descer.

O seu rosto agitou-se. - Sim, Augusta...

Escoltada pelo comandante e por Cunoarda, segui o magistrado para a sombra da basílica. Recordo-me do som alto da minha bengala sobre os mosaicos, quando atravessámos o grande átrio central até à fileira de gabinetes por detrás dele. Nestas ocasiões, a mente agarra-se a pequenas coisas.

Havia um homem de guarda diante de uma das salas, mas a porta estava aberta. O magistrado afastou-se para me deixar passar.

Tinha sido o gabinete de alguém, convertido em prisão pela substituição da secretária por uma cama de campanha. Crispo jazia sobre ela. Um poder que ultrapassava a vontade obrigou-me a avançar, notando, com um estranho desinteresse, que o tom dourado da sua pele tomara uma cor amarelada, que as faces começavam a cavar-se à medida que a carne se transformava. Vista assim, a fina estrutura óssea do seu rosto era ainda mais bela.

Devia estar morto, segundo calculei, havia algumas horas.

“Teria sido aquele vento que senti de madrugada a passagem do teu espírito, meu adorado!”. pensei, aturdida. “Não poderias ter ficado um pouco mais para te despedires de mim?” Gradualmente, apercebi-me de que o magistrado estava a falar.

- A ordem veio do imperador, de Sirmium. O jovem César deveria ser julgado pelos magistrados, por traição. Foram fornecidas provas. O imperador... não especificou como deveria ser aplicada a pena, mas nós receávamos entregar-lhe uma arma, porque conhecíamos os seus feitos na guerra. Ele pediu então a morte que foi dada a Sócrates. Um padre cristão deu-lhe a extrema-unção antes de morrer...

Não sei o que o homem viu no meu rosto, mas recuou, engolindo em seco. Eu queria ter a fúria duma ménade, para ordenar que os homens que haviam condenado o meu Crispo fossem mortos. Mas a culpa não era deles.

- Que fazemos agora, Augusta? Não recebemos ordens...

- Há um escultor na cidade? Diz-lhe que traga cera e faça uma máscara funerária. Entretanto, prepara uma pira funerária.

Teria levado o corpo para o lançar aos pés de Constantino, mas naquela estação do ano isso era impossível. O choque ainda entorpecia a maior parte das minhas emoções, mas alguns pensamentos começavam a agitar-se dentro de mim. Levaria a imagem de Crispo para confrontar o pai com ela, e haveria de ter a minha vingança, contra o próprio Constantino ou contra aqueles que o tinham levado a destruir o seu filho.

Depois de o magistrado ter partido para cumprir as minhas ordens, pedi a todos que me deixassem só com o meu morto, e permiti finalmente que a centelha ardente do desgosto se transformasse nas chamas da raiva.

Silenciosamente, bramei contra a minha própria negação do poder. Tinha suplicado a Deus, mas agora compreendia o grande segredo, que era o facto de, para além das minhas próprias forças, nada mais existir. Como podia eu acreditar num deus que permitira a Constantino fazer uma coisa daquelas? Pareceu-me então que os homens tinham inventado o seu Deus masculino para os reconfortar na escuridão, quando a Mãe não estava lá para lhes segurar na mão.

Eu tinha sido criada para ver o divino com um rosto diferente. em Avalon. Pensei no provérbio que dizia "Deus não poderia estar em toda a parte ao mesmo tempo, por isso inventou as Mães". e pareceu-me que deveria ser ao contrário: "A Mãe não tinha seios que chegassem para todos. por isso o homem inventou divindades suficientes para que cada homem tivesse uma Mãe que nunca o abandonasse a favor de outro..." Todavia, os cristãos afirmavam que a sua terrível divindade era a única. Silvestre tinha pregado o amor de Cristo, mas eu era uma mulher e sabia que a única força e o único deus é aquela força que está presente quando nos sentimos

pequenos e indefesos, e era para esse amparo que eu apelava agora.

Recordei-me de Hécuba, a chorar a morte de Troia, velha e tornada impotente pela idade, vendo as suas filhas serem violadas, aprisionadas, espalhadas pelos distantes cantos da terra, destruídas, enlouquecidas, separadas dos seus filhos... Mas nem mesmo Hécuba tivera de suportar o desgosto de ver um neto amado ser assassinado pelo seu pai, que era o seu filho querido. Aquele era o meu castigo, pensei, por renegar os meus deuses.

Quando alcancei Constantino em Tréveris, tinham-se passado quase dois meses, e o Outono começava a tingir as folhas com tons de bronze e ouro. A cidade crescera desde a altura em que eu a deixara. A grande basílica de Constantino estava terminada, e os banhos também. Quando passámos por baixo do grande arco do portão e voltámos para a rua principal em direcção ao palácio, reparei nas mudanças, com uma fatigada curiosidade.

Entretanto, a nossa caravana aumentara, incluindo agora uma carroça para a bagagem, onde seguia Cunoarda, e um segundo grupo de carregadores para a liteira, pois eu já não suportava outra forma de transporte. Só tinha espaço para uma pessoa, mas eu não

ia só, já que a máscara de morte de Crispo e a urna com as suas cinzas me faziam companhia.

Durante a longa viagem, tínhamos conversado muito, Crispo e eu. Sabia que os carregadores tinham contado uns aos outros que me ouviam murmurar por detrás das cortinas. Podia ver que Cunoarda procurava sinais de loucura nos meus olhos de cada vez que falava comigo. Mas eles não podiam escutar a outra voz que me respondia, quando Crispo me falava do seu amor por Helena e pela filhinha que lhes restava, do orgulho que sentia nas suas vitórias, das esperanças que acarinhara num futuro que agora já não existiria.

Tinha sido bom, . pensei, quando os portões do palácio se abriram, que a minha viagem tivesse sido suficientemente longa para amainar a minha raiva. Agora os meus propósitos tinham endurecido como o aço temperado. Ninguém estava seguro, se Constantino podia matar o próprio filho e, embora avida de uma velha fosse de poucovalor, queria viver tempo suficiente para ver ser feita justiça.

Fingi não ouvir os murmúrios quando os servos me instalaram nos meus antigos aposentos, nem ver os olhares curiosos lançados ao embrulho que levava nos braços. Todo o pessoal era novo ali.

Drusília tinha morrido muito tempo atrás. Vitélia retirara-se para Londinium. e a maior parte daqueles que haviam servido Crispo e a sua Helena tinham sido vendidos. Constantino e Fausta ainda estavam no palácio de Verão nas colinas a norte da cidade.

Perguntei a mim mesma quanto tempo levariam a arranjar coragem para vir ao meu encontro.

Na manhã seguinte, ordenei aos carregadores que me levassem a casa dos pais da jovem Helena, onde ela vivia enquanto Crispo estava com o imperador. Lena, como o meu neto me dissera, era bela, com a sua pele pálida e o cabelo escuro e liso. Mas a sua pele branca estava quase translúcida e, quando a abracei, pude sentir os seus finos ossos, como se o desgosto estivesse a roê-la por dentro.

"Durante toda a sua vida, nunca conheceu provações", pensei, ao soltá-la. "Não sabe como sobreviver." Depois a ama trouxe a pequena Crispa, quase com um ano e meio e radiosa como um raio de sol, e eu sentei-me para poder sentar a minha bisneta no colo. Que futuro aguardaria aquela criança?" perguntei, enquanto aspirava o doce perfume dos seus cabelos.

- O meu Crispo não era um traidor - murmurou Lena, quando a criança deslizou dos meus braços e correu para ela. - Nunca poderia ter feito o que dizem. Ele amava o imperador.

- Eu sei, e que vingaremos a sua memória - respondi-lhe. As inscrições e estátuas de Crispo 'à estavam a ser desfiguradas enquanto os homens procuravam reescrever o passado por daninatio memoriae.

- Entretanto, tens de me ir escrevendo a contar-me como vais. Sê corajosa e cuida de ti por amor à tua filha.

Os seus olhos encheram-se de lágrimas. - Vou tentar...

Nessa tarde, a corte chegou. Esperei algumas palavras de Constantino, mas, pela manhã, foi o bispo Óssio que veio procurar-me.

- Ele está à tua espera. - O olhar do bispo afluou o meu rosto e depois desviou-se. -Eu seio que vieste dizer-lhe. Eu próprio tentei admoestar o imperador por esta... atrocidade. Mas ele não parece escutar-me. Penso que isso está a atormentar-lhe a mente mas ele não quer enfrentá-lo. Vem, talvez as palavras de uma mãe cheguem onde as minhas não chegaram.

- Se elas não chegarem - disse eu suavemente, pegando no volume envolto em seda que trouxera comigo - tenho aqui algo que deve fazer esse efeito.

Seguimos por um corredor que aterrorizados rumores haviam esvaziado. Eram sensatos, pensei, enquanto coxeava ao lado do bispo Óssio, com as minhas roupas pretas a roçar como o sussurro de Némesis sobre os mosaicos. Quando os deuses se zangam, os mortais devem esconder-se, não vá um raio perdido atingi-los.

Constantino estava sentado na pequena sala de jantar, em cujas paredes pintadas a ocre se viam frescos com cenas da Eneida. A luz

que vinha da porta aberta para o jardim traçava como que uma barreira sobre os mosaicos do chão, mas o imperador sentava-se na sombra. Havia um jarro sobre a pequena mesa embutida, e ele tinha uma taça de vinho na mão. Parei junto da porta.

- Augusto... - disse o bispo em voz baixa.

- Vieste apoquentar-me de novo, Óssio? - respondeu Constantino, com lassidão, sem erguer o olhar. - Falas das leis do céu, mas eu sou responsável pelo império. Não tens o direito de me censurar...

Óssio ia começar a objectar que era responsável pela alma do imperador. mas o meu gesto silenciou-o.

- Talvez não, mas aqui está quem o tem! - Afastando o pano, dei um passo em frente e apresentei-lhe, à luz, a máscara funerária de Crispo.

- O meu filho! - Constantino encolheu-se, erguendo as mãos como que a proteger-se e empurrando a mesa que caiu, fazendo voar o jarro e a taça. O vinho derramado espalhou-se como uma maré de sangue pelos mosaicos.

O olhar de Constantino desviou-se da máscara para o vinho e, finalmente, ergueu-se para mim. O seu rosto estava macilento, e tinha grandes olheiras escuras como se estivesse doente.

- Eu tinha de o fazer! Não tinha outra alternativa! - exclamou.

Deus exigiu-me o sacrifício do filho que eu amava, tal como a Abraão, mas não me forneceu um cordeiro como substituto. Por isso, Crispo tinha que ser culpado! Deus não seria tão cruel!

A sua cabeça oscilava para diante e para trás. com os olhos salientes. como se não pudesse ver-me. Subitamente, perguntei a mim mesma se ele alguma vez me teria visto, ou se vira apenas um ícone a que chamava "mãe", sem mais semelhança com a pessoa que eu realmente era do que uma imagem sagrada pintada na parede.

- Deus enviou-te uma visão, ou foi algum mortal que te persuadiu. Constantino? Que pensaste tu que Crispo tinha feito? - Ele saberia ao menos quem estava a falar com ele, ou a minha voz ecoava as acusações da sua própria alma?

- Ele queria que eu abdicasse, e, quando eu não o fizesse, iria revoltar-se contra mim... ele tinha consultado um oráculo! Tencionava fazer Fausta sua mulher para legitimar o seu poder. Uma outra guerra civil teria destruído o império. Crispo convivia com pecadores. Era um adúltero, e Deus ter-nos-ia amaldiçoado a todos. Um Deus, um imperador - é preciso haver unidade. não compreendes?

Fausta! Talvez Constantino não compreendesse, mas, para mim, a imagem começava a tornar-se clara.

- Foi isso que Fausta te disse? - perguntei com voz calma. - Ela deu-te provas concretas de tudo isso - ou alguma prova sequer? Permitiste a Crispo que se defendesse... interrogaste-o, ou tiveste medo de ver o julgamento de Deus nos seus olhos límpidos?

Constantino estremeceu a cada pergunta, mas continuou a abanar a cabeça, numa negação.

- Estás enganada! Tu odeia-la porque ela é meia-irmã de Teodora, que te roubou o meu pai! Mas a primeira lealdade de Fausta foi sempre para comigo... ela avisou-me quando o pai conspirou contra mim, apoiou-me contra o seu próprio irmão...

- Traiu o seu sangue por amor ao poder... pensas que hesitaria em sacrificar o teu? - ripostei. - Ela fez isso por causa dos seus filhos, não por ti, com a intenção que eles um dia lhe dessem a autoridade que tu me deste!

- A tua mãe tem razão, meu senhor - disse Óssio com voz suave.
- As minhas investigações não revelaram qualquer prova de traição.

- És um traidor, também? - Uma veia pulsava na têmpora do imperador quando se voltou. - Tenho de salvaguardar a sucessão - disse então. Crispo era apenas meio-irmão. Teria havido guerra entre ele e Constantino... Fausta não parava de falar disso e eu podia ver como o povo o amava...

- Pensaste que ela te envenenaria com um prato de cogumelos como Agripina envenenou o imperador Cláudio, por causa do seu filho?

- Ela disse que Crispo tinha tentado fazer amor com ela! - exclamou ele.

- Tu não és Abraão... és Teseu, e um tolo! - exclamei, enraivecida, colocando a máscara diante do seu rosto até o fazer recuar. - Mesmo que tivesse tentado, o que não acredito nem por um momento, que tipo de pecado é uma sedução falhada em comparação com o assassinato do próprio filho?! Talvez o deus cristão consiga perdoar-te... Ele permitiu que o seu próprio filho morresse! Nenhuma divindade pagã perdoaria um tal crime! Como uma grande árvore que tomba. - Constantino deixou-se cair de joelhos. - Deus abandonou-me... - murmurou.

- Deus perdoar-te-á. - Dirigindo-me um olhar de reprovação, o bispo Óssio avançou e pousou a mão sobre a cabeça do imperador. - Mas tens de arrepender-te e penitenciar-te.

- Se foi Fausta que te convenceu a praticar esse acto, deverás castigá-la - ecoei. - Fá-lo, senão Crispo irá perseguir-te para sempre, e eu também!

- Meu Deus, abandonaste-me? - murmurou Constantino. - Pai, perdoa-me o meu horrível pecado.

- Deixa-nos - sussurrou o bispo, apontando para a porta. - Eu ocupo-me dele agora.

Concordei com um gesto da cabeça, porque me sentia doente e toda eu tremia. Não tinha o mínimo desejo de ver o senhor dos Romanos rastejando diante do seu deus.

Durante o resto do dia, permaneci deitada no quarto às escuras, recusando alimentos. Cunoarda pensou que eu estivesse doente, mas, se o estava, era mais uma doença da alma. Esperava, embora, até escutar os gritos, ao fim da tarde, não soubesse o que esperava.

Já estava a sentar-me no leito quando Cunoarda entrou a correr no meu quarto.

- Senhora! A imperatriz Fausta morreu!

- Como foi? - inquiri. - Uma execução? - Tinha pedido o castigo de Fausta, mas não esperava que Constantino compusesse um crime cometendo outro, pouco menos terrível.

Ninguém parece saber - respondeu Cunoarda. - Tinha ido aos novos banhos e os guardas foram buscá-la para a levar perante o imperador, mas, antes que a conseguissem prender, ouviram gritos. Alguém tinha erguido uma comporta para deixar entrar a água a ferver, e Fausta foi apanhada por ela, morrendo queimada dentro do banho! Estão a trazer o corpo agora. Dizem que é horrível de se ver. - A sua voz estremeceu com um horrível regozijo reprimido.

- Crispo, estás vingado! - Deixei-me cair de novo sobre a cama, perguntando a mim mesma por que razão a notícia só conseguira aumentar a minha desolação.

O meu filho transformara-se num monstro, à mercê dos seus medos. Mas seria eu melhor, eu que o incitara a praticar um crime igual?

Evidentemente, houve um inquérito, mas ninguém conseguiu saber como ocorrera o acidente. Na verdade, embora o imperador tencionasse castigá-la, não estou certa de que a forma como Fausta morreu tivesse sido ordenada por Constantino. Crispo tinha sido muito popular naquela cidade, onde governara durante tanto tempo, e é possível que um servo dos banhos, ao ouvir dizer que a imperatriz estava condenada, tivesse aproveitado a oportunidade para lhe dar uma antevisão do inferno que ela tanto merecia.

CAPÍTULO DEZENOVE

327-328 d. C.

- Acho que deverias vê-lo - disse o bispo Silvestre. - Creio que o imperador está sinceramente arrependido, mas a sua mente ainda

está perturbada. Dizem que mandou um escultor fazer uma imagem de ouro do seu filho, que colocou numa espécie de oratório. Posta-se diante dele, a lamentar-se. Talvez tu o possas aliviar...

Olhei-o, surpreendida. Eu era decerto a última pessoa a poder proporcionar consolo a Constantino naquela altura.

- Eu sei que ainda estás desgostosa e talvez culpes o imperador pelo que sucedeu, mas se Cristo pôde perdoar aos seus assassinos quando estava pregado na Cruz, poderemos nós fazer menos?

Teria achado mais fácil, pensei sombriamente, se o meu filho tivesse pecado contra mim. Tinha passado os oito meses desde a morte de Fausta em Roma, mas, nem na nova capela que havia sido feita numa das salas do meu palácio, nem na igreja de Marcelino e Pedro, assistira a qualquer serviço da fé cristã. Também não entrara em qualquer templo da religião antiga. Estava privada tanto da Deusa como do Deus. Na verdade, desde o meu regresso, mal tinha saído de casa.

Dizem que os velhos vivem muito no passado, como se revivessem as suas vidas de diante para trás. Eu preferia, sem dúvida, recordar os dias em que Constâncio e eu éramos jovens, e, cada vez com mais frequência, os sonhos que enchiam as minhas noites eram sonhos de Avalon. Sabia que as minhas servas receavam que eu estivesse a morrer, e com bons motivos, pois já tinha setenta e sete anos, e a vida não me oferecia coisa alguma que eu desejasse.

Suspeitava também de que, enquanto eu estivera longe, a rapariga síria, Marta, tivesse contado mais coisas sobre a forma da sua cura do que eu teria querido. Quando saía, as pessoas curvavam-se ainda mais profundamente do que a minha posição exigia, e muitas vezes deixavam oferendas de flores junto dos meus portões.

Durante o mesmo período, Constantino aliviara os seus sentimentos atacando directamente a religião pagã pela primeira vez. Tinha mandado matar os profetas de Apolo em Didyrna e Antioquia. e destruído o santuário de Asclépio em Algai. Mas a maior parte da sua ira voltava-se contra aquilo a que chamava imoralidade. Foram criadas leis cada vez mais restritas contra a sedução, mesmo que se tratasse de um rapto consentido, e os templos onde havia sacerdotisas que serviam Afrodite eram derrubados.

Ouvi Silvestre pigarrear e apercebi-me de que continuava à espera.

- O imperador está na sala de audiências, Augusta. Não é bom que mãe e filho vivam desavindos. Se não te sentes bem para te levatares, poderá ele vir até aqui" !

Eu não tenho filho", pensei amargamente, mas assenti com um gesto da cabeça. Constantino era ainda o imperador.

Cunoarda dispôs mais graciosamente as pregas do meu manto de lã. A Primavera chegara a Roma, mas eu ainda sentia frio. Nessa altura passava a maior parte do tempo na pequena sala com as tapeçarias britânicas Constantino nunca mais lá fora. Os cães, sentindo a minha tensão, puseram-se de pé quando ele entrou, e fiz-lhes sinal para que voltassem ao lugar habitual, aos meus pés.

- Não estás satisfeita com o teu palácio, Mãe? - perguntou ele, olhando em volta. - Por certo terás algum local para te instalares que seja mais... apropriado...

- A sala é confortável e é fácil conservá-la quente. Terás de perdoar a uma velha as suas excentricidades, meu senhor - respondi.

- Mas a tua saúde é boa... - Olhou-me com súbita preocupação. Podes viajar.

Franzi a testa. - Para onde queres enviar-me? - Estaria prestes a ser exilada?

Constantino endireitou-se enquanto o seu rosto se iluminava. - À Terra Santa. - Mãe, à Palestina!

Fitei-o, confundida. Eu sabia que Jesus tinha vivido na Palestina. mas. afinal, o seu próprio país o rejeitara. Naqueles tempos, era uma das províncias mais pobres. Antíioquia e Alexandria eram os grandes centros cristãos do império.

- Nosso Senhor caminhou por aquela terra sagrada! Cada pedra que Ele tocou está santificada. Mas, com exceção de Cesareia, há apenas algumas casas-igrejas em toda a província. Os locais dos Seus milagres, que deveriam estar a abarrotar de peregrinos, não possuem santuários!

O rosto de Constantino estava corado de entusiasmo.

- Isso é lamentável, mas não compreendo...

- Eu vou construí-los! Os trabalhos no local do Santo Sepulcro estão a avançar. O bispo Macário já me enviou alguns pedaços da verdadeira Cruz... vou dar-lhe um para a sua capela aqui. Embelezar os locais onde Deus Se manifestou será a minha penitência e a

minha dádiva. Decerto, assim, Ele me perdoará o meu grande pecado!

Uma oferenda, sim, pensei cinicamente, mas dificilmente uma penitência, excepto talvez para aqueles cujos impostos suportariam este ambicioso programa de construção. Acenei afirmativamente, perguntando ainda a mim mesma para que seria precisa a minha bênção.

- Quero fazê-lo já, mas os Visigodos andam inquietos, e será preciso ocupar-me em breve dos Persas. Não posso arranjar tempo para visitar a Palestina, mas tu podes ir até lá como minha representante. Tu saberias como encontrar os locais sagrados e como abençoá-los - inspirou e acrescentou astutamente - e mostrarias ao Oriente que a família do imperador continua a ser forte!

- Seria uma viagem difícil para uma mulher da minha idade - disse eu, tentando ocultar o meu espanto.

- Eusébio de Cesareia cuidará bem de ti. A Palestina é uma terra onde corre leite e mel, e o sol é quente... - A voz de Constantino soava persuasiva, mas os seus olhos estavam cheios de sonhos.

- Vou ter de rezar para o conseguir... - Era uma coisa a que ele não podia pôr objecções.

Agora tenho de ir, mas o bispo Silvestre ainda aqui fica. Ele explicar-te-á tudo. - Constantino fez menção de me abraçar, mas o seu sorriso confiante desvaneceu-se um pouco quando os nossos olhares se cruzaram, e contentou-se com beijar a minha mão estendida.

- Ainda estás zangada - disse Silvestre depois da partida do imperador - tens bons motivos para isso. No entanto, peço-te que faças esta viagem.

- Porquê? - inquiri com irritação. - Que possível interesse teria eu em visitar os lugares santos de uma religião cujo protector é responsável por actos como os de Constantino?

- O próprio Deus sofreu como tu sofres quando viu o que os homens fizeram ao Seu Filho, mas não destruiu a humanidade. Quando pensas como os cristãos estão longe da perfeição, não te parece uma prova da nossa religião o facto de ter sobrevivido? Vai à Palestina, Helena, não pelo imperador, mas por ti. No deserto, Deus fala claramente. Se existir algum propósito nesta tragédia, talvez consigas entendê-lo lá.

Dei-lhe uma qualquer resposta neutra e por fim deixou-me em paz. Estava decidida a esperar que Constantino saísse de Roma para depois lhe enviar a minha recusa, mas, nessa noite, sonhei que estava numa árida terra de areias douradas e pedras brancas, junto de um mar prateado. Era um local de terrível beleza, um local de poder. E soube, ao olhar para aquela paisagem descolorida, que já ali estivera.

Só quando acordei, a transpirar, me apercebi de que não era desta vida que eu o reconhecia, mas de uma visão que tinha feito parte da minha iniciação em Avalon. Compreendi então que ainda restava algo para eu fazer, e que aquela viagem à Terra Santa era o meu destino.

Constantino, tendo conseguido o que pretendia, não se poupou a despesas para me transportar até Cesareia, o porto que o infame Herodes havia construído dois séculos antes. Em meados de Agosto, meti-me num barco em óstia, com Cunoarda e Marta, pois elas tinham jurado não me deixar, apesar de as ter libertado a ambas algum tempo antes. Fizemos um tranquilo progresso em volta da ponta da bota de Itália, passando pelas costas da Grécia até Creta, onde recolhemos víveres frescos, e depois iniciámos a travessia até à costa asiática.

Chegámos com o Sol no poente atrás de nós, iluminando a faixa lisa de terra arada, tão rica em pomares e vinhedos, e o terreno ascendente que se lhe seguia, envolto num belo clarão dourado. A fortaleza espreitava no alto de um cabo no pequeno porto, com a cidade murada atrás dela, mas viam-se mais edifícios calados entre as árvores, a sul, e, à medida que nos aproximávamos, pude ver o suave crescente do anfiteatro, com a sua tiara de lugares voltados para o mar.

Desde que a segunda rebelião judaica deixara Hierosolyma em ruínas, Cesareia tinha sido a capital da Palestina. Ali tinha o procurador o seu palácio, e era ali que Eusébio, o bispo máximo da província, tinha a sua sé. Compreendi por que razão os Romanos

gostavam do local - em clima e cenário, recordava grandemente a área em volta de Baiae.

No terceiro dia após a minha chegada, quando já tinha descansado bastante, os meus carregadores levaram-me, do palácio do procurador, para jantar com Eusébio numa pequena casa que ele possuía entre os olivais acima da cidade. Estávamos no final do Verão, e os nossos leitos tinham sido dispostos num terraço de onde podíamos admirar o pôr do Sol e esperar pelo alívio que a súbita queda da temperatura trazia ao fim do dia.

- É uma bela região - disse eu, bebendo um pouco de vinho local.

- A faixa costeira é fértil, se for tratada - respondeu Eusébio - bem como parte do vale do Jordão e em volta do lago Tiberíades na Galileia. Para o interior, o terreno torna-se árido, apto para pastagens, e, mais para sul, é deserto, apto apenas para os escorpiões.

Ali, na sua casa, parecia mais descontraído, mas continuava a ser o mesmo intelectual magro, de pele amarelada, que eu conhecera em Nicomedia. Dizia-se que a biblioteca que ele reunira ali era melhor, especialmente em relação à Igreja, do que tudo o que havia em Roma. e era famoso como apologista e historiador. Calculei que tivesse cerca de dez anos menos de que eu.

- A minha senhora não está habituada ao calor - disse Cunoarda. Espero que ela não tenha de passar muito tempo no deserto.

Eusébio apurou a voz. - Augusta, posso falar-te sinceramente? - Dei-lhe permissão com um gesto, erguendo uma sobrancelha em ar de interrogação. e ele prosseguiu. - Se a decisão fosse minha, não terias de viajar sequer. Identificar os locais associados a Nosso Senhor poderá ser uma útil ajuda à fé. mas fazer deles locais de veneração e peregrinação, como se eles fossem só por si sagrados, é cair no erro dos pagãos e dos Judeus. A religião de Moisés foi fundada sobre a Cidade Santa, mas até mesmo o nome de Hierosolyma, se perdera. Sem o Templo, a religião deles tem de morrer. Hoje não vivem Judeus em Aelia Capitolina.

Ergui uma sobrancelha. Havia Judeus em todas as grandes cidades do império. Os que tinha conhecido em Londinium pareciam florescentes. Talvez Adriano tivesse reinventado a Judeia e a tivesse

transformado em Palestina, mas os Judeus pareciam ter reinventado a sua religião também. No entanto, seria melhor não dizer isso.

- Mas há cristãos... - disse eu, preferindo sondá-lo. Silvestre tivera o cuidado de me informar acerca da rivalidade entre Eusébio e o bispo Macário da Aelia Capitolina.

Encolheu os ombros. - Uma pequena comunidade. E as localizações de alguns dos pontos associados à encarnação do Christos já são conhecidos. Uma vez que o imperador o ordenou, terei muito gosto em escoltar-te até lá.

- Todos nós temos de obedecer ao imperador - concordei suavemente.

Dois dias depois, iniciámos a nossa viagem, seguindo a Via Maris para sul em etapas curtas através da Planície de Sharon. Para mim havia uma liteira com duas equipas de liteireiros experientes, enquanto Cunoarda, Marta e Eusébio montavam mulas. Através da cortina de gaze, podia ver o brilho da luz solar nos capacetes da

minha escolta, enviada para me guardar a mim e à arca de moedas com as quais, em nome do imperador, forneceria fundos para a construção de igrejas nos locais que achasse apropriados. O ruído ritmado da marcha da guarda da retaguarda ecoava atrás de mim.

Em Roma eu estava moribunda, e, quando iniciei esta viagem a que o imperador me forçara, sentira esperança de que a tensão da viagem me libertasse em breve do meu sofrimento. E efectivamente era isso que estava a suceder, mas, em vez da morte, eu sentia-me insuflada pela vida, cada vez que respirava o ar quente com odor a sal. Seria a Palestina realmente uma Terra Santa ou seria por eu estar finalmente a regressar ao caminho do meu destino?

A estrada passava por bosques abertos onde pinheiros mansos se misturavam com carvalhos e aveleiras. Cada dia, os montes à nossa esquerda iam-se tornando mais altos e mais acidentados, cobertos de vegetação rasteira de um verde acinzentado e résteas de erva dourada. O calor do ar era aliviado pela brisa que vinha do mar. No interior, encontravam-se campos de cevada e casas de adobe, em cujos jardins tinham sido plantadas romãzeiras, figueiras e vinhas. À noite dormia numa cama dobrável bem acolchoada, numa tenda de tom seda amarela, com cobertores quentes para me livrar do frio húmido quando a noite libertava a humidade do ar. Marta e Cunoarda estendiam-se numa esteira em frente da porta. Naquela terra, tão perto da sua Síria natal, Marta florescia como uma flor. A pele clara de Cunoarda queimava-se e pelava, mas ela não se queixava. À medida que passava mais tempo na sua companhia, comecei a perceber que o bispo Eusébio era um homem complexo.

Tinha sobrevivido às perseguições sem perder nem a reputação nem a vida, e conseguira evitar ser apanhado no lado vencido da controvérsia ariana. Agora enfrentava um maior desafio. Os cristãos do Ocidente tinham tido quase vinte anos para aprender a tirar vantagem do entusiasmo de Constantino, mas no Oriente, apesar de Licínio Ihes ter concedido tolerância, só nos últimos dois anos começaram a lidar com as tentações do privilégio. A teologia de Eusébio de um reino que não era deste mundo deveria ter-se adaptado perfeitamente a uma comunidade urbana em luta, rodeada por iconografia pagã. Sob todos os aspectos, os Romanos tinham feito o possível por privar a Palestina de qualquer significado espiritual. Mas Constantino tornara bem claro que pretendia reinventar a Terra Santa, substituindo a mitologia das crenças antigas pela das novas, tal como falava agora em fundar uma nova Roma para substituir a antiga capital com o seu peso de história. A ideia tinha uma grandeza épica, que mesmo no meu actual estado de desilusão tinha de admirar. Se era ou não verdadeiramente cristão, isso não sabia. Mas Eusébio, se queria sobreviver, teria de acompanhá-lo.

Depois de Joppa, a nossa estrada voltava para o interior, seguindo o leito de um rio que transportava apenas um fio de água naquela época do ano, através dos montes. O ar era mais seco agora, embora as pessoas da região se rissem quando eu o disse. Aquilo nada era. comparado com a terra que ficava para além do rio Jordão, que corria para um lago com mais sal do que o mar. Felizmente, à medida que subíamos, deixávamos para trás o calor húmido da planície costeira e avançávamos melhor.

Enquanto os dias dourados se iam sucedendo uns aos outros, fomos percorrendo a estrada através dos montes até que, certa manhã, rodeámos uma encosta e avistámos, nas alturas, acima do vale em curva, Aelia Capitolina, que, em tempos, se chamara Hierosolyma.

As muralhas tinham sido construídas com a pedra local, creme e dourada com manchas de ferrugem, como se o sangue que havia sido derramado naquele local tivesse embebido o chão. Havia cabanas aninhadas nas encostas abaixo delas, com restos de estradas a demonstrar que em tempos ali houvera mais habitações. As telhas dos principais edifícios romanos eram visíveis por cima da muralha. Aquela era a cidade que Adriano construía depois da última rebelião judaica, havia duzentos anos. Era bem claro que já não se tratava da Cidade de David. Até que ponto, pensei, se modificaria ao tornar-se a Cidade de Constantino?

Então os carregadores ergueram a minha liteira, deixei cair as cortinas de gaze e iniciámos a fase final da viagem.

Naqueles tempos, Aelia era uma cidade militar, existindo para servir a Décima Legião que havia sido estacionada ali para impedir

qualquer invasão de leste ou qualquer rebelião local. O seu comandante vivia na fortaleza, e a casa do bispo. Macário, era um local modesto sem quarto para convidados, situada no exterior das muralhas no Monte Sião. Todavia, um dos poucos comerciantes ricos da cidade tinha mostrado muito prazer em ceder a sua casa para a visita da mãe do imperador. Ele próprio já se mudara para outra residência em Alexandria, de modo que nem precisava de me sentir culpada por o desalojar.

Na manhã seguinte, o bispo chegou para me escoltar ao local do Santo Sepulcro. Pareceu-me que saudava Eusébio com uma sugestão de piedoso triunfo, como se já tivesse ao seu alcance o primado da Palestina. Mas Macário ia-se fragilizando, enquanto Eusébio era um veterano da política da Igreja. Independentemente das relíquias que ali fossem encontradas. não me parecia que ele fosse destronado com tanta facilidade.

- Poderá não parecer que fizemos grandes progressos - disse o bispo Macário num tom de desculpa - mas, na verdade, o local parece muito diferente de como estava há alguns meses. A abominação que era o templo de Vénus desapareceu, e estamos a fazer bons progressos na remoção do entulho com que cobriram o terreno sagrado.

Curioso entulho, pensei, olhando em volta. Diversas colunas de mármore que um arquitecto económico guardara para usar noutra local, encontravam-se empilhadas num dos extremos do forum, que estava cheio de cordas e outros apetrechos. Emergiam trabalhadores da escavação para além dele, lembrando formigas, curvados sob o peso de cestos de vime carregados de terra e pedras, e iam largar as suas cargas numa pilha crescente. Algumas mulheres, com as roupas tão impregnadas de terra que pareciam elas próprias criaturas do solo, estavam a vasculhar o entulho.

- Todas as noites há carroças que levam a terra peneirada para o vale, para aumentar os campos - disse Macário. - As pedras maiores são guardadas para a construção, e as pequenas usadas para reparar as estradas quando chegam as chuvas do Inverno. E, por vezes, encontram outras coisas - recipientes de cerâmica ou vidro, uma joia ou moedas. São as moedas que procuramos, sobretudo.

- Para ajudar a pagar o custo do trabalho?

Macário abanou a cabeça. - Não inteiramente. Permitimos aos trabalhadores que guardem aquilo que acham, senão tentariam esconder as coisas, e poderíamos perder alguma relíquia de Nosso Senhor. Enquanto as moedas que encontrarmos forem posteriores às

do tempo de Tibério, sabemos que é preciso escavar mais profundamente.

Acenei com a cabeça, sorrindo, um pouco surpreendida por o velho se mostrar tão prático.

- Nos Evangelhos - prosseguiu ele - é-nos dito que os soldados jogaram aos dados a roupa de Cristo mesmo aos pés da Cruz. Quem sabe se, quando a terra tremeu e os céus escureceram, eles não teriam deixado cair ali uma parte dos seus lucros?

Nesse momento, uma das mulheres ergueu na mão algo pequeno e o bispo foi a coxear ao seu encontro, para ver de que se tratava.

- Esta conversa de relíquias é superstição, embora a ideia dele quanto à data das moedas revele um seguro conhecimento de história - disse Eusébio, ao meu lado. - É o túmulo vazio, o Sinal da Ressurreição, que deveria interessar-nos.

Juntos, aproximámo-nos da escavação. - No tempo da Encarnação prosseguiu ele - este local ficava precisamente no exterior das muralhas da cidade. Mas a nova muralha que foi construída por Herodes Agripa incluiu-o, e quando Adriano reconstruiu a cidade, colocou o forum aqui, na encruzilhada.

Podia-se contar com Eusébio para esmiuçar os factos, pensei, olhando para a terra revolvida lá em baixo. Um afloramento de rocha parecia estar a emergir de um dos lados. No entanto, havia algo de interessante no entusiasmo simples de Macário.

- Ouvi dizer que o imperador situou o templo de Afrodite nesse mesmo local de propósito, para escandalizar os cristãos.

Eusébio encolheu os ombros. - Talvez, embora ele não fosse um dos grandes perseguidores. Foram os Judeus que suscitaram a sua ira. Suponho que Adriano colocou o templo ali precisamente porque era conveniente, e o local foi coberto, para tentar nivelá-lo.

Compreendi o seu ponto de vista. A cidade estava situada num planalto, rodeado em três lados por gargantas, e mesmo o topo apresentava irregularidades. A primeira muralha tinha terminado onde uma pedreira escavara profundamente o solo, mas, para além dela, o terreno erguia-se numa colina. Pude ver aquilo que parecia o princípio de um fosso mais profundo também no rebordo do forum. Sabia que a ideia dos acontecimentos que tinham ocorrido naquele local deveria comover-me, mas não encontrava significado algum no confuso cenário que se abria diante de mim naquele momento.

Eusébio franziu a testa. - Até os escavadores terem terminado, não haverá muito para ver aqui. Talvez queiras visitar alguns dos outros locais - a Galileia, ou talvez Belém, que fica apenas a meio-dia de viagem para sul.

- Para começar pelo princípio! - Acenei afirmativamente com a cabeça. Para alguns, como o bispo, a prova da sua religião situava-se na elegância da sua teologia. Mas eu vinha de um local onde o poder fluía através da terra, reunindo-se nas fontes sagradas. Se Deus se tornara Homem ali, na Palestina, por certo a própria terra testemunharia, de alguma forma, esse milagre.

Era a estação das vindimas, e, nas aldeias, as pessoas colhiam os cachos maduros nos pequenos vinhedos que se espalhavam pelas colinas. Pacientes burros avançavam pela estrada, à nossa frente, quase escondidos pelos grandes cestos de uvas que transportavam. Na nossa viagem para Aelia, eu tinha ficado isolada do contacto com as pessoas, mas até mesmo o comandante se esqueceu de se mostrar desconfiado perante as raparigas sorridentes que, pelo caminho, lhe ofereciam espumosas taças de sumo de uvas acabadas de espremer.

A aldeia de Belém não tinha mudado muito desde os tempos de Jesus. Um aglomerado de casas de barro com telhados planos separadas por redis e pequenos aglomerados de verdura espalhava-se pelo terreno acidentado.

- Estás a ver onde algumas das casas foram construídas, nas encostas?

- perguntou Eusébio. - Há cavernas por detrás delas que as pessoas usam como estábulos e armazéns, por serem frescas. Também lá espremem o azeite das suas azeitonas.

- Queres dizer que Jesus nasceu numa caverna.

- Uma caverna que estava a ser usada como estábulo. Lá está ela, lá em cima. Este local é conhecido há muito tempo. A manjedoura de barro ainda lá está.

Não parecia muito entusiasmado, mas eu já tinha percebido que o que interessava a Eusébio não era o local em si, mas o seu valor como prova histórica da Encarnação. Qualquer falta de entusiasmo da sua parte era mais do que compensada pelos aldeões que se aglomeravam à nossa volta, oferecendo-se para nos mostrar a caverna sagrada.

Para minha surpresa, o caminho encontrava-se parcialmente bloqueado por um aglomerado de cedros.

- É o bosque de Tamuz - disse a rapariguinha que me pegara na mão. - Os pagãos choram por ele ao mesmo tempo que nós choramos por Jesus na Primavera.

Pestanejei, perante esta fácil aceitação, mas Eusébio tinha-me avisado de que alguns dos cristãos naquela região eram pouco melhores que os próprios pagãos. Não me pareceu uma coisa muito má, se isso lhes permitia viver em amizade.

A caverna parecia muito escura, depois da luz da tarde, mas havia uma lamparina acesa e, quando os meus olhos se habituaram à escuridão, vi a manjedoura de barro no sítio onde as paredes se inclinavam agudamente para a extremidade da gruta. No interior da manjedoura alguém havia colocado um ramo de flores. O silêncio era total.

Eusébio ajoelhou-se para rezar, com Marta ao seu lado, mas eu fiquei de pé, com os olhos fechados e os pés firmemente pousados no chão, e algo que estivera tenso desde que me havia sido

ordenado fazer aquela viagem começou a descontrair-se. Sob os odores do incenso velho, do azeite da lamparina e de um leve cheiro a cabras, havia algo mais, que, ao fim de um momento, identifiquei como o odor limpo da pedra molhada. "A pedra é eterna", pensei e movi-me por forma a poder encostar a mão à sua superfície fresca. "A pedra guarda recordações." Alarguei a minha consciência à pedra, procurando impressões do passado. Durante algum tempo, apenas vieram à minha mente as necessidades elementares dos animais que ali tinham sido guardados. Depois, por um momento, captei o sofrimento de uma mulher, o profundo alívio do parto e um clarão de êxtase quando a criança foi colocada nos seus braços. "Independentemente do que Jesus fosse, posso acreditar que ele nasceu aqui", pensei então.

Quando abri os olhos, Marta e a rapariguinha não estavam a olhar para a manjedoura mas para mim, com espanto no olhar.

- Tenho sede - disse eu bruscamente. - Há água, aqui?

- Um poço - entre as árvores - sussurrou a rapariga.

Era o fim da tarde, naquela altura, e a luz dourada descia obliquamente sobre o bosque. Tiras de tecido e fitas tinham sido atados aos ramos de uma das árvores sobranceira ao pequeno poço.

- Também fazem isto na minha terra. - Pousei a mão sobre o tronco rugoso e fechei os olhos, permitindo que a minha consciência seguisse a vida da árvore até às suas raízes e subisse de novo até às folhas que recebiam vida do Sol.

E então, por um momento, não foi uma árvore mas um corpo feminino que senti, com os pés enraizados no solo e os braços estendidos para o céu. A imagem modificou-se e vi um tronco de árvore esculpido com a forma da Deusa. Giravam mulheres em volta dela, cobrindo-a com grinaldas de flores. - Asherah... - entoavam. - Asherah...

"Estas eram as Ashenim que os profetas mataram nos pátios do Templo!". compreendi. com espanto. "Eles tentavam destruir a Deusa. E era Ela, antes de Tamuz, que era venerada neste bosque sagrado!" Quando a visão me libertou, percebi que a rapariga ainda falava.

- As árvores são para a Mãe, a Virgem que deu à luz o Filho da Profecia. Em Mamre, que fica mesmo ao fundo da estrada, há um antigo terebinto onde Abraão sonhou com a sua descendência. A família do rei David é uma árvore, e Jesus está no topo dela... Espero que não cortem estas árvores.

- Quando eu der ordens para a construção da igreja aqui, vou pedir aos arquitectos que as poupem - respondi.

Sem dúvida, Eusébio teria desaprovado a confusa teologia da rapariga, mas naquele momento pareceu-me certa e percebi que, à sua maneira, as árvores sussurrantes também tinham sido testemunhas de que, uma vez mais, a Mãe havia sido adorada ali.

Estava a escurecer quando chegámos à estrada de novo. Os aldeões tinham-nos rogado que passássemos ali a noite e tomássemos parte na sua celebração, todavia, eu achei que uma viagem com a minha própria cama ao fim do dia seria menos cansativa do que uma noite passada num colchão grumoso e

pulgento. Mas, quando começámos a descer a última encosta, ouvi um relincho, e um dos cavalos dos soldados empinou-se.

Acima das pragas dos centuriões que acalmavam o animal, ouvi um leve ganido. - Esperem - gritei. - Há ali qualquer coisa.

- Um animal selvagem - disse o comandante, pegando no seu dardo.

- Mas nada de grande que possa fazer-nos mal, a avaliar pelo som. - Fez sinal a um soldado para que o seguisse com um archote.

- Parece um cão... - Fiquei a ver a luz bruxuleante mover-se ao longo de um dos lados da estrada.

- Tinha razão, senhora! - gritou o comandante. - É um daqueles cães selvagens que vagueiam pelos montes. com uma pata partida. Vou por fim ao seu sofrimento.

- Não lhe faça mal! - gritei. - Um dos nossos homens que o embrulhe na capa para ele não morder. Vamos levá-lo para a cidade.

- Augusta, não podes transformar um cão selvagem num animal de estimação - exclamou Eusébio.

- Atreves-te a dizer à imperatriz-mãe que ela não pode fazer alguma coisa? - perguntou Cunoarda com um ar intimidante.

Não lhes prestei atenção, ocupada com a massa de lã vermelha que se contorcia, donde emergiu uma cabeça dourada de pelo curto com uns frenéticos olhos escuros. Falei suavemente com o animal até ele se aquietar. Só então dei ordem para prosseguirmos a viagem.

Nessa noite sonhei que voltara a ser uma rapariga em Avalon, inclinando-me para beber nas bicas da fonte do sangue, de onde a água escorria por uma vala aberta na encosta da colina. No meu sonho era, de certa forma, como a caverna de Belém, mas apercebi-me então de que a sua abertura se assemelhava à entrada para o ventre de uma mulher.

No meu sonho, chorei por tudo o que havia perdido, até ouvir uma voz sussurrar: "Tu és filha da Terra e do Céu estrelado. Não te esqueças do solo de que brotaste ..." - e senti-me reconfortada.

O animal que eu encontrara era uma cadela quase cachorra ainda. Chamei-lhe Leviyah, que quer dizer "Leoa" na língua hebraica. Mordeu dois soldados antes que o médico dos cavalos da legião conseguisse pôr-lhe uma tala na pata, mas, mal a coloquei num pequeno quarto escuro, acalmou. Talvez pensasse que era uma toca. A partir dessa altura não permiti que qualquer outra pessoa lhe levasse comida ou água e, pouco a pouco, o pânico da cadela tornou-se aceitação, e a aceitação confiança, até começar a comer da minha mão.

Leviah continuou a mostrar-se arisca com os outros, mas, a partir de então andava sempre junto aos meus calcanhares, escondendo-se atrás das minhas saias quando havia muito movimento, e avançando de dentes arreganhados quando me julgava ameaçada. Deixou nervosas algumas pessoas que me rodeavam, mas de que me serviria ser imperatriz, se não pudesse entregar-me a alguns caprichos?

Algumas semanas depois, fizemos uma nova expedição ao Monte das Oliveiras, que se erguia a leste da cidade. Com a idade, eu tinha começado a acordar cedo, embora necessitasse geralmente de fazer uma sesta de tarde. Quando Eusébio sugeriu que me levantasse a tempo de ver o Sol nascer sobre a cidade, concordei, embora, quando emergi para o frio sombrio da hora antes da alvorada, perguntasse a mim mesma por que razão o fizera.

Mas, dentro da minha liteira, estava bem agasalhada e Leviah irradiava o seu calor contra a minha coxa. Avançámos pelas ruas silenciosas e descemos para o vale de Cédron, depois recomeçámos a subir pelas encostas pedregosas e passámos pelo jardim de Getsemani, onde Jesus lutara com a sua mortalidade e fora traído.

Quando alcançámos o cume, as estrelas começavam a desvanecer-se e, diante de nós, a difusa e informe massa da cidade começava a adquirir forma e significado. como se aquela fosse a manhã da Criação e nós estivéssemos a assistir à primeira emergência do mundo. Tal como Roma, Hierosilyma devia muito do seu carácter às suas colinas sagradas. Agora conseguia distinguir o Monte Mória, onde os Judeus tinham construído o seu templo, e avistar o Monte Sião, no exterior da muralha, do lado sul. Cada vez mais edifícios se tornavam visíveis, embora ainda parecessem vazios de vida contra o céu cinzento.

E então, de súbito, o ar encheu-se de luz. e a minha sombra estendeu-se diante de mim como se pretendesse alcançar a cidade luminosa para além do golfo de sombras que jazia lá em baixo. Os edifícios que, um momento antes, tinham sido feitos de lama, estuque e pedra sem vida, brilharam subitamente em mil tonalidades de ouro.

- O Nosso Senhor esteve aqui - sussurrou Eusébio, com a voz embargada por uma emoção invulgar. - Ensinou os seus discípulos na caverna por baixo dos nossos pés e profetizou que não ficaria pedra sobre pedra de Hierosolyma. E Tito executou a Sua palavra.

“Todavia a cidade ergue-se diante de nós”, pensei. Estremeci, reconhecendo a alteração de consciência que estava a apoderar-se da minha visão. Ainda podia ver Hierosolyma, mas agora revelava-se-me numa série de camadas, com os seus contornos em constante mutação, embora a sua essência continuasse a ser a mesma. Ecoaram palavras através da minha consciência.

“Os Romanos não foram os primeiros a destruir esta cidade, nem os Judeus serão os últimos a perdê-la. Já desabou muitas vezes antes e continuará a desabar no sangue e no fogo, e a ser reconstruída, vezes sem conta, em pedra limpa, à medida que um conquistador substitui outro nesta terra. Os seguidores de Cristo farão dela o seu centro sagrado, mas homens de uma fé que ainda não nasceu dominá-la-ão até os filhos de Abraão regressarem e a reivindicarem de novo para si.

“E muitas vezes mais o sangue correrá sobre estas pedras, até que, não só as três crenças de Jeová, mas todos os cultos cujos altares foram derrubados voltem a fazer aqui a sua adoração. Porque eu te digo que Hierosolyma é, na verdade, um local de poder e não foram os homens que a fizeram assim, mas foram tocados pela força que se ergue das profundezas dos seus rochedos em busca de uma união com o céu...”. Pestanejando, voltei a mim de novo. Os fantasmagóricos contornos das cidades passadas e ainda por vir estavam a desvanecer-se, e a cidade daquele momento revelava-se com brutal claridade sob a luz forte do dia. No entanto, eu sabia que aquelas outras Hierosolymas ainda estavam presentes, fazendo parte da eterna Cidade Santa que sempre existiria.

- Senhora, não te sentes bem? - sussurrou Cunoarda, e apercebi-me de que estava encostada a ela. Eusébio continuava a observar a paisagem e verifiquei, com alívio, de que não falara alto.

- Uma distracção momentânea - respondi, endireitando-me.

Eusébio apontou o cume do monte, onde um afloramento de pedra nua estava rodeado por oliveiras. - E deste local, Cristo subiu aos céus. Os cristãos adoram-no aqui desde esse dia.

Curvei a cabeça em sinal de reverência, mas sabia que, quando desse instruções aos architectos para construir ali a igreja, não iria coroar o cume do monte, erguendo-a sobre a caverna, na terra onde Jesus revelara aos seus seguidores os mais profundos mistérios.

Nessa noite sonhei que estava a subir a uma montanha. A princípio, julguei que se tratava do Monte das Oliveiras, na companhia de peregrinos cristãos, mas tratava-se apenas de uma colina, e, à medida que a luz foi crescendo, percebi que era o Tor. Lá em baixo, podia ver o aglomerado de cabanas, semelhantes a uma colmeia, e a igreja redonda que havia sido construída por José de Arimateia, e compreendi que se tratava da Inis Witrin dos monges, não de Avalon. No entanto, ao subir, a minha visão alterou-se e percebi que estava a ver as duas coisas simultaneamente. E a minha visão foi-se tornando mais aguda, até que pude ver, por baixo da superfície do Tor, a estrutura cristalina das cavernas subterrâneas.

Com o mês de Dezembro, o Inverno chegou aos montes da Judeia, com violentas tempestades e um perpétuo frio húmido que penetrava até aos ossos. As tempestades e o Mediterrâneo tornavam pouco aconselhável um regresso a Roma, as obras no Sepulcro tinham-se tornado quase impossíveis e, quando me atacou uma tosse torturante que veio piorar os meus habituais problemas respiratórios de Inverno, o bispo Eusébio sugeriu que me mudasse para Jericó, onde havia mais calor, enquanto ele ficava a vigiar as escavações.

Enquanto seguíamos pela estrada de Jericó, constatei que o terreno estava a mudar, dando as árvores que haviam revestido as colinas em volta de Hierosolyma lugar a vegetação rasteira, que foi diminuindo até quase desaparecer nas colinas pedregosas. Ao passo lento que os meus ossos doridos exigiam, levámos três dias a alcançar o oásis de palmeiras, cujos edifícios de adobe se

aglomeravam aos pés do antigo monte. O palácio de Herodes estava em ruínas, mas, uma vez mais, um comerciante local cedeu com prazer a sua casa a uma imperatriz.

Pouco a pouco, comecei a sentir-me suficientemente bem para explorar o terreno circundante, e dei a Leviyah a oportunidade de correr um pouco. Comparado com os grandes rios da Europa, o Jordão parecia um modesto regato, mesmo engrossado pelas chuvas de Inverno, mas o arvoredo que o bordejava tornava-o agradável. Aventurando-me mais adiante, seguimos o rio até às margens do Mar Morto.

A ocidente, as nuvens que, sem dúvida, ainda estavam a ensopar Hierosolyma, encontravam-se suspensas sobre os montes, mas ali o céu era de um intenso azul. Naquela estação, as dobras dos montes abrigavam alguma vegetação, mas parecia-me impossível que ali pudessem viver homens, até o nosso guia nos apontar um abrigo feito de ramos, ou uma toca nos montes onde um dos Perfecti se escondera para fugir às tentações do mundo. Acampámos sob as ruínas de um local chamado Sekakah, onde vivera em tempos anteriores uma comunidade de homens santos judeus.

Naquela terra árida encontrei uma estranha paz. Enviei um mensageiro para trazer os víveres de que iríamos necessitar para um

acampamento mais permanente, e instalámo-nos. Banhei-me nas águas salgadas, quentes como sangue, e com tantos minerais em suspensão que flutuei à superfície como uma criança no ventre da mãe. E fiz longas caminhadas ao longo da costa queimada pelo sol, com Leviyah a saltitar ao meu lado.

Foi durante um desses passeios, a meio do dia, quando os rochedos desgastados pela água ou esculpidos em fantásticas formas de cogumelos - brilhavam ao sol, que encontrei o velho. Tal como eu, viera saudar o meio-dia, postando-se, com os braços erguidos, à beira do mar.

Surpreendentemente, Leviyah permaneceu quieta até ele concluir as suas orações. Quando se aproximou dele, o homem voltou-se com um sorriso. Mas eu conservei-me à distância até ele me fazer um gesto de acolhimento. A vida naquela terra árida tinha-o reduzido a osso e tendões, e a sua pele estava de tal forma curtida que me era difícil calcular a sua idade, para além das provas fornecidas pelos cabelos e barba grisalhos. Com excepção de um pedaço de pele de cabra atado em volta das ancas magras, estava despido.

- Pensei que fosses um daqueles a quem não é permitido falar com uma mulher - disse eu, quando nos voltámos de novo para

olhar o mar. As suas águas cor de chumbo cintilavam à luz do sol, e pestanejei, tentando fixar a sensação de já ter vivido aquele momento.

- O que é feminino ou masculino quando nos apresentamos como espíritos diante de Deus? No deserto são óbvios os opostos - a luz opõe-se às trevas, o calor combate o frio - respondeu ele. - A verdade é mais fácil de ver. Os homens vêm para aqui para viver como anacoretas porque já não podem esperar que o martírio do sangue lave os seus pecados. Mas não são os primeiros a procurar iluminação neste deserto. Os homens de Sekakah levaram uma vida de pureza nas suas cavernas, e até o Nosso Senhor passou quarenta dias e quarenta noites a lutar contra ilusões, não longe daqui.

- E tu és um daqueles que procuram a sabedoria? - perguntei, observando Leviyah que farejava entre as pedras e paus lançados para a praia.

- Mesmo antes dos Seus dias, sempre houve aqui uma pequena comunidade. transmitindo certos ensinamentos que as religiões estabelecidas esqueceram. Nos tempos passados, a perseguição interrompia tradições. Actualmente, receio que certos aspectos da sabedoria antiga se tornem inaceitáveis para uma igreja que está a aprender a conviver com a riqueza e o poder.

- Porque me dizes essas coisas? - perguntei, fitando finalmente o seu rosto. De súbito, tive a sensação de já o ter visto antes. - Eu sou a mãe do imperador.

- Mesmo nesta vida, não és apenas isso... - estendeu a mão e tocou o ponto onde o crescente de Avalon tinha abençoado a minha fronte. Como soubera ele?!

A minha testa estava coberta de profundas rugas, e a pele acastanhada pelo sol; a antiga tatuagem não passava agora de uma descoloração.

- Por isto te reconheço como irmã numa tradição próxima da minha, uma iniciada nos Mistérios.

Olhei-o, surpreendida. De vez em quando encontrara sacerdotes dos deuses mediterrânicos que reconheciam que, para além dos seus cultos, havia uma verdade maior, mas nunca esperara ver um cristão falar daquela maneira.

- E há algo mais. Tive uma visão - disse ele então. - Durante algum tempo, o santo José - aquele em cujo túmulo Cristo foi deposto - viveu entre nós, antes de partir para o outro lado do mar. Na minha visão, apareceu-me e disse-me que tu virias. Quando te visse, teria de dizer-te estas palavras:

Segue o Sol no ocaso até ao princípio da tua viagem, e entre as brumas da manhã passarás entre os mundos...

Isto significa alguma coisa para ti?

Recordei-me então - eu sonhara duas vezes com aquilo. Acenei afirmativamente com a cabeça, chorando, embora o ar quente secasse as minhas lágrimas antes que elas caíssem.

CAPÍTULO VINTE

327-328 d. C.

Viajámos para a Cidade Santa pouco antes da Festa da Ressurreição. Nas encostas inferiores, o verde vivo da Primavera já começava a transformar-se no ouro amadurecido do Verão, mas as alturas em volta de Hierosolyma brilhavam de folhas novas e prados enfeitados com ranúnculos vermelhos que lembravam joias, pequenas orquídeas de um roxo rosado, linho-bravo e uma série de outras flores. Parecia-me que todas as aves migratórias do mundo esvoaçavam sobre a Palestina, e os seus sons ressoavam pelo ar.

- Rejubilai! Rejubilai na Primavera! - cantavam eles. - Coré²² regressa do Hades e o Filho de Deus ergue-se do túmulo!

Nas encostas em volta da cidade, havia densas colónias de rosas do deserto cobertas com flores brancas como a neve, tal como os rebentos dos espinheiros do deserto. No interior dos portões, tomava-se subitamente consciência da existência de jardins ocultos quando, de cima de um muro, nos chegava um chilreio de aves e uma onda de perfumes.

O rosto arredondado do bispo Macário estava tão brilhante como as flores. Nos últimos dois meses, as suas escavações tinham feito grandes progressos. Tinham desenterrado um duro afloramento de pedra que era claramente o local da Crucificação, e desnudado a encosta para além dele, onde havia sido aberta uma série de túmulos. Mas o seu êxito apresentava um novo problema, porque nenhuma dessas aberturas continha ainda corpos, por isso, como poderiam dizer em qual delas o anjo afastara a laje" Com a minha bengala para me firmar de um dos lados, e um jovem e forte padre pronto a agarrar-me do outro, atravessei o fosso e comecei a caminhar pelo terreno desigual. Um filósofo teria acolhido com prazer a actual situação como uma forma de comprovar a hipótese de que os grandes acontecimentos podem santificar um local, porque aquele sítio, apesar de histórico, permanecera inacessível até àquela altura. Em Belém e no Monte das Oliveiras, dois séculos de devoção tinham deixado marcas, e ali, não podia sentir-me absolutamente segura quanto a saber se as imagens que estava a detectar provinham de acontecimentos ocorridos no local ou dos anseios dos peregrinos que neles acreditavam. Para Eusébio, a

simples identificação daquele sítio era um poderoso auxiliar da fé, mas Macário e Constantino queriam um local de poder.

Detive-me, voltando-me para a esquerda para estudar o afloramento de pedra.

- Creio ser este o lugar a que chamam Gólgota. porque lembra um crânio. A pedra aqui está mais fissurada que a restante, e suponho que, por isso, não fosse aproveitada nas pedreiras. - Macário apontou para a superfície desigual.

Pousei uma mão sobre a pedra e, ao fim de um momento, retirei-a bruscamente, estremecendo perante os ecos de agonia que ela retinha. - Este foi decerto um local de execução... as próprias pedras ainda gritam de dor - murmurei, apesar de não poder dizer ao certo de quem havia sido o sofrimento.

Houve um murmúrio de respeitoso espanto atrás de mim. Suspirei. apercebendo-me de que a história correria toda a cidade antes que caísse a noite.

- Consola-te, senhora - disse o jovem padre, ao ver como eu ficara abalada. - Repara no túmulo vazio!

Havia efectivamente duas câmaras na encosta do monte que estavam ainda em boas condições e várias outras que poderiam ter sido túmulos antes que a pedra se esboroasse. Era claro que nem Eusébio nem Macário tinham ousado fazer uma escolha, receando cada um deles que o outro objectasse. Esperavam que eu, representando o imperador, tomasse a decisão.

Para aqueles que têm o dom de sentir tais coisas, os locais retêm memórias de grandes feitos nele realizados. mas aquele túmulo, ao contrário dos outros sítios, era importante pelo facto de o corpo de Jesus não ter permanecido nele.

- Teremos de pedir a Deus que nos guie... - disse eu. - Celebra os Serviços Divinos dos dias santos neste lugar, e talvez Ele nos comunique a Sua vontade.

O Domingo de Ramos já tinha passado, e a cidade estava cheia de visitantes. O ar palpitava de tensão, enquanto a Igreja, triunfante graças ao favor do imperador, se lançava na tradicional ronda de cerimónias, e a maré de devoção arrastou-me. Na véspera de Sexta-Feira Santa, fui uma vez mais ao local, em busca de inspiração.

Os túmulos não me proporcionaram qualquer ajuda, mas, quando ia regressar, reparei num rebento verde no fosso. Um dos trabalhadores desenterrou-mo e levei-o comigo para o meu quarto, onde Cunoarda, que já estava habituada às minhas excentricidades, procurou um vaso para o plantar. Coloquei-o sobre o peitoril da janela, ao lado da pequena imagem de barro da deusa das árvores que tinha sido encontrada por um dos escavadores.

O próprio ar de Hierosolyma parecia escurecer com as emoções da Sexta-Feira Santa, e as pessoas reunidas aos pés do Gólgota choraram como em tempos haviam chorado por Tamuz, que também morreu na Primavera. Durante todo o dia seguinte, fiquei deitada, jejuando. E, no estado de semi-inconsciência que pode resultar da privação de alimentos, muitos pensamentos se enraizaram na minha imaginação e nela floresceram. Enquanto meditava sobre os túmulos, a memória trouxe-me à mente as outras grutas que tinha visto. Parecia-me que todas três eram ventres de terra. Da primeira

caverna em Belém, Cristo nascera para o mundo mortal; na segunda, no Monte das Oliveiras, houvera um parto de sabedoria; e na terceira, junto ao Gólgota, Ele nascera para a imortalidade. Os seus seguidores negavam a Deusa, mas Ela estava lá, na figura de Maria - Virgem, Mãe e Velha sofredora, e nos recessos femininos da própria Terra, que recebe os mortos no seu abraço, para que uma nova vida possa nascer na Primavera.

E pensei ser isso que Eusébio, cuja religião estava na sua mente, não compreendia - que, havendo apenas uma Divindade a adorar, haveríamos de a evocar de muitas maneiras, como Homem, como Deus, como Mãe, como puro Espírito, e nos ícones físicos que dão testemunho da Presença Divina manifestando-se ao mundo. Até mesmo a superstição poderia promover a fé. Nisso, Constantino falava pelo seu povo - o seu coração era ainda suficientemente pagão para saber que eram necessários sinais exteriores e visíveis para levar os homens vulgares à graça interior e invisível.

Quando a escuridão caiu, mergulhei num sono inquieto em que passei por uma série de sonhos. No primeiro pensei que estava acordada, porque me encontrava ainda no meu quarto, mas a luz do sol brilhava sobre a minha planta envasada e percebi que era dia. No entanto, a planta tinha crescido, dividindo-se em vários ramos tortuosos de que nasciam não só folhas verdes como espinhos. Enquanto a olhava, começaram a nascer flores brancas estreladas. Reconheci, então, que se tratava do espinheiro que os monges de Inis Witrin diziam ter crescido da vara que José de Arimateia espetara no chão.

Após esse reconhecimento, passei, como sucede nos sonhos, para o Gólgota, tal como fora nos tempos em que Tibério reinava. Encontrava-me, no meio de uma multidão, diante do cabeço de pedra. Aí tinham sido erguidas três cruzes. mas, ao observá-las, vi que da do centro tinham começado a brotar folhas e ramos e flores brancas estreladas. Não era madeira morta, mas uma árvore viva que nós venerávamos, a renovação em vez do sacrifício.

E a cena voltou a mudar. Era noite, e a cidade estremecia sob um céu baixo. Dois homens carregavam uma grosseira maca, vindos do Gólgota, seguidos por mulheres que choravam. Transportavam o corpo inerte de um homem, Quando se aproximaram da encosta onde se situavam os túmulos, um soldado fez-lhes sinal para que se despachassem e eles introduziram o corpo numa das aberturas escuras e deitaram-no sobre a laje de argila. Havia uma grande pedra encostada à parede ao lado da abertura, com os rebordos ainda brancos nos sítios onde fora fendida. Gemendo, os dois homens conseguiram deslocá-la para tapar a entrada.

Depois, o mais novo dos dois dirigiu-se às mulheres. tentando consolá-las. Mas o mais velho deteve-se por um momento e, vendo que o romano estava a olhar para os outros, desenhcou sobre a pedra, com o dedo, o sinal de um iniciado nos mais altos Mistérios.

Vestia-se melhor do que os restantes - era um homem de meia-idade com a barba prateada. Ao voltar-se, a última luz do sol iluminou as suas feições e, com a certeza dos sonhos, reconheci-o como sendo não apenas o anacoreta que encontrara junto do Mar Morto, mas também o velho monge com quem tinha falado, muitos anos atrás, em Inis Witrin.

De manhã, transportaram-me para assistir à celebração da Ressurreição numa cadeira, pois estava excessivamente exausta para ir a pé. O dia tinha amanhecido bonito e límpido, e os coros triunfantes das aves elevavam-se acima do murmúrio da multidão. O cântico profundo dos sacerdotes fazia com que se me eriçassem os pelos da nuca e dos braços. O ouro e as pedras preciosas faiscavam ao sol nos paramentos dos padres, e o fumo do incenso proveniente do altar que haviam erguido diante dos túmulos erguia-se em volutas azuladas no ar parado.

“Há poder aqui”, pensei, quando o drama da Missa chegou ao fim. “Poderá não ser a única verdade no mundo, mas esta história que eles contam é verdadeira.” Senti a vida regressar aos meus membros e, quando o bispo ergueu os braços para dispersar os fiéis, levantei-me da minha cadeira. Ao sol da manhã, as aberturas dos túmulos viam-se claramente por detrás do altar. Junto de uma delas estava um pedaço de uma grande pedra.

Parecia-me agora que, se os acontecimentos tivessem ocorrido como os Evangelhos os descreviam, teriam deixado uma impressão de poder no interior do túmulo, um poder tão grande que eu até receava tocar-lhe. Mas a marca na pedra podia eu procurá-la, porque era iniciada nos mesmos Mistérios.

E assim fiz, e nem reparei que as pessoas tinham ficado em silêncio, a olhar-me, pois estava a observar o interior da escura abertura para além da pedra que encontrara.

Sobre o chão rochoso estavam espalhadas pétalas brancas do espinheiro sagrado.

Fiquei em Hierosolyma durante toda essa Primavera até à chegada do Verão, conferenciando com os arquitectos que Constantino enviara para construir igrejas sobre os locais sagrados que eu havia encontrado. Da minha janela, podia ver as fundações da igreja do Santo Sepulcro, com a sua longa nave estendendo-se para oriente, como era vulgar nas igrejas de Constantino, de modo que, quando se abrissem as portas, o altar-mor resplandecesse à luz do Sol nascente. O Rochedo do Gólgota tinha sido aparado para

caber no pátio do lado sul, e a encosta por detrás do túmulo cortada de modo a poder ser coberta por uma cúpula.

Eu tinha sido criada na crença de que os poderes eternos não podem ser contidos em templos feitos por mãos humanas, e o espaço sagrado devia ser venerado, não possuído. Mas, se aquele edifício, dourado e enfeitado com mosaicos do chão até ao tecto, tinha mais probabilidades de impressionar os peregrinos com a glória da Igreja do que o prodígio da Ressurreição, era essa a tradição do mundo mediterrânico. Podia prever o tempo em que os santuários pagãos que haviam santificado a paisagem e escandalizado os cristãos seriam substituídos por ícones cristãos. Perguntei a mim mesma se, por essa altura, ainda restariam pagãos que se indignassem com a mudança.

Certa noite, Eusébio chegou radiante à hora do jantar. O imperador, disse-me ele, tinha decidido refundar a cidade de Drepanum como Helenopolis, em minha honra, e aí construir uma igreja ao mártir Luciano.

- É uma vitória para o pensamento ariano - disse-me, enquanto comíamos borrego com cevada. - Porque Luciano não só foi o melhor estudioso do teólogo Orígenes como ele próprio ensinou Ário.

- Julgava que ele tinha sido um padre da igreja de Antioquia que publicou uma nova edição das escrituras...

- Assim é, mas foi executado em Drepanum por Maximino. Deverás passar por lá na tua viagem de regresso e dar-lhe a tua bênção.

Isso agradaria a Constantino, sem dúvida, pensei, desgostosa. O meu filho tinha começado a chamar a si próprio o décimo terceiro apóstolo, uma posição que, na prática, parecia exigir a adulação anteriormente reservada aos deuses. Os imperadores romanos tinham sido deificados durante séculos, mas normalmente esperavam pela morte para assumir a divindade total. Constantino parecia estar a adoptar a moda oriental de considerar os governantes como avatares vivos de um deus. Obviamente, ninguém ousava recordar-lhe que o reino de Jesus não tinha sido deste mundo.

- É tempo de fazer planos para a minha partida - disse eu em voz alta. As palavras do anacoreta ecoavam na minha memória, e as imagens de Avalon perseguiram-me em sonhos. Mas a minha actual vida de privilégio era também uma prisão - como poderia escapar-lhe? Por agora, bastaria regressar a Roma. Talvez de lá pudesse ver o meu caminho.

Quando deixei a Palestina, tinha-se passado um ano. Não fiz um desvio para visitar Drepanum, preferindo recordá-la como era quando lá vivera com Constâncio. Marta, cujo fervor não decrescia, tinha ficado a servir na casa do bispo Macário, mas a minha fiel Cunoarda continuava comigo, bem como a minha cadela cananeia e o pequeno espinheiro. Conosco seguiam diversas arcas cheias de recordações, tanto prendas como coisas que eu acabara por comprar - túnicas e cerâmicas palestinianas, têxteis de Tiro e vidros de Áscalon. Era Roma que agora me parecia estranha, um vasto labirinto de esplendores decadentes que incluíam a Domus Sessorianum.

Constantino ainda estava no Oriente, a supervisionar a demolição da antiga cidade de Bizâncio para poder criar uma nova Roma que teria o seu nome. O rapazinho que construía fortalezas no nosso jardim das traseiras tinha agora uma cidade inteira com que brincar. Nem mesmo os projectos de construção de Adriano se tinham aproximado de tal ambição. Quando Constantino tivesse terminado Constantinopla, pensei, iria ele forçar Deus a deixá-lo recriar o mundo?

Pouco depois do meu regresso, fui à igreja dos santos Marcelino e Pedro para assistir aos serviços e doar um vaso de ouro que me tinha sido oferecido pelo procurador da Palestina. Num dos pátios encontrava-se um sarcófago de mármore branco com relevos de cavaleiros. Constantino tinha-o encomendado, disse-me o padre, mas agora o imperador andava a planear um grande mausoléu em Constantinopla, e ninguém lhe tinha dito o que havia de fazer com aquilo.

Reprimi um sorriso divertido, assegurei-lhe que haveriam de descobrir, sem dúvida, alguma utilidade para ele e pedi-lhe que voltasse ao seu relatório sobre as beneficências da Igreja. Tinha pensado em ocupar os meus dias ajudando um pouco nesse campo, mas era visível que Helena Augusta era uma figura excessivamente importante para que lhe permitissem sujar as mãos daquela maneira. Pelo menos presumia que a reverência com que era tratada se devesse à minha posição. Mas, desde o meu regresso da Terra Santa, as oferendas de flores tinham recomeçado a aparecer à minha porta e, por vezes, as pessoas faziam-me demonstrações de veneração que nem mesmo ao imperador eram devidas. Aquilo era inquietante, e apercebi-me de que teria de transformar-me numa reclusa ou andar disfarçada pela cidade.

Conoarda ficou escandalizada, mas, na Palestina, eu habituara-me a uma vida mais simples. Tinha agora perto de oitenta anos e conquistara, sem dúvida, como lhe disse, o direito de fazer o que me apetecesse, ou pelo menos aquilo, entre o que me apetecia, que o meu corpo idoso me permitisse. Era vulgar os velhos serem postos de lado, enviados para uma casa de campo onde não ficassem no caminho dos seus descendentes, ou mesmo deixados na rua, se não tivessem filhos que, embora contrariados, os sustentassem. Tornar-me um ícone dourado, colocado em segurança num nicho da parede e mostrado nos dias de festa, isso seria apenas uma maneira mais confortável de ser posta de parte.

Mas já tinha sido posta de parte antes, quando Constâncio me deixara para se casar com Teodora, e não tencionava permitir que isso sucedesse de novo. Poderia ser velha, mas não estava incapacitada.

Recordando-me da forma como tinha cuidado dos doentes durante a peste. disse a Cunoarda que fosse a uma loja de roupas usadas e comprasse vestuário apropriado para uma viúva pobre. Ela voltou com dois vestidos de mangas compridas, um castanho-terra e outro de um azul desbotado, ambos cuidadosamente remendados, sandálias resistentes e diversos véus de linho branqueado. Os padres da igreja de Marcelino e Pedro só me tinham visto coberta de joias e perfumes, com as feições semiocultas por gaze púrpura. Duvidava de que me reconhecessem com linho branco atado em volta da testa e envergando um vestido deformado.

E assim foi. Eu era apenas uma entre um bando de mulheres idosas que ajudavam a distribuir comida aos famintos e roupas e remédios aos pobres. A actividade compensava a minha frustração, mas, ao fim de um ano na Palestina, o Inverno romano revelou-se severo e gélido, e eu própria adoeci em Dezembro, pelo que, durante meses, não fui a parte alguma.

Deitada no meu quarto, alternadamente a tremer de frio e a arder em febre, ocorreu-me que a minha vida estava a chegar ao fim. Aquela era a última parábola da Idade, antiga, impotente, inútil. Roguei a Deus que me desse forças e me ajudasse, e, como uma iniciada a explorar as profundezas dos Mistérios, acabei por repousar num santuário vazio. E aí me foi confiado o segredo - não existe nem um Deus nem uma Deusa, apenas o poder da Mãe interior que nos dá a pouca força que temos.

E então apercebi-me de que, tal como, pelo parto, eu criara o meu próprio torturador que se alimentaria de mim e me destruiria, no final da vida teria de suportar o doloroso processo de dar à luz o meu Ser, só para mim mesma. Tinha de desistir do poder sobre o meu filho para me tornar indiferente e desligada, deixando-o construir o seu mundo. Porque seria isso uma surpresa? Não tinha eu sempre sabido que o que fazia era de minha própria e livre

vontade - deixar Avalon com Constância, aceitar a responsabilidade pelo meu filho? Ao fazer isso, transformei-me na Deusa, com o meu poder implacável.

Tinha renunciado ao meu filho, e o neto que amara fora-me roubado. Competia agora às mulheres mais jovens ter filhos e cuidar deles. Eu poderia dar-lhes sabedoria e conselhos, mas já não fazia parte do meu papel interferir nas questões do mundo, a menos que fosse para ensinar aos jovens o que tinha aprendido.

Nada me restava a não ser a idade avançada e o declínio das forças e, por fim, a morte. Mas começava a ver que isso também poderia ser uma oportunidade. Como mãe, tivera de me negar em favor dos outros. Agora era-me dada a oportunidade de ser livre de novo, de ser apenas eu, viver para mim mesma, dando a procriatividade lugar à criatividade.

Quando recuperei forças para me levantar e andar pela casa, a Primavera tinha chegado de novo. O pequeno espinheiro, que eu plantara no exterior da capela do meu palácio, tinha sobrevivido ao transplante e estava agora a produzir fortes rebentos verdes, estrelados com flores brancas. Ao olhar para ele, não via os meus bem cuidados jardins, mas neblina sobre a água, e a lisa encosta verde do sagrado Tor.

Convoquei um magistrado e, com a sua ajuda e a de Cunoarda, comecei a redigir o meu testamento. Todos os pormenores teriam que ser contemplados, desde a liberdade concedida aos membros da minha casa que eram ainda escravos, até à disposição dos artigos que trouxera da Palestina. Uma túnica masculina, que o mercador me garantira ser a que Jesus usara, seria enviada ao bispo de Tréveris, e um conjunto de diademas dignos dos Reis Magos iriam para a igreja de Colónia. Ao bispo Silvestre deixava a própria Domus Sessorianum, com instruções para usar os seus recursos conforme necessário, e para cuidar do pequeno espinheiro.

Cunoarda mostrou-se entristecida, mas eu senti que o simples facto de planear doar tudo aquilo fazia com que me sentisse mais leve. Quão mais livre me sentiria ainda se simplesmente voltasse as costas a tudo? Embora assegurasse a Cunoarda que me sentia bem, era bastante provável que a morte em breve me libertasse. Mas se assim não fosse, talvez um dia abandonasse tudo aquilo que me retinha em Roma.

Ligada à igreja de Marcelino e Pedro havia uma cozinha e uma área coberta onde os pobres podiam acorrer para uma refeição. Havia também um pequeno edifício, único sobrevivente das casernas que tinham anteriormente ocupado o local, onde os doentes podiam

ser tratados durante algum tempo. Havia já muito tempo que eu fora iniciada no uso de ervas e medicamentos simples, mas sabia mais sobre essas coisas do que os padres ou do que a maior parte das outras mulheres, e eles ficavam satisfeitos com a minha ajuda quando eu lá podia ir.

Tinha-lhes dito que servia uma família com propriedades em muitos lugares e tinha que a acompanhar nas viagens, o que me dava o pretexto para não me aproximar excessivamente da comunidade. No entanto, agradava-me misturar-me de novo com gente comum. Na Primavera que se seguiu ao meu regresso da Palestina, comecei a passar três tardes por semana na igreja, enquanto Cunoarda dizia a quem perguntasse por mim no palácio que eu estava a descansar.

Foi numa dessas tardes que a velha mulher da Gália desmaiou sobre o prato de sopa e foi levada para o abrigo. Tinha vindo ali comer durante as últimas semanas. Chamava-se Drusa e mudara-se para a cidade com o filho, mas agora ele tinha morrido e deixara-a sozinha. Tinha reparado nela especialmente, porque as outras ajudantes achavam que se parecia comigo. Talvez porque partilhávamos a estrutura céltica dos ossos. Ela não sabia qual a sua idade, mas calculei que fosse alguns anos mais nova que eu.

Drusa morreu pouco antes da Festa do Pentecostes, no dia em que um mensageiro viera dizer-me que o imperador estava a caminho de Roma. Desde então, sentia uma acidez no estômago, devido à ansiedade, porque sabia que iria haver uma confrontação, mas a morte da mulher deu uma perspectiva aos meus receios, e, nesse momento de clareza, emergiu um plano das profundezas da minha alma.

- Drusa é minha irmã em Cristo - disse eu ao padre - e vou agir como sua parente e cuidar do seu funeral. Virá esta tarde um carro buscar o corpo.

Constantino fez uma entrada triunfal na cidade. Não fui assistir, embora pudesse ouvir as aclamações, no meu palácio. Estava decidido que ele assistiria aos serviços religiosos na catedral de Latrão e, no dia seguinte, se dirigiria ao Senado. Em seguida, haveria, sem dúvida, um banquete. Só no terceiro dia depois da sua chegada veio um mensageiro dizer-me que o séquito imperial vinha a caminho.

Por essa altura, a Domus já estava à altura de abrigar a imperial presença, com todas as superfícies polidas e a brilhar. Constantino não teria motivos para desprezar o ambiente em que vivia a sua mãe. Recebi-o numa das câmaras privadas, mais íntima que a sala

de audiências, embora não menos esplêndida, porque a tinha decorado com tapetes de Tiro, cor de púrpura e de outras cores vivas, que comprara na Palestina.

Condiziam bem com ele, pensei, quando me ergui para o saudar. Tinha vindo de alguma recepção formal e ainda envergava a toga de brocado púrpura com flores. Eu tinha-me aperaltado com trajos de imperatriz-mãe, prendendo os cabelos com o diadema de pérolas.

Seguiam-no três pequenas figuras, envergando trajos semelhantes. Por momentos pensei que fossem anões, destinados a fazer com que o imperador parecesse maior. Depois, vendo melhor, constatei que eram rapazes, os três de cabelos escuros, com peles que não viam sol suficiente. Dirigiram um olhar arrogante às belezas da sala e depois deixaram-se cair em dois dos grandes leitos junto da mesa onde eu colocara uma travessa com os pastéis de figo ensopados em mel, de que Constantino tanto gostava.

- Mãe, estás com bom aspecto...

“Estou com aspecto de velha”, pensei, quando o imperador pegou nas minhas mãos e encostou o rosto ao meu. Mesmo que eu o tivesse desejado, o vestuário da corte não permitia uma saudação mais afectuosa.

- Trouxe-te os meus rapazes para te verem... Constantino, Constâncio, Constante, vinde saudar a vossa avó.

Os nomes poderiam proclamar quem era o seu pai, mas, quanto a feições, eram os filhos de Fausta, que eu não via desde o tempo em que eram muito pequenos. O mais velho deveria ter agora cerca de onze anos, e os outros deviam ser um ano e três anos mais novos. Quando eles abandonaram com relutância as guloseimas e se levantaram para fazer as suas vénias, perguntei a mim mesma o que lhes teriam dito quanto à morte da mãe.

- Tens cavalos? - perguntou Constantino. - Eu tenho um pónei branco que montei no cortejo.

Reprimi a recordação do cavalo branco que Crispo montara na nossa entrada triunfal em Roma. Pelo menos, aquela criança estava a tentar ser bem educada. Os irmãos já andavam a vaguear pela sala, puxando os cortinados e pegando nas jarras de alabastro e nas delicadas figurinhas de bronze.

- Já sou velha de mais para montar, mas tenho cães. Se quiseres ir para os jardins, poderás brincar com eles. - Leviyah evitaria aquelas crianças com a prudência de um animal selvagem, mas os meus outros cães eram amistosos. Com outro baque no coração, afastei a recordação de como Crispo costumava brincar com os meus cães.

- Sim, porque não vão lá para fora? Está um belo dia!

Os rapazes reconheciam obviamente a diferença entre a indulgência paterna e uma ordem imperial, e não protestaram quando o servo que chamei chegou para os levar, especialmente quando eu peguei na travessa dos pastéis e a pousei nas mãos de Constantino.

- São uns belos rapazes - disse Constantino afectuosamente, vendo-os sair.

“São uns fedelhos sem maneiras”, pensei, mas eram problema dele, não meu, e ele merecia-os.

- Gosto de os ter comigo - prosseguiu ele. - Iria haver quem quisesse usá-los contra mim, bem sabes, pequenos como são.

Assenti com a cabeça e sentei-me numa das cadeiras de marfim marchetado, em cujas costas arredondadas tinham sido esculpidas cenas representando Penélope e Ulisses. A cadeira que fazia par com ela, e que gemeu sob o peso de Constantino, representava Dido e Eneias.

“Como é que eu posso ter um filho tão velho!”, pensei então. Desde a última vez em que o vira, a carne tinha começado a descair um pouco sobre os seus grandes ossos, e a pele do rosto estava

profundamente marcada por linhas de ira e de suspeita, além de poder. Parecia-me que se tinha recuperado da tragédia de Crispo e Fausta, mas não sem cicatrizes.

- A tua viagem à Palestina foi um grande sucesso... - Constantino serviu-se de uma taça de vinho do jarro que tinha sido deixado com os pastéis sobre a mesa. - Apesar de não conseguirem concordar em outros assuntos. Eusébio e Macário são unânimes em louvar as tuas virtudes.

Fez um esgar, ao recordar a sua luta para forçar os bispos a um consenso. Eu tinha ouvido dizer que os acordos de Niceia já estavam a esgaçar-se. Nos tempos antigos, os homens tinham servido os deuses consoante os seus temperamentos e inclinações e ninguém teria pensado em obrigá-los a todos a ver as coisas da mesma forma.

- Como eu desejava, a imagem da família imperial começa a brilhar de novo. Agora gostaria que fizesses uma viagem às igrejas fundadas por São Paulo nas cidades da diáspora grega.

- Não. - Apesar de achar grande beleza nas palavras de Jesus, eu começava a estar cada vez mais consciente de uma diferença entre as verdades que Ele ensinara e a Igreja que Paulo estabelecera em seu nome.

Constantino continuava a falar. Apurei a garganta. - Não... não farei mais viagens por ti.

- Mas porquê? Estás doente? - Os olhos do imperador abriram-se muito, ao aperceber-se de que eu me negara.

- Estou bastante bem, por agora, mas estou velha. Servi-te a ti e ao império. No tempo que me resta, quero cuidar de mim mesma, do meu verdadeiro Eu, que foi tão negligenciado enquanto prestava atenção às necessidades dos outros.

- Desejas retirar-te do mundo! Talvez para uma comunidade de mulheres santas, a rezar pelo império...

Pude ver nos seus olhos os cálculos que já estava a fazer. Não podia verdadeiramente culpá-lo - a sua capacidade de extrair vantagens políticas de tudo era, segundo supunha, uma das coisas que faziam dele um imperador tão eficiente. Mas, num mundo tão cheio de histórias de jovens que se rebelavam contra os pais, nunca tinha pensado como seria difícil a uma pessoa idosa libertar-se dos filhos.

- Não vou chefiar a tua congregação de vestais cristãs, Constantino - disse secamente. - Mas vou partir...

- Não posso permitir isso... - Constantino abanou a cabeça. - És demasiado útil para mim aqui.

- Útil! - Começava finalmente a zangar-me. - Até que ponto serei útil se começar a afirmar que a morte de Crispo foi um assassinato, se me declarar desiludida com o cristianismo e começar a fazer oferendas no templo de Juno Regina no Capitólio?

- Não farás isso! Posso aprisionar-te aqui... - Constantino estava semierguido da cadeira, com o rosto perigosamente congestionado.

- Pensas que não tomei precauções? - retorqui. - Sou tua mãe! Distribuí cartas para serem enviadas dentro de uma semana, a menos que uma palavra minha mande recolhê-las.

- Dirás essa palavra...

- Se não a disser, assassinas-me, como fizeste a Fausta? Eu estou velha, Constantino, e a morte não me aterroriza. Nem ameaças nem sofrimentos dobrarão a minha vontade!

- Ainda és cristã? - Não se tratava de autointeresse mas de um medo mais profundo e mais supersticioso.

Suspirei. Como poderia fazê-lo compreender?

- Sempre perguntei a mim mesma por que razão um homem que só consegue ver uma cor é considerado incapaz, mas é louvado quando aceita apenas uma divindade. Acredito que Cristo teve o poder de Deus e respeito os seus ensinamentos, mas sei que a Deusa, nas suas muitas formas, também ama os seus filhos. Não tentes definir-me como cristã ou Pagã, Constantino. - Inspirei profundamente, recordando-me do sinal que vira José de Arimateia inscrever no túmulo. - Eu sirvo a Luz. Que isso te baste.

Houve um longo silêncio e, por fim, foi Constantino que baixou o olhar.

- Não compreendo, Mãe... que pretendes?

Mesmo naquela altura ainda havia uma parte de mim que ansiava por o tomar nos meus braços e o consolar como fizera tantos anos atrás, mas não podia permitir que ela me dominasse.

Respirei bem fundo e respondi suavemente: - Quero a minha liberdade, Constantino...

Por fim compreendia o erro que tinha cometido havia tanto tempo. Damos à luz os nossos filhos mas não os criamos. No meu orgulho, eu tinha acreditado que Constantino era a justificação da minha existência e reivindicara os seus pecados, tal como os seus sucessos, como meus. Poderia orar por ele agora, mas Constantino era um espírito imortal e, embora tivesse sido através de mim que ele viera ao mundo, não deveria tomar sobre mim o destino que os seus actos lhe haviam traçado, nem culpá-lo pelos meus.

- Mas como? Que dirão as pessoas?

- Podes dizer-lhes que morri, porque, na verdade, estarei morta para ti e para este mundo.

- Que queres dizer? Que vais tu fazer?

- Vou deixar o mundo que conheces e dirigir-me para um lugar onde nunca me encontrarás. Na capela do meu palácio jaz o corpo de uma pobre mulher desta cidade. Sepultá-la-ás naquele túmulo da igreja de Marcelino e Pedro - as velhas parecem-se todas umas com as outras, e as pessoas verão o que esperam ver. Conta-lhes a história que quiseres, Constantino, chora o ícone de Helena que criaste para alimentar a tua glória. Mas deixa-me partir!

- Tu és a minha mãe - protestou ele, movendo cegamente a sua grande cabeça. - Não podes abandonar-me...

- A tua mãe está morta. - Pus-me de pé. - Estás a falar com uma recordação.

Ele estendeu os braços, mas eu tinha-me envolvido num véu de sombra, como aprendera a fazer em Avalon, havia muito tempo, e os seus dedos fecharam-se sobre o ar.

- Mãe! - gritou. E depois: - A minha mãe morreu e eu fiquei só!

Apesar da minha resolução, senti os olhos encherem-se de lágrimas. Voltei-me, uma sombra entre as sombras, e saí rapidamente da sala. Mas, enquanto coxeava pelo corredor, ainda podia ouvir o senhor do império a chorar pela mãe que nunca conhecera verdadeiramente.

Nessa noite, Flávia Helena Augusta faleceu.

Com a ajuda de Cunoarda e de um ou dois outros servos que conheciam a verdade sobre o que acontecera a Crispo e Fausta e estavam dispostos a ajudar-nos, o corpo de Drusa foi colocado sobre o meu leito, e daí levado imediatamente para os embalsamadores, mal a notícia da morte da mãe do imperador se espalhou por Roma.

Era muito estranho assistir à minha própria partida, embora fosse um pré-requisito necessário para a minha ressurreição. Estava surpreendida com o tumulto de dor que varreu a cidade, mesmo sabendo que as pessoas não me choravam a mim, mas ao ícone de Santa Helena que era em mais de metade uma criação dos propagandistas de Constantino. Talvez eu tivesse feito algum bem à cidade, mas não reconhecia aquela operadora de milagres.

O ar em volta do palácio tornou-se pesado com o perfume das flores que as pessoas amontoavam às portas, já enfeitadas com cipreste em sinal de luto. Na verdade, dizia-se que já não restava uma flor em Roma, tantas tinham sido oferecidas nos santuários improvisados por toda a cidade.

Em tudo isto, Constantino era o mais desgostoso, tendo trocado a sua púrpura pelo branco funerário, com o rosto abatido pela angústia. Ninguém teria podido duvidar da sua mágoa, e, na verdade, creio que se convencera de que o corpo envolto no sudário na capela era verdadeiramente o de sua mãe. Mesmo que eu tivesse mudado de ideias, não poderia voltar atrás na minha decisão. Tinha ferido Constantino demasiado profundamente, e ele trataria de me ver morta de verdade se eu tentasse uma ressurreição pública.

O bispo Silvestre seria o executor do meu testamento, ajudado por Cunoarda na distribuição dos meus bens. Eu tinha sido muito generosa para com ela e planeáramos que eu esperaria em Óstia até ela poder ir ter comigo. Mas fui tomada por um mórbido desejo de observar as minhas próprias exéquias, e, disfarçada com roupas de camponesa, refugiei-me nos quartos modestos perto da igreja de Marcelino e Pedro, que tinha alugado como parte do meu disfarce.

No oitavo dia depois da minha "morte", o bispo Si lvestre celebrou a missa do meu funeral. A grande catedral de Latrão estava

apinhada, porque todos os notáveis da cidade tinham vindo assistir, fossem ou não cristãos. A gente mais pobre, entre a qual eu me encontrava, concentrou-se à volta da entrada. As portas altas abriram-se e, vindo do interior, pudemos ouvir o ecoar dos cânticos e sentir uma ocasional baforada de incenso. Mas, no fundo, fiquei aliviada por não ter de assistir aos panegíricos.

Quando tudo finalmente terminou, o cortejo funerário emergiu da catedral, para transportar o caixão de cedro pela curta distância que separava o corpo do sarcófago que o aguardava na igreja de Marcelino e Pedro. Constantino caminhava diante da urna, descalço, com os filhos a seu lado. Pude ver Cunoarda entre as mulheres veladas que o seguiam. A multidão avançou, chorando, e fui arrastada por ela.

Nunca tinha conseguido compreender a atitude dos cristãos em relação aos ossos. Os Romanos pagãos tinham tido horror à poluição, e exigido que os seus mortos fossem sepultados fora da cidade. As estradas que levavam a cada cidade romana estavam bordejadas por sepulturas. Os túmulos dos heróis e dos imperadores ficavam em mausoléus separados, onde as oferendas dos peregrinos os sustentavam na sua progressão para a divindade. Mesmo na Palestina, as pessoas veneravam os túmulos dos patriarcas. As sepulturas dos grandes enraizavam o povo às suas terras.

Mas os mortos cristãos eram sepultados nas igrejas, no meio das cidades. Cada igreja cristã com pretensões de grandeza tinha o seu martyrium, onde era venerado o corpo de um qualquer santo que, por ter sido assassinado, alcançara a santidade instantânea. Mas o fim das perseguições tinha acabado com a provisão de mártires. Perguntava a mim mesma se eles se veriam forçados a dividir os corpos para irem mais além - o osso de um dedo num local e um pé em qualquer outra igreja a milhas de distância. O bispo Macário tinha razão. As pessoas andavam famintas de provas físicas de que a sua fé existia tanto neste mundo como no céu. Mas em alguma altura teriam de aprender a passar sem esses elos tangíveis. Reprimi uma gargalhada histérica ao imaginar Deus a tentar reunir todos aqueles pedaços separados para reconstituir os corpos dos santos no Dia do Julgamento Final.

Evidentemente, o túmulo mais famoso de todos estava vazio, e tinha as minhas dúvidas quanto aos túmulos de alguns dos apóstolos, ao fim de tantos anos. Por isso, talvez não devesse preocupar-me com o facto de os ossos que iriam ficar naquele sarcófago não serem os meus. O que importava era o facto de as pessoas acreditarem que o meu corpo estava ali. E se as suas orações contribuíssem para elevar mais rapidamente para o céu a pobre alma, cujo corpo substituíra o meu, isso era por certo não mais do que eu lhe devia, pois a morte libertara-me.

329 d. C.

- Estar morta não é assim tão terrível. Na verdade, cada dia me sinto mais viva - disse eu, dirigindo a Cunoarda um sorriso tranquilizador.

Tínhamos pensado na hipótese de eu passar por sua mãe, mas a liberta da imperatriz era bem conhecida, e pareceu-me mais sensato ser apenas uma velha serva britânica chamada Eilan. Teria sido divertido vê-la a tentar evitar dar-me ordens, se não soubesse quanto isso a incomodava. Cunoarda tinha agora trinta anos e, apesar de já não ser uma rapariga, o seu cabelo ruivo e a sua figura roliça teriam sido atraentes se não fosse a sua testa permanentemente franzida de ansiedade. O meu testamento proporcionara-lhe dinheiro suficiente para comprar uma boa propriedade em qualquer ponto do império e um marido para a

acompanhar, se o desejasse. Em cada dia que ela permanecia comigo, sentia-me mais humilde perante a sua lealdade.

Quase dois meses se tinham passado desde que tomáramos o navio que partia de óstia, na madrugada cinzenta de um dia no início do Verão. Em Massília tínhamos comprado uma modesta carruagem e principiado a longa viagem para norte em direcção a Britânia.

- Sentes-te realmente mais forte' - perguntou Cunoarda.

Acenei afirmativamente. Não me tinha apercebido de como as túnicas rígidas e as cerimónias da minha antiga identidade pesavam sobre mim. Sem elas, sentia-me mais leve de corpo e de espírito, e a falta de ar que tanto me apoquentava em Roma quase tinha desaparecido. Inspirei profundamente o ar com cheiro a feno, como se pudesse beber a luz do sol. "Em breve", pensei, "ficarei tão leve que flutuarei." Na verdade, flutuar teria sido uma forma de transporte mais confortável. A rota que tínhamos escolhido subia o vale do Rhodanus de Arelate até Lugdunum, e daí atravessaríamos os campos e os montes da Gália. infelizmente, as condições das estradas em cada troço dependiam do interesse dos magistrados locais responsáveis por elas. Um ano antes, ter-me-ia recusado a viajar sem uma liteira bem acolchoada e uma equipa de núbios de

passos suaves para a transportar, mas agora ia aguentando as sacudidelas do carro surpreendentemente bem.

Se eu tivesse sabido quanto iria apreciar a minha liberdade, pensei então, ter-me-ia escapado muito tempo antes. Mas, anos atrás, pensei sombriamente, eu ainda tinha tido esperanças de salvar o império através do meu filho.

Agora começava a reconhecer os montes em volta de Tréveris. Parar ali seria um risco, mas duvidava que alguém olhasse duas vezes para uma velha de rosto queimado pelo sol por baixo do seu chapéu largo, enrolada num manto remendado.

Já ao atravessar a velha ponte sobre o Mosela, e ao fim de algumas voltas pela cidade, pude notar as transformações. O palácio que eu oferecera a Crispo fora parcialmente demolido, e estava a ser reconstruído como uma dupla catedral. Naquela altura, talvez os frescos representando mulheres imperais que tinham decorado a sua câmara nupcial jazessem provavelmente em fragmentos por baixo do novo chão.

A mulher que mantinha ali uma estalagem, onde nos alojámos, era uma fonte de informações. Por ela soubemos que os banhos onde Fausta morrera eram agora propriedade do bispo. A sala de exercício estava a ser convertida noutra igreja, e os restantes edifícios tinham sido derrubados.

Ninguém o dizia, mas era evidente que todos pensavam que Constantino tentava comprar orações suficientes para purgar a memória dos seus crimes. Mas era a memória de Crispo que estava a ser purgada. O povo de Tréveris amava o seu jovem governador, e ressentia-se do facto de as estátuas e as inscrições que o tinham honrado não terem sido restauradas.

E tinham-se passado muitos meses desde que eu tivera notícias da sua mulher, Helena.

- Lembra-te de que, até dominar-nos bem a situação, terás de deixar-me falar.. . - Cunoarda olhou nervosamente para trás, enquanto descíamos a rua. Com excepção de um escravo que varria os excrementos de cavalo diante da porta do amo, esta estava deserta. Era sempre possível que alguém ao serviço do imperador

andasse a seguir Cunoarda, mas não tínhamos detectado sinais disso durante os longos dias na estrada.

Puxei o véu para a frente para ocultar as minhas feições. - Eu sei.

A casa dos pais de Lena ficava numa rua sossegada perto dos arredores de Tréveris, com casas bem conservadas, embora a área onde nos encontrávamos não tivesse sido varrida recentemente, e houvesse uma falha no estuque da parede junto da porta. Pareceu-me ter-se passado longo tempo antes que tenham vindo abrir até que, por fim, apareceu uma rapariga com um trapo a prender os cabelos, como se estivesse a fazer limpezas.

Cunoarda e eu entreolhámo-nos. A porta tinha sido aberta por um porteiro, na última vez em que ali estivéramos. Mas algures, no interior da casa. ouvimos o riso feliz de uma criança.

- O teu amo ou a tua ama estão em casa?

- Cecília Justa está de cama. Tem estado doente.

- Ou a Senhora Helena... ela está?

A rapariga fitou-nos com súbita desconfiança mas, por fim, decidindo visivelmente que Cunoarda tinha um rosto honesto, acenou afirmativamente.

- Está no atrium com a filha.

Quando passámos pela entrada, reparei no altar aos lares ancestrais com uma lamparina a arder em frente e apercebi-me de que, como muita gente entre a antiga aristocracia, a família mantinha a religião tradicional. Apesar de terem claramente caído em dificuldades, a casa tentava manter um padrão de vida decente.

As lajes gastas que pavimentavam o atrium estavam limpas, as flores nos vasos de barro tinham sido regadas e aparadas.

No outro lado da fonte estava uma menina a brincar, com uns cabelos louros que iam do ouro ao cendrado, sob os raios solares, à medida que ela saltava para fora e para dentro da sombra. Naquela altura já deveria ter uns quatro anos de idade. Aquela, pensei, era verdadeiramente uma criança da linhagem de Constâncio. Qual seria o seu futuro quando a prole de Fausta, com os seus cabelos escuros, chegasse ao poder?

Senti vontade de a erguer nos braços, mas conservei-me escondida por detrás do véu. "Estou morta", disse a mim mesma. "agora não tenho direito a ela".

Quando entrámos, a pessoa que estava a tomar conta dela voltou-se no seu banco, para nos acolher. A mulher de Crispo estava ainda mais magra do que na última vez em que a vira, mas continuava bela. O seu olhar triste pousou-se em Cunoarda.

- Recordo-me de ti. Vieste aqui com a imperatriz.

Cunoarda acenou desconfortavelmente com a cabeça. - A minha senhora encarregou-me de executar certos encargos que não desejava que ficassem publicamente registados no seu testamento. Trouxe-te um crédito para um banqueiro de Tréveris para levatares dinheiro para ti e para a menina.

Os olhos de Lena encheram-se de lágrimas. - Bendita seja a sua memória! Lamento agora não ter respondido à sua última carta, mas tive medo. Crispo está vingado, mas a mulher ganhou. Toda a gente sabe que caímos em desgraça e votaram-nos ao ostracismo. O meu pai morreu no Outono passado e tivemos de aprender a contentar-nos com migalhas.

- Nesse caso, sinto-me feliz por te trazer o legado da imperatriz - disse Cunoarda. Sentámo-nos no outro banco, e a serva trouxe uma travessa com frutas cristalizadas e um jarro de água de cevada, muito conveniente num dia tão quente. Embora Lena estivesse magra, já não parecia tão frágil. como se a adversidade lhe tivesse dado uma força de que não necessitava anteriormente.

- Quem me dera que o dinheiro fosse a minha única preocupação - disse Lena. - Com o meu pai morto, a minha mãe ficou sob a autoridade do meu tio. Ele está disposto a aceitá-la, mas Crispa e eu somos uma responsabilidade que nem mesmo uma herança pode negar. Receio que apenas me torne mais atraente para um dos agricultores a quem ele me ofereceu... Por mim, já não me importa o que possa suceder-me - acrescentou amargamente - mas, e a minha filha, quando as suas únicas escolhas forem a segurança como trabalhadora de uma quinta, ou a morte se tentar reclamar a sua herança em Roma?

Não consegui aguentar mais. Cunoarda soltou uma exclamação quando me inclinei para a frente, afastando o véu. - Ela tem outra herança...

Os olhos de Lena abriram-se desmesuradamente e, por um momento, pensei que fosse desmaiar.

- Mas tu morreste em Roma...

- Morri para Roma - corrigi. - Ao revelar-me agora, ponho a minha vida nas tuas mãos. Escuta-me, Lena... tu e Crispa são tudo o que me resta do meu neto, que eu amava de todo o meu coração. Vou para um sítio onde nem sequer o imperador poderá seguir-me. Tens coragem para vir comigo?

Sentia Cunoarda, ali ao meu lado, com um sentimento de desaprovação. Nunca tinha verdadeiramente acreditado que conseguíssemos escapar juntas e achava que, sem dúvida, as nossas probabilidades seriam ainda menores se fôssemos sobrecarregadas com aquela mulher frágil e uma criança.

A cor afluiu às faces de Lena, depois desapareceu de novo, deixando-a ainda mais pálida do que antes. - Sempre perguntei a mim mesma - sussurrou - por que razão Crispo quis casar-se comigo. Ele era tão bravo e resplendente e eu estava sempre cheia de medo. Mas vejo que chegou o momento de provar que sou digna dele. Iremos contigo, minha senhora, seja para as Hespérides seja para o Hades!

- É para as Hespérides que iremos, minha querida - disse eu suavemente - para a ilha das maçãs de Avalon...

Crispa, sentindo a emoção da sua mãe, veio, a saltitar, apoiar-se num joelho de Lena, enquanto o seu olhar hesitava entre os nossos rostos e os figos sobre a mesa.

- Crispa - disse eu suavemente. - Lembras-te de mim?

Ela franziu um pouco a testa e, por um momento, vi uma alma antiga nos seus olhos azuis.

- És a minha mãe - ciciou. Lena e Cunoarda trocaram olhares preocupados, mas eu peguei na pequena mão quente.

- Sim, talvez fosse, mas, nesta vida, sou a tua outra avia, minha pequenina - disse-lhe com voz suave. - Queres fazer uma viagem comigo?

Quando chegámos a Ganuenta, havia novos fios prateados nos cabelos ruivos de Cunoarda. Mas, se os agentes do imperador nos vigiavam, tinham ordens para não interferir. Quando alcançámos o Rhenus em Mogontiacum, vendemos o cavalo e a carruagem, e comprámos passagens numa barca que transportava madeira. Era uma forma agradável de viajar, e o cenário espectacular da garganta a norte da cidade maravilhou até mesmo Cunoarda. O perigo maior era a hipótese de Crispa, que trepava por todo o barco com a agilidade de uma macaquinha, cair à água.

O Rhenus levou-nos rapidamente para além dos postos avançados que Roma tinha construído para proteger a fronteira. Quando passámos por Colónia, olhei para a muralha onde Constâncio me dissera que tínhamos de separar-nos e apercebi-me de que aquela antiga ferida no meu coração sarara finalmente. Naquele tempo, bastava-me fechar os olhos para invocar a sua imagem e reviver os dias da nossa felicidade.

Por vezes, quando estava assim, ouvia Lena sussurrar à filha que estivesse calada, porque as pessoas de idade adormecem muitas vezes e não devem ser incomodadas. Mas não era o sono que me invadia, mas um sonhar acordada a que se chama recordação. Crispo aninhava-se, quente e dourado, nos meus braços, tão real

como a sua filhinha que eu via ao abrir os olhos. Quando me deitava no meu beliche a bordo da barca, Constâncio vinha estender-se ao meu lado, contando-me o que fizera durante os anos da nossa separação. Até Constantino vinha, por vezes, ao meu encontro, na forma do rapaz que fora, antes de ter sido infectado por aquela doença chamada império. E, à medida que a viagem prosseguia, era cada vez mais visitada pela gente de Avalon.

Aprendi muito rapidamente a não falar destes fantasmagóricos encontros. No máximo, as minhas companheiras pensariam que a minha mente estava a funcionar mal, e no mínimo sentir-se-iam desconfortáveis. Felizmente, a saúde de Lena melhorava e ela ganhava forças a cada milha que a afastava de Tréveris, e ela e Cunoarda tinham forjado uma aliança. Quem resistisse à competência prática de Cunoarda, ficava geralmente impressionado com as maneiras aristocráticas de Lena, de modo que constatee poder deixar nas mãos de ambas a organização da viagem.

Porque nunca me tinham dito que a velhice encerra prazeres além de sofrimentos? Em criança, surpreendia-me ao ver como as sacerdotisas mais velhas se sentiam tão felizes a dormir ao sol. Elas sabiam, pensei, sorrindo, e, por vezes, quando pairava no lumiar entre o sono e o sonho lúcido, parecia-me entrever pessoas e cenários que reconhecia de uma outra vida. A pequena Crispa era a única pessoa com quem podia falar quando aquelas recordações distantes pesavam sobre mim, porque os muito jovens estão a alcançar o limiar que os velhos estão prestes a atravessar, e, por vezes, ela recordava-se da vida que tínhamos partilhado antes.

Depois, o momento passava e ela partia a correr, com Leviyah ofegante atrás de si, para se debruçar na amurada e ver passar as águas verdes, e eu ficava abandonada, mas não sozinha.

Em Ganuenta tinha tido esperanças de visitar o santuário de Nehalennia, mas disseram-me que uma inundação, anos antes, o tinha danificado, e o terreno não estava seguro, agora que o curso do rio mudara. A minha primeira ideia foi dotar a deusa com um novo templo. Depois de contribuir para tantas igrejas cristãs, era o mínimo que eu podia fazer pela entidade que me guiara durante tanto tempo. Mas um tal gesto poderia dar origem a perguntas inconvenientes, e precisava dos fundos que me restavam para sustentar as duas mulheres que agora considerava como minhas filhas, e a criança.

Se Nehaletinia tinha sido esquecida, eu não poderia restaurar sozinha o seu culto. Recordei-me de que a Deusa é sempre constante e sempre mutável. Quando, no lento ciclo dos anos, os homens se apercebessem de que precisavam novamente dela, decerto Nehalennia voltaria. Mas nessa noite chorei na escuridão, lamentando que algo de belo e precioso tivesse deixado o mundo.

Chegámos a Britânia na estação das colheitas, quando o ar estava perfumado pelo feno a secar e as canções dos ceifeiros ecoavam pelos campos de cereais ondulantes. A viagem marítima tinha sido agitada e até eu considereei as sacudidelas de uma carruagem como um alívio, depois de três dias no meio das vagas.

- A Britânia parece pequena - disse Cunoarda, olhando as suaves alternâncias de bosques e de campos para além das formas arredondadas das colinas.

- Acho que é, considerando de quão longe vimos. Londinium parecer-te-á decerto pequena, em comparação com Roma. Mas eu conheço o perfume daquele feno e a forma como o poder flui por toda a terra.

- É também uma terra muito diferente da minha - disse ela com um suspiro. - Fui raptada durante o assalto de um clã rival quando não era muito maior que a pequena Crispa. Tenho recordações de encostas arroxeadas pela urze e dos balidos dos carneiros quando

desciam das colinas. Mas não consigo recordar-me do rosto da minha mãe. Penso que talvez ela tenha morrido quando eu era pequena.

- Então serei eu a tua mãe, Cunoarda.

- Oh, mas isso só fazia parte do nosso disfarce, quando vínhamos a caminho... - Corou até à raiz dos cabelos. - Tu és...

Levei um dedo aos lábios. - Eu sou Eilan, agora. e tenho motivos para saber que os filhos do nosso corpo nem sempre são os filhos do nosso coração. - Ao olhar para aquele rosto tão bem conhecido, com os seus ossos fortes, surpreendeu-me que, durante todos aqueles anos em que me considerara privada de amor, não tivesse reparado no tesouro que estava ao meu lado.

- Nunca imaginei... nunca ousei... - Abanou a cabeça, fungando e limpando os olhos com a manga. - Oh, minha senhora... minha mãe! Deste-me a liberdade, mas eu continuava vazia. Agora deste-me uma alma!

Abri os braços e abracei-a até ela parar de soluçar.

No meu testamento, tinha legado a casa de Londinium a Cunoarda, e ela escrevera de Tréveris a avisar os inquilinos de que iria lá viver. Quando chegámos, a casa estava vazia - na verdade, praticamente não tinha mobílias e Cunoarda e Lena passaram um dia muito ocupado no mercado a comprar camas e acessórios para cozinha.

Eu ansiara por ver o que mais de vinte anos tinham feito à cidade, mas, naquela manhã, estava com problemas respiratórios, de modo que achei melhor ficar em casa com Crispa a fazer-me companhia.

- Avia, quem são aquelas senhoras tão bonitas? - Crispa apontava para o baixo-relevo das quatro matronae que eu tinha encomendado tanto tempo atrás. Era uma das poucas decorações que tinham sobrevivido à minha ausência, talvez por estar aparafusado à parede.

Inspirei cuidadosamente e depois voltei-me. - São as Mães.

- Olha! Uma delas tem um cão!

Leviah pôs-se de pé, sacudindo a cauda, como se a tivesse percebido.

- Não és tu, pateta! - exclamou Crispa, estendendo a mão para acariciar o dorso do cão sentado no colo da terceira figura do friso. - E uma tem um bebé e as outras duas têm frutas e um pão. São deusas?

- São a Deusa... mas Ela tem muitos rostos, tantos quantas as mães do mundo, e, quando envelhecem e abandonam os seus corpos e vão para o Outro Mundo, continuam a velar pelos seus filhos...

Tentara manter a minha voz calma, mas Crispa era uma criança sensível e trepou par o meu regaço, abraçando-me. - Avia, tu vais velar sempre por mim?

Ao abraçá-la também, senti uma dor na garganta e percebi que não era causada pela dificuldade em respirar, mas pelas lágrimas contidas.

Nessa noite, sofri uma crise. Ao esforçar-me para respirar, vi o terror nos rostos de Cunoarda e de Lena e não consegui reconfortá-las.

- Queres que chame um padre? - perguntou Cunoarda ansiosamente.

Soltei uma gargalhada áspera. - Para quê? Eu já fui sepultada! Tu ouviste a oração do bispo Silvestre! - Depois recomecei a tossir.

No auge do meu paroxismo, teria acolhido a morte de boa vontade, e só continuei a lutar porque as duas mulheres me suplicaram que não as deixasse sós.

Pouco depois da meia-noite, o vapor de menta com que Cunoarda tinha enchido o quarto começou a aliviar-me e consegui beber uma infusão de consolda. Por fim, caí num estado entre o sono e a vigília, encostada ao peito de Lena.

Durante a crise, tinha-me enfurecido com a minha fraqueza, não me sentindo pronta para partir para a noite. Mas agora apercebia-me de que, na velhice, o que perdemos na infância nos é miraculosamente restituído. Em vez de chorar no escuro pela mãe que nos abandonou antes de estarmos prontas para vivermos sozinhas, agora, depois de terem partido e chegado filhos e parentes, estamos livres. Nos nossos momentos mais difíceis, sentimo-nos totalmente sós, fracas, gastas. Mas, no final, a Mãe é-nos devolvida e renascemos, regressando à infância, reclinando-nos confiadamente sobre o peito das nossas filhas...

Tudo sai de nós, até mesmo Deus; gastamo-nos até à morte. E então a Deusa volta para nós. Depois de nos tornarmos a Deusa, a mãe, criámos a Deusa nas nossas filhas, nas nossas irmãs, e voltamo-nos para Ela, sabendo que, mesmo que tenhamos de morrer sem saber qualquer outra coisa, morremos nos Seus braços, encostadas ao Seu seio.

Mas não morri. Ao acordar de madrugada nos braços de Lena, inspirei profundamente e rejubilei, ao sentir o ar revigorante encher-me os pulmões. Não obstante, estava terrivelmente fraca e sentia o coração a bater com força no peito. Pela primeira vez, encarei a possibilidade de aquele corpo me trair antes de alcançar o meu objectivo.

Recordo-me de momentos, durante a minha doença, em que a morte me parecia uma libertação benvinda. Noutros momentos, recorrera aos ensinamentos de Avalon para enfrentar o pânico que me invadia. Tinha motivos para crer que a morte era apenas uma passagem de um tipo de existência para outro, mas continuava a recear o momento da transição. Agora, no entanto, apercebia-me de que os meus receios não eram por mim, mas por aquelas que deixava.

- Estás acordada! - exclamou Lena, sentindo-me mexer. - E estás melhor, graças aos deuses!

- Por agora, mas, se não me recuperar, tenho de dizer-te como se chega a Ava Ion.

As faces de Lena coraram de embaraço. - Queres dizer que é um lugar real' Eu pensei que falavas como fazem os poetas, para descrever a segurança que encontraríamos na Britânia.

Abri a boca para a corrigir e depois fechei-a, apercebendo-me de quão profundamente enraizada estava em mim a proibição de falar aos estranhos da ilha sagrada.

- É real, mas... difícil... de alcançar. Situa-se na terra a que chamam Terra do Verão. Há um vale entre duas linhas de colinas,

tão baixo que, quando os rios transbordam ou as tempestades de Inverno fazem recuar as marés, fica coberto pela água, e qualquer pedaço de terreno mais alto se transforma numa ilha. E existe uma dessas, coroada por uma colina pontiaguda, que se chama Inis Witrin.

Quando lá chegares, não vás ter com os monges que têm a sua pequena igreja na base do Tor, para na aldeia dos pescadores que vivem nos pântanos, e diz-lhes que és a neta de Eilan, e que queres ser levada para Avalon.

Ela pareceu ficar duvidosa e eu suspirei, porque, na verdade, nem eu sequer poderia garantir que seria aceite ao fim de tantos anos. E teria motivos para levar Lena para lá? Aquela jovem cheia de vitalidade, cujas faces estavam coradas apesar das olheiras que uma noite difícil pintara debaixo dos seus olhos, era uma criatura muito diferente da rapariga frágil e assustada que eu ajudara a fugir de Tréveris dois meses atrás.

- A ilha sagrada é um refúgio para onde nem rei nem imperador podem seguir-nos. Mas não és forçada a ir para lá. Se tu e Crispa tomarem novos nomes, acho provável que consigam viver em perfeita segurança aqui em Londinium.

As sobancelhas aladas uniram-se. - Não queres que nós vamos contigo?

- Lena, não compreendes quanto vos amo? Por isso, a escolha tem de ser vossa. Só sei que eu tenho de ir para lá, ou tentar ir!

Recuperei-me lentamente, e só em Outubro me senti com forças para tentar a viagem. A carruagem em que viajámos desde Dubris estava equipada com um colchão macio e carregada de provisões. Mas antes de deixar Londinium, havia uma última tarefa.

Tinha visto quão rapidamente, com o favor de Constantino, o cristianismo se transformara na religião do império. Podia prever um tempo em que os seus santuários e símbolos substituiriam por completo os da antiga religião, reinventando a Britânia como uma terra cristã. Nos tempos que estavam para vir, poucos compreenderiam que era possível venerar simultaneamente a Deusa e o Deus.

Custava-me pensar que o meu baixo-relevo das Mães pudesse um dia ser objecto de troça pessoas que ainda não havia muito o tinham como sagrado. E assim chamámos trabalhadores que o retiraram da parede e o colocaram num carro de mão, e, durante a noite, quando os homens já tinham ido para casa, Lena e Cunoarda lançaram-no ao regato que corria pelos campos atrás da minha casa, voltando o relevo para baixo. Ocultas nas suas profundezas, as Mães abençoariam a cidade através da qual as suas águas corriam.

- Conta-me coisas de quando eras pequena em Avalon... - Crispa tinha decidido seguir durante algum tempo na carruagem comigo e com Cunoarda, embora eu soubesse que em breve queria ir para junto de Lena, que conduzia o cavalo.

- Tinha uma cadelinha chamada Eldri...

- Como a Leviyah? - Crispa puxou o cortinado para apontar para a cadela que trotava ao nosso lado, com a cabeça levantada para captar todos os odores daquela nova terra.

- Mais pequena, com pelo encaracolado. Deu-me um rapaz da aldeia do Lago e disse-me que era uma cadelinha mágica, e eu penso que era verdade, porque, certa vez, guiou-me a uma terra ainda mais longe deste mundo do que Avalon, e trouxe-me de volta em segurança.

Os lábios de Cunoarda esboçaram um sorriso, e vi que ela pensava que eu estava a contar à criança uma história de fadas. Achei estranho que ela, que nascera em Alba, tivesse mais dificuldade em acreditar em Avalon do que Lena, proveniente de uma aristocracia gaulesa inteiramente romanizada. Mas talvez Cunoarda ainda precisasse das muralhas que erguera à sua volta para se proteger do sofrimento e da perda, e não ousasse. Eu sabia que ela tinha encontrado grande conforto no cristianismo e, quando estávamos em Londinium, tinha ido assistir aos rituais da igreja de São Pancrácio que eu dotara muitos anos antes.

- Tinhas outras meninas com quem brincar?

- Vivia na Casa das Donzelas - respondi, recordando-me do murmúrio das vozes das raparigas na escuridão com uma súbita e enorme clareza. Tinha uma prima pequena chamada Dierna, com uns cabelos tão vermelhos como os de Cunoarda. Penso que actualmente Dierna é a Senhora de Avalon.

Apercebi-me, com um estremecimento de ansiedade de que não sabia. Recordava-me de sonhar com o funeral de Ganeda - como poderia sabê-lo, se Dierna, a quem tanto amara, também tivesse morrido?

Se assim fosse, talvez já não restasse pessoa alguma em Avalon que se lembrasse de mim.

Depois de sairmos de Londinium, voltámos para norte.

pela estrada de Aquac Sulis. Estávamos no final de Outubro, a estação de Sambam, quando os espíritos dos mortos regressam. Uma boa altura, pensei, para o meu regresso. A paisagem começava a tornar-se-me muito familiar. Era eu própria que parecia irreal,

como se tivesse momído de verdade e estivesse agora a ser convocada juntamente com os outros fantasmas que andavam por ali naquela época do ano.

Durante dois dias tinha chovido, e um brilho prateado de água cobria as terras baixas, mas eu insistia em que continuássemos a avançar, porque me recordava de que aqueles campos nada podiam oferecer aos viajantes. Ficámos surpreendidas, porém, ao deparar com uma pequena estalagem no ponto onde o caminho que levava a Inis Witrin se afastava da estrada de Sulis.

- Oh, sim, estamos aqui há uns vinte anos - disse a mulher de faces arredondadas que nos trouxe comida. - Desde que o bom imperador concedeu protecção aos cristãos. O meu pai construiu esta estalagem para servir os viajantes que vêm em peregrinação visitar os monges do Tor.

Pestanejei, admirada, porque, nos meus tempos, os monges de Inis Witrin eram uma minúscula comunidade, cuja segurança dependia de serem esquecidos pelas autoridades. Mas os cristãos eram a autoridade agora, e restava saber se eles saberiam usar o poder que lhes tinha sido dado mais sensatamente do que aqueles que o tinham detido antes.

Pela manhã, partimos de novo, agarrando-nos enquanto a carruagem avançava aos solavancos por cima das estradas feitas com toros sobre o terreno pantanoso. E, quando o Sol se pôs, avistámos o cone pontiagudo do Tor. recortando-se contra o céu dourado, com um halo de luz.

- É real - exclamou Lena.

Sorri, porque naquele momento até mesmo a ilha que fica no mundo mortal havia sido tocada pela glória, mas, apesar de tudo, o nosso destino era um local ainda mais maravilhoso.

Vi o fumo das cozinhas do mosteiro quando rodeámos a ilha. A partir dali teríamos de ir a pé, porque não era possível chegar em qualquer veículo à aldeia do Lago. O Sol estava quase no poente, e Cunoarda e Lena começavam a ficar nervosas, mas agora que estávamos ali, a ansiedade dava uma nova força às minhas pernas. O caminho, pelo menos, parecia ser o mesmo... Duvido que tivesse mudado durante mil anos. Apoiando-me no braço de Cunoarda e

simulando uma certeza que não sentia por completo, comecei a caminhar.

- Não, dignas senhoras... voltai para as casas dos cabeças-rapadas... - o chefe da aldeia tocou na cabeça para indicar uma tonsura. - Não há lugar aqui...

O pequeno povo do lago murmurava por trás dele, olhando-nos nervosamente. Naquela noite, o monte sobre o qual as cabanas redondas se amontoavam estava iluminado com archotes, cujo clarão vermelho parecia ter sido ateadado pelo Sol no poente. Se tivéssemos chegado um pouco mais tarde, tomar-nos-iam por espíritos e recusar-se-iam a falar connosco.

Era uma dificuldade que eu não tinha previsto. Olhei para o homem, franzindo a testa. Deveria ter avivado o crescente da testa com tinta azul, pensei então, como as sacerdotisas mais velhas faziam nos dias dos festivais. Como poderia convencê-lo a enviar a notícia da minha chegada a Avalon!

- A tua gente recorda-se duma filha do povo do Sol que foi trazida para aqui há muitos anos para ser iniciada como sacerdotisa? Um rapaz chamado Otter ofereceu-lhe uma cadelinha mágica. Esse rapaz ainda está vivo? Houve um murmúrio entre a multidão, e uma mulher que parecia tão velha como eu adiantou-se. - Otter, o meu pai... gostava de contar essa história. Uma princesa do povo alto, dizia ele. - Olhou-me com espanto.

- Eu era essa menina, e tornei-me sacerdotisa da ilha sagrada. Mas isso foi há muitos anos. Podes mandar dizer à Senhora de Avalon que Ellan regressou?

- Se és sacerdotisa, podes chamar as brumas e entrar... - O chefe ainda parecia desconfiado.

- Estive longe durante muito tempo, e não posso voltar sem permissão da Senhora - respondi-lhe, recordando-me de como Gameda tinha cortado a minha ligação com a ilha sagrada, ao banir-me. - Serás bem recompensado... por favor...

Ele soltou uma pequena gargalhada. - Não é por ouro que servimos Avalon. Eu chamo a Senhora, mas esta noite elas têm cerimónias. Ela não pode vir antes da manhã.

- Nos meus sonhos, era Ganeda que vinha até mim, com Cigfolla, Wren, as outras sacerdotisas e Aelia que eu tanto amara. Sabia que era um sonho, porque Ganeda sorria, com um braço em volta da cintura de outra mulher de cabelos escuros que reconheci, sem saber como, ser a minha mãe, Rian. Envergavam túnicas azuis de sacerdotisas. estavam engrinaldadas como para um festival, e estendiam-me os braços, em sinal de boas-vindas. Percebi então que tinha sido a minha própria crença, não a palavra de Ganeda, que me exilara de Avalon.

Rindo, avancei para elas. Mas, quando estava prestes a tocar na mão de Aelia, ouvi alguém chamar o meu nome. Irritada, tentei alcançar a imagem do sonho, mas o chamamento repetiu-se, numa voz que não pude afastar.

Abri os olhos para a luz que jorrava pela porta aberta da cabana onde dormira, que brilhava nos cabelos claros de Crispa e no pelo dourado de Leviyah, recortando Lena e Cunoarda que me ajudavam a sentar-me, e que caía em cheio sobre a túnica azul da mulher que se encontrava diante de mim.

Não sei por que razão esperara que Dierna ainda fosse uma jovem. O corpo da mulher que me chamara engrossara com o tempo, e o seu cabelo flamejante tinha agora a cor do pôr do Sol sobre a neve. Mas eu, que conhecera tantos imperadores, nunca tinha encontrado uma pessoa com tal aura de autoridade. Ao seu lado, o homem e a mulher que a acompanhavam pareciam frágeis. Dierna recordar-se-ia de como eu a amara e a protegera, perguntei a mim mesma, ou teria, como o meu filho, sido pervertida pelas tentações do poder"?

- Eilan... - A sua voz tremia, e, subitamente, vi espreitar dos seus olhos a priminha que conhecera.

Pedi a Cunoarda que me ajudasse a pôr-me de pé, cambaleando quando os músculos rígidos enfrentaram o esforço.

Dierna abraçou-me, como uma sacerdotisa a outra, mas depois o seu olhar tornou-se severo. - Vou usar esse nome, mas sei quem tu és, naquele outro mundo. Habitaste-te à posição elevada e ao

poder, e és herdeira da linha mais antiga de Avalon. Vieste para reivindicar o comando?

Olhei-a, surpreendida. Depois recordei-me de que Dierna tinha sido educada por Ganeda. Ter-lhe-ia a velha dito que devia recluir o meu regresso um dia para a defrontar?

- É verdade que tive poder e todas as glórias que o mundo pode conceder - respondi secamente - e é por esse mesmo motivo que já não preciso deles. Agora basta-me-á encontrar paz e segurança para aquelas que amo.

- Vinde - Dierna fez um gesto na direcção da porta aberta. - Vinde comigo...

Todas a seguimos para o exterior, para uma manhã brumosa de Outono que velava os pântanos, como se já estivéssemos entre os mundos.

- Perdoa-me, mas era meu dever perguntar-to - disse Dierna, quando começámos a caminhar em volta do sopé do monte que mantinha a aldeia acima das inundações.

Eu ainda não estava muito firme, e Lena deu-me o braço.

- Conheci o cumprimento da profecia e os seus enganos. Através da criança que dei à luz, o mundo mudou efectivamente. e, se não gosto dos resultados, só tenho que culpar o meu orgulho.

- Não te julgues com excessiva dureza - respondeu Dierna. - Eu também tentei mudar o destino de Britânia, e posso dizer-te que, apesar de as nossas decisões poderem determinar o modo de funcionamento, é a Deusa que decide o nosso destino final.

“Não são só os cristãos que, por vezes, precisam de absolvição”, pensei, pestanejando para conter as lágrimas.

Durante algum tempo, caminhámos em silêncio. O sol matinal estava a dissolver o nevoeiro. Brilharam pequenas ondas prateadas quando uma garça começou a caminhar pelos canaviais. Para além delas, via a encosta verde do Tor e as cabanas dos monges, aglomeradas em volta da igreja redonda de José.

Um gesto fez aproximar os companheiros de Dierna. - Lembraste de Haggia? - O druida de cabelos prateados dirigiu-me um sorriso, e então reconheci no seu rosto o eco do rapaz sorridente que gostava de brincar com uma bola com Eldri, tanto tempo atrás. - E esta é Teleni, que tenho andado a preparar.

“Para ser a tua sucessora”, pensei, sorrindo à mulher de cabelos escuros que estava ao seu lado. - Teleri: bem sei, e dou graças à Senhora por a ter feito chegar a casa em segurança.

Eu trago comigo duas mulheres que se tornaram minhas filhas, e a minha bisneta - disse então.

- E elas também desejam fazer a travessia para Avalon?

Os olhos de Lena brilhavam. - Isto é como um sonho que se torna realidade! Se nos quiseres receber, eu e a minha filha iremos com prazer.

O olhar de Dierna tornou-se pensativo ao olhar para Crispa. - A minha filha morreu - disse então. - Será bom iniciar outra criança do nosso sangue para Avalon...

Mas eu tinha-me voltado para Cunoarda, e senti um baque no coração ao ver nas suas faces o sulco prateado das lágrimas. - O que foi, minha querida?

- Vou sentir a tua falta até ao fim da minha vida, senhora, mas não posso ir - murmurou ela. - Preciso de saber como usar a liberdade que me deste. E é a Cristo, não à Deusa, que o meu coração segue, e não vou poder fazê-lo na tua ilha.

- Então fica, com a minha bênção. - Beije-a na testa. Não serviria de nada dizer-lhe que aquele era um lugar para além de todas essas divisões, onde a Verdade era só Uma. Ela ainda existia neste mundo.

- Está resolvido então - disse Dierna vivamente. - O barco está à espera. Tomaremos o pequeno-almoço na ilha sagrada.

- Ainda não... - aponte para as águas. - Que tu me aceites, significa muito para mim. Mas Ganeda baniu-me. Tenho de provar - a mim mesma, se não a ti - que ainda sou uma sacerdotisa. Deixa-me convocar as brumas e reconquistar a minha passagem para Avalon.

O barco balança-se ao ritmo dos remos enquanto os barqueiros nos afastam da costa. Vejo as águas prateadas dividirem-se diante da proa. Dierna está sentada ao meu lado, tentando ocultar as suas dúvidas, e Conoarda observa-nos da aldeia, na esperança de que eu falhe e volte com ela para Londinium. Talvez tenham razão em duvidar e este meu voto não passe de um acto final de orgulho.

Mas, desde que tomei esta decisão, tenho estado a ensaiar silenciosamente as palavras do poder. Se errar toda a gente sentirá pena desta pobre velha tola que pensou ser ainda uma sacerdotisa. Mas se eu conseguir...

É um dom da idade avançada recordar as coisas que ocorreram há cinquenta anos melhor do que as que se passaram ontem. Subitamente, o tempo e as distâncias desta viagem tornam-se claros. O meu coração sobressalta-se dentro do peito e, quando o fluxo mutável de energia à nossa volta atinge o seu auge, torna-se difícil respirar. Crispa ampara-me quando me ponho de pé, sentindo as articulações dos ombros protestar quando ergo os braços.

Esforço-me por conseguir respirar e então, de súbito, o poder penetra em mim. As palavras saem dos meus lábios, e agora é fácil, tão fácil, abrir as brumas e deslizar através da passagem fria a escura entre os mundos. Oíço as outras gritarem, alarmadas, mas

não posso permitir que me distraiam agora, porque os véus prateados à nossa volta estão a desvanecer-se, a esvoaçar em fulgores com as cores do arco-íris...

Há luz por toda a parte, a luz envolve-me toda, uma luz que ultrapassa todas as palavras que descrevem uma visão, até que vejo, brilhando como se fossem iluminadas do interior, as costas de Avalon...

1 Santa Brígida, abadessa dos celtas, relacionada com a Irlanda, n. 1 de Fevereiro de 523. Há também Santa Brígida da Suécia, visionária, n. 23 de Julho de 1373, (N. do R.)

2 Wren significa "carriga". (N. da T)

3 Trata-se de S. José de Arimateia, que, segundo os Evangelhos, teve acção primordial no sepultamento de Jesus, e foi depois enviado pelo apóstolo Filipe, como missionário, à Gália e à antiga Britânia (N. do R.)

4 O primeiro Dia de Maio. (N. da T)

5 Senhora (N. da T)

6 Santíssima Deusa (N. da T)

7 Casas de campo; quintas. (N. da T)

8 Grande mantilha usada pelas damas romanas. (N. da T.)

9 Rotunda (em grego). (N. da T.)

10 Albergue. (N. da T)

11 Mar Negro. (N. do R.)

12 Grande edifício público onde funcionavam, os tribunais, e onde os negociantes faziam transacções. (N. da T)

13 Fronteira. (N. da T)

14 Senhora e deusa ... (N. da T)

15 Túnica grega. (N. da T)

16 Arúspice: adivinho. (N. da T)

17 Lança de 1,60 a 2 metros de comprimento. (N. da T)

18 Forma solene de casamento celebrado com a oferta de pão a Júpiter, na presença de dez testemunhas. Confarreação. (N. da T)

19 Guarnição: reduto. (N. da T)

20 Molho de concentrado de peixe. (N. da T)

21 Viva! (N. da T)

22 Perséfône. (N. do R.)